



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

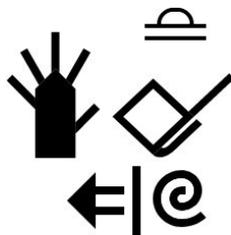
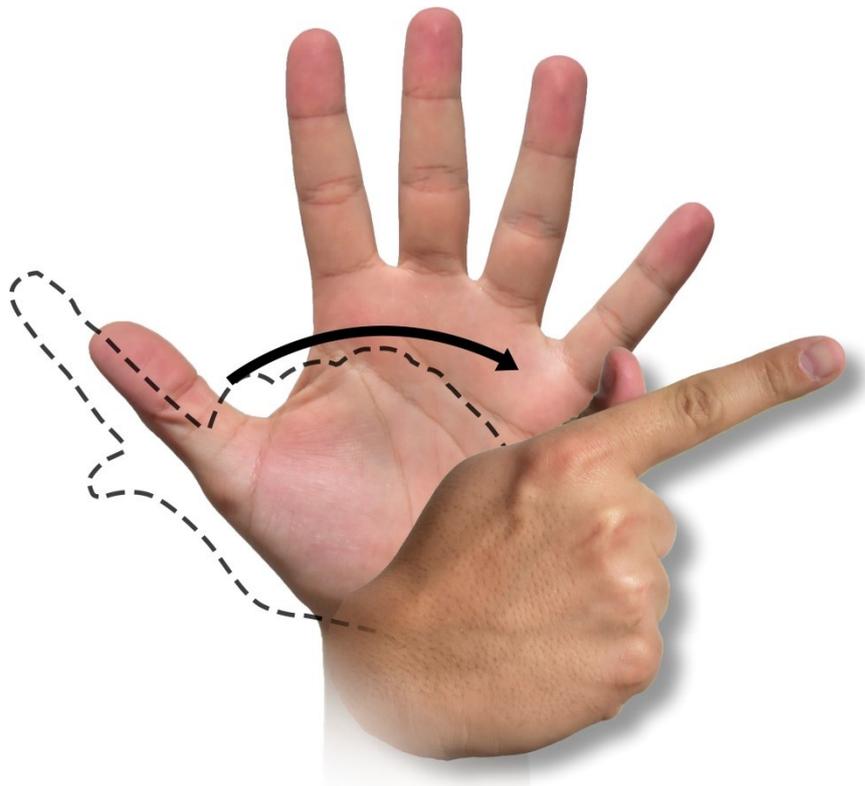
Rodrigo Custódio da Silva

Gêneros emergentes em Libras da esfera acadêmica: a *prova* como foco de análise

FLORIANÓPOLIS

2019

GÊNERO (do discurso ou textual)



Rodrigo Custódio da Silva

Gêneros emergentes em Libras da esfera acadêmica: a *prova* como foco de análise

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dra. Ronice Müller de Quadros

Florianópolis

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

SILVA, Rodrigo Custódio da

Gêneros emergentes em Libras da esfera acadêmica : a
prova como foco de análise / Rodrigo Custódio da SILVA ;
orientadora, Ronice Müller de QUADROS, 2019.
241 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós
Graduação em Linguística, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Gênero. 3. Libras videossinalizada.
4. Esfera acadêmica. 5. Prova. I. QUADROS, Ronice Müller
de. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa
de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

Rodrigo Custódio da Silva

Gêneros emergentes em Libras da esfera acadêmica: a *prova* como foco de análise

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.^a Dra. Aline Lemos Pizzio

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Prof. Dr. Marcos Antonio Rocha Baltar

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Prof. Dr. Marcus Vinícius Batista Nascimento

Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

Prof.^a Dra. Sandra Patrícia de Faria do Nascimento

Universidade de Brasília – UnB

Certificamos que esta é a **versão original** e **final** do trabalho de conclusão que foi julgado e adequado para obtenção do título de Doutor em Linguística.

Prof.^a Dra. Cristine Görski Severo

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística

Prof.^a Dra. Ronice Müller de Quadros

Orientadora e presidente da banca

Florianópolis, 05 de julho de 2019.

NOTA DA MINHA TESE EM PORTUGUÊS

Bom, antes de começar, preciso avisar com orgulho que este é o meu texto original sem revisão, ou seja, estou escrevendo esta parte do texto em português como segunda língua (L2)¹. O meu nome é Rodrigo Custódio da Silva, sou brasileiro e Surdo com orgulho, aprendi a ter coragem de dizer, sem vergonha alguma, que o português é eternamente a minha segunda língua, apenas na modalidade escrita, e que jamais preciso tentar chegar a ser um indivíduo que tem o total domínio de português como primeira língua (L1), igualmente aos nativos desta língua, repito: realmente não preciso mesmo porque, felizmente, eu adquiri a minha primeira língua, ou melhor, a Libras (língua brasileira de sinais) desde o ano de 2003, essa é uma língua totalmente autosuficiente e incrivelmente complexa graças aos sinalizantes Surdos e ouvintes que tanto cuidam e praticam desde a existência deste fenômeno linguístico e extraordinário até os dias de hoje. É por isso que esta língua, graças a eles, conseguiu me transformar em uma pessoa que pode ser “ouvida” pela sociedade brasileira, a minha Libras como L1 me ensina linguisticamente a aprender o português como segunda língua (L2) desde o mesmo ano em que adquiri a Libras, sim isso mesmo. Enfim, com a Libras eu consegui construir as minhas “asas” para poder voar no mundo.

Mas a questão de barreiras e problemas sociais me fez decidir escrever a minha tese em português, assim como os milhares de trabalhos acadêmicos publicados em português escrito, até os inúmeros Surdos que também escrevem². Mas, mesmo assim, preciso tomar uma importante posição para esclarecer e afirmar que o Surdo, como eu e inúmeros Surdos, optar por escrever o trabalho acadêmico em português (L2) não tem NADA A VER com o fato de Libras ser incapaz de produzir os trabalhos acadêmicos e científicos, repito: não tem NADA A VER MESMO. A opção desse Surdo tem uma mesma razão que os demais graduandos e pós-graduandos: escrever um trabalho acadêmico, necessariamente com base nas orientações dos inúmeros materiais didáticos (ex.: *manual de produção de textos acadêmicos e científicos*) e nos trabalhos acadêmicos já publicados anteriormente que servem como um modelo-gênero, mas é importante lembrarmos que todos desses são em português, como L1 para os ouvintes e como L2 para nós Surdos.

¹ Pedi que este texto não seja revisado para que todos possam ver como é o meu português original e como L2, humildemente posso cometer os erros ortográficos e não ter reportório amplo de vocabulários.

² Sugiro ler o livro de Silva, V. (2011) sobre os depoimentos dos educadores intelectuais Surdos a respeito da sua escrita em português nos diversos trabalhos. Posso dizer que o meu sentimento é semelhante ao desses sujeitos.

Eu, particularmente, ficaria profundamente indignado quando alguém desafia os Surdos a produzir sozinho os trabalhos acadêmicos em Libras videossinalizada sem apoio/suporte dos materiais didáticos, de uma forma eficaz, que orientam essa produção. No meu ponto de vista, 95% das autoridades como Professores, Cursos Técnicos, Graduações e/ou Pós-Graduações *Lato Sensu* e *Stricto Sensu* não dão apoios e suportes pedagógicos ou “não assumem” se envolver em políticas linguísticas, discussões e diálogos coletivos para construir os materiais didáticos específicos para orientar a produção de trabalhos acadêmicos em Libras videossinalizada com a mesma credibilidade científica que os demais gêneros em qualquer língua. “Não assumir” se envolver nessas políticas linguísticas me faz entender que escolhe se acomodar na prontidão de milhares de materiais didáticos e ABNT sobre a produção de trabalhos acadêmicos em português. Eu, como qualquer acadêmico e humildemente aprendiz, preciso que aquelas autoridades me ensinem a produzir os trabalhos acadêmicos e científicos em Libras videossinalizada como minha L1, mas de forma semelhante à forma de ensinar o acadêmico ouvinte a produzir os mesmos gêneros em português como sua L1. Enfim, eu sei que no Brasil ainda não tem os materiais didáticos de forma eficaz para orientar a produção de trabalhos acadêmicos e científicos em Libras videossinalizada, exceto a Revista de Vídeo-Registros em Libras (abordando à produção de artigos científicos em Libras videossinalizada) e DESU/INES³ (abordando à produção de monografias em Libras videossinalizada), é por isso que vou querer participar e me envolver nas políticas linguísticas com aquelas autoridades, sim isso mesmo – elas devem estar presentes – e toda a comunidade Surda acadêmica para discutir a proposta de construir os materiais e orientações pedagógicas para ensinar os acadêmicos Surdos e sinalizantes ouvintes a produzir os trabalhos acadêmicos e científicos em Libras videossinalizada, com segurança e confiança garantidas.

Como eu me sinto meio estrangeiro da língua oficial do meu próprio país, ou seja, sempre sou brasileiro, mas estrangeiro da língua portuguesa brasileira. O meu português como L2 sempre é e será estranho para os nativos ou “puristas” dessa língua. É por isso que convido a profissional de interpretação e tradução de Libras/Português/Libras, Natália Schleder Rigo, para realizar as traduções semânticas/pragmáticas e revisões ortográficas nos textos já escritos por mim, claro, acompanhadas comigo e com a orientadora Prof.^a Ronice Müller de Quadros.

³ E-book de DESU/INES (2015) intitulado: “Manual para normalização de trabalhos monográficos em Libras e língua portuguesa do DESU/INES”. Para ver fonte completa na seção *Referências*.

Duas importantes frases que me foram ditas ao longo de minha jornada:

Podem nos roubar bens materiais.

Mas nossos sonhos, jamais.

(Ronice Müller de Quadros)

Não existe perfeição em nós seres humanos.

Só Deus é perfeito.

(Rachel Sutton-Spence)

AGRADECIMENTO

Primeiramente a Deus e ao Universo pela minha missão de vida;

Aos meus pais, Joceli e Sania, pela educação e apoio incondicional. Pela confiança, compreensão com meu período de distância e, especialmente, pelo amor que me foi dado durante minha vida, o que me tornou um ser humano completo;

Ao meu irmão, Lucas, pelo companheirismo e pela amizade especial de irmão;

Aos sinalizantes, Surdos e ouvintes, por terem cuidado e preservado a Libras desde a sua existência até os dias de hoje;

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC, pelo apoio e pela acessibilidade adequada aos acadêmicos Surdos;

À equipe de Tradutores e Intérpretes da UFSC pela disponibilidade em todas as disciplinas do programa e demais contextos no campo universitário;

Ao Prof. Dr. Tarcísio Leite, pelo diálogo no início do doutorado que despertou e originou a ideia transformada no tema de minha tese;

Aos colegas do Curso de Letras-Libras Presencial da UFSC, pelo grande coleguismo durante todas as atividades profissionais na instituição;

Aos colegas do Departamento de Libras da UFSC pelo apoio concedido à minha solicitação de afastamento (de fevereiro de 2018 a fevereiro de 2019) para conclusão do doutorado;

Ao Prof. Me. Alexandre Bet Cardoso, à Prof.^a Me. Jaqueline Boldo, à Prof.^a Dra. Janine de Oliveira e ao Prof. João Gabriel Duarte Ferreira pelo apoio na substituição de minhas atividades de ensino durante meu afastamento;

Ao Prof. Me. João Paulo Ampessan, pela escrita em *SignWriting* no sinal GÊNERO apresentada nas páginas iniciais deste trabalho;

Ao Prof. Dr. Rodrigo Rosso Marques e Prof. Me. Alexandre Bet Cardoso pelo companheirismo profissional nos trabalhos com a Revista Brasileira de Vídeo-Registros em Libras;

Aos colegas de Pós-Graduação Charley Soares e Carolina Pêgo pelo compartilhamento de textos que contribuíram com minha pesquisa e pelas conversas valiosas tidas ao longo do percurso.

Ao meu colega e querido amigo de longa data Francinei Rocha Costa, por ter me ensinado a fazer um bom chimarrão e por ter sido meu grande amigo desde que passei a me reconhecer enquanto ser Surdo;

À Prof.^a Dra. Rachel Sutton-Spence por todas as conversas informais e inspiradoras que tanto me ajudaram a lidar melhor com o período de tensão do doutoramento;

Ao Prof. Dr. Marcos Baltar por ter contribuído com seus conhecimentos sobre o mundo dos gêneros do discurso e dos gêneros textuais;

Aos membros da banca (de qualificação e defesa) Prof.^a Dra. Aline Pizzio, Prof. Dr. Marcos Baltar, Prof. Dr. Vinícius Nascimento e Prof.^a Dra. Sandra Faria do Nascimento, pelas críticas construtivas e importantes sugestões de correção e melhoramento de minha tese;

À Prof.^a Dra. Ronice Müller de Quadros, pelo diálogo, incentivo e orientação da pesquisa com confiança, sábia paciência e acompanhamento;

À Natália Schleder Rigo, enquanto profissional, pela revisão da minha escrita do português como segunda língua (L2) desta tese e;

Novamente à Natália Schleder Rigo, enquanto minha esposa, pelas inúmeras conversas, pela compreensão, paciência, apoio e carinho. Pelo amor que me faz mais forte para enfrentar e cumprir meu objetivo de terminar a longa jornada de doutorado.

Dedicatória

À minha família, à minha mulher, à comunidade Surda de Passo Fundo, à comunidade acadêmica Surda da UFSC e àqueles que contribuíram de alguma forma com o meu crescimento na carreira profissional e o enriquecimento de ser Surdo.

RESUMO



Para assistir ao vídeo “Resumo da minha tese de doutorado” em Libras videossinalizada, acesse este QR Code ou clique [AQUI](#).

Esta pesquisa traz como tema central os gêneros da esfera acadêmica materializados em língua brasileira de sinais (Libras) e tem como foco a análise do gênero *prova* aqui investigado à luz da perspectiva bakhtiniana. Os objetivos desta investigação foram: *identificar quais os gêneros emergentes da esfera acadêmica materializados em Libras videossinalizada disponíveis em plataformas de domínio público*; e uma vez identificados: *analisar os elementos que caracterizam a ‘prova’ como gênero do discurso da esfera acadêmica*. Para alcançar os objetivos, esta investigação se deu em duas etapas. A primeira etapa compreendeu uma pesquisa documental realizada em plataformas de domínio público para fins de levantamento de gêneros emergentes em Libras videossinalizada, inscritos no campo acadêmico. Diante desse levantamento foi possível identificar vários gêneros e, entre eles, selecionar alguns para apresentação e discussão na tese, a saber: dicionários e glossários; materiais didáticos; teses e dissertações; monografias; artigos científicos; resumos e *provas*. A escolha desses gêneros para apresentação e discussão se deu com base na classificação de Marcuschi (2008) voltada ao domínio discursivo instrucional (científico, acadêmico e instrucional). Uma vez a *prova* tendo sido identificada no levantamento, deu-se início a segunda etapa da investigação, que compreendeu uma análise aprofundada desse gênero em particular. As *provas* (de vestibular) escolhidas para análise foram produzidas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 2012 e 2019. Para análise foram considerados os três elementos que, conforme a perspectiva bakhtiniana, caracterizam os gêneros do discurso, a saber: *conteúdo temático*, *estilo* e *construção composicional*. A escolha das *provas* referentes aos anos de 2012 e 2019 se deu para fins comparativos e de observação da evolução do gênero de modo a verificar e discutir sobre como os elementos relativamente estáveis se apresentaram em cada uma das edições e como evoluíram ao longo de sete anos na esfera acadêmica.

Palavra-chave: Gênero, Libras, Libras Videossinalizada, Esfera Acadêmica, Prova.

ABSTRACT

This research centers on academic genres produced in Brazilian sign language (Libras), with particular focus on analysis of the examination genre, using a Bakhtinian perspective. The objectives are: *to identify emerging academic genres produced in video-signed Libras available in the public domain*; and, once identified, *to analyze the elements that characterize examinations as a genre of discourse in the academic sphere*. To achieve these objectives, this research was done in two phases. First, a document search was conducted on internet platforms in the public domain to survey emerging genres in video-signed Libras related to the academic field. With this survey it was possible to identify several academic genres and select some for presentation and discussion in the thesis, namely: dictionaries and glossaries; teaching materials; theses and dissertations; monographs; scientific articles; summaries and examinations. The choice of these genres was based on Marcuschi's (2008) classification which focuses on the instructional discursive domain (scientific, academic and instructional). Once the examination genre had been identified in the survey, the second stage of the investigation was to perform an in-depth analysis of this particular genre. The entrance examination questions chosen for analysis were produced by the Federal University of Santa Catarina (UFSC) in 2012 and 2019. The three elements were considered for analysis, which, according to the Bakhtinian perspective, characterize discourse genres, namely thematic content, style and compositional construction. The examinations for 2012 and 2019 were chosen for comparative purposes and to observe how the genre has evolved. This enabled verification and discussion of how the relatively stable elements appeared in each edition and how they evolved over seven years in the academic sphere.

Keyword: Genre, Libras, Video-Signed Libras, Academic Sphere, Examination texts.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Elementos que compõe os gêneros do discurso.	50
Figura 2: Construção composicional de uma carta comercial.	54
Figura 3: Jornal árabe.	56
Figura 4: Emprego do sinal FALAR em Libras.	63
Figura 5: Artigo científico em Libras escrita de Stumpf e Quadros (2010).	66
Figura 6: Dissertação em Libras escrita por Ampessan (2015).	67
Figura 7: <i>Preservation of the Sign Language</i> de George William Veditz (1913).	68
Figura 8: Gêneros literários produzidos em Libras videossinalizada pelo INES (2005).	77
Figura 9: Bastidores da TV INES.	77
Figura 10: Jornal da TV INES.	79
Figura 11: <i>Manuário</i> produzido pelo INES (2014).	80
Figura 12: Editais em Libras videossinalizada.	81
Figura 13: <i>V-book</i> em Libras “ <i>Libras – o que é esta língua?</i> ” da Revista Roseta (2019).	83
Figura 14: Dicionário de Flausino José da Gama (2011 [1875]).	87
Figura 15: Dicionário Digital de Libras Acessibilidade Brasil.	87
Figura 16: Glossário de Libras da UFSC.	88
Figura 17: Identificador de Sinais da UFSC.	89
Figura 18: <i>Manuário Acadêmico e Escolar</i> do INES.	89
Figura 19: Sinalizantes avatares.	90
Figura 20: <i>Minidicionário</i> de CAS/FADERS.	91
Figura 21: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue de Capovilla e Raphael (2008).	92
Figura 22: Sinal LINGUAGEM do Glossário Letras-Libras UFSC.	92
Figura 23: Material didático <i>Gramática de Libras – I</i> (INES, 2005).	95
Figura 24: Materiais didáticos em Libras videossinalizada da UFSC.	96
Figura 25: Materiais didáticos em Libras videossinalizada do IFSC Bilíngue.	97
Figura 26: Material didático em Libras videossinalizada da empresa Signa.	98
Figura 27: Tese de doutorado em Libras videossinalizada.	99
Figura 28: Monografias em Libras videossinalizada vinculadas ao INES.	101
Figura 29: Compilado de Normas Técnicas para Monografias (INES).	102
Figura 30: Normas técnicas para citações conforme Manual INES.	102
Figura 31: Artigos científicos em Libras publicados pela Editora Arara Azul.	104
Figura 32: Revista Brasileira de Vídeo-Registro em Libras.	105

Figura 33: Artigos publicados na Revista Brasileira de Vídeo-Registro em Libras.	105
Figura 34: Resumos em Libras videossinalizada da Revista Cadernos de Tradução.....	109
Figura 35: Resumos em Libras videossinalizada de capítulos de Livro.....	109
Figura 36: Resumos em Libras videossinalizada da Revista Fórum INES.	110
Figura 37: Provas em Libras videossinalizada produzidas pela UFSC.....	112
Figura 38: Prova em Libras videossinalizada da UFSM.	122
Figura 39: ELAN como ferramenta de suporte da pesquisa.....	133
Figura 40: Exibição do assunto do vídeo em Libras videossinalizada.	137
Figura 41: Quadro referente ao Espaço de Sinalização (ES) adaptado de Silva, R. (2013)...	139
Figura 42: Aplicação do ES ao <i>Corpo-Modelo</i> com base em Silva, R. (2013).....	139
Figura 43: Emprego do mesmo sinal com variação de duração.	141
Figura 44: Pausas estilísticas usadas por Veditz.	145
Figura 45: Estilo considerado formal e institucional com pausa estilística definida.	146
Figura 46: Estilo considerado informal de <i>Youtuber</i> descontraído.	146
Figura 47: Pausas estilísticas consideradas formais.	146
Figura 48: Espaço de sinalização nas línguas de sinais.....	150
Figura 49: Espaço de sinalização e a proporção de tela.	150
Figura 50: Enquadramentos em gêneros em Libras videossinalizada da esfera literária.	151
Figura 51: Enquadramentos em gêneros em Libras videossinalizada da esfera artística.	152
Figura 52: Material didático do Curso de Letras-Libras da UFSC.	154
Figura 53: Edital Vestibular UFSC 2018.	154
Figura 54: Prova de Exame de Proficiência (7º Prolibras) da UFSC/INES.	155
Figura 55: Plano de fundo colorido e estampado.	156
Figura 56: Plano de fundo liso em azul.	158
Figura 57: Planos de fundo em cores mais usuais.	158
Figura 58: Plano de fundo na cor preta para pessoas surdocegas.....	159
Figura 59: Exemplo 1 de ordem de camadas do vídeo.....	161
Figura 60: Exemplo 2 de ordem de camadas do vídeo.....	161
Figura 61: Figuras e ilustrações consideradas na análise.	162
Figura 62: Efeitos e transições.....	163
Figura 63: Contraste entre cor de camisa e cor de pele.	164
Figura 64: Modelo e cores de camisas usadas em gêneros acadêmicos em Libras videossinalizada.....	165
Figura 65: Integração dos elementos discursivos.	166
Figura 66: Tema/assunto das <i>provas</i> de Vestibular UFSC 2012 e 2019.....	171

Figura 67: Tema/assunto das prova de Vestibular UFSC 2012 e 2019 conforme site.....	172
Figura 68: Espaço de Sinalização empregado nas <i>provas</i> de Vestibular UFSC 2012 e 2019.....	174
Figura 69: Localização da soletração usada com maior frequência por TA.	181
Figura 70: Variação de localização de soletração.	181
Figura 71: Comparativo entre localizações de soletrações.....	182
Figura 72: Plano padronizado nos vídeos dos Vestibulares UFSC 2012 e 2019.	186
Figura 73: Enquadramento nas <i>provas</i> de Vestibular UFSC 2012 e 2019.....	187
Figura 74: Vídeo de <i>Ciências Humanas e Sociais</i> do Vestibular UFSC 2019.....	187
Figura 75: Planos de fundo nas <i>provas</i> de Vestibular UFSC 2012 e 2019.	189
Figura 76: Sequência de camadas do vídeo da <i>prova</i> de Vestibular UFSC 2012.	190
Figura 77: Camadas do vídeo da <i>prova</i> de Vestibular UFSC 2012.....	190
Figura 78: Sequência de camadas do vídeo da <i>prova</i> de Vestibular UFSC 2019.	191
Figura 79: Camadas do vídeo da <i>prova</i> de Vestibular UFSC 2019.....	191
Figura 80: Comparativo das camadas dos vídeos dos Vestibulares UFSC 2012 e 2019.	192
Figura 81: Logotipo fixo nas <i>provas</i> do Vestibular UFSC 2012.....	197
Figura 82: Transição com efeito nas <i>provas</i> do Vestibular UFSC 2012.....	200
Figura 83: Transição com efeito nas <i>provas</i> do Vestibular UFSC 2019.....	200
Figura 84: Vestimentas das <i>provas</i> do Vestibular UFSC 2012 e 2019.	202

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Características das pesquisas conforme classificação de Rojo (2005).....	37
Quadro 2: Processo de formação dos gêneros do discurso com base em Bakhtin.....	46
Quadro 3: Classificação de Rodrigues, R. (2001) para os gêneros do discurso.....	48
Quadro 4: Quadro comparativo entre escrita e vídeo.....	64
Quadro 5: Exemplos de gêneros literário em Libras escrita.....	65
Quadro 6: Definições desenvolvidas por ANCINE (2008).....	69
Quadro 7: Especificação dos formatos de Libras.....	71
Quadro 8: Aspectos tipológicos conforme Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004).....	74
Quadro 9: Comparação de possibilidades entre <i>E-book</i> e <i>V-book</i>	84
Quadro 10: Classificação de Marcuschi (2008) sobre o domínio discursivo instrucional.....	85
Quadro 11: Provas em Libras videossinalizada produzidas pela UFSC.....	114
Quadro 12: Provas em Libras videossinalizada produzidas por várias instituições.....	118
Quadro 13: Detalhamento das <i>provas</i> de Vestibular UFSC 2009, 2012 e 2019.....	128
Quadro 14: Sinalizantes das Provas de Vestibular UFSC 2012 e 2019.....	132
Quadro 15: Recorte de análise de Velocidade de Sinalização (VS).....	140
Quadro 16: Apresentação dos dados por meio de gráficos.....	142
Quadro 17: Representação gráfica de DMiMa.....	143
Quadro 18: Tipos de pausas estilísticas em Libras.....	147
Quadro 19: Enquadramentos com base em Rodrigues, Chris (2007).....	149
Quadro 20: Planos de fundo dos materiais didáticos do curso de Letras-Libras da UFSC.....	157
Quadro 21: Legendas empregadas nas provas do Vestibular UFSC 2012 e 2019.....	163
Quadro 22: Proposta de quadro de levantamento de circunstâncias.....	168
Quadro 23: Circunstâncias do gênero <i>prova</i> de Vestibular UFSC 2012 e 2019.....	170
Quadro 24: Tema/assunto visualmente fixos nas <i>provas</i> de Vestibular UFSC 2012 e 2019.....	173
Quadro 25: Pausas estilísticas empregadas nas provas de Vestibular UFSC 2012 e 2019.....	183
Quadro 26: Frase recorrente nas <i>provas</i> de Vestibular UFSC 2012 e 2019.....	185
Quadro 27: Detalhamento do enquadramento das <i>provas</i> de Vestibular UFSC 2012 e 2019.....	188
Quadro 28: Recursos visuais nas <i>provas</i> de Vestibular UFSC 2012 e 2019.....	192
Quadro 29: Figuras e ilustrações nas <i>provas</i> de Química e Matemática do Vestibular UFSC.....	195
Quadro 30: Figuras e ilustrações nas <i>provas</i> de Biologia e Física do Vestibular UFSC.....	195
Quadro 31: Legendas com acompanhamento das soletrações manuais.....	199
Quadro 32: Vestimentas usadas nas <i>provas</i> do Vestibular UFSC 2012 e 2019.....	201

Quadro 33: Panorama sobre gênero *prova* com base nos principais resultados obtidos.....203

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Detalhamento da organização das <i>provas</i> de Vestibular UFSC 2012 e 2019.	129
Tabela 2: Intervalo de tempo e Valores de Referência (VR).	130
Tabela 3: Valores de Referência (VR) dos vídeos do Vestibular UFSC 2012 e 2019.	131
Tabela 4: Exemplos do cálculo de DMiMa.	143
Tabela 5: Duração média, duração mínima, duração máxima e DMiMa por área.	176
Tabela 6: Duração média do sinal dominada pelos tradutores-atores.	177

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Desequilíbrio de duração entre os sinais.....	141
Gráfico 2: Equilíbrio da duração entre os sinais.....	142
Gráfico 3: Velocidade de Sinalização nas <i>provas</i> do Vestibular UFSC 2012.....	175
Gráfico 4: Velocidade de Sinalização nas <i>provas</i> do Vestibular UFSC 2019.....	176
Gráfico 5: Soletração Manual por área nas <i>provas</i> de Vestibular UFSC 2012 e 2019.	178
Gráfico 6: Porcentagem de ocorrências de soletrações manuais por VR.....	179
Gráfico 7: Evolução de uso de soletrações manuais de 2012 para 2019.....	180
Gráfico 8: Figuras e ilustrações nas <i>provas</i> de Vestibular UFSC 2012 e 2019.	194
Gráfico 9: Porcentagem de ocorrências de figuras e ilustrações por VR.	196
Gráfico 10: Legendas empregadas nas <i>provas</i> de Vestibular UFSC 2012 e 2019.....	197
Gráfico 11: Porcentagem de legendas com acompanhamento das soletrações por área.	198
Gráfico 12: Evolução de uso de legendas nas <i>provas</i> de Vestibular UFSC 2012 e 2019.	198

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASL	American Sign Language (Língua de Sinais Americana)
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
DESU/INES	Departamento de Ensino Superior do INES
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LSB	Língua de Sinais Brasileira (termo para uso internacional)
LS	Língua de Sinais
PPGLin	Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC
PGET	Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC
NAD	National Association of the Deaf (Associação Nacional dos Surdos [dos Estados Unidos])
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
TA	Tradutor-Ator
PPP	Primeiríssimo Plano
PP	Plano Próximo ou Primeiro Plano
PM	Plano Médio
PA	Plano Americano
PI	Plano Inteiro
AR	Aspect Ratio (Proporção de Tela)
L1	Primeira Língua
L2	Segunda Língua
VR	Valores de Referência
DMiMa	Porcentagem de distância entre duração mínima e duração máxima

SUMÁRIO

RESUMO.....	12
ABSTRACT	13
I. CAPÍTULO – Introdução	25
1.1. Contextualização.....	25
1.2. Justificativa	30
1.3. Perguntas de pesquisa	32
1.4. Objetivos.....	33
1.5. Caracterização da pesquisa	34
II. CAPÍTULO – Fundamentações teóricas.....	35
2.1. Teoria de gênero: <i>gêneros textuais e gêneros do discurso</i>	36
2.2. Diálogo bakhtiniano com Marcuschi	41
2.3. Gêneros do discurso a partir de Bakhtin	44
2.3.1. Gêneros primários e gêneros secundários	47
2.3.2. Elementos que caracterizam os gêneros do discurso	49
- <i>Conteúdo temático</i>	50
- <i>Estilo</i>	52
- <i>Construção composicional</i>	54
III. CAPÍTULO – Gêneros em Libras videossinalizada	58
3.1. Língua brasileira de sinais – Libras	58
3.1.1. Questões sobre modalidade linguística	61
3.1.2. Uso e registro	64
3.2. Vídeo como registro das línguas de sinais: a Libras videossinalizada	67
3.3. Gêneros emergentes em Libras videossinalizada	72
3.4. Gêneros emergentes em Libras videossinalizada da esfera acadêmica	84
3.4.1. Dicionários e glossários	86
3.4.2. Materiais didáticos	93
3.4.3. Teses e dissertações.....	99
3.4.4. Monografias	100
3.4.5. Artigos científicos	102
3.4.6. Resumos	108
- <i>Resumos da Revista Cadernos de Tradução</i>	108
- <i>Resumos dos capítulos do livro “Letras-Libras: ontem, hoje e amanhã”</i>	109

- <i>Resumos da Revista Fórum INES</i>	110
3.4.7. Provas.....	110
3.5. Considerações gerais sobre gêneros em Libras	123
IV. CAPÍTULO – Procedimentos metodológicos	126
4.1. Escolha do <i>corpus</i> e fonte de coleta dos dados.....	126
4.2. Descrição e delimitação do <i>corpus</i>	127
4.3. Ferramentas de suporte de pesquisa.....	133
4.4. Análise do <i>corpus</i>	134
4.4.1. Detalhamento do <i>conteúdo temático</i>	135
4.4.2. Detalhamento do <i>estilo</i>	137
- <i>Espaço de Sinalização</i>	138
- <i>Velocidade de Sinalização</i>	140
- <i>Soletração Manual</i>	144
- <i>Pausa estilística</i>	145
4.4.3. Metodologia de análise da <i>construção composicional</i>	148
- <i>Enquadramento</i>	148
- <i>Planos de fundo</i>	153
- <i>Camadas de vídeo</i>	160
- <i>Figuras e ilustrações</i>	161
- <i>Legendas</i>	162
- <i>Efeitos e transições</i>	163
- <i>Vestimentas</i>	164
4.5. Integração dos elementos discursivos: aspectos linguísticos e recursos semiológicos	165
4.6. Proposta de quadro de circunstâncias dos gêneros	166
V. CAPÍTULO – Análise e discussão de resultados	170
5.1. Análise do <i>conteúdo temático</i>	170
5.2. Análises do <i>estilo</i>	174
5.2.1. Considerações sobre o espaço de sinalização	174
5.2.2. Considerações sobre a velocidade de sinalização	175
5.2.3. Considerações sobre as soletrações manuais	178
5.2.4. Considerações sobre as pausas estilísticas	183
5.2.5. Consideração adicional sobre seleção lexical e aspecto gramatical.....	184
5.3. Análise da <i>construção composicional</i>	186
5.3.1. Considerações sobre enquadramentos.....	186

5.3.2. Considerações sobre o plano de fundo.....	189
5.3.3. Considerações sobre as camadas do vídeo.....	189
5.3.4. Considerações sobre as figuras e ilustrações.....	192
5.3.5. Considerações sobre as legendas.....	197
5.3.6. Considerações sobre os efeitos de transição.....	199
5.3.7. Considerações sobre as vestimentas.....	200
5.4. Panorama dos resultados.....	203
VI. CAPÍTULO – Considerações finais.....	207
6.1. Perspectivas sobre o futuro da Libras videossinalizada na esfera acadêmica.....	211
7. REFERÊNCIAS.....	216
7.1. Sites consultados.....	231
7.2. Várias imagens dentro de Figuras e Quadros.....	232
8. GLOSSÁRIO.....	236
9. ANEXOS.....	237

I. CAPÍTULO – Introdução

1.1. Contextualização

Gêneros em Libras foi um assunto que se intensificou para mim como tema instigante de pesquisa durante uma conversa que tive com o professor Tarcísio de Arantes Leite, meu colega linguista da área e também orientador de mestrado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Durante nossas conversas, passamos a refletir sobre a questão dos gêneros nas línguas de sinais, em particular, sobre os *gêneros em Libras presentes na esfera acadêmica*.

Embora as produções em Libras e pesquisas na área dos Estudos Linguísticos das Línguas de Sinais no Brasil tenham surgido nos anos 80 e 90, e crescido expressivamente nas últimas décadas gerando novos conhecimentos, nota-se que alguns temas ainda necessitam de discussões, pesquisas e delineamentos mais claros. Frente aos inúmeros desafios impostos pela docência no ensino superior, percebo que a área carece ainda de materiais e instrumentos de apoio didático, assim como de referências que tratem da língua de sinais em suas várias dimensões, incluindo a dimensão acadêmica e seus gêneros relacionados.

Além das trocas e conversas com o professor Tarcísio, outras razões também foram decisivas para a escolha do tema de minha pesquisa. Além de pesquisador, meu universo profissional acadêmico é compreendido também por atividades de ensino dentro da universidade. Como antes mencionado, sou professor da área de linguística da Libras na UFSC e, desde minha entrada na instituição, venho sendo responsável por várias disciplinas que tratam a Libras a partir de seu ensino, produção, compreensão e nível de registro acadêmico.

Em 2016 ministrei a disciplina de Produção e Compreensão Textual em Libras e, na oportunidade, tive o desafio de abordar em aula – mesmo que de forma introdutória – o seguinte conteúdo: *gêneros textuais e a Libras*. Ao final do semestre, como habitualmente faço, solicitei aos alunos uma avaliação sobre os conteúdos abordados, a fim de verificar o que foi significativo e efetivamente absorvido. Geralmente essa avaliação final é realizada por meio de um questionário proposto com várias perguntas, entre elas a seguinte indagação: *do conteúdo trabalhado na disciplina, o que não ficou claro pra mim?*

Ao observar as respostas dos alunos notei que a maioria apontava os gêneros textuais como o conteúdo que não havia ficado tão claro durante o semestre. Isso me levou a repensar

não apenas sobre minha metodologia usada (talvez ainda não tão adequada para tratar do assunto), mas também sobre meu ainda tímido conhecimento sobre o tema que possivelmente fez com que o processo de ensino tenha sido um tanto falho. Entendo, porém, que meu tímido conhecimento sobre gêneros pensados a partir da Libras se deve à escassez de materiais e referências, que são tão necessárias para respaldar minha prática e assegurar um ensino rico e significativo para os alunos.

Ainda trazendo minha experiência docente com o ensino universitário, outra razão que também motivou minha decisão pelos gêneros em Libras na esfera acadêmica como tema foi uma situação vivenciada, também em 2016, ao ministrar a disciplina de Estágio em Libras como L1. Essa disciplina é oferecida na última fase para os alunos das turmas de Licenciatura e prevê, além da vivência de estágio obrigatório (de observação e intervenção prática), a entrega de um relatório final como requisito parcial de conclusão da disciplina. O relatório pode ser elaborado pelos alunos tanto em língua portuguesa escrita (entregue em formato impresso) como também em *Libras videossinalizada*⁴ (entregue em formato vídeo).

Ao orientar uma aluna Surda⁵ da disciplina, tratávamos sobre as possibilidades de elaboração e formato de entrega de seu relatório de estágio. Ao questionada sobre sua escolha do formato do relatório, a aluna prontamente respondeu preferir realizá-lo em português escrito, justificando que essa opção lhe parecia mais fácil⁶. Foi quando decidi fazer a seguinte provocação: escrevi num papel uma pergunta aleatória e solicitei que a aluna me respondesse. Ao parar para escrever, a aluna se mostrou um tanto desconfortável, permanecendo pensativa e levando um tempo para elaborar o texto de sua resposta.

Em seguida, segui com uma segunda provocação. Fiz exatamente a mesma pergunta para a aluna, porém, usando Libras e solicitei que me respondesse também em Libras. Sua resposta foi imediata e espontânea. De maneira alguma a aluna demorou a responder ou se mostrou desconfortável na produção de sua resposta em Libras. Sem eu precisar explicar, a aluna logo percebeu minha intenção com a provocação feita e se deu conta que a elaboração de seu relatório de estágio seria, naturalmente, mais rápido, fácil e confortável se ela considerasse produzir o texto na sua primeira língua (L1). Uma vez que os alunos Surdos têm a opção de entregar o relatório final de estágio em língua de sinais, o curso de Letras-Libras

⁴ O termo *Libras videossinalizada* inaugurado nesta tese será conceituado mais a diante.

⁵ O termo *Surdo* empregado com a letra “S” em maiúscula é usado aqui em razão de este estudo se inscrever na abordagem socioantropológica que considera os Surdos sujeitos que entendem a língua de sinais e a cultura Surda como elementos representantes e essenciais de suas vidas (LADD, 2003; CAMPELLO, 2008; STROBEL, 2008).

⁶ Pude inferir que a aluna mencionou ser mais “fácil” em razão da evidente quantidade mais expressiva de modelos e exemplos de relatórios finais de estágio produzidos em língua portuguesa, para usar como referência e consulta.

da UFSC permite com que eles se expressem em seu idioma natural, respeitando e valorizando seu pensamento original construído a partir de suas experiências.

Assim como os demais alunos da disciplina já haviam anteriormente solicitado, a aluna Surda também pediu para que eu disponibilizasse um modelo de relatório de estágio em Libras. Naquele semestre, portanto, elaborei um guia de orientações para apoiar os alunos na realização dos relatórios finais. Para elaboração desse guia, tomei como base não apenas as regras de formatação propostas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), mas também as normas já convencionadas pela Revista Brasileira de Vídeo-Registro em Libras⁷ da UFSC. Ao final da disciplina, somando todos os esforços, tanto a aluna Surda como os demais alunos que optaram pelo formato de relatório em Libras, produziram trabalhos bastante satisfatórios. Os relatórios de estágio produzidos em língua de sinais naquele semestre passaram a ser usados como referência para outros alunos da disciplina de Estágio em Libras como L1 nos anos seguintes.

Outra situação interessante de mencionar sobre minha experiência enquanto professor – nesse caso como ministrante da disciplina de Libras Acadêmica do curso de Letras-Libras da UFSC – foi quando solicitei para os alunos escolherem um gênero acadêmico em Libras para realizar o trabalho final da disciplina. Os três gêneros propostos foram: 1) *material didático* com base nos materiais didáticos produzidos pelo curso de Letras-Libras EaD da UFSC; 2) *artigo científico* com base nos artigos publicados na Revista VR-Libras; e 3) *prova* com base nas inúmeras provas em Libras disponíveis na internet. A *prova* foi o gênero acadêmico escolhido pela maioria dos alunos em razão de ser mais fácil de encontrar e observar, uma vez que já existem provas em Libras na internet que servem como modelo do gênero.

Diante das razões acima, é interessante compartilhar neste capítulo introdutório o que Antônio Carlos Gil (2012, p. 21) aponta sobre os diferentes papéis que o professor universitário desempenha. Conforme o autor, por muitos anos admitiu-se que o papel do professor era apenas o de ensinar. Embora muitas pessoas ainda concordem com essa ideia, entre os especialistas em educação, isso já não é mais um consenso. Para muitos educadores o principal papel do professor é, sobretudo, o de ajudar o aluno a aprender. Nesse contexto, Gil (2012, p. 22) menciona sobre o caráter intensamente dinâmico do ensino superior que comporta a esfera acadêmica e, de acordo com seu estudo, 27 diferentes papéis podem ser

⁷ Disponível em: <http://revistabrasileiravlibras.paginas.ufsc.br/>. Acesso em: 10 mai. 2019.

assumidos pelo professor universitário, alguns deles: *aprendiz*, *pesquisador*, *preparador de material*, *elaborador de guias de estudo*, *modelo profissional* e *modelo de professor*.

Para Gil (2012, p. 21) já se foi o tempo em que o professor, depois de formado, sentia-se seguro para trabalhar e transmitir seus conhecimentos. “Os conhecimentos evoluem tão rapidamente que, para se sentirem aptos a lecionar, os professores precisam estar constantemente aprendendo”. Em razão disso é que o autor entende que um dos papéis do professor universitário também é de *aprendiz*. Além de estar constantemente aprendendo, o professor está também “constantemente produzindo novos conhecimentos” (Ibid., p. 25) e isso é o que caracteriza também o professor como *pesquisador*. Sobre seu papel de *preparador de material* e *elaborador de guias de estudo*, o autor aponta que, em razão da educação moderna demandar hoje recursos de ensino diversificados e domínio de novas tecnologias, cabe ao professor universitário também assumir a responsabilidade de selecionar, adaptar, preparar materiais e elaborar guias de estudo e orientação para seus alunos.

Ao concordar com Gil sobre esses papéis, desde meu ingresso na universidade como professor, venho enxergando com clareza que meu papel está para além do ensino. Considerando as particularidades do universo das línguas de sinais enquanto novo campo do conhecimento, é nítida que minha prática enquanto professor demande de várias outras funções e responsabilidades. A área de Libras vem se consolidando nos últimos tempos como um jovem e promissor campo do saber e, portanto, é expressivo o crescimento de novos conhecimentos produzidos. Todos os profissionais que na área se inscrevem permanecem (e devem permanecer) sempre em constante aprendizado e atualização.

Do mesmo modo, a Libras é uma língua de modalidade espaço-visual e, em razão disso, o registro de sua forma sinalizada implica no emprego de tecnologias como, por exemplo, as mídias em vídeo que, por sua vez, demandam dos profissionais da área habilidades e competências especializadas. Um bom falante de um idioma é aquele que, além de saber “utilizar de modo apropriado os recursos da língua para a construção de textos comunicativos apropriados ao contexto” (SILVEIRA, 2012, p.11), também se apropria com habilidade das diferentes ferramentas e recursos para registro e documentação de seu conhecimento e pensamento original.

Gil (2012, p. 23) menciona também sobre o professor ser um *modelo profissional* e/ou um *modelo de professor*, entendendo que os alunos aprendem não apenas com aquilo que lhes é dito em sala de aula, mas também com aquilo que enxergam e vivenciam. Isto é, eles aprendem também com as atitudes, com a postura, com os conhecimentos e habilidades do professor. “Para que os estudantes que pretendem exercer o magistério superior, o principal

modelo de professor é o daquele com que mais se identificarem ao longo de seu curso de graduação ou que mais despertaram sua atenção pela conduta em sala de aula”.

No caso do contexto do curso de Letras-Libras em especial, que compreende um número expressivo de alunos Surdos, me vejo nessa perspectiva também como um *modelo linguístico*, não apenas no sentido de fluência e aprendizagem da Libras, ou no sentido de acreditar na sua importância dentro de cada conteúdo trabalhado, mas também no sentido político, uma vez que a enxergo como um poderoso instrumento transformador emergente e essencial em todas as esferas.

Outra situação vivenciada, que também despertou informalmente meu interesse pelo tema desta pesquisa (sobretudo por ter me levado a perceber os *gêneros* como algo significativamente presente no universo cotidiano) foi quando, em uma repartição pública, fui solicitado por um atendente a escrever, a próprio punho, uma declaração de residência, considerando que naquele momento eu não tinha comigo um documento comprobatório de meu endereço residencial. Ao sentar para escrever, parei por um instante para lembrar como se estrutura um texto desse gênero, considerando que até então nunca tinha me deparado com a necessidade de elaborar uma declaração com esse conteúdo temático em específico. Tomei como base elementos recorrentes e padrões de uma declaração qualquer, tal qual as que eu já tive que escrever em outro momento para comprovação de demandas relativas a outros tipos de conteúdo.

Nesse contexto, vale lembrar o que Marcuschi⁸ (2010a, p. 34) destaca sobre o quanto é importante conhecer o funcionamento dos gêneros e suas dimensões discursivas, tanto para a produção, como para a compreensão textual. Na mesma perspectiva, Machado, A. (2010, p. 150-151) entende que o conhecimento dos gêneros precisa ser respaldado por um processo de ensino adequado que preveja a construção de modelos didáticos do gênero podendo definir com clareza os objetivos daquilo que está sendo trabalhado.

Assim como pontuam Silva e Mori-de-Angelis (2003) sobre as línguas orais, também entendo que ainda há uma lacuna em estudos que se debrucem sobre a descrição dos gêneros em Libras. Na dimensão das línguas majoritárias, os autores comentam:

⁸ Considerado um dos grandes linguistas brasileiros da atualidade Luiz Antônio Marcuschi (1946-2016) possui pesquisas voltadas às teorias de gênero. Em razão também do caráter didático, suas obras são bastante usadas como material de apoio no ensino de gêneros textuais. Falecido em 2016, durante o período de meu doutoramento, Marcuschi é um dos estudiosos da área com o qual mais me identifico. Em razão disso, e em sua homenagem, para referenciá-lo em meus trabalhos criei para ele um antropônimo (sinal-nome) em Libras. É possível ver o sinal-nome de Marcuschi no *Glossário* ao final desta tese.

Muitos trabalhos têm discutido a necessidade do ensino da linguagem oral, ou dos gêneros orais formais e públicos. Entretanto, a carência de descrições desses gêneros – e, principalmente, de propostas didáticas para ensiná-los – tem, na maior parte das vezes, relegado o ensino da linguagem oral a um segundo plano (SILVA e MORI-DE-ANGELIS, 2003, p. 190).

É nesse sentido que insisto em destacar sobre a importância de referências e materiais didáticos de apoio que precisam ser elaborados e empregados em práticas educacionais e atividades pedagógicas voltadas ao ensino de Libras, considerando as diferentes situações de aprendizagem. Celani (2008, p. 29) afirma que “a produção de materiais especialmente preparados para situações específicas de aprendizagem tem sido indicada como a mais eficaz para se atender às necessidades psicológicas e sociais de diferentes tipos de alunos”.

Sobre modelos didáticos, considerando o exposto e os *feedbacks* que recebo de meus alunos ao longo dos semestres, reflito frequentemente sobre o fato de os estudantes, em particular os Surdos, precisarem de exemplos para a realização de seus trabalhos e tarefas. Lembro-me de um comentário pertinente e construtivo feito pela Prof.^a Dra. Karin Strobel – também pesquisadora da área e colega no curso de Letras-Libras da UFSC – sobre a importância, sobretudo no contexto da Educação de Surdos, de o professor trazer exemplos aos seus alunos Surdos, uma vez considerando a extensão do conhecimento de mundo, do acesso limitado à informação e da bagagem de vida desses sujeitos. Entendo que essa afirmação feita pela professora Karin também pode ser pensada na dimensão dos estudos sobre gêneros em Libras.

1.2. Justificativa

Marques e Oliveira (2012), e mais tarde Cardoso (2016), pesquisadores da área dos Estudos Surdos e Estudos Linguísticos das Línguas de Sinais, apontam sobre a importância de os sujeitos Surdos produzirem e difundirem seu próprio conhecimento em Libras a partir do registro de seu pensamento original. Concordo com os autores e, nesse sentido, entendo que esta pesquisa contribuirá significativamente com essa discussão. Pensar sobre a produção e difusão do conhecimento dos Surdos em seu pensamento original implica pensar sobre como esse pensamento se organiza e se materializa.

Na busca conjunta pela valorização da produção do conhecimento dos Surdos, as comunidades Surdas, sobretudo as de intelectuais Surdos – como assim define Silva, V. (2011) – não devem se contentar apenas com o que já foi produzido e difundido na língua majoritária, mas devem buscar por meio de iniciativas e políticas linguísticas, a projeção e

valorização da língua de sinais dentro da academia. Isso implica considerar que a Libras precisa passar a ser estudada, portanto, a partir da dimensão dos gêneros que se constituem no campo acadêmico. Este trabalho, ao trazer a temática dos gêneros em Libras na esfera acadêmica, justifica sua relevância também nesse sentido, uma vez que demonstra que é possível identificar os gêneros do universo de produção e difusão do conhecimento acadêmico a partir da língua de sinais.

Silva, V. (2011) contribui com esse pensar quando traz em sua pesquisa a pertinente reflexão sobre a tradução pelos sujeitos Surdos como um ato de “estar entre fronteiras”. O autor enxerga o intelectual Surdo como autor e tradutor de seu próprio conhecimento, uma vez que ao ser exigido em algumas instâncias que seu conhecimento seja difundido na língua majoritária padrão, os Surdos acabam fazendo o exercício de tradução de seu pensamento original em Libras para língua portuguesa. Nas palavras de Silva, V. (2011, p. 130), porém:

O intelectual surdo, quando traduz seus próprios textos [e pensamento original – adendo meu] para a língua portuguesa, sabe que não há uma relação biunívoca entre sinal e palavra, ainda que, como autor e tradutor não pode ser visto como um mediador transparente e neutro no momento da tradução. Ao escreverem na língua portuguesa, os intelectuais surdos ficam em uma zona de conflito, pois, ao mesmo tempo em que desejam fazer com que suas línguas sejam conhecidas, eles o fazem em outra, uma língua oral, e não em sua língua nativa, a de sinais.

Nessa perspectiva há até um paradoxo sobre a própria produção desta tese que, ao mesmo tempo em que defende a importância da produção e difusão do conhecimento pelos Surdos em Libras, é construída e publicada em língua portuguesa, com sua versão escrita como L2 revisada. Nesse ponto, porém, compartilho o que Silva, V. (2011) considera quando reflete sobre os depoimentos de intelectuais Surdos sobre a escrita científica a partir da língua portuguesa.

O autor lembra que “para um país como o Brasil, que tenta constituir-se como uma nação monolíngue, a prática de tradução segue uma tendência dominante” e, para sobreviver, os intelectuais Surdos acabam seguindo essa prática, domesticando seu pensamento original. Destaco para o que o autor afirma: “para sobreviver no meio acadêmico a maioria dos intelectuais surdos vem adotando estratégias de tradução. Ao escreverem em uma língua que não é sua, os intelectuais surdos sabem que estão sujeitos a apagar alguns traços de sua língua e cultura, mas também sabem que é uma forma de divulgar a produção de seus saberes” (Ibid., p. 132).

Esta pesquisa possibilita evidenciar que a forma de produção e divulgação dos saberes acadêmicos dos Surdos pode ser feita por meio da Libras, bem como por meio de suportes de

registro e difusão da língua que preservem os traços linguísticos e a cultura desses sujeitos. Para compreender, porém, de que maneira isso é possível, este estudo se propõe justamente investigar como os gêneros em Libras da esfera acadêmica vem se constituindo, quais são os gêneros emergentes e como eles vêm se consolidando ao longo dos últimos anos.

A necessidade de entendimento sobre os gêneros em Libras também se justifica para que o campo em questão possa ser enxergado com mais clareza, para que se possa somar com os trabalhos inscritos nos Estudos Linguísticos das Línguas de Sinais e áreas afins, considerando que ainda são tímidos os estudos que se debruçam sobre essa temática. Embora existam trabalhos sobre gêneros do discurso em diálogo com Libras – como serão, alguns, mais à frente citados – o olhar sobre gêneros emergentes em Libras no âmbito da esfera acadêmica especificamente, parece ainda não ter sido lançado em um nível investigativo mais aprofundado.

Além da carência de pesquisas científicas e, portanto, de referências teóricas bem fundamentadas sobre a temática deste trabalho, observa-se também a falta de materiais voltados ao ensino de gêneros em Libras das diferentes esferas, como bem pontuado há pouco. Este estudo contribui com essa lacuna, pois torna mais fácil o caminho a ser trilhado para a produção de materiais e publicação de referências que contribuam com a discussão sobre os gêneros em Libras.

Ainda, ao se inscrever dentro do campo da Linguística que se propõe a discutir sobre teorias de gênero, esta tese também potencializa a visibilidade dos estudos e pesquisas sobre gêneros em Libras, fortalecendo e amadurecendo as discussões sobre as línguas de sinais e suas implicações no que se refere às particularidades implicadas pela modalidade.

Por fim, esta investigação se apresenta como um importante estudo, ao promover um oportuno diálogo com o campo dos Estudos da Tradução, em específico, com o campo dos Estudos da Tradução e Interpretação em Língua de Sinais (ETILS), pois traz algumas questões voltadas indiretamente à atividade de tradução envolvendo Libras e português no campo acadêmico e alguns desdobramentos.

1.3. Perguntas de pesquisa

Diante do que foi até então exposto, apresento a seguinte pergunta de pesquisa: *quais são os gêneros emergentes da esfera acadêmica em Libras videossinalizada disponíveis em plataformas de domínio público?*

Ao identificar a *prova* como um dos gêneros emergentes, a segunda pergunta de pesquisa é apresentada e elaborada a partir da compreensão bakhtiniana dos elementos que caracterizam os gêneros do discurso: *como se apresenta a prova enquanto gênero da esfera acadêmica caracterizada pelos elementos de conteúdo temático, estilo e construção composicional?*

Considerando o recorte investigativo e a fonte de coleta de dados escolhida, apresento a terceira e última questão a ser respondida: *como as 'provas' de vestibular, elaboradas em Libras videossinalizada pela Universidade Federal de Santa Catarina, evoluíram ao longo de sete anos na esfera acadêmica?*

1.4. Objetivos

A fim de responder as indagações investigativas acima expostas, esta pesquisa tem como objetivo: *identificar quais os gêneros emergentes da esfera acadêmica materializados em Libras videossinalizada disponíveis em plataformas de domínio público; e uma vez identificados: analisar os elementos que caracterizam a 'prova' como gênero da esfera acadêmica.*

Considerando um escopo mais específico desta investigação, o estudo tem como objetivos específicos: demonstrar a variedade de gêneros em Libras videossinalizada e sua diversidade de formatos disponíveis para acesso na internet em plataformas de domínio público; apresentar uma proposta de especificação dos formatos de registro e suporte da Libras; inaugurar de forma introdutória a denominação *Libras videossinalizada*; apresentar um modelo de análise de *provas* caracterizada como gênero da esfera acadêmica; apresentar modelos metodológicos didáticos e visuais para elucidação dos dados.

Vale pontuar ainda algumas implicações deste estudo: respaldar referências e a elaboração de materiais didáticos para o ensino dos gêneros a partir da língua de sinais; autenticar a *Libras videossinalizada* e os termos: *sinalizar*, *sinalizante* e *sinalização*; destacar a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) como instituições referência na produção e consolidação de gêneros do domínio discursivo instrucional (acadêmico, científico e educacional) em Libras.

1.5. Caracterização da pesquisa

Ao buscar identificar os gêneros emergentes em Libras da esfera acadêmica disponíveis em plataformas de domínio público, bem como analisar os elementos que caracterizam a *prova* como gênero desse campo específico, é possível considerar que esta pesquisa, na perspectiva de seus objetivos possui um caráter *exploratório* e *descritivo*. O caráter exploratório é evidenciado à medida que esta investigação, em sua primeira etapa, compreende um levantamento de gêneros em Libras na tentativa de buscar proporcionar uma maior familiarização com o tema e a fim de torná-lo mais elucidativo, como bem aponta Gil (2010, p. 25-43). Para o autor, os estudos descritivos buscam descrever as características do objeto pesquisado de modo a identificar relações entre possíveis variáveis encontradas. Nesse tipo de estudo, como é o caso desta pesquisa, os dados são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados sem quaisquer tipos de intervenção ou influência do pesquisador.

O levantamento de gêneros em Libras realizado na primeira etapa também implica caracterizar este estudo como *documental*, uma vez que compreende a busca por vídeos compartilhados na internet. É importante destacar que as fontes documentais deste estudo diferem-se das tradicionais apontadas por Gil (2010, p. 66), uma vez que novas ferramentas e suportes de informação passam a permitir o acesso a documentos em novos formatos como, por exemplo, documentos disponíveis em sites eletrônicos hospedados na internet, possíveis de serem acessados e difundidos publicamente. Além de documental esta pesquisa é também, naturalmente, *bibliográfica*, pois compreende capítulos de fundamentação teórica que trazem referências bibliográficas lidas, estudadas e encontradas durante o período de levantamento da literatura especializada da área.

Já com relação ao tratamento dos dados, esta investigação valeu-se da abordagem *quantitativa*, considerando que a objetividade desse tipo de abordagem possibilita uma melhor precisão nas ocorrências dos dados e análises pontuais.

II. CAPÍTULO – Fundamentações teóricas

Marcuschi⁹ (2010a, p. 19) afirma que os gêneros “contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia” e surgem do uso cotidiano das pessoas. “Os gêneros não são entidades naturais como as borboletas, as pedras, os rios e as estrelas, mas são artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano” (Ibid., p. 31). De acordo com Meurer (2008, p. 150), tanto na comunicação estabelecida pela oralidade como pela escrita, os gêneros são caracterizados por funções específicas e por uma organização mais ou menos típica. Os gêneros são reconhecidos por suas características funcionais e organizacionais e pelos contextos onde são utilizados.

Para Swales (1990, p. 33), o termo gênero é empregado para se referir a uma categoria de discurso de qualquer tipo: falado ou escrito, podendo ter ou não finalidades literárias. O autor (1984), citado por Araújo (2008, p. 194), defende que a análise de gêneros contribui com “leitores mais críticos e mais perceptivos de seu próprio texto”. Para Araújo (Ibid., p. 194) uma das principais preocupações do gênero é explicitar como um texto é constituído e como ele pode variar de acordo com o propósito, o tópico, público-alvo e o canal de comunicação. Analisar gêneros, conforme a autora (2008, p. 196) “pode dar aos professores vocabulário e conceitos para explicitamente ensinar como o texto é estruturado”. Examinar textos e estudá-los como produtos pode ser uma tarefa útil a ser explorada em sala de aula, pois possibilita aos estudantes tornarem-se analistas textuais e, ao mesmo tempo, terem controle sobre as convenções de um determinado gênero.

Seguindo a perspectiva teórica trazida pelo *Dicionário de Linguagem e Linguística*, o fato fundamental sobre um determinado gênero, conforme Trask (2008, p. 123) é que ele traga “traços distintivos prontamente identificáveis, que o opõem marcadamente a outros gêneros”. Para o autor, esses traços permanecem estáveis por um período de tempo considerável. Um gênero particular, nessa perspectiva, ocupa um lugar definido na cultura daqueles que o utilizam. Vários são os gêneros conhecidos pelas pessoas (poesia, liturgia religiosa, documentos legais, contos de fadas, trabalhos escolares, notícias de jornais). Para Trask (2008, p. 123) dominar um determinado gênero pode ser encarado como uma exigência

⁹ Como já mencionado, Marcuschi (1946-2016) é um linguista conhecido no Brasil, sobretudo por suas investigações sobre gêneros textuais. Embora esta tese tenha seu foco final fundamentado na vertente teórica bakhtiniana do gênero do discurso, o autor é trazido neste estudo, pois muitos aspectos de seu entendimento a respeito dos gêneros podem ser dialogados com o que neste trabalho é proposto.

profissional, como bem acontece com advogados, contadores de histórias, professores universitários, médicos, cientistas, por exemplo.

2.1. Teoria de gênero: gêneros textuais e gêneros do discurso

Ao longo de meu percurso investigativo e leituras realizadas sobre teoria de gênero, deparei-me com pertinentes vertentes teóricas da área dos Estudos Linguísticos e Linguística Aplicada; vertentes importantes de serem aqui mencionadas para fins de contextualização sobre a escolha daquela que melhor sustenta teoricamente o foco do meu trabalho. Embora me identifique bastante com a vertente teórica dos gêneros textuais, sobretudo quando me proponho a pensá-los a partir da dimensão do ensino de Libras em minha prática docente, a teoria empregada para sustentar a presente pesquisa, principalmente no seu foco final, é a teoria dos gêneros do discurso de Bakhtin (2011 [1979]).

Em razão de este estudo se propor a pensar sobre gêneros, alguns autores inscritos na vertente dos gêneros textuais, mas que também dialogam em alguns aspectos com as ideias dos gêneros do discurso, foram empregados e citados, uma vez que alguns conceitos e entendimentos (embora denominados de formas diferentes) convergem entre si e são oriundos de uma mesma perspectiva. Diante disso, penso ser importante apresentar algumas considerações a respeito da vertente teórica dos gêneros textuais e da vertente teórica dos gêneros do discurso. Para tanto, usarei aqui o trabalho de Roxane Rojo, professora pesquisadora da Universidade de Campinas (Unicamp) que publicou em 2005 um estudo intitulado *Gêneros do Discurso e Gêneros Textuais: questões teóricas e aplicadas*.

Conforme Rojo (2005) foi a partir da década de 90 que no Brasil – especialmente no campo da linguística – uma atenção expressiva passou a ser dada às teorias de gênero. Para a autora, parte disso se deve aos “novos referenciais nacionais de ensino de línguas (PCNs de língua portuguesa, de línguas estrangeiras) que fazem indicação explícita aos gêneros como objeto de ensino ou destacam a importância de considerar as características dos gêneros na leitura e na produção dos textos” (Ibid., p. 184).

Em razão disso, houve desde então um crescimento expressivo de pesquisas que tomam por base as teorias de gênero. Conforme o levantamento¹⁰ realizado pelo Grupo de

¹⁰ Levantamento de pesquisas (com foco em línguas orais) apresentado no XV Encontro Nacional da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística). Solicitado pelo SubGT *Teorias de Gênero em Práticas Sociais* da ANPOLL, o levantamento compreendeu os principais trabalhos realizados por pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL) da PUC-SP que tinham como base teorias de gênero. A coleta de dados foi feita pautada na produção acadêmica declarada pelos pesquisadores via Plataforma Lattes (ROJO, 2005, p. 184).

Trabalho em *Teorias de Gênero em Práticas Sociais* da ANPOLL é possível dividir as pesquisas mapeadas até o ano de 2000 em duas vertentes teóricas. De acordo com Rojo (2005, p. 184-185) essas vertentes se distinguem metaforicamente e são denominadas de: *teoria de gêneros textuais* (ou teoria de gêneros de texto) e *teoria de gêneros do discurso* (ou teoria de gêneros discursivos).

Conforme foi possível notar nas análises das pesquisas participantes do levantamento da ANPOLL, as duas vertentes apareceram enraizadas em diferentes releituras bakhtinianas. De acordo com Rojo (2005), a teoria de gêneros textuais aparecia pautada na descrição da materialidade textual, enquanto que a teoria de gêneros do discurso aparecia centrada principalmente nos estudos das situações de produção de enunciados ou textos em seus aspectos sócio-históricos.

Conforme aponta Rojo (2005), diante do mapeamento foi possível observar que as pesquisas inscritas na teoria dos gêneros do discurso empregavam como referência teórica, em geral, autores como o próprio Bakhtin e seu círculo (além de Holquist, Silvestre e Blank, Brait, Faraco, Tezza, Castro, etc.). E as pesquisas inscritas na teoria dos gêneros textuais pautavam-se, em geral, em autores como Bronckart e Adam. Contudo, “como aparato teórico para a descrição específica de exemplares nos gêneros, ambas as vertentes muitas vezes recorriam a um conjunto de autores comuns, tais como Charaudeau, Maingueneau, Kerbrat-Orecchioni, Authier-Revuz, Ducrot, Bronckart *et al.* (1885), Bronckart (1997), Adam (1992)” (ROJO, 2005, p. 185).

Para Rojo (2005) embora os estudos do levantamento adotassem vias metodológicas diversas para o tratamento dos gêneros, todos acabavam por fazer descrições de gêneros, de enunciados ou de textos pertencentes ao gênero. As principais características encontradas nas pesquisas estão organizadas no quadro abaixo e separadas conforme as vertentes teóricas classificadas por Rojo (2005, p. 186):

Quadro 1: Características das pesquisas conforme classificação de Rojo (2005).

Teoria de Gêneros Textuais	Teoria dos Gêneros do Discurso
As pesquisas inscritas na <i>teoria de gêneros textuais</i> tendiam a recorrer a um plano descritivo intermediário, equivalente à estrutura ou forma composicional, que trabalha com noções herdadas da linguística textual (tipos, protótipos, sequências típicas etc.) e que integrariam a composição dos textos do gênero.	As pesquisas inscritas na <i>teoria dos gêneros do discurso</i> tendiam a selecionar os aspectos da materialidade linguística determinados pelos parâmetros da situação de enunciação, sem a pretensão de esgotar a descrição dos aspectos linguísticos ou textuais, mas apenas ressaltando “marcas linguísticas” que decorriam de/produziam significações e temas relevantes no discurso.

Fonte: elaborado pelo autor com base em Rojo (2005).

Esses dados levaram Rojo (2005, p. 186) a fazer a seguinte pergunta: será que ao enunciarmos as designações de gêneros textuais ou gêneros do discurso estamos significando o mesmo objeto teórico? Ou estamos significando objetos teóricos ao menos semelhantes? Buscando colocar ao leitor essa indagação de forma mais elucidativa, a fim de que possa discorrer melhor sobre as definições de *gêneros textuais* e *gêneros do discurso*, Rojo (2005, p. 186) desmembra a pergunta acima citada da seguinte forma:

Do ponto de vista teórico, embora as diferentes teorias sejam igualmente válidas, será totalmente indiferente trabalhar a partir das teorias de gênero? [...] Se a resposta for negativa, quais são as diferenças? Que objetos diversos se constituem aí? Do ponto de vista aplicado, sobretudo em educação didática de línguas, que tipo de resultados para a melhoria das práticas didáticas teremos a partir da transposição de cada uma das perspectivas, tendo em vista as recentes orientações no campo da política de ensino de línguas? [...].

É possível observar, como pontua Rojo (2005, p. 186-187), que os pesquisadores inscritos na área da Linguística Aplicada, bem como nas subáreas de Análise da Conversação, Linguística Textual e Interacionismo Sociodiscursivo, têm investido estudos e reflexões sobre a teoria de gênero e suas vertentes. Esses estudos tendem a apresentar não apenas um diálogo com a obra bakhtiniana (em maior ou menor grau), mas também se preocupam em diferenciar (aproximando-os ou distanciando-os) os gêneros textuais de gêneros discursivos.

Ao analisar um texto de 2002 de Marcuschi, Rojo (2005, p. 187) pontua que o autor, embora não mencione explicitamente a denominação gêneros do discurso para tratar sobre a questão de gêneros textuais, aborda a questão de uma forma que se aproxima em certa medida das ideias e perspectivas bakhtinianas. Conforme Marcuschi (2002) citado por Rojo (2005, p. 187):

- a) Usamos a expressão *tipo textual* para designar uma espécie de construção teórica definida pela *natureza linguística* de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas}. Em geral os *tipos textuais* abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: *narração, argumentação, exposição, descrição, injunção*.
- b) Usamos a **expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga** [grifo meu] para referir os *textos materializados* que encontramos em nossa vida diária e que apresentam *características sociocomunicativas* definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são meia dúzia, os gêneros são inúmeros [...].
- c) Usamos a expressão *domínio discursivo* para designar uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana. Esses *domínios* não são textos nem discursos, mas propiciam o surgimento de discursos bastante específicos. Do ponto de vista dos domínios, falamos em *discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso*, etc. já que as atividades jurídica, jornalística ou religiosa não abrangem um gênero em particular, mas dão origem a vários deles. Constituem práticas discursivas dentro das quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que, às vezes, lhe são próprios (em certos casos exclusivos) como práticas ou rotinas comunicativas institucionalizadas.

Nessa perspectiva, Silva, J. (1999, p. 98) entende que Marcuschi opera, de forma geral, com a mesma noção de gênero empregada por Bakhtin. Gêneros do discurso (por ele denominados de gêneros textuais) são formas de uso da língua, construídas à luz dos objetivos dos falantes e da natureza do tópico (tema) proposto na situação comunicativa. Sendo assim, Silva, J. (1999, p. 98) considera que a diferença entre Marcuschi e Bakhtin é basicamente diferenças de ordem terminológica e não exatamente conceitual.

Nas palavras mais recentes de Marcuschi (2008, p. 154) “quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares”. O próprio autor afirma que seus estudos não pretendem discutir qual a terminologia mais adequada. Sua contribuição para a área não se limita à discussão sobre a denominação dos gêneros textuais e dos gêneros do discurso. Para Marcuschi (2008, p. 154) “essas expressões podem ser usadas intercambiavelmente”, salvo nos momentos em que se pretende de modo explícito e claro, identificar algum fenômeno específico.

Ao se pensar nas expressões e denominações conceituais usadas nas duas vertentes teóricas partindo desse prisma, é importante compartilhar o que Araújo (2008, p. 187) comenta sobre o conceito de gênero textual. Para a autora, o gênero textual pode ser pensado também com base na noção de textualidade. Araújo (2008, p. 187) ao citar Antunes (1996, p. 366) corrobora com a ideia de que “a língua usada nos textos – dentro de um determinado grupo – constitui uma forma de comportamento social”. Isso significa, conforme Araújo (2008, p. 187) que as práticas sociais são expressas por meios verbais e que tais práticas são tipificadas. Essas “tipificações” ou “convenções textuais” revelam as regularidades de estrutura lexicais e gramaticais de que resultam as práticas discursivas.

Retomando o trabalho de Rojo (2005, p. 187-188), ao discutir criticamente sobre algumas das citações mais antigas de Marcuschi (2002) a autora menciona que as definições e reflexões do autor aproximam as noções de *gênero*, *texto* e *discurso* diluindo a existência social do gênero enquanto *universal concreto*. Rojo (2005, p. 188) afirma:

Definir gênero textual como “*noção vaga para referir textos materializados*” – mesmo que adiante [...] vá se fazer referência a *famílias de textos* – implica diluir a fronteira entre *gênero* e *texto* de tal maneira que *texto* aparece como um *evento* ou *acontecimento linguístico* pertencente a uma *família de textos* que tem por designação social um (nome de) *gênero*, acompanhado de sua representação (noção de base social). Apesar do dialogismo com as vozes bakhtinianas [...] esse tipo de definição está bastante distante da visão de *enunciado* ou *texto* como *produto material (materialização)* de um *universal igualmente concreto* que é o *gênero*.

Rojo (2005) apresenta outro argumento que evidencia o processo de diluição de fronteiras entre texto e gênero e, conseqüentemente o afastamento de algumas proposições de Marcuschi (2002) das ideias bakhtinianas; quando ele menciona, por exemplo, sobre as possibilidades de *hibridismo* de gênero. Rojo (2005, p. 188-189) ainda pontua que no texto de Marcuschi (2002) a noção sobre *discurso* e *prática discursiva* não aparece claramente definida e, pautando-se na afirmação do autor, que diz que é preciso ter cuidado para não confundir texto e discurso, Rojo (2005, p. 189) conclui sua reflexão sobre as diferenças de método e concepção entre a vertente de gênero textual tratada por Marcuschi (2002) e de gênero do discurso de Bakhtin.

No entendimento de Rojo (2005, p. 189) ao descrever um enunciado ou texto, a busca do analista bakhtiniano é pela significação da acentuação valorativa e do tema, indicados pelas marcas linguísticas, pelo estilo e pela forma composicional do texto. A abordagem de gêneros textuais, por outro lado, parece envolver “uma descrição mais propriamente *textual*, quando se trata da materialidade linguística do texto; ou mais *funcional/contextual*, quando se trata de abordar o gênero, não parecendo sobrar espaço para a abordagem da significação, a não ser no que diz respeito ao *conteúdo temático*” (ROJO, 2005, p. 189).

Ao longo de seu texto Rojo (2005, p. 189-194) segue abordando a relação entre as duas vertentes teóricas e traz para o diálogo também autores como Bronckart (1997) e Adam (1999). Mais a diante, a autora apresenta uma rica contribuição com definições específicas de gêneros do discurso e conclui seu registro apresentando questões pertinentes das duas vertentes em diálogo com a linguística aplicada.

Em 2005, três anos após a publicação de seu texto: *Gêneros Textuais: definição e funcionalidade* (2002) – texto revisitado e analisado por Rojo (2005) – Marcuschi apresentou em uma palestra¹¹ no III Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais – SIGET uma proposta voltada para demonstrar que *forma textual* se distingue de *gênero*. Essa proposta foi trazida para discussão pelo linguista Adair Sobral que se propôs a dialogar com a questão a partir da concepção de gênero do discurso do Círculo de Bakhtin. Assim, de modo a trazer neste capítulo de fundamentação teórica uma aproximação entre Bakhtin e Marcuschi – principais autores usados aqui como referências – apresento na próxima seção o diálogo proposto por Sobral (2007).

¹¹ *Desafios da identificação do gênero textual nas atividades de ensino: propósitos comunicativos versus forma estrutural*. Palestra proferida por Luiz Antônio Marcuschi durante o III Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais – SIGET. UFSM, Santa Maria, 2005.

2.2. Diálogo bakhtiniano com Marcuschi

Sobral (2007, p. 2106) menciona que, a proposta de Marcuschi (2005) de examinar a relação entre *forma textual* e *gênero* indicou um importante momento de transição do ponto de vista do autor no tocante à integração entre texto, discurso e gênero. Em seu ensaio, Sobral (2007) se propôs a dialogar com Marcuschi partindo da concepção de gênero do discurso de Bakhtin e, assim, se lançou ao desafio de demonstrar que a proposta do autor constitui uma relevante contribuição à distinção entre *gênero textual* e *gênero do discurso*, assim como sugere, em função de suas características, uma produtiva integração entre o *trato textual*. Em suas reflexões, Sobral (2007) ainda objetivou mostrar que a proposta de Marcuschi (2005) permite situar sua própria perspectiva de maneira mais clara numa proposição de estudo do gênero centrada no discurso como mediador entre gênero e texto.

Na discussão sobre texto e gênero, na dimensão do local e do global, Sobral (2007, p. 2106) afirma que já vem tentando demonstrar em diversos trabalhos que:

[...] a designação “gêneros textuais”, caso se refira apenas ao aspecto linguístico estrito, podem ser melhor entendidos como “tipos de textualização”, o plano do “local”, ainda que vital, achando-se subsumidos aos “gêneros discursivos” propriamente ditos, que têm amplitude “global”, incorporando tanto os textos como os discursos no âmbito das esferas de atividade, componente essencial do conceito de gênero, e que isso torna coerente a proposta de diferenciar “gêneros do discurso/discursivos” – como formas de inserção do discurso em “lugares” sócio-históricos – e “gêneros textuais” como formas específicas de materialização dessa inserção, sem que haja uma correlação necessária entre um dado tipo de textualização e um dado gênero.

O autor não se opõe ao uso deste ou daquele termo, mas argumenta em favor de uma denominação que apresente uma definição mais precisa, uma vez que compreende que a expressão *gênero textual* tem permitido ou autorizado algumas vezes uma compreensão equivocada do conceito de discurso (e mesmo de gênero). Para o autor (2007, p. 2106) isso pode prejudicar a riqueza dos conceitos e deixar de conferir o devido valor às formas textuais, às textualizações ou às textualidades, considerando que “nenhuma análise do discurso que incorpore a ideia de gênero pode prescindir, sob pena de tornar-se um estudo de práticas sociais em que não há linguagem, nem, por conseguinte, seres humanos”.

Sobral (2007) sugere que isso se deve, possivelmente, ao fato de a redução da ideia de *gênero* a *formas textuais* implicar uma separação entre *texto* e *contexto*, ao invés de reconhecer que se trata de instâncias que se pressupõem mutuamente. O autor lembra que “no estudo da linguagem, não há texto sem contexto nem contexto sem texto” (Ibid., p. 2107).

Sobral (2007) esclarece que, ao afirmar isso, não significa não haver um *trato textual*, mas que esse deve estar inserido no *trato genérico*.

Com relação à proposta de Marcuschi (2005), Sobral aponta que se trata de uma interessante consideração direcionada a mostrar que *forma textual* se distingue de *gênero*. A proposta, em razão também do legítimo interesse didático que se percebe na obra de Marcuschi, “permanece por vezes no texto como a noção de base, mas em outros pontos caminha para reconhecer mais plenamente que esse papel cabe ao gênero, apesar da centralidade do texto para toda análise em termos de gênero” (Ibid., 2007, p. 2107). Sobral (2007, p. 2107) considera:

Marcuschi dá nessa palestra um passo além na integração entre texto e gênero, e de uma maneira bastante produtiva. Marcuschi afirma que “não há relação de biunivocidade entre texto e gênero”, alegação que constitui uma importante contribuição para reconhecer que “textualidade” e “gênero” são dois planos distintos, mas que, não obstante, só podemos entender e explorar se os tomarmos em conjunto.

Conforme relata Sobral (2007), durante a palestra fica claro que ao falar sobre *propósitos do gênero* Marcuschi (2005) aproxima-se ainda mais do discursivo, pois menciona que o “discurso relatado é modificado ao entrar em novo contexto”. Aos olhos de Sobral (2007) Marcuschi modaliza os *propósitos de gênero*. Nas palavras de Marcuschi (2005) “ao escolher um gênero, já se escolhe *aproximadamente* [grifo meu] uma forma textual, mas a recíproca não é verdadeira”, uma vez que ao escolher um texto (uma forma textual) não se escolhe necessariamente um gênero (SOBRAL, 2007, p. 2107). Durante sua palestra, aos olhos de Sobral (2007, p. 2108):

Marcuschi parece num dado momento restringir “propósitos de gênero” a “propósitos de texto”, mas, ao referir-se à imprecisão das fronteiras entre gêneros, bem como a imbricações intergenéricas e “interpropósitos” sistemáticas, atribui ao que diz um caráter mais discursivo do que estritamente textual, reconhecendo que as fronteiras textuais são bem mais facilmente identificáveis do que as de gênero.

Ao ressignificar a proposta de Marcuschi (2005) à luz de Bakhtin, Sobral (2007, p. 2109) resume sua reflexão bakhtiniana apresentada em seu ensaio nos seguintes termos: a) nenhum estudo discursivo pode *prescindir* dos aspectos linguístico-textuais de seu objeto; b) nenhum estudo discursivo pode *prescindir* dos aspectos sócio-histórico-ideológicos; c) nenhum estudo discursivo pode *restringir-se* aos aspectos sócio-histórico-ideológicos; d) nenhum estudo discursivo pode *restringir-se* aos aspectos linguístico-textuais de seu objeto; e,

por fim, e) nenhum estudo discursivo tem legitimidade se não considerar seu objeto uma unidade que articula os aspectos linguístico-textuais (que envolvem enunciados) e os aspectos sócio-histórico-ideológicos de seu objeto (que envolvem a enunciação) e, portanto, a situação de enunciação em seus aspectos de produção, circulação e recepção.

Partindo da perspectiva das relações entre texto, discurso e gênero, concordando com Marcuschi, Sobral (2007) considera que as formas textuais não podem de fato escolher um gênero do discurso. Entretanto, discordando dele por outro lado, o autor entende que o gênero do discurso também não está vinculado necessariamente a determinadas formas textuais. Adail Sobral (2007, p. 2109) encerra sua reflexão reinterpretando a partir da perspectiva bakhtiniana duas propostas de Marcuschi (2005).

Assim, o autor lança mão do que Marcuschi chama de *imprecisão de fronteiras do gênero* e a incorpora à ideia de gênero do discurso como recorte ideológico da realidade. O autor faz o mesmo com a noção de *propósitos de gênero* sugerida por Marcuschi que se remete, nos termos de Sobral (2007), ao gênero como *organizador da enunciação*, como plasmador da realização de propósitos enunciativos.

Sobral (2007, p. 2109) considera que várias propostas de Marcuschi podem vir a ser importantes numa produtiva conciliação entre três principais elementos relevantes da questão do gênero, que interessam de perto aos estudiosos do gênero do discurso, a saber:

1) as textualizações (em vez de gêneros textuais no sentido aqui criticado) como a materialidade que dá acesso ao gênero discursivo; 2) o gênero discursivo é um recorte ideológico da realidade que mobiliza textualizações e as tem como seu aspecto formal no âmbito da discursividade; e 3) as vicissitudes, algumas delas apontadas recentemente [...] de resolver questões de escolarização, transposição didática e didatização dos gêneros a partir da exploração da imprecisão das fronteiras dos gêneros em sua relação com as cristalizações de formas textuais associadas frequentemente, mas não necessariamente, a certos gêneros (SOBRAL, 2007, p. 2110).

Para Sobral (2007) a denominação gênero textual – quando não usada no sentido de relações de texto-contexto, mas como substituto do conceito de discurso/discursivo – privilegia indevidamente o texto ao tomá-lo como se prescindisse de um contexto Da mesma forma, a perspectiva que enxerga o contexto como se ele prescindisse de um texto, isto é, como se houvesse a possibilidade de existir uma prática sem discurso; isso, para Sobral (2007, p. 2110) distorce o conceito de gênero.

De acordo com o autor, trata-se de propostas que “não cabem no âmbito da teoria bakhtiniana, que foi afinal a iniciadora da ideia de gênero”; propostas essas que, ao invés de reconhecer que o texto e o contexto são dois planos articulados, os enxergam como realidades

estanques. Nas palavras de Adair Sobral, é possível “estudar só um texto ou só um contexto, mas para isso não se precisa do conceito de gênero”, além de que em nenhum dos casos se estará estudando a linguagem, mas sim materialidades específicas que, ao isoladas, perdem o sentido (Ibid., p. 2110). Diante disso, a proposta de Sobral (2007) se configura da seguinte forma:

1) Não há uma correlação necessária entre um dado gênero e uma dada forma textual; 2) O discurso é o espaço de mobilização das textualidades em termos de sua inserção genérica; 3) As formas textuais apontam para gêneros que as mobilizam costumeiramente e, por isso, ao escolher um gênero, evocam-se as formas textuais típicas desse gênero, ou seja, as formas que uma tradição genérica tornou mais comumente mobilizadas; 4) A escolha do gênero advém da relação interlocutiva específica do discurso específico nos termos da esfera de atividades, das práticas sociais mediadas pela linguagem; e 5) É a inserção genérica do discurso que determina a escolha da forma textual, e, mais do que isso, das próprias palavras, que, por conseguinte, podem variar no interior de um mesmo gênero sem que por isso o alterem substancialmente, mas impondo-lhe sempre diminutas mudanças que um dia podem transformá-lo, ou transtorná-lo, se pensarmos de outra perspectiva. (Ibid., p. 2110).

Para fins de fechamento desta seção, cabe mencionar que para Sobral (2007, p. 2110) essa proposta “não faz o fio da balança pender ilegitimamente para o lado do gênero do discurso em detrimento dos demais aspectos”. Conforme fica evidente a partir de suas reflexões, o autor não desconsidera o aspecto textual, mas lhe atribui o que julga ser seu devido lugar: “um elemento vital da forma composicional (parcela vital da forma arquitetônica) que é o *locus* da articulação autoral do gênero”. Autoral para Sobral (2007, p. 2110-2111) “não determina apenas o autor individualmente, mas a atividade autoral em geral no âmbito do gênero”.

Uma vez tendo apresentado brevemente algumas reflexões de Adair Sobral (2007) na tentativa de aproximação e de um diálogo bakhtiniano com Marcuschi (2005) e suas propostas inscritas dentro do campo dos gêneros textuais, cabe agora apresentar a seção que se destina à teoria de gêneros do discurso, especificamente tratada aqui a partir da obra de Bakhtin.

2.3. Gêneros do discurso a partir de Bakhtin

Mikhail Bakhtin (1895-1975), intelectual russo mundialmente conhecido, pesquisou a linguagem humana. Seus estudos e obras embasam teoricamente uma infinidade de trabalhos e pesquisas que se inscrevem nas mais diversas áreas do conhecimento (história, filosofia, linguística, antropologia, psicologia, etc.). Criador de vários conceitos e teorias, líder

intelectual de grupos de estudiosos, Bakhtin é também responsável pela teoria de gêneros do discurso.

Para compreender os gêneros do discurso é importante resgatar o que o autor fala sobre o uso da linguagem e as atividades humanas. Bakhtin (2011 [1979], p. 261-262) afirma, por exemplo, que todos os campos¹² da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. O caráter e a forma desse uso são tão multiformes quanto os próprios campos existentes. Para ele “o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana”.

Conforme sua perspectiva teórica, os enunciados refletem as condições e as finalidades de cada campo, não apenas por seu *conteúdo temático* e pelo *estilo* da linguagem, mas principalmente por sua *construção composicional*. Esses três elementos, a diante melhor detalhados, estão “indissolavelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um campo da comunicação” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 261-262). O autor evidencia que, embora cada enunciado particular seja individual, cada campo de utilização da língua elabora *tipos relativamente estáveis* os quais denomina de gêneros do discurso.

Para entender mais sobre os tipos relativamente estáveis é necessário revisitar alguns autores que seguem a abordagem bakhtiniana, como Köche, Boff e Marinello (2014, p. 11) que dizem que, para Bakhtin, os tipos são relativamente estáveis, pois “podem sofrer modificações de acordo com a situação comunicativa na qual são empregados”. Lima (2009) entende que, na prática, dizer que os gêneros do discurso são *tipos relativamente estáveis* de enunciados (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 262) é afirmar que eles são estáveis e instáveis ao mesmo tempo. “A estabilidade diz respeito àquilo que é constantemente o mesmo. Já a instabilidade está relacionada àquilo que é frequentemente outro”. Para Lima (2009, s/n), na perspectiva bakhtiniana:

Os gêneros do discurso são, em sua forma básica de existência, simultânea e paradoxalmente, os mesmos e outros. São os mesmos porque, como diz Bakhtin, nenhum homem é um Adão bíblico que, pela primeira vez, rompe o silêncio com suas palavras: um discurso é sempre a repetição ou a retomada de um discurso anterior. São outros porque aquele que fala, ao repetir ou retomar um discurso, sempre o faz de uma maneira mais ou menos criativa, em função das circunstâncias da atividade comunicativa na qual está engajado e de acordo com seus objetivos no processo de interação verbal.

¹² O termo *campo* é usado na tradução do livro de Bakhtin (2011 [1979]) que corresponde ao termo *esfera* que, por sua vez, é empregado em outros autores e traduções da obra de Bakhtin publicada em 1997.

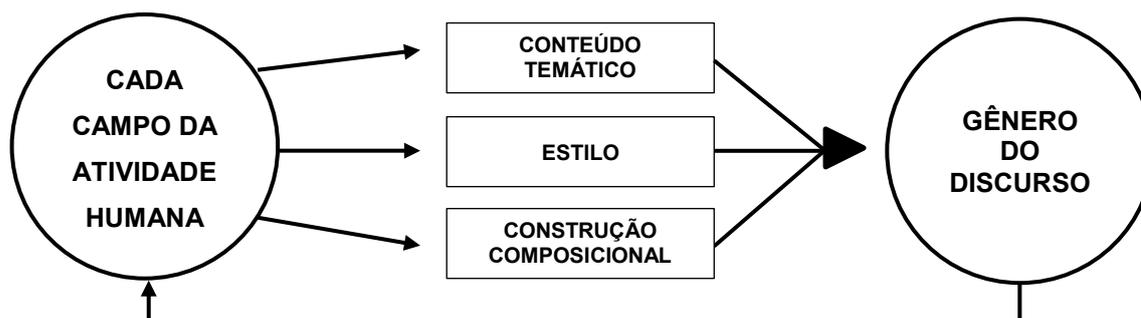
Lima (2009; 2014) e Nascimento (2016; 2017) defendem que a ideia da estabilidade (ou seja, os *tipos relativamente estáveis*) está ligada à repetição. A *repetição* e a *(re)criação* correspondem a dois aspectos indissolúveis dos gêneros do discurso que, para Lima (2014, p. 37-38), ajudam a compreender a existência da estabilidade das formas ou dos tipos de enunciados. Assim, é possível entender que a ideia de estabilidade está relacionada à ideia daquilo que permanece inalterado ao longo do tempo.

Conforme Lima (2014, p. 37-38), com relação aos gêneros, essa inalteração é relativa, pois é assim até certo ponto, nunca até o fim. Assim, há espaço para a *(re)criação*. Essa dinâmica contraditória que existe entre repetição e *(re)criação* é, muitas vezes, o ponto de interesse central em muitos estudos que se propõem a realizar uma investigação à luz da teoria dos gêneros do discurso. Para isso, conforme Lima (2014, p. 37-38), estudos traçados a partir disso precisam ser pensados indispensavelmente do ponto de vista de quatro dimensões indissolúveis constitutivas dos gêneros: *relação interlocutiva*, *construção composicional*, *conteúdo temático* e *estilo*.

Apresento abaixo um esquema que ilustra os campos da atividade humana e sua relação com os gêneros do discurso à luz do entendimento bakhtiniano considerando os três elementos centrais pontuados pelo autor. Na imagem a seguir, na primeira circunferência da esquerda estão representados os campos da atividade humana. Com base em Bakhtin (2011 [1979]) cada campo da atividade humana está ligado ao uso da linguagem e o uso da linguagem, por sua vez, compreende três elementos inseparáveis (conteúdo temático, estilo e construção composicional).

Esses elementos, representados nos retângulos do centro da imagem, convergem para a circunferência da direita, que representa os gêneros do discurso. Os gêneros do discurso influenciam os campos da atividade humana. São os eventos comunicativos ativos e em circulação.

Quadro 2: Processo de formação dos gêneros do discurso com base em Bakhtin.



Fonte: elaborado pelo autor com base em Bakhtin.

Bakhtin (2011 [1979]) entende que a evolução dos gêneros do discurso está relacionada à história da sociedade e à história da linguagem. Para o autor, “nenhum fenômeno novo (fonético, léxico, gramatical) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e estilos” (Ibid., p. 268).

Bakhtin observa também sobre diferença entre as formas da língua e as formas de enunciado. Segundo autor, as formas de enunciado são como gêneros do discurso, enquanto que as formas da língua são como um sistema linguístico (composição vocabular e estrutura gramatical). Para Bakhtin (2011 [1979], p. 285) os gêneros do discurso “são tão indispensáveis para a compreensão mútua quanto às formas da língua. Os gêneros do discurso, comparados às formas da língua, são bem mais mutáveis, flexíveis e plásticos”, entretanto segundo o autor: “[...] para o indivíduo falante eles têm significado normativo, não são criados por ele, mas dados a ele” (BAKHTIN, 2011 [1979], loc. cit.).

As formas de gêneros, nas quais moldamos o nosso discurso, diferem substancialmente, é claro, das formas da língua no sentido da estabilidade e da sua coerção (normatividade) para o falante. Em linhas gerais, elas são bem mais flexíveis, plásticas e livres que as formas da língua. Também neste sentido a diversidade dos gêneros do discurso é muito grande [...] A diversidade desses gêneros é determinada pelo fato de que eles são diferentes em função da situação, da posição social e das relações pessoais de reciprocidade entre os participantes da comunicação: há formas elevadas, rigorosamente oficiais e respeitadas desses gêneros, paralelamente a formas familiares, e, além disso, de diversos graus de familiaridade, e formas íntimas (Ibid., p. 283-284).

Biasi-Rodrigues (2002, p. 50-51) pontua que, atualmente, para o reconhecimento dos gêneros e para a elaboração de quadros tipológicos, a obra que é usada como referência obrigatória é a de Bakhtin. Nesse ponto, o autor enquadra os gêneros do discurso em duas classes: os *gêneros primários* (simples) e os *gêneros secundários* (complexos). Nesta tese é necessário apresentar com mais detalhamento essas duas classes.

2.3.1. Gêneros primários e gêneros secundários

Não pode ser ignorada a noção de diferença entre os *gêneros primários* e os *gêneros secundários*, pois de acordo com o pensamento bakhtiniano essas diferenças são importantes. As circunstâncias históricas, escolares, culturais e sociais influenciam as características dos gêneros do discurso. Conforme o autor “os gêneros primários (simples) se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 263), enquanto

que “os gêneros secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico, etc.” (Ibid., loc. cit.).

Nesse sentido, é possível compartilhar Ferreira, I. (2011, p. 106) – que segue a abordagem bakhtiniana – e que considera a respeito dos gêneros pontuando que eles circulam em dois estratos, por sua vez, denominados de: *esferas do cotidiano* e *esferas dos sistemas ideológicos constituídos*. Segundo Ferreira, I. (2011, p. 106-107):

Nas *esferas do cotidiano*, os gêneros são postulados como *gêneros primários* e dizem respeito às ideologias do cotidiano, relativa à família, à praça e a tantas outras instâncias da vida comum cotidiana; outrossim, nas *esferas dos sistemas ideológicos constituídos*, são denominados *gêneros secundários* e estão ligados às ideologias sistematizadas e formalizadas das instituições constituídas na sociedade pela religião, pela política, pela arte, pela ciência, dentre tantas outras.

No entendimento de Ferreira, I. (2011) os gêneros primários são relacionados às esferas sociais cotidianas e estão mais próximas da oralidade. Já os gêneros secundários são relacionados às esferas sociais institucionalizadas e estão mais próximos da modalidade escrita [tradicional – adendo meu]. Ainda, o autor (2011) lembra que a escrita pode ser um discurso cotidiano, mas de maneira menos formalizada, menos institucionalizada, assim como a oralidade pode ser um discurso circulado nas esferas dos *sistemas ideológicos* de maneira mais organizada linguisticamente, mais institucionalizada.

Rodrigues, R. (2001, p. 73) observa com base na abordagem bakhtiniana que “não é possível um agrupamento estável, definitivo e exaustivo dos gêneros, pela razão da sua relativa estabilidade e pela sua riqueza inesgotável; quer dizer, eles são tão variados (ilimitados) quanto são as possibilidades da atividade humana”. A autora (2001, loc. cit.) se lança à tentativa de elaborar uma classificação (agrupamento) básica e geral dos gêneros do discurso apresentando como um exemplo para entendê-los a partir dos tipos e variedades de esferas comunicativas. Essa classificação foi por mim adaptada para o seguinte quadro abaixo:

Quadro 3: Classificação de Rodrigues, R. (2001) para os gêneros do discurso.

Gêneros da Esfera da Produção	<i>Ordem de serviço; instrução de operação de máquinas; aviso; pauta jornalística; etc.</i>
Gêneros da Esfera dos Negócios e da Administração	<i>Contrato; ofício; memorando; etc.</i>
Gêneros da Esfera Cotidiana	<i>Conversa familiar; conversa pública; diário íntimo; saudação; etc.</i>

Gêneros da Esfera Artística	<i>Conto; romance; novela; etc.</i>
Gêneros da Esfera Jurídica	<i>Petição; decreto; etc.</i>
Gêneros da Esfera da Publicidade	<i>Anúncio; panfleto; folder; etc.</i>
Gêneros da Esfera Escolar	<i>Resumo; seminário; “texto didático”; etc.</i>
Gêneros da Esfera Religiosa	<i>Sermão; encíclica; parábola; etc.</i>
Gêneros da Esfera Jornalística	<i>Entrevista; reportagem; notícia; editorial; artigo; etc.</i>

Fonte: elaborado pelo autor com base na classificação de Rodrigues, R. (2001).

Segundo Ferreira, I. (2011, p. 106), as atividades humanas “são inumeráveis e, por isso, a riqueza e a variedade dos gêneros, assim como das esferas sociais em que eles circulam”, assim como afirmam Marcuschi (2008; 2010a) e Miller (2012). Bakhtin (2011 [1979], p. 262) afirma que “pode parecer que a heterogeneidade dos gêneros do discurso é tão grande que não há, nem pode haver, um plano único para o seu estudo”.

Uma vez apresentadas algumas considerações a respeito dos gêneros primários e gêneros secundários, cabe agora tratar na próxima seção, especificamente, sobre os elementos que caracterizam o gênero do discurso, conforme a abordagem bakhtiniana.

2.3.2. Elementos que caracterizam os gêneros do discurso

Nesta tese, adotamos os três elementos: *conteúdo temático*, *estilo* e *construção composicional* como base das análises aqui realizadas. Esses elementos são capazes de caracterizar os gêneros do discurso. Nas palavras de Bakhtin (2011 [1979], p. 261): “os enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas acima de tudo, por sua construção composicional”. Para que seja possível entender sobre esses três elementos abordados por Bakhtin, Rojo e Barbosa (2015, p. 87) os ilustram didaticamente na figura abaixo:

Figura 1: Elementos que compõe os gêneros do discurso.



Fonte: figura extraída de Rojo e Barbosa (2015).

Observa-se diante da figura que Rojo e Barbosa (2015, p. 87) empregam os termos: *tema, estilo e forma composicional* para tratar dos elementos propostos por Bakhtin (2011 [1979]). Esses termos usados pelas autoras correspondem respectivamente aos termos: *conteúdo temático, estilo e construção composicional*. Para que seja possível melhor entender esses elementos, os três foram separados sequencialmente e descritos nos itens subsequentes.

- Conteúdo temático

O conteúdo temático é também conhecido como *tema* e envolve os aspectos discursivos como um todo. Nas palavras de Sobral (2013, p. 174): “tema é o tópico do discurso como um todo” uma vez que está relacionado ao “todo orgânico do enunciado, sua inteireza acabada, que permita a compreensão responsiva”. Para Costa Val (2003, p. 127), é possível compreender o conteúdo temático no contexto da citação abaixo:

Os gêneros estabelecem pautas temáticas e formas típicas de tratamento do tema, à medida que, nas diferentes instâncias de uso da língua, se estabelecem diferentes expectativas quanto ao leque de assuntos pertinentes ou impertinentes, permitidos ou proibidos, e quanto ao grau de autenticidade, fidedignidade e exaustividade de sua abordagem. Por exemplo, determinado tema, frequente num determinado círculo científico, pode não ter penetração e circulação no circuito familiar (e vice-versa); além disso, o compromisso com a veracidade e a precisão das afirmações é muito mais rigoroso na esfera científica ou oficial do que na familiar.

Assis e Mareco (2013, p. 172-173) afirmam que “definido pelo enunciador, o tema depende ainda das situações, condições de produção e necessidades da própria enunciação. A escolha desse conteúdo só será possível e adequada ao momento da enunciação se satisfazer à intencionalidade do enunciador, se estiver de acordo com as suas necessidades”.

Já para Rodrigues, R. (2005, p. 167) “todo gênero tem um conteúdo temático determinado: seu objeto discursivo e finalidade discursiva, sua orientação de sentido específico para com ele e os outros participantes da interação”. É nesse sentido que se entende que o tema contém uma relação com a situação circunstanciada. Para Bakhtin e Volochínov (2009 [1929], p. 136-137 *apud* ORTEGA e COSTA-HÜBES, 2017, p. 20) “só a compreensão ativa nos permite apreender o tema [...] Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar no contexto correspondente”.

Ortega e Costa-Hübes (2017) ao citar Medviédv (2012 [1928]) consideram que o tema relaciona-se com a vida, com situações reais de uso. Para Medviédv, “em primeiro lugar, a obra se orienta para os receptores, e para determinadas condições de realização e de percepção. Em segundo lugar, a obra está orientada na vida, como se diz, de dentro, por meio de seu conteúdo temático” (MEDVIÉDV, 2012[1928], p. 195 *apud* ORTEGA e COSTA-HÜBES, 2017, p. 20). Para o autor, “ao seu modo, cada gênero está tematicamente orientado para a vida, para seus acontecimentos, problemas, e assim por diante”. O conteúdo temático, portanto não pode estar desvinculado das situações reais de comunicação, uma vez que é gerado a partir de acontecimentos concretos vivenciados pelos interlocutores.

É o tema, lembram Ortega e Costa-Hübes (2017, p. 20), que “estabelece a relação entre o enunciado e a vida e orienta as escolhas estilísticas”.

Além disso, o tema também se vincula a apreciação valorativa dos interlocutores, sobre isso Bakhtin afirma que “o enunciado, seu estilo e sua composição são determinados pelo elemento semântico-objetal e por seu elemento expressivo, isto é, pela relação valorativa do faltante com o elemento semântico-objetal do enunciado” (BAKHTIN, 2010[1979], p.296). Assim sendo, todo texto-enunciado possui um tema e sua apreciação valorativa destaca as escolhas estilísticas do autor dentro de determinada situação de interação (ORTEGA e COSTA-HÜBES, 2017, p. 20).

O conteúdo temático não tem apenas relação com o assunto de determinado texto ou discurso, mas compreende o todo, o seu contexto geral, o espaço, a interação, os interlocutores, a esfera humana como já mencionado. Alves Filho e Santos (2013, p. 80) pontuam que, na teoria de Bakhtin o tema não equivale ao assunto porque o assunto se reduz aquilo sobre o que se fala. O tema equivale, na verdade, ao “conteúdo ideologizado do qual fazem parte tanto o material verbal quanto o extraverbal”.

Um sujeito falante, ao sentir necessidade de enunciar algo, não recorre unicamente ao sistema linguístico, mas a outras enunciações, adequando seu discurso a seus objetivos comunicativos, e a seus interlocutores. Enfim, constrói um sentido

particular para aquilo que diz, constituindo, dessa forma, um tema. (ALVES FILHO e SANTOS, 2013, p. 80).

O assunto pode ser o mesmo, porém a situação comunicativa nunca será a mesma, então “o tema – conteúdo ideologizado, atravessado valorativamente pelas entoações relativas à situação comunicativa à qual pertence – terá a cada enunciado um acento de valor diferente e passará a ser um fenômeno da comunicação social em que foi construído para ser compreendido, não podendo ser dissociado da vida real” (ALVES FILHO e SANTOS, 2013, p. 80).

Uma palavra isolada entendida em sua abstração não traz necessariamente um tema, pois se trata apenas de um constructo linguístico. O tema, por sua vez, embora dependa do material linguístico para existir – ou seja, dependa da palavra – engloba elementos para além do verbal, o que lhe possibilitam diferentes formas de significar.

- *Estilo*

Como afirma Bakhtin (2011 [1979], p. 265) “todo estilo está indissolúvelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros do discurso”. Portanto, destaca-se a seguinte frase bakhtiniana (Ibid., p. 268) que, embora seja uma frase curta, ela carrega uma poderosa conclusão: “**Onde há estilo há gênero**” [grifo meu].

Antes de começar a apresentar e entender o conceito de *estilo* é preciso contextualizar o que o autor compreende por *gramática* e *estilística*. Para Bakhtin (2011 [1979], p. 269): “pode-se dizer que a gramática e a estilística convergem e divergem em qualquer fenômeno concreto de linguagem”. Se a análise for feita apenas no sistema da língua, conforme o autor, o fenômeno pode ser entendido como fenômeno gramatical. Porém, se a análise for feita no conjunto de um enunciado individual (ou do gênero do discurso), se tratará de um fenômeno estilístico. Isso porque, nas palavras de autor “a própria escolha de uma determinada forma gramatical pelo falante é um ato estilístico”.

De acordo com Bakhtin (2011 [1979], p. 284) os gêneros requerem ainda certo tom, isto é, “incluem em sua estrutura uma determinada entonação expressiva”, assim como o grau de controle normativo influencia, muitas vezes, nos estilos de qualquer comunicação. Para o autor, gêneros oficiais, por exemplo, possuem um alto grau de estabilidade e coação. Nesse caso “a vontade discursiva costuma limitar-se à escolha de um determinado gênero” (Ibid., loc. cit.). Para o autor (Ibid., loc. cit.) “leves matrizes de uma entonação expressiva (pode-se

assumir um tom mais seco ou mais respeitoso, mais frio ou mais caloroso, introduzir a entonação de alegria, etc.) podem refletir a individualidade do falante (a sua ideia discursivo-emocional)”.

É possível relacionar a afirmação de Bakhtin, por exemplo, no contexto brasileiro a partir do Manual de Redação da Presidência da República (BRASIL, 2018), organizado pelo governo máximo do país cujo objetivo é padronizar e recomendar (exigir) o uso adequado da comunicação, tanto oral quanto escrita, principalmente no campo da comunicação oficial. Observa-se que esse manual vem influenciando diferentes gêneros do discurso e, principalmente, os gêneros secundários (há pouco definidos na seção anterior) que circulam no contexto brasileiro.

Com relação ao elemento *estilo*, seguindo a abordagem bakhtiniana Biasi-Rodrigues (2002) considera esse elemento como a escolha dos recursos linguísticos. Costa Val (2003, p. 127), por sua vez, afirma que “os gêneros definem o estilo, orientando o processo de seleção de recursos lexicais e morfossintáticos no interior de cada frase e nas relações interfrasais”. Para Costa Val (2003, p. 127), por exemplo, “os diferentes gêneros da comunicação cotidiana face a face apresentam vocábulos e sintaxe diferentes do que é usual nos gêneros públicos e formais, tanto escritos quanto falados”.

Na perspectiva de Marcuschi (2010b, p. 39) o *estilo* está relacionado aos “aspectos relativos à linguagem, seus usos e usuários” e na perspectiva de Rojo e Barbosa (2015, p. 92) esse elemento se refere às escolhas linguísticas que são feitas para se dizer o que se quer dizer (vontade enunciativa) e gerar o sentido desejado. Essas escolhas, conforme as autoras, podem ser lexicais, ou seja, vocabulário; podem estar relacionadas à estrutura frasal (sintaxe) ou ainda podem estar associadas ao nível de registro linguístico (formal/informal, uso de gírias), etc. “Todos os aspectos da gramática estão envolvidos” no estilo (ROJO e BARBOSA, 2015, p. 92).

De acordo com Assis e Mareco (2013, p. 173), o estilo também pode ser observado no momento de escolha dos vocábulos, bem como na hora de adequar a linguagem, ou ainda conforme a finalidade e a própria estrutura do enunciado do gênero escolhido.

Assim como no caso do elemento descrito anteriormente, o *estilo* também será melhor desmembrado nesta pesquisa ao longo dos próximos capítulos, em especial, na seção em que esses três elementos que caracterizam a construção dos gêneros do discurso são apresentados a partir da língua de sinais. De forma mais elucidativa e por meio de exemplos mais ilustrativos, o leitor poderá compreender melhor como o *estilo* pode ser identificado em produções em Libras.

- *Construção composicional*

O termo *construção composicional* é assim empregado por Bakhtin (2011 [1979]) em suas principais obras (traduzidas). Outros autores como Costa Val (2003) e Rojo e Barbosa (2015), porém – mesmo os que se afiliam as ideias bakhtinianas – fazem uso de outras denominações, a saber: *estrutura composicional* e *forma composicional*, etc.

Biasi-Rodrigues (2002) entende a *construção composicional* como a forma de organização textual que forma o gênero do discurso. Já Costa Val (2003, p. 127) considera que quando os gêneros estabelecem padrões de estrutura composicional eles estão estabelecendo modos típicos de organização do texto. Por exemplo, no gênero carta comercial é possível reconhecer, de acordo com Costa Val (2013), uma forma composicional típica que compreende: data, endereçamento, vocativo, cumprimento, corpo do texto, despedida e assinatura. Ao desmembrar uma carta comercial – exemplo mencionado por Costa Val – é possível verificar como esses elementos citados estão organizados, como eles se dispõem em uma forma de composição típica.

Figura 2: Construção composicional de uma carta comercial.



¹³ Disponível em: <https://www.sodetalhe.com/wp-content/uploads/2015/09/modelos-de-carta-comercial-de-agradecimento.jpg>. Acesso em: 29 mai. 2018.

Não apenas cartas comerciais ou demais textos escritos carregam elementos de construção composicional, mas também textos materializados por meio de diferentes suportes e mídias, como é o caso dos recursos tecnológicos. Os recursos tecnológicos, por exemplo, permitem preservar elementos que especificam os gêneros do discurso, conforme lembra Marcuschi (2010a, p. 21): “os grandes suportes tecnológicos da comunicação, tais como o rádio, a televisão, o jornal, a revista, a internet, por terem uma presença marcante e grande centralidade nas atividades comunicativas da realidade social [...] vão por sua vez propiciando e abrigando gêneros novos bastante característicos”.

É possível reconhecer facilmente, muitas vezes, os gêneros do discurso através da sua *construção composicional*, uma vez que alguns gêneros seguem uma estrutura padronizada e frequentemente usada da mesma maneira socialmente ou conforme cada campo da atividade humana. Assis e Mareco (2013, p. 173) pontuam justamente sobre isso quando consideram que a *construção composicional* trata-se de “um elemento bem marcado que pode ser mais ou menos observado em uma construção discursiva, pois segue padrões definidos pela sociedade”. Conforme Assis e Mareco (2013), todo enunciado acaba por seguir um determinado padrão que é pré-estabelecido e convencionado pelo gênero.

Interessante observar o que Dionísio (2007, p. 188) comenta sobre a disposição gráfica de um determinado gênero, por exemplo, a força visual que um texto escrito pode imprimir retratando e sinalizando de forma bastante clara sua identidade. É possível reconhecer e inferir diante de como um texto se apresenta visualmente qual seu gênero do discurso. Dionísio (2007) comenta, inclusive, que na prática pode-se até reconhecer um gênero discursivo sem que se conheça a língua que ele se apresenta, mas tomando por base apenas a disposição gráfica do texto. Na figura abaixo, por exemplo, observa-se diante da disposição gráfica do texto que se trata de um jornal e que, mesmo sem conhecer a língua (árabe) usada é possível inferir o gênero do discurso em questão.

Figura 3: Jornal árabe.



Fonte: imagem extraída da internet¹⁴.

Considerando a imagem exemplificada acima do jornal árabe, pode-se dizer que as funções e os propósitos do texto – por meio das fotografias usadas, da disposição dos textos em coluna, do tema destacado em outras cores, fontes e tamanho de letra – mostram que ele segue convenções visuais de um gênero do discurso altamente padronizado, cujo campo relacionado em questão é o jornalístico contemporâneo.

Nessa perspectiva, vale compartilhar o que lembra Mulik (2016, p. 268) quando cita Kress e Van Leeuwen (1996) que dizem que “as imagens possuem uma gramática própria” e isso implica “serem interpretadas de forma crítica para que os variados significados possam ser explorados e compreendidos”. Ao se pensar em como um gênero do discurso pode ser constituído visualmente a partir de seus elementos, e esses, por sua vez, também serem compreendidos de características altamente visuais, é possível estabelecer uma relação dessa visualidade com a própria experiência visual característica dos sujeitos Surdos e sua cultura, bem como de sua língua também visual.

Os autores da área dos Estudos Surdos, tais como Perlin (2003), Perlin e Miranda (2003), Strobel (2007; 2008; 2013) e Campello (2008) mencionam a respeito dos aspectos culturais mais fundamentais das comunidades Surdas: as experiências visuais. Conforme Campello (2007, p. 113) com suas características viso-espaciais [espaço-visuais – adendo meu] a Libras inscreve-se no lugar da visualidade e “encontra na imagem uma grande aliada junto às propostas educacionais e às práticas sociais”. Ainda segundo Campello (2007, p.21), a comunidade Surda enxerga sua própria cultura baseada na experiência visual e não na

¹⁴ Disponível em: http://2.bp.blogspot.com/-2JxvSFojic/T37NvDnJF5I/AAAAAAAAASIs/zx_L4E8-U9M/s1600/Dubai%2BWorld%2BCup%2B2012%2BJornal%2BArabe%2Bcom%2BMat%25C3%25A9ria.jpg. Acesso em: 14 mar. 2018.

experiência sonora. Nesse prisma, entendo e oportuno citar Perlin e Miranda (2003 p. 218) quando dizem que:

[...] ser Surdo é uma questão de vida. Não se trata de uma deficiência, mas de uma *experiência visual* [grifo meu]. Experiência visual significa a *utilização da visão* [grifo meu], (em substituição total a audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura Surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura Surda comporta a língua de sinais, a necessidade do intérprete, de tecnologia de leitura.

Na perspectiva de identidade (e porque não de identificação dos Surdos com gêneros do discurso que revelam a visualidade em maior grau), Perlin (2005, p. 57) afirma que a “identidade surda se constrói dentro da cultura visual” e essa é uma diferença que precisa ser compreendida não como uma construção isolada, mas como uma “construção multicultural” os olhos da autora. Pode-se ousar inferir, por hora, que a identidade Surda também se constrói a partir dos gêneros do discurso que refletem a visualidade e a cultura visual.

Mais considerações nessa perspectiva podem ser retomadas a diante. Por hora, destaco por fim que este estudo, justamente, se propõe pensar também na visualidade Surda em diálogo com os gêneros do discurso, sobretudo na perspectiva dos gêneros acadêmicos em *Libras videossinalizada*¹⁵.

¹⁵ Como já mencionado, o termo *Libras videossinalizada* – introduzido por meio desta tese nas discussões da área dos Estudos Linguísticos das Línguas de Sinais – será retomado e conceituado.

III. CAPÍTULO – Gêneros em Libras videossinalizada

3.1. Língua brasileira de sinais – Libras

Para que seja possível tratar a respeito da língua brasileira de sinais (Libras), associada à discussão dos gêneros – e dos gêneros da esfera acadêmica em especial – é importante trazer uma contextualização inicial a respeito da língua; sua natureza, origem e organização gramatical.

As línguas de sinais são línguas naturais usadas pelas comunidades Surdas. As comunidades Surdas se diferem em cada país. É importante pontuar que as línguas de sinais não são universais, ou seja, cada país tem sua própria língua sinalizada, assim como a língua portuguesa do Brasil que é diferente do inglês usado nos Estados Unidos que, por sua vez, é diferente do francês usado na França e assim por diante (QUADROS e KARNOPP, 2004; GESSER, 2009; CAMPELLO, 2011).

De forma breve, cabe lembrar que a origem da língua de sinais usada no Brasil, ou seja, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) é francesa, decorre da Língua de Sinais Francesa (LSF). Segundo Campello (2011), no século XVIII o professor francês E. Huet, Surdo, chegou ao Brasil, convidado pelo imperador Dom Pedro II, para ministrar aulas de língua de sinais, uma vez que esse professor já tinha experiência e formação para o ensino de língua de sinais em Paris. Em 1857 inauguraram a primeira escola para as pessoas Surdas no Brasil: o hoje conhecido como Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), localizado no Rio de Janeiro, ainda em funcionamento. Esses acontecimentos históricos brevemente citados acima são aqui trazidos por serem marcos na história da língua de sinais no Brasil, bem como na história da Educação de Surdos.

As línguas de sinais passaram a ser estudadas mais sistematicamente e enxergadas como objeto de pesquisa científica a partir da década de 60, com as investigações do linguista americano William Stokoe, conforme mencionado por Quadros e Karnopp (2004). Stokoe, com suas pesquisas sobre língua de sinais americana, doravante American Sign Language (ASL) comprovou cientificamente que as línguas de sinais são de fato línguas naturais; que são sistemas que compreendem regras gramaticais complexas e abstratas, tal qual demais línguas naturais humanas. A língua de sinais, estudada pelo linguista, possui a mesma relevância linguística que quaisquer outras línguas usadas por diferentes países e pessoas.

Stokoe (1960 *apud* QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 30) comprovou que as línguas de sinais atendem “todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico, sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças”.

No cenário brasileiro, as pesquisas iniciaram a década de 80, a partir dos estudos de Lucinda Ferreira, autora da obra *Por uma Gramática de Línguas de Sinais*. Essa obra foi um marco que deu início a uma série de outras pesquisas com foco linguístico sobre Libras. Lucinda Ferreira difundiu seus estudos com base nas investigações de pesquisas internacionais e inspirou pesquisadores a aprofundarem estudos a respeito da língua de sinais usada no Brasil. A importância dessas pesquisas pioneiras é inegável, sobretudo porque refletiram uma importante transformação na área para o conhecimento social, científico e humano. Ferreira, L. considera (2010, p. 13):

“As pesquisas linguísticas sobre uma Língua de Sinais revalidam seu *status* de língua, conferindo-lhe mais prestígio e, portanto, respeito. Isso implica numa reestruturação social no que diz respeito ao espaço que os surdos ocupam na sociedade em que vivem. Revalidando-se a língua, revalida-se também a cultura surda e isto permite ao surdo melhor desempenho da sua função enquanto cidadão.”

Para se entender brevemente como se estruturam as línguas de sinais, é importante mencionar que, assim como as línguas vocal-auditivas, ou seja, as línguas “faladas”, as línguas de sinais – línguas sinalizadas – apresentam a dupla articulação. Isso significa que possui igualmente unidades mínimas de formação de palavras, ou seja, de sinais. Ferreira, L. (2010, p. 35) demonstrou em seus estudos seminais que a Libras a estrutura fonológica é organizada a partir de parâmetros visuais, ao contrário da língua portuguesa, por exemplo, cujos fonemas são produzidos pela passagem de ar pela laringe, nariz e boca.

Como antes mencionado, os estudos sobre as línguas de sinais se deram inicialmente por Stokoe (1960) que, justamente, pesquisou as línguas sinalizadas em seu nível fonológico. As pesquisas do linguista inspiraram os estudos posteriores realizados no Brasil, inclusive os estudos de Ferreira, L. (2010) e Quadros e Karnopp (2004). Os estudos de Stokoe (1960) ajudaram a identificar três aspectos fonológicos principais na formação de sinais, a saber: *Configuração de Mão (CM)*, *Movimento (M)* e *Ponto de Articulação (PA)*.

Esses três aspectos foram denominados de parâmetros básicos das línguas de sinais e são combinados entre si para a produção de sinais. Vale pontuar que caso um dos três parâmetros seja excluído, torna-se difícil a formação de um sinal, isto é, se apenas uma unidade mínima for empregada na sinalização, dificilmente o sinal terá um valor semântico.

Para que seja possível identificar o valor semântico de um sinal, é importante que haja a combinação de dois ou mais dos parâmetros.

Conforme mencionado por Quadros e Karnopp (2004), bem como por Ferreira, L. (2010), além desses três parâmetros, foram identificados em estudos posteriores são eles: *Orientação da Mão* (OR) e *Expressões Não-Manuais* (ENM).

Mesmo com as inúmeras pesquisas linguísticas comprovando a legitimidade das línguas sinalizadas enquanto línguas naturais humanas de igual complexidade que as demais línguas, por muitos anos as línguas de sinais foram subordinadas às línguas majoritárias de modalidade vocal-auditivas, ou seja, as línguas “faladas” ou línguas “orais”. Reflexos disso ainda são observados nos dias atuais, uma vez que a Libras, por exemplo, no contexto brasileiro ainda não é reconhecida em muitas esferas humanas.

Nesse prisma, Sutton-Spence e Quadros (2006, p. 115) lembram que:

Por muito tempo, as pessoas surdas foram cercadas pela noção fortemente defendida pelo oralismo de que as línguas faladas, tais como o inglês ou o Português, eram as línguas a serem usadas para situações de *status* elevado e que “a sinalização surda” era inferior e se adequava somente para a conversação social (ver, por exemplo, Ormsby, 1995b e Rutherford, 1993). Ouvintes e pessoas surdas viam a poesia como um gênero que deveria ser conduzido na língua falada, por causa do seu *status*.

Embora um caminho longo precise ser trilhado ainda, mudanças com relação a essas concepções errôneas e crenças ultrapassadas sobre as línguas de sinais têm acontecido, sobretudo, se fortalecido após os impactos gerados pela legislação no contexto brasileiro especificamente. Com relação a isso, Sutton-Spence e Quadros (2006) observam justamente essa transformação, especificamente no que diz respeito à esfera artística de produções literárias realizadas por Surdos. As autoras comentam que essas mudanças, de forma geral, compreenderam também o surgimento do “orgulho surdo”, uma vez que o reconhecimento dos falantes das línguas de sinais passou a ser evidenciado.

Entende-se que uma das tantas razões também que pode explicar esse histórico de subordinação das línguas de sinais com relação às línguas não sinalizadas é o aspecto de modalidade. As línguas de sinais e as línguas “faladas” ou línguas “orais” se diferem consideravelmente quanto à sua modalidade. Sobre isso, tratarei na subseção a seguir.

3.1.1. Questões sobre modalidade linguística

As línguas de sinais são diferentes das línguas “faladas” ou línguas “orais” devido à modalidade linguística. Essa diferença se justifica também pelo fato de as línguas usadas pelas pessoas não Surdas envolverem basicamente a dimensão do som e da audição. Felipe e Monteiro (2006, p. 20) que definem a língua portuguesa como uma “língua de modalidade oral-auditiva, que utiliza, como canal ou meio de comunicação, sons articulados que são percebidos pelos ouvidos”, enquanto Quadros e Karnopp (2004, p. 47-48) consideram que as línguas de sinais são caracterizadas como línguas de modalidade “espaço-visual”, pois a “informação linguística é recebida pelos olhos e produzida pelas mãos”.

Já Rodrigues, Carlos (2018, p. 304-305) denomina as línguas não sinalizadas de “vocal-auditivas” e as línguas sinalizadas de línguas de modalidade “gestual-visual”. Sobre as características das línguas de modalidade gestual-visual, Rodrigues, Carlos (2018) cita McBurney (2004, p. 351) que afirma – na tradução do autor – que “[...] a modalidade de uma língua pode ser definida como sendo os sistemas físicos ou biológicos de transmissão por meio dos quais sua fonética se realiza”. Assim, para Rodrigues, Carlos, com base nessa definição de modalidade é preciso considerar a existência de diferentes sistemas de produção e percepção das línguas naturais. Conforme o autor:

Assim, podemos afirmar que as línguas orais, de *modalidade vocal-auditiva (oral-auditiva)*, contam com um sistema de articulação vocal e um sistema auditivo de recepção, contrastando-se às línguas de sinais, de *modalidade gestual-visual (manualvisual, espaço-visual)*, que contam com um sistema gestual de produção e um visual para sua percepção. (RODRIGUES, Carlos, 2018, p. 304).

Para Rodrigues, Carlos (2018, p. 304) fica claro que “a capacidade humana para linguagem manifesta-se por, pelo menos, duas modalidades de língua e que isso já pressupõe uma diferença de interface *articulatório-perceptual* [grifo meu] entre as línguas orais e de sinais”. E é a partir disso que várias questões ligadas às diferenças modais são implicadas, uma vez que, de acordo com o autor, as línguas vocal-auditivas possuem articuladores internos ao corpo responsáveis por aspectos acústicos e que necessitam da recepção auditiva do interlocutor para serem compreendidas, ao passo que as línguas de sinais, possuem articuladores externos ao corpo e visíveis, possíveis de se criar sinais gestuais que dependem da percepção visual dos interlocutores para serem compreendidas.

Alguns estudos da área demonstram as diferenças entre as línguas de modalidade vocal-auditivas e as línguas de modalidade gestual-visual. Essas pesquisas além de

demonstrarem aspectos em comum entre as duas línguas e somarem ao entendimento de que as línguas de sinais são línguas também naturais e humanas e, portanto, línguas de mesmo *status* linguístico, demonstram ainda as especificidades das línguas sinalizadas e o quanto elas se diferem das demais línguas.

A questão de modalidade também implica na denominação dos termos relacionados à língua. É possível notar, por exemplo, nos últimos anos um movimento crescente de pesquisadores – sobretudo Surdos – que passam a se posicionar politicamente com relação a determinadas terminologias no que se referem às línguas de sinais e seus desdobramentos dentro da esfera acadêmica e científica. É nesse contexto que pretendo discutir brevemente aqui também sobre alguns termos importantes de serem justificados e defendidos quanto ao seu uso, a saber: *sinalizar* (verbo), *sinalização* (substantivo) e *sinalizante* (substantivo); termos, por sua vez, empregados nesta tese.

É importante mencionar que esses termos, assim definidos, já vêm sendo empregados e consolidados na área por pesquisadores renomados com importantes pesquisas pioneiras na área de Libras no Brasil, sobretudo pesquisas inscritas nos Estudos Surdos e Estudos Linguísticos das Línguas de Sinais. Alguns são importantes de serem aqui mencionados, a saber: Karnopp (1999), Quadros (1999a)¹⁶, Perlin (2003), Stumpf (2005), Gesser (2006), Masutti (2007), Miranda (2007), Campello (2008), Leite (2008), Marques (2008), Strobel (2008), Faria-do-Nascimento (2009).

O uso dos termos: *sinalizar*, *sinalização* e *sinalizante* também é empregado em diversos estudos mais pontuais publicados e circulados por meio de artigos científicos na área, como os de: Sutton-Spence e Quadros (2006), McCleary e Viotti (2007) e entre outros.

A citação “[...] a língua falada é diferente da língua sinalizada [...]” é empregada em inúmeros trabalhos científicos na atualidade, assim como Wilcox & Wilcox (2005) defendem o termo *língua sinalizada* para esclarecer a distinção entre esta e a *língua falada*. Essas formas de expressão são entendidas nesta tese, como as mais adequadas para tratar sobre a língua de sinais, uma vez que são denominações que marcam a especificação da modalidade da língua.

Defende-se por parte de alguns autores da área de Libras que o termo *falar* (verbo) pode ser correspondente ao termo *sinalizar*, quando se refere à dimensão de uso da língua de sinais na esfera da cultura Surda. Porém, a denominação *falar*, além de não parecer ser tão bem aceita dentro da comunidade de intelectuais Surdos que pensam e pesquisam sobre a sua

¹⁶ Na tese de Quadros (1999a) o emprego do vocábulo é feito em inglês. A autora usa o termo *signer*, que pode ser traduzido para *sinalizante* (ou *sinalizador*).

própria língua, ainda encontra-se numa dimensão muito próxima e fortemente vinculada à fala no sentido de produção vocal, ou seja, à ação de *vocalizar*, *oralizar*. Isso pode ser reforçado, inclusive, quando se pensa no sinal em Libras correspondente a esse vocábulo e suas derivações. Para fins de elucidação dessa questão que julgo ser importante de ser aqui tratada, observam-se os recortes ilustrativos abaixo:

Figura 4: Emprego do sinal FALAR em Libras.



Fonte: elaborado pelo autor.

O sinal em Libras geralmente empregado para o conceito de *falar* é realizado com a mão em uma CM iniciada pela letra “P” cujo ponto de articulação é na região da boca, ou seja, região diretamente vinculada ao sistema articulatorio fonador e seus mecanismos de produção vocal sonora. Assim, ao pensar nos termos *falar* ou *sinalizar*, considerando o uso na língua portuguesa quando está se referindo à língua de sinais, recomenda-se o uso dos termos que já vem sendo empregados e consolidados, termos esses que preservam indiscutivelmente os traços culturais linguísticos dos Surdos, bem como demarcuem o valor e a riqueza da diferença modal da língua de sinais dentro da dimensão por onde a língua majoritária circula.

Empregar os termos em língua portuguesa: *sinalizar*, *sinalização* e *sinalizante* em textos e discursos, além de ser uma forma de o autor pesquisador se posicionar politicamente, é também uma estratégia eficaz para que a língua de sinais e sua diferença de modalidade sejam inseridas, demarcadas e, portanto, reconhecidas em textos e discursos logofonocêntricos onde a língua empregada, naturalmente de maior prestígio, é a língua majoritária das pessoas ouvintes.

Nesse sentido, entende-se ser indispensável passar olhar para essa questão também sob o ponto de vista político. Em uma dimensão de valorização daquilo que já foi construído desde então por outros pesquisadores da área e, também, de valorização da riqueza da língua em sua natureza. Ou seja, a Libras precisa ser enxergada em igualdade à língua portuguesa em termos de direitos, de uso, de acesso e de reconhecimento, mas não em termos de sua

constituição linguística. Assim, compreende-se que é adequado e oportuno emprego de sentenças em português como: “O discurso foi *sinalizado* pelo professor Surdo”; “A palestra será *sinalizada* pelo presidente da Associação”; “Exigem que a prova seja *sinalizada* ”; “Vou *sinalizar* minha palestra no evento”; “O professor já *sinalizou* sobre isso, você não viu?”; “O Congresso reuniu muitos *sinalizantes* da área”; “A comunicação de trabalho deve ser *sinalizada* ”; “Nosso objetivo é analisar gêneros da esfera acadêmica, *sinalizados* por profissionais e estudantes Surdos”; “A *sinalização* do seu filho é clara e coerente”; e assim por diante.

3.1.2. Uso e registro

Nesse ponto, é importante considerar sobre o uso e registro das línguas de sinais, em especial da Libras. Pode-se entender aqui duas formas principais de uso da Libras: sua forma *sinalizada* e sua forma *escrita* . Também as possibilidades de registro dessas formas: por meio de vídeo e por meio da escrita propriamente dita em seus diferentes tipos de suporte.

Para entender melhor sobre essa divisão, com base em Marques e Oliveira (2012), bem como em Cardoso (2016), tem-se o quadro comparativo abaixo:

Quadro 4: Quadro comparativo entre escrita e vídeo.

	ESCRITA	VÍDEO
Tipo de registro	Suporte físico e/ou digital	Suporte físico e/ou digital
	Mesma materialidade linguística ¹⁷ .	
Duração de conservação	Determinado ou Indeterminado	Determinado ou Indeterminado
	Mesmo tempo de existência	
Local de acesso e acervo.	Pode ser lida em qualquer lugar desde que disponibilizada ao público. Pode ser lida em documento físico ou digital (livro; arquivo digital) em acervo público ou particular.	Pode ser assistido em qualquer lugar desde que disponibilizado ao público. Pode ser assistido em documento físico o digital (DVD; arquivo em MP4) em acervo público ou particular.
	Mesma possibilidade de local e acervo.	
Interlocutor	Leitor	Leitor-espectador
	A leitura (no sentido tradicional – ler um texto escrito) e a leitura (no sentido amplo – ler/assistir qualquer tipo da materialidade linguística).	

Fonte: elaborado pelo autor com base em Marques e Oliveira (2012) e Cardoso (2016).

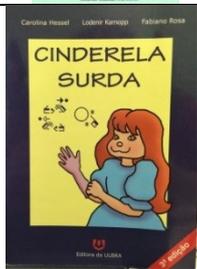
¹⁷ Destaca-se que “materialidade linguística” é um termo comum nos estudos de textos, segundo Bezerra (2017, p. 37): “É conveniente ressaltar que os termos ‘material’, ‘materialidade’ e ‘materializar’ são empregados aqui sem nenhuma conotação filosófica especial, mas apenas no sentido de que o texto, ao contrário do gênero, tem sempre um componente material, visível na escrita e audível na fala [bem como “visível no vídeo” - adendo meu], ao ser atualizado a partir de recursos disponíveis no sistema linguístico e noutros sistemas semióticos”.

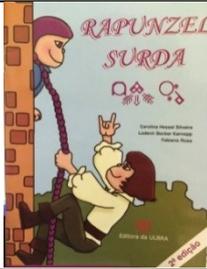
Sobre a escrita, mesmo que ela não seja o foco deste trabalho, cabe abrir um breve parêntese para considerá-la brevemente nessa subseção. A escrita das línguas de sinais possui alguns sistemas propostos e já empregados e circulados dentro da comunidade Surda. O sistema *SignWriting* (SW) é um desses sistemas que vem sendo gradativamente refletido em vários gêneros, dentre eles gêneros da esfera artística e gêneros da esfera acadêmica.

O SW foi criado por Valerie Sutton em 1974 e é um sistema que permite escrever sinais de qualquer língua de sinais, com descrições de formas das mãos, movimentos, pontos de articulação e marcas não-manuais (expressões faciais e expressões corporais), conforme pontuam Quadros (1999b) e Stumpf (2005). Pesquisadores brasileiros como Stumpf (2005), Nobre (2011), Wanderley (2012), Ampessan (2015), entre outros, usam o termo *escrita de sinais* se referindo em especial a esse sistema.

Trazendo a escrita a partir da discussão de gêneros, cabe mencionar que a Libras em seu uso e registro escrito é refletida em várias produções, dentre elas produções literárias que podem ser compreendidas como gêneros da esfera artística. Abaixo, um quadro que demonstra por meio de recortes ilustrativos, exemplos de obras literárias que circulam na comunidade Surda que compreendem o uso da escrita de sinais, em especial, a escrita por meio do sistema SW.

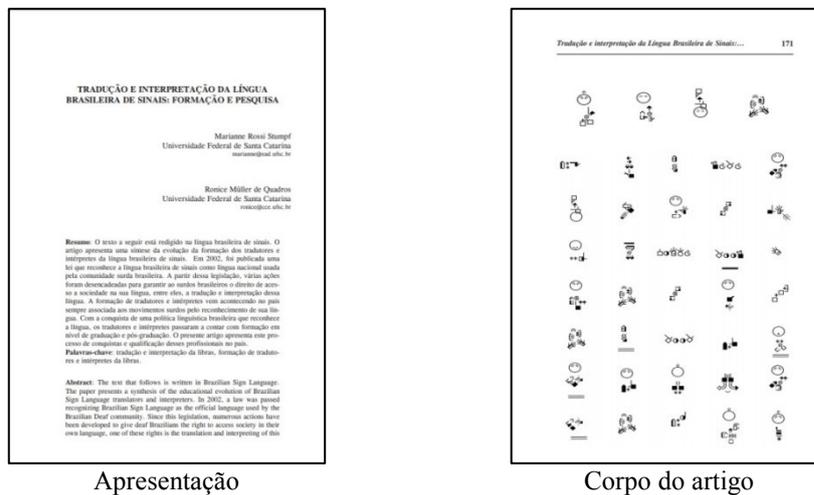
Quadro 5: Exemplos de gêneros literário em Libras escrita.

Exemplos de gêneros em Libras escrita da esfera artística	
	<p>Título da Obra: <i>Uma menina chamada Kauana</i> Autora: <i>Karin Lilian Strobel</i> Ano: 1995 Adaptação: <i>Marianne Stumpf (1997)</i></p>
	<p>Título da Obra: <i>Cinderela Surda</i> Autores: <i>Carolina Hessel, Lodenir Karnopp e Fabiano Rosa.</i> Ano: 2003</p>

	<p>Título da Obra: <i>Rapunzel Surda</i> Autores: <i>Carolina Hessel, Lodenir Karnopp e Fabiano Rosa.</i> Ano: 2003</p>
	<p>Título da Obra: <i>Feijãozinho Surdo</i> Autora: <i>Liège Gemelli Kuchenbecker</i> Ano: 2009</p>

Além de gêneros da esfera artística, vale mencionar gêneros em Libras escrita que circulam a esfera acadêmica. Considera-se a publicação de Stumpf e Quadros (2010) seja talvez a primeira enquanto gênero artigo científico da esfera acadêmica a ser produzida e compartilhada. Esse artigo, porém, embora escrito em SW, possui sua apresentação inicial das primeiras páginas escrita em língua portuguesa. Abaixo, recortes ilustrativos sobre esse trabalho.

Figura 5: Artigo científico em Libras escrita de Stumpf e Quadros (2010).

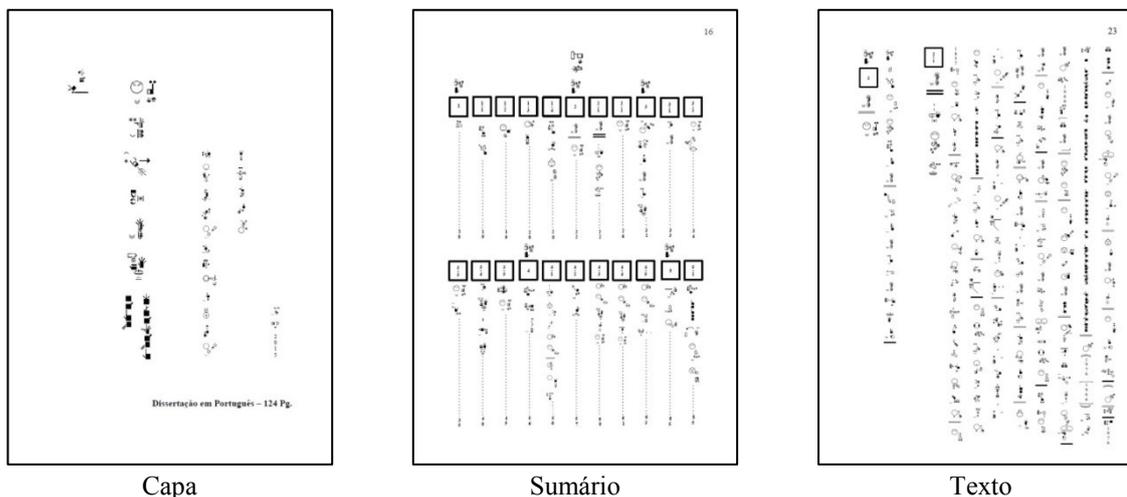


Fonte: Stumpf e Quadros (2010).

Além desse gênero acima mencionado, dentro da esfera acadêmica, considerando a Libras em seu uso e registro escrito, vale mencionar também a dissertação de mestrado do pesquisador João Paulo Ampessan, publicada de forma bilíngue, ou seja, em escrita de sinais

pelo sistema SW e em língua portuguesa, no ano de 2015. Da mesma forma, para fins de ilustração segue os recortes abaixo:

Figura 6: Dissertação em Libras escrita por Ampessan (2015).



Fonte: Ampessan (2015).

É importante destacar que, além da dissertação de Ampessan em Libras escrita, existe, também publicada em 2015, a dissertação de Daniele Miki Fujikawa Bózoli¹⁸. Como o foco desta tese não se trata a Libras em seu uso e registro escrito, vale citar brevemente somente esses trabalhos. Porém, é importante destacar que pesquisas futuras voltadas aos gêneros emergentes em Libras escrita na esfera acadêmica, bem como outras esferas, podem ser realizadas e aprofundadas.

Por hora, as considerações apresentadas sobre Libras escrita e seus exemplos de gêneros da esfera artística e gêneros da esfera acadêmica foram aqui trazidas para fins de distinção entre o uso e o registro escrito e o uso e o registro em vídeo da Libras. O uso e o registro em vídeo da Libras é entendido aqui nesta pesquisa a partir da denominação Libras videossinalizada, como será melhor detalhada na seção a seguir.

3.2. Vídeo como registro das línguas de sinais: a Libras videossinalizada

É provável que o primeiro registro histórico de línguas de sinais através do uso do vídeo, ou seja, da forma videossinalizada, seja o de George William Veditz. Segundo Padden e Humphries (2005, p. 57-58), alguns anos depois da invenção do cinema, a Associação

¹⁸ Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/dissertacoes/2015%20-%20Daniele.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2018.

Nacional dos Surdos (NAD), dos Estados Unidos, passou a investir na produção de “filmes cinematográficos em movimento” com o objetivo de promover a língua dos sinais e disseminar o que os Surdos sinalizavam nos Estados Unidos e ao redor do mundo, “dando voz” a esses sujeitos. Segundo autores (2005), em 1913 a NAD produziu 18 filmes, mas muitos desses sofreram danos, devido ao excesso de uso e mal cuidado por parte de projetistas nas salas de exibição em diferentes cidades. Também devido à forma descuidada desses filmes quando transportados de um local para outro.

Felizmente, a Universidade de Gallaudet conseguiu preservar alguns filmes mais antigos. Por exemplo, um deles foi feito em língua de sinais americana (ASL) no ano de 1913 e sinalizado por George William Veditz¹⁹, um dos líderes Surdos mais importantes da história da comunidade Surda americana²⁰. Observa-se o recorte ilustrativo abaixo:

Figura 7: *Preservation of the Sign Language* de George William Veditz (1913).



Fonte: imagem extraída do vídeo disponível na internet²¹.

Esse vídeo pode ser considerado como um gênero discursivo – sinalizado por Veditz (1913) – bastante importante, pois é um dos primeiros registrados em ASL (PADDEN e HUMPHRIES, 2005 e CARDOSO, 2016). Segundo Wilcox & Wilcox (2005, p. 28-29), o vídeo de Veditz (1913) incentiva todas as pessoas Surdas a cuidar e preservar suas línguas sinalizadas como “o presente mais nobre que Deus ofereceu aos surdos”.

Entende-se aqui, esse vídeo, talvez como um dos gêneros videossinalizados mais antigos da história das línguas de sinais e comunidades Surdas no mundo. É importante lembrar que, naquela época, os primeiros cinemas no mundo eram mudos até a invenção dos cinemas sonoros na década de 20 a 30. Os cinemas mudos “são os filmes que não possuíam a

¹⁹ Disponível em: <https://www.gallaudet.edu/about/history-and-traditions/george-veditz>. Acesso em: 19 fev. 2019.

²⁰ Ver Van Cleve e Crouch (1989).

²¹ Disponível em: <https://cdn.loc.gov/service/mbrs/ntscrm/01815816/01815816.jpg>. Acesso em: 19 fev. 2019.

trilha sonora com acompanhamento das imagens exibidas. Nos filmes mudos para o entretenimento, o diálogo era transmitido através de gestos e mímica” (SOUSA, 2015, p. 20).

De acordo com Cruz (2010), quando tratamos do cinema mudo, lembramos imediatamente do cineasta, ator e multitalentoso Charles Chaplin que sempre valorizou os trabalhos nos cinemas mudos. Pois, esse famoso é muito criativo e expressivo nos cinemas mudos, assim como Sousa (2015, p. 20) observa que “o cinema mudo era retratado com imagens fotográficas em preto e branco [...] legendas inseridas em fundo preto. Os personagens se comunicavam por meio de gestos e mímicas”. Considera-se, diante disso, que a sinalização de Veditz (1913) se difere totalmente de gestos e mímicas, pois a comunicação de língua de sinais é linguisticamente complexa e rica em visualidade.

Ao falar sobre o vídeo como registro da língua de sinais, fala-se sobre a materialidade audiovisual ou videossinalizada. De acordo com ABNT/NBR 6023 (2018, p. 24), o documento audiovisual “inclui imagens em movimento e registros sonoros nos suportes: disco de vinil, DVD, Blu-Ray, CD, fita magnética, vídeo, filme em película, entre outros”. Os autores como Cruz (2010), Silva e Madio (2016), Vanoye e Goliot-Lété (2005), entre outros, consideram o audiovisual como filme ou documento com sincronismo da imagem e do som. Mas Rodrigues, Chris (2007, p. 25) observa que não existe padronização para termos técnicos usados por aqueles que trabalham com cinema e televisão.

Por isso, nesta tese, tenta-se buscar uma concepção básica tanto para *audiovisual* quanto para *videossinalizada*. Encontrou-se ao longo desta pesquisa uma importante fonte – relativa à Agência Nacional do Cinema (ANCINE) do Brasil – que disponibiliza o seguinte *e-book* intitulado: “*Glossário de Termos Técnicos do Cinema e do Audiovisual, Utilizados pela ANCINE*”, publicado em 2008. Esse material tem o objetivo de “proporcionar a consulta e a padronização do entendimento do significado das obras, abreviaturas, siglas e termos técnicos ou usuais, utilizados pelas diversas áreas da ANCINE” (ANCINE, 2008, p. 12). Observam-se os termos *obra audiovisual*, *obra cinematográfica* e *obra videofonográfica* definidos pela ANCINE a seguir:

Quadro 6: Definições desenvolvidas por ANCINE (2008).

OBRA AUDIOVISUAL	“Produto da fixação ou transmissão de imagens, com ou sem som, que tenha a finalidade de criar a impressão de movimento, independentemente dos processos de captação, do suporte utilizado inicial ou posteriormente para fixá-las ou transmiti-las, ou dos meios utilizados para sua veiculação, reprodução, transmissão ou difusão” (2008, p. 49).
-----------------------------	--

OBRA CINEMATOGRAFICA	“Obra audiovisual, cuja matriz original de captação é uma película com emulsão fotossensível ou matriz de captação digital, cuja destinação e exibição sejam prioritariamente e inicialmente o mercado de salas de exibição” (2008, p. 49).
OBRA VIDEOFONOGRÁFICA	“Obra audiovisual, cuja matriz original de captação é um meio magnético, com capacidade de armazenamento de informações que se traduzem em imagens em movimento, com ou sem som” (2008, p. 51).

É importante refletir sobre a concepção *audiovisual* definida pela Associação Brasileira de Normas Técnicas, ABNT/NBR 6023 (2018) e pela ANCINE (2008), pois na maioria dos gêneros em Libras, registrados em materiais cinematográficos ou videofonográficos, o som não é necessário, pois esta língua é considerada uma comunicação essencialmente visual, não sonora, uma vez lembrando que Quadros e Karnopp (2004) entendem que a informação na Libras é produzida pelas mãos e recebida pelos olhos. Portanto, não cabe usar o termo *visual* depois da palavra Libras, assim: *Libras visual*, para referir-se ao *vídeo em Libras*, pois esta língua já é percebida visualmente através da face-a-face ou do vídeo, tanto analógico quanto digital.

Já o termo *cinematográfico* pode ser tradicional e popularmente entendido como cinema apresentado inicialmente na sala de exibição, assim como a própria ANCINE (2008) considera. E o termo *videofonográfico*, de acordo com o dicionário Aurélio, de Ferreira, A. (2010) é “relativo ou pertencente a videofonograma”²², esse significado é parecido com a definição da ANCINE. No entanto, observa-se que este termo pode ser considerado como uma palavra demasiadamente técnica e incomum, principalmente quando pensada na área de estudos da Libras.

De modo mais simples e acessível, o termo *audiovisual*, com base na denominação da ANCINE, é usado para referir-se a qualquer meio de comunicação cinematográfica (ou videofonográfica), com ou sem som. Assim, tem-se, por exemplo, em uso: “O gênero foi produzido em Libras audiovisual”, ou seja, “o gênero foi filmado em Libras”. Porém, esse termo pode ser problemático e gerar confusão na sua compreensão, pelo fato de o prefixo “audio” se referir automaticamente ao conceito de “som”. Como a Libras é caracterizada pelo aspecto essencialmente visual e não sonoro, é comum perceber vídeos em Libras gravados no

²² De acordo com o dicionário Aurélio, de Ferreira, A. (2010), o termo *videofonograma* é um “produto da fixação de imagem e som em suporte material”.

modo silencioso. É nesse contexto que, nesta tese, adota-se um termo *videossinalizado*²³ que será explicado a seguir.

Propõe-se aqui especificar os formatos de registro em Libras da seguinte forma:

Quadro 7: Especificação dos formatos de Libras.

Libras		O texto em Libras refere-se ao que é produzido em Libras face a face ou sem especificação do tipo de registro e formato ou refere-se à generalização.
Libras videossinalizada		O texto em Libras videossinalizada refere-se ao uso da Libras gravada em vídeo sendo que o sinalizante ²⁴ estabelece uma relação com a câmera, com ou sem emprego de recursos multimodais.
Libras escrita		O texto em Libras escrita refere-se ao que é produzido em SignWriting, ELiS, entre outros sistemas de escrita de sinais.
Libras avatar		O texto em Libras avatar refere-se ao que é produzido/apresentado pelo personagem/sinalizante criado em 3D, por exemplo: aplicativos <i>HandTalk</i> , <i>ProDeaf</i> (extinto) e <i>VLibras</i> .
Libras tátil		O texto em Libras tátil refere-se ao que é produzido ou comunicado com o contato tátil nas mãos entre surdocegos enquanto interlocutor (ver TATEISHI, SANTOS e JINHUI, 2010; ARAÚJO, PEREIRA e JÚNIOR, 2014).

Fonte: elaborado pelo autor.

Nesta tese, é importante esclarecer a proposta trazida sobre termo *Libras videossinalizada*, que se refere ao texto gravado em vídeo com a presença de um ou mais sinalizantes de Libras, tendo ciência de que a câmera deve estar direcionada a ele, e sua sinalização está visivelmente monitorada de acordo com os limites e necessidades desse equipamento tecnológico.

²³ O termo *videossinalizado* foi sugerido e discutido durante a defesa final desta tese de doutorado. Tanto eu como demais membros da banca concordamos com o termo proposto.

²⁴ O sinalizante pode ser um profissional tradutor-ator. A definição do termo *Tradutor-Ator* (TA) é entendida por Quadros e Souza (2008) a partir de Novak (2005). Os autores afirmam que a prática desses profissionais decorre de textos sinalizados filmados, isso por que se trata de “uma língua vista pelo outro”, além disso, “é uma língua que usa as mãos, o corpo, as expressões faciais” e, portanto, “uma língua que depende da presença material do corpo do ‘tradutor’, por isso também ‘ator’ ” (NOVAK, 2005 *apud* QUADROS e SOUZA, 2008, p. 175).

É relevante especificar os formatos de registro na Libras, como os exemplos no quadro acima quando estudos sobre gêneros são realizados, uma vez que a discussão e a análise precisam ser adequadas e coerentes, considerando o foco de análise referente aos três elementos bakhtinianos – *conteúdo temático*, *estilo* e *construção composicional* – que podem ser diferentes considerando as diferenças de materialidade

É possível perceber, por exemplo, que a diferença mais significativa pode se apresentar no elemento *construção composicional*, isso porque as características e condições estruturais de um gênero registrado em Libras videossinalizada marcam e especificam sua própria *construção composicional*, que pode, por sua vez, ser diferente da *construção composicional* marcada e especificada pelas características e condições estruturais do mesmo gênero registrado em Libras escrita.

Entende-se que o vídeo usado como recurso de registro da Libras e, portanto, da Libras videossinalizada, implica falar sobre as diferentes tecnologias empregadas nos gêneros. Por exemplo, nas novas tecnologias disponibilizadas atualmente é possível encontrar inúmeras ferramentas que podem permitir com que os textos e os gêneros se tornem multimodais. Nesse sentido, cabe retomar o que Marcuschi (2010b, p. 39) fala sobre os gêneros em ambientes virtuais. Para autor, uma das características centrais desses gêneros é a “alta interatividade, em muitos casos síncronos, embora escritos. Isso lhes dá um caráter inovador no contexto das relações entre fala-escrita” (Ibid., p. 39). Ainda conforme o autor, “tendo em vista a possibilidade cada vez mais comum de inserção de elementos visuais no texto (imagens, fotos) e sons (músicas, vozes) pode-se chegar a uma interação de imagem, voz, música e linguagem escrita em uma integração de recursos semiológicos” (Ibid., p. 39).

Para que seja possível se debruçar melhor sobre a questão dos gêneros, especificamente, em Libras videossinalizada no que se refere às esferas humanas, é necessário trazer uma nova seção nesse capítulo voltada a esse assunto em especial. Assim, uma vez tento apresentado aqui algumas considerações sobre a língua de sinais de forma geral e sobre a Libras, bem como considerações sobre questões de modalidade, uso e registro, cabe agora retomar especificamente o tema dos gêneros para se pensar os gêneros emergentes em Libras videossinalizada na esfera acadêmica.

3.3. Gêneros emergentes em Libras videossinalizada

Conforme Dionísio (2011, p. 139) os gêneros podem ser multimodais, porque quando se fala/sinaliza ou se escreve um texto, no mínimo dois modos de representação são usados:

palavras/sinais e gestos; palavras/sinais e entonações; palavras/sinais e imagens; palavras/sinais e tipográficas; palavras/sinais e expressões faciais; palavras/sinais e animações, etc. Assim, podem-se entender os gêneros que se apresentam em Libras videossinalizada, como gêneros multimodais. Dionisio (2011) destaca o fenômeno das tecnologias de informação na sociedade contemporânea. Seguindo as palavras da autora:

Imagem e palavra mantêm uma relação cada vez mais próxima, cada vez mais integrada. Com o advento das novas tecnologias, com muita facilidade se criam novas imagens, novos *layouts*, bem como se divulgam tais criações para uma ampla audiência. Todos os recursos utilizados na construção dos gêneros textuais exercem uma função retórica na construção de sentidos dos textos. Cada vez mais se observa a combinação de material visual com a escrita; vivemos, sem dúvida, numa sociedade cada vez mais visual (DIONISIO, 2011, p. 138).

Dionisio (2011, p. 139) defende também que “na sociedade contemporânea, a prática de letramento da escrita, do signo verbal, deve ser incorporada a prática de letramento da imagem, do signo visual”. Sendo assim, Dionisio (2011, p. 150) apresenta a concepção dos termos *multimodal* e *multimídia* que “[...] estão sendo usados como sinônimos para designar os modos de apresentação, ou seja, representação verbal e pictorial da informação”.

Conforme Marcuschi (2011, p. 19) para demonstrar que os gêneros “não são classificáveis como formas puras, nem podem ser catalogados de maneira rígida” se faz necessário o trabalho de explorar “a dinamicidade, a situacionalidade, a historicidade e a plasticidade dos gêneros”. Segundo o autor (2011, p. 19), os gêneros “devem ser vistos na relação com as práticas sociais, os aspectos cognitivos, os interesses, as relações de poder, as tecnologias, as atividades discursivas e no interior da cultura. Eles mudam, fundem-se, misturam-se para manter sua identidade funcional com inovação organizacional”.

É interessante observar que Marcuschi (2008, p. 167) entende que um gênero pode empregar a função de outro gênero. Por exemplo, quando um determinado gênero (artigo de opinião, por exemplo) é empregado a partir do formato de outro (de um poema, por exemplo) acontece o que o autor denomina de *intergenericidade*. Já a *heterogeneidade tipológica* de acordo com Marcuschi, acontece quando um gênero é constituído de mais de um *aspecto tipológico*. Por exemplo, quando em uma carta pessoal é possível observar a presença de aspectos de narrativa, argumentação e descrição ao mesmo tempo (Ibid., 2008, p. 166).

Sobre os *aspectos tipológicos* em específico, vale trazer o que Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) entendem sobre isso. Para os autores, os aspectos tipológicos podem influenciar a função de cada gênero do discurso. Para que seja possível entender de forma

mais elucidativa como os gêneros podem se organizar de acordo com os domínios sociais de comunicação, as capacidades de linguagem dominante e seus exemplos de gêneros observa-se o quadro abaixo baseada na classificação dos autores supracitados (Ibid., 2004, p. 102).

Quadro 8: Aspectos tipológicos conforme Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004).

Domínios Sociais de Comunicação	Capacidades de Linguagem Dominante	Exemplos de Gêneros Oraís e Escritos
Cultura Literária Ficcional	NARRAR Mimeses da ação através da criação de intriga	<i>Conto maravilhoso</i> <i>Fábula</i> <i>Lenda</i> <i>Narrativa de aventura</i> <i>Narrativa de ficção científica</i> <i>Narrativa de enigma</i> <i>Novela fantástica</i> <i>Conto parodiado</i>
Documentação e Memorização de Ações Humanas	RELATAR Representação pelo discurso de experiências vividas, situadas no tempo	<i>Relato de experiências vividas</i> <i>Relato de viagem</i> <i>Testemunho</i> <i>Curriculum Vitae</i> <i>Notícia</i> <i>Reportagem</i> <i>Crônica esportiva</i> <i>Ensaio biográfico</i>
Discussão de Problemas Sociais Controversos	ARGUMENTAR Sustentação. Refutação e negociação de tomadas de posição	<i>Texto de opinião</i> <i>Diálogo argumentativo</i> <i>Carta do leitor</i> <i>Carta de reclamação</i> <i>Deliberação informal</i> <i>Debate regrado</i> <i>Discurso de defesa</i> <i>Discurso de acusação</i>
Transmissão e Construção de Saberes	EXPOR Apresentação textual de diferentes formas dos saberes	<i>Seminário</i> <i>Conferência</i> <i>Artigo ou verbete de enciclopédia</i> <i>Entrevista de especialista</i> <i>Tomada de notas</i> <i>Resumo de textos “expositivos” ou explicativos</i> <i>Relatório científico</i> <i>Relato de experiência científica</i>
Instruções e Prescrições	DESCREVER AÇÕES Regulação mútua de comportamentos	<i>Instruções de montagem</i> <i>Receita</i> <i>Regulamento</i> <i>Regras de jogo</i> <i>Instruções de uso</i> <i>Instruções</i>

Fonte: Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 102).

Como observa Marcuschi (2010a, p. 20) é fundamental conhecer a respeito do crescimento e da produção de novos gêneros na sociedade.

[...] uma simples observação histórica do surgimento dos gêneros revela, numa primeira fase, povos de cultura essencialmente oral desenvolveram um conjunto limitado de gêneros. Após a invenção da escrita alfabética por volta do século VII a.C, multiplicam-se os gêneros, surgindo os típicos da escrita. Numa terceira fase, a partir do século XV, os gêneros expandem-se com o florescimento da cultura impressa para, na fase intermediária de industrialização iniciada no século XVIII, dar início a uma grande ampliação. Hoje, em plena fase denominada *cultura eletrônica*, com o telefone, o gravador, o rádio, a TV e, particularmente o computador pessoal e sua aplicação mais notável, a *internet*, presenciamos uma explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação, tanto na oralidade como na escrita (Ibid., 2010a, p. 20).

Para poder discutir, reconhecer e identificar os gêneros emergentes em Libras videossinalizada, é preciso entender sobre as esferas (campos) de atividades humanas, bem como diz Bakhtin (2011 [1979]). Essa necessidade realmente é destacada e valorizada por Brait (2002, p. 147-148) quando afirma que é possível compreender diversos gêneros e seu papel na relação das atividades humanas e das atividades da linguagem. Para a autora “não podemos falar de gêneros sem pensar na esfera de atividades específicas em que eles se constituem e atuam, aí implica as condições de produção, de circulação e de recepção”. Conforme Brait (ibid., p. 147-148):

Caso se deixe de lado esses ingredientes ou mesmo um deles, poderemos cair numa ideia mecanicista de gênero discursivo, escamoteando um fato fundamental da teoria bakhtiniana que é, precisamente, a atenção dada as especificidades das atividades humanas e as especificidades dos gêneros discursivos que as constituem e que com elas entretêm uma relação dialética, profundamente viva.

Machado, A. (2010, p. 151) afirma que antes de começar a trabalhar e/ou ensinar sobre os gêneros, o primeiro passo seria, obviamente, “identificar os gêneros existentes em nossa sociedade”. Portanto, conhecê-los ajuda a compreender como suas características foram construídas historicamente e utilizadas socialmente por cada campo de atividade humana. Nesse sentido, entende-se para que seja possível discutir especificamente sobre os gêneros em Libras, em especial, sobre os gêneros em Libras videossinalizada, é importante identificar esses gêneros.

A fim de poder identificar quais gêneros são emergentes e circulam pela comunidade Surda, em especial, os gêneros em Libras videossinalizada, voltados à esfera artística, esta tese contou com uma primeira etapa de investigação que compreendeu um levantamento inicial de gêneros em Libras de forma geral. De caráter exploratório, esse levantamento foi realizado como um tipo de sondagem para verificação de possíveis gêneros em Libras

videossinalizada disponíveis em plataformas digitais de acesso livre e domínio público na internet.

É possível observar, de forma geral, que a área de Libras no Brasil toma novas proporções significativas com o passar dos anos e que isso implica na presença cada vez mais presente da Libras e dos Surdos nas diferentes esferas humanas. Ana Regina Campello, intelectual Surda e professora pesquisadora atualmente vinculada ao Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) lembra que no contexto brasileiro, a Libras está crescendo através de uma nova forma de divulgação. Campello (2007, p. 112-113) afirma que, na contemporaneidade, de forma geral, é possível destacar a presença de novos discursos – e, portanto de novos gêneros do discurso [adendo meu] – nas diferentes áreas, incluindo a área que se pensa sobre as línguas de sinais. Esses novos discursos se materializam não apenas verbalmente – seja na sinalização ou na escrita – mas, também, se materializam conforme a autora por meio de imagens; “discursos predominantemente imagéticos que bombardeiam os sujeitos que consomem o conhecimento de novas formas” (Ibid., p. 112-113).

Cabe aqui buscar o conhecimento sobre os gêneros emergentes em Libras, sejam eles materializados a partir do vídeo, da escrita com o uso da imagem ou não. Pretende-se saber, diante desse levantamento exploratório os gêneros emergentes que circulam na comunidade Surda brasileira, que são de acesso de domínio público via internet e que sejam difundidos, compartilhados e consumidos pelos interlocutores Surdos e não Surdos que dividem as mesmas esferas humanas comunicativas.

Diante dessa sondagem inicial realizada, naturalmente, não foram considerados todos os gêneros em Libras videossinalizada emergentes que circulam pela comunidade Surda na internet. O foco desta investigação, como já mencionado, são os gêneros emergentes em Libras voltados à esfera acadêmica, porém, vale mencionar brevemente sobre alguns gêneros identificados durante a etapa exploratória de realização do levantamento outros gêneros que não se inscrevem na esfera acadêmica especificamente, mas que se inscrevem na esfera artística, na esfera jurídica e na esfera jornalística e televisiva.

Em termos de gêneros em Libras videossinalizada da esfera artística, por exemplo, destaca-se as produções realizadas pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos, o INES (ver ROSA, F., 2011). Talvez o pioneiro na iniciativa da produção de vídeos voltados a funções didáticas e artísticas – especificamente literárias – o INES pode ser considerado como uma instituição referência na produção de diversos gêneros em Libras videossinalizada.

É interessante destacar a história da TV INES, por exemplo, que foi fundada em 2013. Consequentemente a parceria da instituição com a Associação de Comunicação Educativa

Roquette Pinto (ACERP) que viabilizam a primeira *webTV* em totalmente em Libras, com legendas e locução²⁵. Abaixo, segue alguns recortes ilustrativos de produções literárias da esfera artística produzidas pelo INES, em especial para TV INES:

Figura 8: Gêneros literários produzidos em Libras videossinalizada pelo INES (2005).

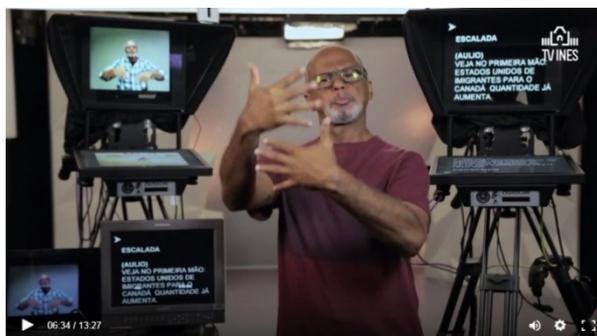


Fonte: imagens extraídas do vídeo disponível na internet²⁶.

Nos recortes acima, é possível observar o emprego de vários aspectos que compõem o gênero em questão, no que se refere, por exemplo, à vestimenta (figurino) dos narradores que contam a história em Libras do “O Patinho Feito”. Observa-se o uso de cenário, da combinação de animação, legenda e demais recursos semiológicos presentes nesse gênero em especial.

Outro gênero aqui importante de ser mencionado, também muito difundido e com produções de qualidade vinculadas ao INES, é o vinculado a vídeos da esfera televisiva e jornalística. O vídeo *Bastidores TV INES*, por exemplo, apresenta uma reportagem de como se dão os bastidores da própria TV INES. Abaixo, um recorte ilustrativo desse vídeo mencionado:

Figura 9: Bastidores da TV INES.



Fonte: imagem extraída do vídeo disponível na internet²⁷.

²⁵ Disponível em: http://tvines.org.br/?page_id=33. Acesso em: 10 mai. 2019.

²⁶ Disponível em: <http://tvines.org.br/?p=5760> Acesso em: 25 jan. 2019.

O gênero em Libras videossinalizada, como no caso do vídeo *Bastidores TV INES*²⁷, pode ser considerado um gênero *metalinguístico* ou de *metacinema*. Bagno (2015, p. 205) afirma que “uma *metalinguagem*, como se sabe, é qualquer terminologia ou linguagem empregada para discutir a própria lingua(gem), seja ela verbal ou não verbal”. O autor compara a *metalinguagem* com o *metacinema*: “um filme que aborda o próprio fazer cinematográfico é um filme *metalinguístico* (é *metacinema*)” (Ibid., p. 205). Ao considerar outros exemplos nesse sentido, o autor comenta que “o mesmo rótulo se aplica a um poema que fala sobre o fazer poético, a uma canção que discorre sobre o ato de fazer música e assim por diante” (Ibid., p. 205).

Nesse contexto, entendo ser importante trazer uma breve reflexão sobre a função *metalinguística* na área de Libras. Com base em Jakobson (2010 [1967]), Trask (2008) e Chalhub (2006), para falar sobre qualquer *linguagem-objeto* é preciso ter uma *metalinguagem*. Por exemplo, usa-se o português (como *metalinguagem*) para falar/explicar sobre o português (como *linguagem-objeto*). Na atualidade de pesquisas brasileiras sobre Libras, é possível perceber que inúmeras investigações publicadas usam o português (como *metalinguagem*) para falar/explicar sobre a Libras (como *linguagem-objeto*). Vale destacar, porém, que existe poucas pesquisas publicadas que usam a Libras para falar/explicar sobre a própria língua, algumas delas serão mencionadas nas próximas seções.

Sobre a questão da metalinguagem cotidiana, segundo Jakobson (2010 [1967], p. 162):

[...] a metalinguagem não é apenas um instrumento científico necessário, utilizado pelos lógicos e linguistas; desempenha também papel importante em nossa linguagem cotidiana [...] Sempre que o remetente e/ou o destinatário têm necessidade de verificar se estão usando o mesmo código, o discurso focaliza o código; desempenha uma função *metalinguística* [...].

Com base no que Jakobson (2010 [1967]) pontua, é possível perceber que a Libras é frequentemente usada como *metalinguagem* no cotidiano dos sinalizantes para sinalizar/explicar aspectos da própria língua em situações de comunicação face-a-face, bem como em produções videossinalizadas (vídeos compartilhados no *YouTube*, *Facebook*, *Whatsapp*), etc. O número de ocorrências desse fenômeno é expressivo no uso cotidiano da língua, porém, no campo científico e acadêmico, esse fenômeno não é pesquisado e discutido

²⁷ Disponível em: <http://tvines.org.br/?p=17807>. Acesso em: 05 nov. 2018.

²⁸ Esse vídeo conta, além da Libras sinalizada, com recursos multimodais: dublagem vocal e legenda em português.

suficientemente em trabalhos elaborados e publicados diretamente em Libras. O número de pesquisas científicas publicadas em português que tratam sobre diferentes fenômenos da Libras é expressivo, porém, trabalhos elaborados e publicados em língua de sinais trazendo a própria Libras como objeto de discussão, são inexpressivos. Entendo que quanto mais tiverem pesquisas científicas elaboradas e publicadas diretamente em Libras videossinalizada e/ou escrita, mais a função e o desempenho *metalinguísticos* da própria Libras será enriquecida.

Além da Figura 9, também é possível identificar as produções jornalísticas da TV INES, no que se refere a gêneros da esfera televisiva e jornalística como o Jornal da TV INES, exemplificado abaixo por meio de recortes ilustrativos. Também se tratam de gêneros em Libras videossinalizada, que circulam nas comunidades Surdas brasileiras e que estão disponíveis para acesso na internet em plataformas de domínio público.

Figura 10: Jornal da TV INES.



Apresentador Surdo.

Ouvinte interpreta de uma notícia oral para Libras.

Fonte: imagens extraídas do vídeo disponível na internet²⁹.

Considerando o que antes foi mencionado sobre a multiplicidade de gêneros e como eles podem estar ligados e dialogados entre si, vale mencionar que dentro da esfera televisiva o INES também produz outros gêneros que também podem ser entendidos como gêneros da esfera acadêmica, como é o caso do *Manuário* em Libras videossinalizada produzido pela instituição. Abaixo esse exemplo é trazido por meio dos seguintes recortes ilustrativo:

²⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xrnKScaEMvk>. Acesso em: 10 abr. 2019.

Figura 11: *Manuário* produzido pelo INES (2014).



Fonte: imagens extraídas do vídeo disponível na internet³⁰.

Observam-se os elementos estilísticos e de construção composicional (elementos esses que serão mais tarde mencionados com maior detalhe na segunda etapa da pesquisa) que estão relacionados aos recursos semiológicos empregados. No exemplo acima, o plano de fundo é empregado na cor preta e a vestimenta do sinalizante apresentador é na cor cinza que contrasta com os demais elementos visuais do vídeo. Diante desses recursos semiológicos visuais, é possível entender que os gêneros em Libras videossinalizada também variam no sentido de elementos estilísticos e de construção composicional dentro de uma mesma esfera.

Cabe contextualizar que o *Manuário* produzido pela TV INES implica em produções videossinalizadas voltadas à apresentação de biografias de autores e personalidades referências, compartilhando o sinal-nome desses autores e personalidades e um pouco da história de vida pessoal e profissional, tendo como foco estudantes Surdos, não surdos e profissionais da área da Libras em geral, bem como demais interessados em acessar essas produções.

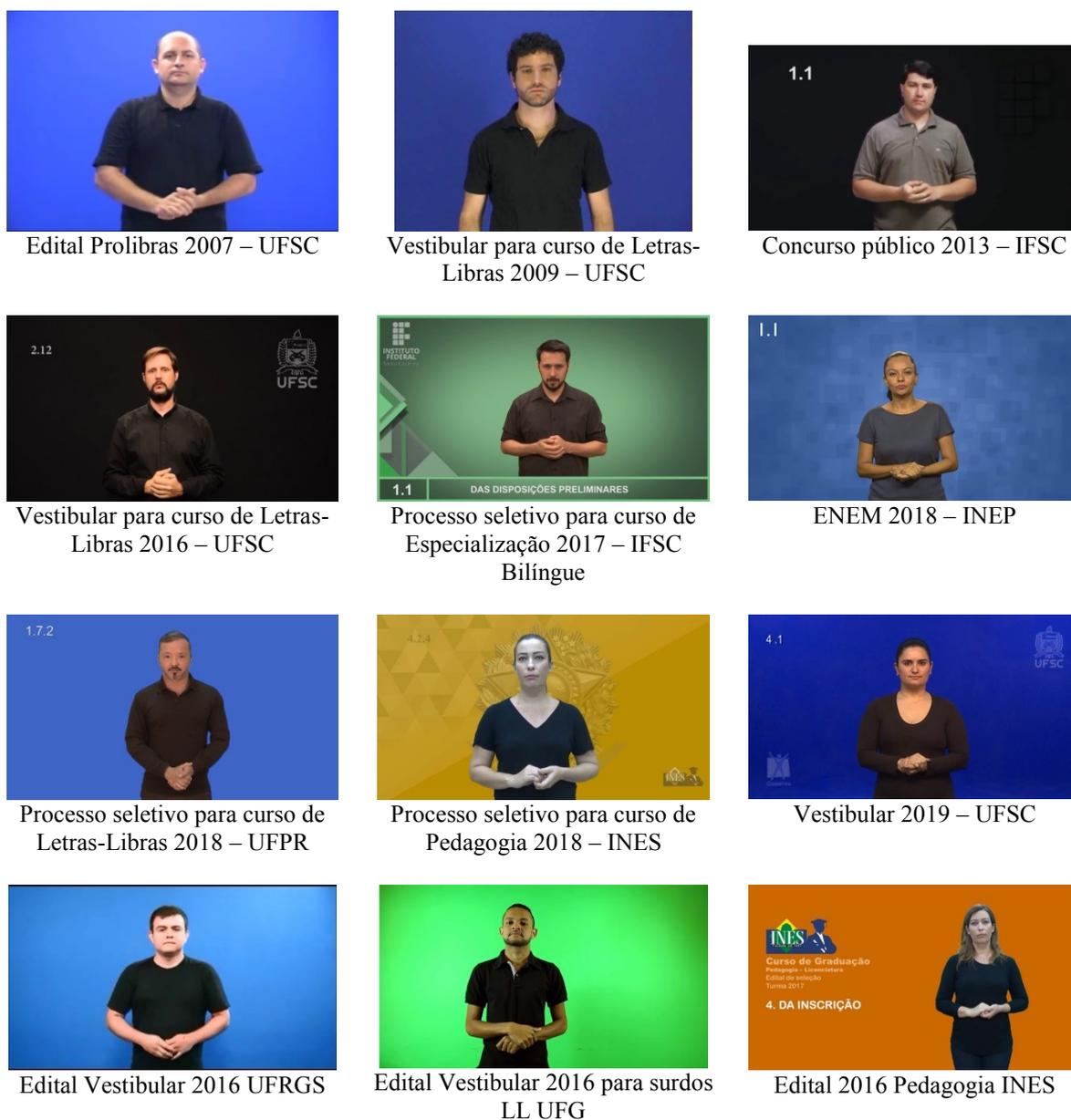
Outro gênero emergente em Libras videossinalizada bastante presente e circulado pelas comunidades Surdas, bem como disponível nas plataformas de domínio público, e identificados na sondagem exploratória de diversos gêneros em língua de sinais é o gênero *edital*, da esfera jurídica. Esse gênero em especial merece ser aqui mencionado, mesmo que não se enquadre dentro do campo acadêmico, uma vez que durante o levantamento realizado na primeira etapa da investigação, observou-se um número expressivo de publicações de vídeos com editais em Libras relativos a diferentes contextos e instituições.

Considera-se o *edital* como um dos primeiros gêneros, da esfera jurídica em Libras videossinalizada, produzido pelas instituições de ensino superior no Brasil. Por hora, observa-se que o primeiro *edital* em Libras videossinalizada foi disponibilizado em 2006, referente ao

³⁰ Disponível em: <http://tvines.org.br/?p=6000>. Acesso em: 25 jan. 2019.

Prolibras³¹ 2006, mas infelizmente os arquivos (vídeos) inseridos no site³² não funcionam para visualização. É possível ver o segundo *edital* em Libras videossinalizada, referente ao Prolibras 2007, os arquivos (vídeos) inseridos no site³³. Abaixo, observam-se as imagens dos editais em Libras videossinalizada, publicados por diferentes instituições a seguir:

Figura 12: Editais em Libras videossinalizada.



Fontes dos demais vídeos registradas na seção 7.2. desta tese.

³¹ Prolibras é um exame nacional de proficiência em Libras, objetivando certificar instrutores e professores de Libras e tradutores e intérpretes de Português/Libras – Libras/Português. O Prolibras iniciou em 2006 e encerrou em 2015. Para maiores informações sobre o Prolibras, vejam o livro de Quadros *et al.* (2009).

³² Disponível em: <http://dados.coperve.ufsc.br/Prolibras/2006/edital.html>. Acesso em: 10 mar. 2019.

³³ Disponível em: <http://dados.coperve.ufsc.br/Prolibras/2007/edital.html>. Acesso em: 10 mar. 2019.

Conforme é possível observar nos recortes ilustrativos acima, nota-se que os sinalizantes nos *editais* em Libras videossinalizada costumam seguir a postura e a sinalização evidentemente bem caracterizada pela formalidade, pois os aspectos estilísticos estão monitorados pela função de imparcialidade. Por outro lado, os aspectos estilísticos desse gênero em Libras videossinalizada podem ser influentes em outros gêneros do discurso acadêmicos e mais formais em mesma língua (SILVA, R., 2013).

É interessante mencionar que a dissertação de mestrado de Silva, R. (2013) analisou os vídeos dos editais de vestibulares e Prolibras, publicados em Libras e produzidos por três diferentes instituições federais de ensino superior, adotando a base de teorias de formalidade em línguas de sinais para propor uma metodologia de descrever, em especial, os aspectos estilísticos: grau de formalidade.

O *edital* é conhecido como um gênero do discurso com o alto grau de formalidade e imparcialidade, pois é relacionado fortemente com a legislação nacional e/ou institucional. Esse gênero é um dos documentos oficiais que têm sua padronização específica, assim como afirma Bakhtin (2011 [1979], p. 265): “As condições menos propícias para o reflexo da individualidade na linguagem estão presentes naqueles gêneros do discurso que requerem uma forma padronizada, por exemplo, em muitas modalidades de documentos oficiais, de ordens militares, nos sinais verbalizados da produção, etc.”.

O gênero *edital* (tanto de vestibulares quanto de concursos públicos) foi fácil de ser identificado durante o levantamento, uma vez que sua produção tem relação direta com as exigências legais previstas nas leis de acessibilidade, bem como na Lei nº 10.098 de 2000 e Lei nº 13.146 de 2015, que preconizam a igualdade de acessibilidade de informações para todos os cidadãos brasileiros. É importante destacar que nessa última Lei, o Art. 30, incisos VII, assegura a “tradução completa do edital e de suas retificações em Libras”. De acordo com a Lei, as traduções de editais deve ser feita por empresas contratadas ou realizadas pelas instituições públicas ou privadas de ensino superior e de educação profissional e tecnológica.

Além dos *editais* também vale mencionar aqui os *livros digitais* como gêneros observados e identificados durante o levantamento desta pesquisa. Dois tipos de livros digitais foram observados: *e-book* e *v-book*. Para fins de contextualização, segue um breve detalhamento sobre cada um deles.

Segundo Pinheiro (2011, p. 14), o termo *e-book* é “acrônimo de *electronic book*, ou livro eletrônico”. O autor afirma que o *e-book* “designa uma publicação em formato digital que, para além de texto, pode incluir também imagens, vídeo e áudio” (Ibid., p. 14). É interessante destacar que Rosa, F. (2011) considera a produção de narrativa literária em língua

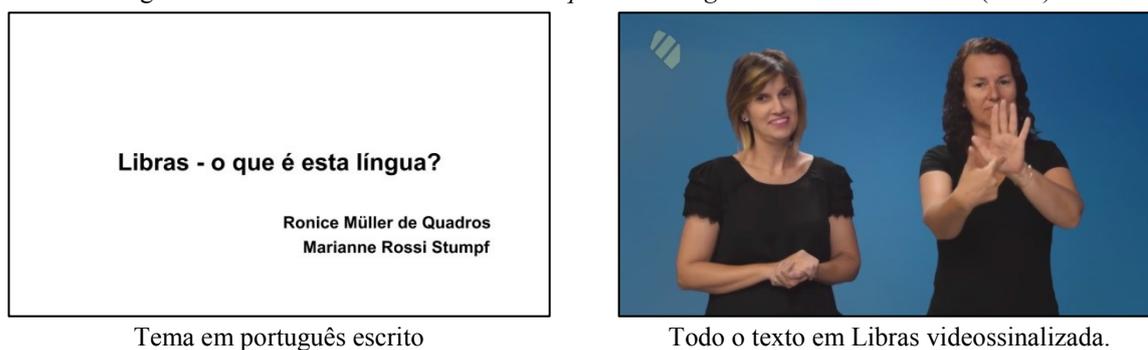
de sinais, no formato de vídeo, como um livro digital. De acordo com Reis e Rozados (2016, p. 1), “os termos *e-book*, livro eletrônico e livro digital são usados como sinônimos”.

Marcuschi (2003, p. 27) afirma que “[...] o livro eletrônico é um suporte virtual”. Por outro lado, o *v-book* ou *videobook* (retirado do Dicionário Aurélio, de Ferreira, A. 2010) não parece ser um termo muito usado nos trabalhos científicos, mas existem alguns autores e pesquisadores que o usam e o definem como um formato de leitura incluindo áudio e vídeo. Ao contrário de termos *blog* e *vlog*, que são termos usados pelos estudiosos na área da informática. O termo *vlog* é:

[...] é a abreviação de videoblog (vídeo + blog), um tipo de blog em que os conteúdos predominantes são os vídeos. A grande diferença entre um vlog e um blog está mesmo no formato da publicação. Ao invés de publicar textos e imagens, o vlogger ou vlogueiro, faz um vídeo sobre o assunto que deseja.³⁴

Entende-se que talvez alguns autores ou pesquisadores tenham usado o termo *v-book* por motivo da influência do prefixo “v” do *vlog* ou pode ser uma abreviação do termo *videobook*. No caso do âmbito das línguas de sinais, o *vbook* “é um player de vídeo específico para textos em língua de sinais” (KRUSSER, 2017, p. 17). Apesar de não haver muitos *v-books* em Libras, pretende-se apresentar aqui um exemplo interessante do formato *v-book*, produzido em Libras, embora este seja um artigo publicado em Libras. Observa-se abaixo:

Figura 13: *V-book* em Libras “*Libras – o que é esta língua?*” da Revista Roseta (2019).



Tema em português escrito

Todo o texto em Libras videossinalizada.

Fonte: imagens extraídas do *v-book* disponível na internet³⁵.

É importante considerar que o *livro digital* não é tão diferente do livro tradicional, ou seja, do livro impresso. Nas palavras de Reis (2013, p. 30):

³⁴ Disponível em: <https://www.significados.com.br/vlog/>. Acesso em: 07 fev. 2019.

³⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q6B-6nm9VnE>. Acesso em: 28 fev. 2019.

Em geral, a estrutura e a organização do livro digital se assemelha a do livro impresso, ou seja, contém capa, folha de rosto, sumário, capítulos, índices, glossários etc. Contudo, alguns elementos pré-textuais, como sumário e folha de rosto, e pós-textuais, como índices, podem ser ocultados, já que a possibilidade de pesquisar palavras dispensa esses elementos.

É interessante pensar sobre algumas possibilidades do *e-book* tradicional (escrito) que precisam ser adaptadas ao *v-book* em língua de sinais, por exemplo:

Quadro 9: Comparação de possibilidades entre *E-book* e *V-book*.

<i>E-book</i>	<i>V-book</i>
Sumário mostra o número de cada página com opção de clicar para direcionar a página desejada.	Sumário mostra o tempo de cada cena com opção de clicar para direcionar a cena desejada, ex.: <i>menu</i> (também ver KRUSSER, 2017; DESU/INES, 2015).
Ler o texto estaticamente escrito e mudar a página quando quiser.	Assistir ao texto sinalizado, mas acompanhando movimento de sinalização, com opção de controlar a velocidade do vídeo, pausar, reproduzir e parar (também ver LEITE, 2013; KRUSSER, 2017; LEBEDEFF <i>et al.</i> , 2018).
Clicar em hiperlinks no corpo de texto para navegar dentro de mesmo espaço, em nova janela ou noutro tipo de meio.	Clicar em hiperlinks na legenda ou em algum lugar no enquadramento para navegar dentro de mesmo espaço, em nova janela ou noutro tipo de meio (também ver KRUSSER, 2017).

Fonte: elaborado pelo autor.

O quadro acima é apresentado apenas no intuito de ser ter uma ideia geral de como adaptar as possibilidades de um suporte (formato) ao outro suporte do mesmo gênero. Sendo assim, destaca-se que a pesquisa de doutorado de Krusser (2017) traz maiores detalhes sobre o design nos textos digitais em línguas de sinais (design digital nos vídeos em LS).

Entende-se que o *v-book* em língua de sinais merece ser mais estudado e explorado e é preciso buscar por políticas linguísticas para incentivar a publicação de mais *v-books* em Libras para que os Surdos possam acessar o conhecimento em sua própria língua (L1) e também para que seja possível explorar e conhecer melhor as características e condições dos gêneros específicos a um determinado suporte como *v-book*.

Uma vez tendo apresentado alguns exemplos de gêneros de diversas esferas produzidos em Libras, identificados no levantamento exploratório, cabe agora apresentar os gêneros identificados voltados à esfera acadêmica, que é o foco desta pesquisa.

3.4. Gêneros emergentes em Libras videossinalizada da esfera acadêmica

Vale mencionar que Marcuschi (2008) classifica os gêneros em diferentes domínios discursivos. No domínio denominado *instrucional* encontram-se os gêneros acadêmicos que é

o foco deste estudo. A classificação apresentada no quadro abaixo não é definitiva, como bem lembra Marcuschi. Isso porque o número de gêneros sempre será infinito e, portanto, vão além dessa sucinta classificação. Com essa organização de Marcuschi (2008, 194) é possível demonstrar aqui a quantidade de usos da língua (na modalidade escrita e oral) no que se refere aos textos de gênero acadêmico, considerados dentro do domínio discursivo instrucional.

Quadro 10: Classificação de Marcuschi (2008) sobre o domínio discursivo instrucional.

DOMÍNIOS DISCURSIVOS	FORMAS DE USO DA LÍNGUA	
	ESCRITA	ORALIDADE
INSTRUCIONAL Científico Acadêmico Educativo	<p>Artigo científico; verbetes de enciclopédias; relatórios científicos; notas de aula; nota de rodapé, diários de campo; teses; dissertações; monografias; glossário; artigos de divulgação científica; tabelas, mapas; gráficos; resumos de artigos de livros; resumos de livros; resumos de conferências; resenhas; comentários; biografias; projetos; solicitação de bolsa; cronograma de trabalho; organograma de atividade; monografia de curso; monografia de disciplina; definição, autobiografias; manuais de ensino; bibliografia, ficha catalográfica; memorial; curriculum vitae; parecer técnico; verbete; parecer sobre tese; parecer sobre artigo; parecer sobre projeto; carta de apresentação; carta de recomendação; ata de reunião; sumário; índice remissivo; índice onomástico dicionário; prova de língua, prova de vestibular; prova de múltipla escolha; diploma; certificado de especialização, certificado de proficiência; atestado de participação, epígrafe.</p>	<p>Conferências; debates; discussões; exposições; comunicações; aulas participativas; aulas expositivas; entrevistas de campo; exames orais; exames finais; seminários de iniciantes; seminários avançados; seminários temáticos; colóquios; prova oral; arguição de tese; arguição de dissertação; entrevista de seleção de curso; aula de concurso; aulas em vídeo, aulas pelo rádio; aconselhamentos.</p>

Fonte: Marcuschi (2008, p. 194).

Esse quadro de Marcuschi ajuda a definir alguns gêneros – que o autor define como “textos” relacionados à materialidade escrita e a materialidade oral. O autor chama de domínio discursivo o que Bakhtin entende por esfera ou campo. A classificação de Marcuschi (2008) contribui para a escolha de alguns gêneros da esfera acadêmica – ou do domínio discursivo instrucional – em Libras videossinalizada identificados durante o levantamento realizado. Esses gêneros são aqui apresentados em subseções separadas, a saber: *dicionários e glossários; materiais didáticos; teses e dissertações, monografias; artigos científicos; resumos e provas.*

Cabe lembrar que, como já mencionado, o levantamento realizado teve um caráter mais exploratório, de sondagem inicial de gêneros emergentes da esfera acadêmica

compreendidos por vídeos em Libras que foram identificados como gêneros que circulam a comunidade Surda através de plataformas digitais na internet de acesso e domínio público.

3.4.1. Dicionários e glossários

De acordo com Costa, S. (2014), o termo *dicionário* pode ser considerado como equivalente a *glossário*. No entanto, é importante observar que essa consideração de Costa, S. (2014) pode ser um conflito para os estudiosos e pesquisadores de lexicografia e terminologia (informação verbal)³⁶. Não importa aqui trazer essa diferenciação, mas apenas citar alguns exemplos de dicionários e glossários enquanto gêneros da esfera acadêmica que foram identificados durante o levantamento realizado.

Segundo Costa, S. (2014, p. 103), considera a definição de dicionário como:

Compilação completa ou parcial de unidades léxicas (palavras, locuções, afixos, etc.) ou de certas categorias específicas de uma língua, organizadas numa ordem convencional, geralmente alfabética, que pode fornecer além das definições, informações sobre sinônimos, antônimos, ortografia, pronúncia, classe gramatical, etimologia, etc.

Pretende-se destacar que, na história da comunidade Surda brasileira, é provável considerar o *dicionário* como talvez um dos primeiros gêneros a ser publicado, especificamente no ano de 1875, para os fins educacionais de Surdos no país. Porém essa publicação da qual me refiro é no formato impresso e refere-se à obra: “*Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*”, sob a autoria do ex-aluno Surdo do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), Flausino José da Gama (cf. FELIPE, 2000; ROCHA, 2009; CAMPELLO, 2011; DINIZ, 2011; MANDELBLATT e FAVORITO, 2016). Observam-se os recortes ilustrativos abaixo, retirados de Gama (2011 [1875]):

³⁶ Conforme apontado pela Prof.^a Sandra Patrícia de Faria do Nascimento na banca de qualificação desta tese realizada em 2018.

Figura 14: Dicionário de Flausino José da Gama (2011 [1875]).



Fonte: Gama (2011 [1875]).

Em se tratando de dicionários no formato videossinalizado, vale mencionar, por exemplo, o *Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais*, sob a responsabilidade da plataforma *Acessibilidade Brasil* e equipe de profissionais especialistas. Trata-se de um dicionário bastante conhecido e acessado pela comunidade Surda brasileira. Talvez um dos primeiros a serem elaborados e disponibilizados em forma digital que se encontra disponível na internet (ver MANDELBLATT e FAVORITO, 2016). A última versão desse dicionário é do ano de 2011. Abaixo, alguns recortes ilustrativos desse dicionário mencionado:

Figura 15: Dicionário Digital de Libras Acessibilidade Brasil.



Fonte: Dicionário Digital de Libras Acessibilidade Brasil (2011).

Além do dicionário acima mencionado, também foi identificado no levantamento o *Glossário de Libras* da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que tem como objetivo contribuir para o acesso de alunos, pesquisadores, professores e demais interessados

na área no contexto brasileiro a conhecer e aprender sinais técnicos de áreas determinadas. De acordo com Stumpf, Oliveira e Miranda (2014, p. 146):

Segundo dicionário Houaiss, o *glossário* era utilizado na Idade Média e Renascença continha um conjunto de termos de uma área do conhecimento e seus significados. Localizava-se na parte final de um manuscrito, ou era enfeitado num volume próprio, de anotações interlineares (*glosas*), sobre o sentido de palavras antigas, termos técnicos ou sentidos pouco conhecidos encontrados nos textos da obra. Também servindo como elucidário.

No curso Letras-Libras, o glossário é utilizado como elucidário para termos especializados ou cujos sentidos não pouco conhecidos dentro da comunidade Surda.

Atualmente, o *Glossário de Libras* da UFSC conta com as áreas específicas, a saber: Letras-Libras, Arquitetura, Cinema, Psicologia e Literatura. Segundo Stumpf, Oliveira e Miranda (2014), o glossário em questão não só serve para estudantes do curso de Letras-Libras da UFSC, mas também para tradutores/intérpretes e pesquisadores da área em geral. Abaixo, alguns recortes ilustrativos do gênero em Libras videossinalizada, glossário – referente ao *Glossário de Libras* da UFSC:

Figura 16: Glossário de Libras da UFSC³⁷.



³⁷ Disponível em: <http://glossario.libras.ufsc.br/>. Acesso em: 10 abr. 2019.

Além do *Glossário de Libras*, a UFSC também disponibiliza o *Identificador de Sinais*. Observam-se os recortes ilustrativos abaixo:

Figura 17: Identificador de Sinais da UFSC³⁸.



Busca de Sinais

Sinal CARRO

Vale destacar que a pesquisa de doutorado de Oliveira, Janine (2015) trata sobre o *Glossário Letras-Libras* e apresenta os aspectos funcionais e estruturais desse glossário e de outros glossários. Além do *Glossário Letras-Libras*, foi identificado outro glossário acadêmico desenvolvido pela equipe do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), denominado de *Manuário Acadêmico e Escolar de Libras*. Abaixo também, para fins de elucidação, segue alguns recortes ilustrativos desse manuário do INES:

Figura 18: Manuário Acadêmico e Escolar do INES³⁹.



É interessante destacar que o *Manuário Acadêmico e Escolar* do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) trata-se de um material que disponibiliza para acesso inúmeros temas e seus vocábulos em Libras organizado por áreas, por exemplo: Dicionário Onomástico, Produção Textual, Textos Acadêmicos, entre outros.

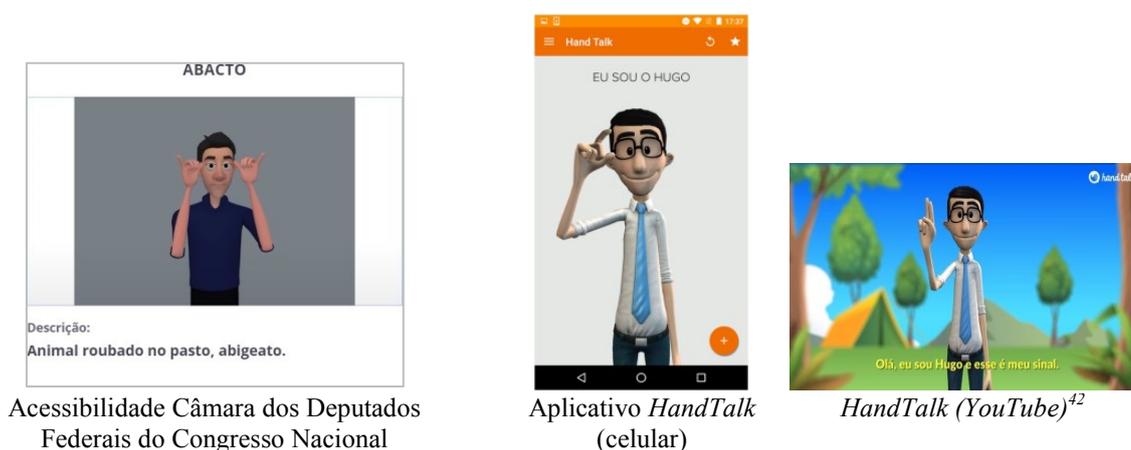
³⁸ Disponível em: <http://www.idsinais.libras.ufsc.br/>. Acesso em: 10 abr. 2019. Para maiores informações, veja Quadros, Oliveira e Miranda (2014).

³⁹ Disponível em: <http://www.manuario.com.br/>. Acesso em: 10 mai. 2019.

É interessante destacar também que durante o levantamento foi identificada a existência de dicionários e glossários que se materializam de diferentes formas, entre elas: no formato videossinalizado, como acima exemplificado, no formato impresso e ilustrado, como no caso do dicionário *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos* de Flausino José da Gama e, ainda, no formato Libras Avatar, ou seja, em Libras na sua modalidade sinalizada, porém com sinalizantes avatares.

Sobre isso, em especial, cabe apresentar alguns recursos de aplicativos que funcionam como dicionários, a saber: o aplicativo *HandTalk*⁴⁰, e ferramentas de tradução e acessibilidade digital em Libras empregadas por algumas empresas e órgãos, como o caso do site da Câmara dos Deputados⁴¹ Federais do Congresso Nacional. Abaixo alguns recortes ilustrativos de como a Libras é empregada por meio de sinalizantes avatares:

Figura 19: Sinalizantes avatares.



Vale lembrar que, de acordo com a evolução das comunidades Surdas brasileiras, a questão de Libras materializada por sinalizantes avatares pode ser, por vezes, um assunto um tanto polêmico e controverso. Um interessante fato é que muitas pessoas Surdas demonstram serem contra a tentativa de substituição dos sinalizantes humanos por sinalizantes avatares, sobretudo em vídeos e produções videossinalizadas vinculados à esfera televisiva ou publicitária. Os sinalizantes avatares, naturalmente, não são humanos, são produtos artificiais gerados por ferramentas que não dão conta de especificidades tanto linguísticas como tradutórias. Por outro lado, aplicativos como o *HandTalk* são ferramentas funcionais para

⁴⁰ Disponível em: <https://www.handtalk.me/>. Acesso em: 10 abr. 2019

⁴¹ Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/a-camara/estruturaadm/gestao-na-camara-dos-deputados/responsabilidade-social-e-ambiental/acessibilidade/dicionario-de-libras>. Acesso em: 10 abr. 2019

⁴² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D7ZQNB4bfqs>. Acesso em: 10 mai. 2019.

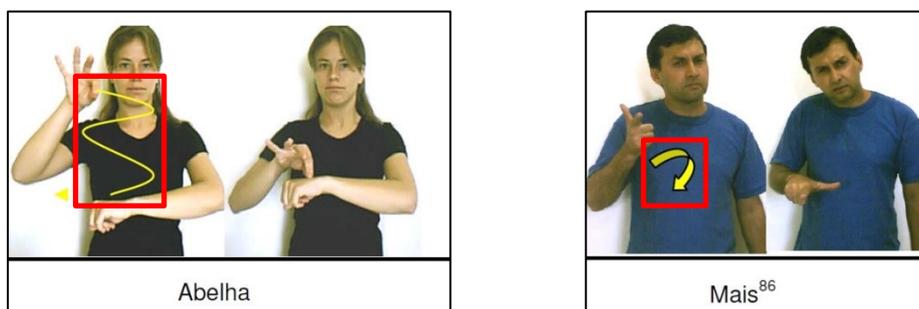
aprendizes iniciantes de Libras ou para comunicação básica entre pessoas que usam Libras e pessoas que não usam.

É também interessante mencionar como determinados gêneros da esfera acadêmica, nesse caso de dicionários, são também materializados quando no caso do uso da Libras em sua forma ilustrada (impressa). Apenas para fins comparativos, observa-se de forma bastante recorrente em ilustrações que fazem uso de recortes, figuras e imagens para representar os sinais em Libras o emprego de símbolos como \leftarrow , \rightarrow , \uparrow , \downarrow e outros tipos de elementos semiológicos visuais. O uso desses símbolos são implicações da materialidade e da natureza do suporte de registro da Libras que demandam de informações adicionais de representação de movimentos e ações particulares da língua de sinais, o que não é demandado, por exemplo, quando a materialidade é videossinalizada e os suportes de registro da Libras.

Vale esclarecer que o levantamento contou, naturalmente, com a busca prioritária de gêneros da esfera acadêmica materializados em Libras videossinalizada. Porém, para fins de comparação em sua construção, suporte de registro, organização alguns materiais no formato impresso também foram consultados e merecem ser aqui trazidos para exemplificação.

Nos recortes ilustrativos abaixo, observa-se o uso complementar desses símbolos e informações adicionais para que o sinal em Libras ilustrado possa ser compreendido de forma mais completa pelo leitor. Nos exemplos abaixo, sinais retirados do *Minidicionário*⁴³ do Centro de Formação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas Surdas (CAS) da Fundação de Articulação e Desenvolvimento de Políticas Públicas do Rio Grande do Sul, RS (FADERS).

Figura 20: *Minidicionário* de CAS/FADERS.

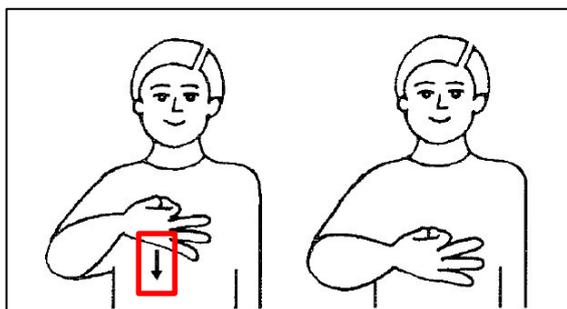


Fonte: imagens extraídas do Minidicionário do CAS/FADERS (2008).

⁴³ Disponível em: http://www.faders.rs.gov.br/uploads/Dicionario_Libras_CAS_FADERS1.pdf. Acesso em: 10 abr. 2019.

Esses símbolos e recursos semiológicos também estão presentes nas ilustrações do *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue* de Capovilla e Raphael (2008), produzido via Universidade de São Paulo (USP). Esse dicionário, além de trazer as ilustrações em figuras representativas dos sinais, também traz os vocábulos em língua portuguesa, em inglês e em escrita de sinais, através do sistema *SignWriting*. Abaixo um recorte ilustrativo referente ao sinal CERTO em Libras trazido no referido material de Capovilla e Raphael (2008).

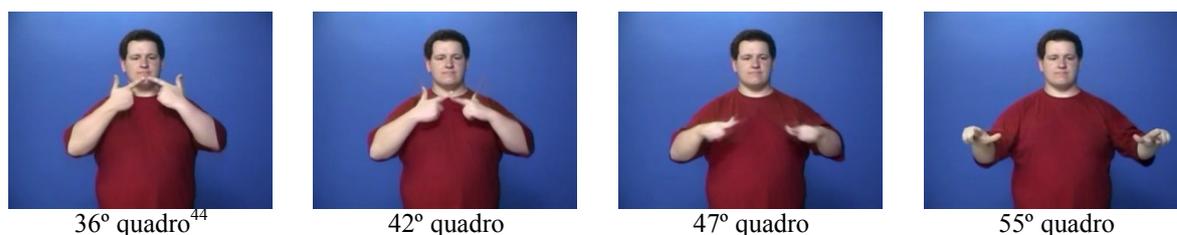
Figura 21: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue de Capovilla e Raphael (2008).



Fonte: imagem extraída de Capovilla e Raphael (2008).

Como mencionado acima, a composição dos dicionários materializados em Libras em sua forma ilustrada e em Libras em sua forma videossinalizada se diferem e, no caso dos dicionários cujo recurso de suporte é o vídeo, não é necessário incluir elementos semiológicos para demonstrar ou elucidar características de movimento da língua, uma vez que a tecnologia permite trazer imagens em movimento e, portanto, demonstrar o movimento do sinal diretamente na sinalização realizada. Conforme é possível verificar abaixo – mesmo sendo o recorte ilustrativo estático e sem movimento – os movimentos dos sinais e demais elementos constitutivos da Libras como um todo, são preservados quando o registro da Libras se dá por meio da sinalização em vídeo.

Figura 22: Sinal LINGUAGEM do Glossário Letras-Libras UFSC.



Fonte: imagens extraídas do vídeo disponível na internet⁴⁵.

⁴⁴ “Quadro” corresponde a uma imagem fotográfica registrada dentro de um vídeo. O vídeo mencionado no exemplo, que se refere ao sinal LINGUAGEM extraído do Glossário Letras-Libras da UFSC, totalizou 114 quadros.

Mandelblatt e Favorito (2016) também apontam essa diferença com relação aos dicionários digitais que, por sua vez, economizam ou não precisam de detalhamento linguístico referente a cada sinal, em razão da natureza da ferramenta que veicula a língua diretamente em sua modalidade gestual-visual, mostrando em movimento os traços gestuais que a constitui. Além dos dicionários e glossários citados, há outros que podem ser mencionados em trabalhos futuros com foco no levantamento apenas desse gênero da esfera acadêmica em especial. Stumpf, Oliveira e Miranda (2014) em seu estudo, citam alguns desses dicionários e glossários.

Assim como os demais gêneros citados (*materiais didáticos, teses e dissertações, monografias, artigos científicos e resumos*) os *glossários e dicionários* são gêneros mencionados aqui apenas para fins de levantamento dos gêneros emergentes observados durante a pesquisa documental exploratória de sondagem inicial realizada na primeira etapa da investigação. Esses gêneros mencionados (ao contrário do gênero *prova* – objeto de análise aprofundado escolhido para ser investigado nesta pesquisa) não serão demasiadamente detalhados e descritos. Como mencionado, eles são trazidos aqui para apreciação geral no sentido de serem identificados como alguns exemplos de gêneros emergentes da esfera acadêmica. Pesquisas futuras poderão se debruçar mais sobre a composição e constituição de cada um desses gêneros em especial.

Na subseção a seguir, apresento brevemente alguns exemplos de *materiais didáticos* trazidos aqui também como gêneros emergentes em Libras em sua materialidade videossinalizada, identificados e compartilhados em plataformas digitais na internet com livre acesso e de domínio público.

3.4.2. Materiais didáticos

Marcuschi (2008) em sua classificação de textos do domínio discursivo instrucional (acadêmico, científico e educacional) cita os *manuals de ensino* que podem ser entendidos como os *materiais didáticos*. Com relação ao contexto acadêmico de ensino em nível superior, Cortes (2009, p. 56) considera os *manuals didáticos* acadêmicos como “instrumentos que se propõem a ajudar os alunos de ensino superior no apoio à escrita acadêmica e funcionam de forma mais autodidata”. O autor observa que o discurso didático

⁴⁵ Disponível em: <http://glossario.libras.ufsc.br/exibirsinal/exibirsinal/id/72>. Acesso em: 28 fev. 2019.

está presente nos manuais. Para ele, materiais didáticos, ou manuais didáticos, se diferem, por exemplo, dos livros didáticos convencionais, uma vez que os livros didáticos, geralmente, são adotados pelo professor para um uso sistemático e contínuo em sala de aula ou como principal recurso didático, comumente presente no ensino fundamental e médio.

Como mencionado acima, portanto, o termo *material didático* é trazido nesta pesquisa de forma correspondente ao termo *manual didático* classificado por Marcuschi (2008) e mencionado por Costa, S. (2014). Segundo esse último autor (2014, p. 165):

Manual caracteriza-se, em geral, pelo predomínio do discurso instrucional e didático, em que as orientações são dadas usando-se o imperativo, o infinitivo, sempre numa interlocução direta com o leitor. [...] uma obra, espécie de compêndio, de formato pequeno que contém noções ou diretrizes relativas a uma disciplina, a uma ciência, programa escolar, etc.

Com relação ao conteúdo e o *manual didático* enquanto gênero, Costa, S. (2014, p. 165) afirma que os manuais configuram-se a partir de um conjunto de normas e noções práticas sobre comportamentos e procedimentos a serem cumpridos para que uma tarefa seja executada, ou seja, trata-se de um “conjunto de orientações explícitas ou implicitamente entendidas como ordens, o qual estabelece um saber fazer ao leitor; lista de mandamentos que obriga o leitor a executar alguma coisa segundo o cânone estabelecido” (Ibid., p. 165).

Para fins de exemplificação desse gênero em especial, apresento nessa subseção em ordem cronológica, alguns *materiais didáticos* em Libras videossinalizada identificados no levantamento e circulados pelas comunidades Surdas brasileiras. O primeiro que apresento aqui é o *material didático* produzido pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) que, como já mencionado, é uma instituição do Rio de Janeiro de referência em produção videossinalizada com recursos multimodais voltada para Educação de Surdos. Atualmente, o INES conta com um acervo⁴⁶ expressivo de vídeos em Libras. Abaixo, apresento recortes ilustrativos do *material didático* intitulado: *Gramática de Libras I*, produzido em 2005, disponível para livre acesso na plataforma virtual da instituição.

⁴⁶ Disponível em: <http://tvines.org.br/?cat=39>. Acesso em: 13 fev. 2019.

Figura 23: Material didático *Gramática de Libras – I* (INES, 2005).



Cena – conversa educativa



Cena – sinalização

Fonte: imagens extraídas do vídeo disponível na internet⁴⁷.

Conforme os recortes ilustrativos acima, os *materiais didáticos* produzidos pelo INES se apresentam como ricos materiais em multimodalidade e compostos por elementos verbais e visuais combinados. Além desse exemplo, cabe trazer também para exemplificação os *materiais didáticos* produzidos pelo curso de Letras-Libras da UFSC.

Como já mencionado, o curso de Letras-Libras foi promovido e oferecido pela primeira vez pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), inicialmente em 2006, na modalidade à distância (QUADROS e STUMPF, 2009). O curso veio desde então disponibilizando os *materiais didáticos* de cada disciplina em seu portal de acesso ao público pela internet. É interessante notar que ficam também disponíveis no portal os textos bilíngues (Libras videossinalizada e em português escrito) de cada disciplina. Entende-se que isso é fundamental para o desenvolvimento e formação dos estudantes, uma vez que permitem com que eles assistam ao vídeo em Libras e leiam também o texto escrito em português. Abaixo, para fins elucidativos, segue alguns recortes ilustrativos de materiais didáticos produzidos pela UFSC.

⁴⁷ Disponível em: <http://tvines.org.br/?p=711>. Acesso em: 25 jan. 2019.

Figura 24: Materiais didáticos em Libras videossinalizada da UFSC.



1º período: *Introdução à Educação a Distância*



2º período: *Semântica e Pragmática*



3º período: *Língua Brasileira de Sinais II*



4º período: *Escrita de Sinais II*



5º período: *Leitura e Produção de Textos*



7º período: *Metodologia em Ensino de Libras como L2*

Fonte: Repositório UFSC⁴⁸.

Sobre a questão da visualidade, Campello (2008) destaca o trabalho do curso de Letras-Libras com relação à confecção de *materiais didáticos* das disciplinas mencionando o seguinte:

O curso de Letras-Libras, por ser de modalidade à distância, tem adequado seu material à visualidade do Surdo, como na utilização do Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem (AVEA), por meio de imagens, vídeos, *chats*, e fóruns. Até podendo ser inserido nas respostas por *webcam* em vez da escrita. Os vídeos são traduzidos pelos tradutores Surdos. Na disciplina de LIBRAS I a VI é tudo basicamente em sinais e o texto não é mostrado como em outras disciplinas. O aproveitamento desses alunos tem sido muito bom, o que evidencia a validade de uma proposta de pedagogia visual (CAMPELLO, 2008, p. 84).

Além do destaque ao curso de Letras-Libras observado por Campello (2008), é interessante destacar também que o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação dos Surdos (NEPES) do antigo CEFET-SC de São José, SC também desenvolve trabalhos nesse sentido. O NEPES teve um *material didático* publicado intitulado: *Aprendendo Língua Brasileira de Sinais como Segunda Língua: Nível Básico*, no período de 2007/2008. Atualmente, o Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) Campus Palhoça Bilíngue se responsabiliza também pela

⁴⁸ Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/104071>. Acesso em: 13 fev. 2019.

atualização e disponibilidade de materiais didáticos nesses mesmos moldes. Abaixo, alguns recortes ilustrativos para exemplificação:

Figura 25: Materiais didáticos em Libras videossinalizada do IFSC Bilingue.



Fonte: imagens extraídas do site⁴⁹.

É interessante notar que o *material didático* acima mencionado está disponibilizado no site do IFSC Campus Palhoça Bilingue de forma interativa, por exemplo, é permite clicar no item *menu* para visualizar um vídeo específico e então escolher o tempo do vídeo⁵⁰ controlando a velocidade de sinalização.

Além de instituições de ensino superior, materiais didáticos em Libras videossinalizada também são disponibilizados por empresas privadas, como é o caso da empresa *Signa*⁵¹, criada em 2016, sob a administração de Fabíola Borba. A Signa foi criada com o objetivo de contribuir com a inserção de Surdos no mercado de trabalho. Assim, oferece diversos cursos de qualidade com metodologias que respeitem a cultura e a língua desses sujeitos. A empresa disponibiliza em uma plataforma *online* adaptada os seus cursos⁵² produzidos didaticamente em Libras com legendas.

Os *materiais didáticos* elaborados pela empresa Signa são trazidos aqui para exemplificação por serem materiais elaborados com caráter criativo e com uma organização de edição clara e visual, o que implica a satisfação dos alunos (que pode ser observada nos seus comentários compartilhados no próprio site da empresa). Abaixo, alguns recortes

⁴⁹ Disponível em: <http://www.palhoca.ifsc.edu.br/materiais/apostila-libras-basico/>. Acesso em: 13 fev. 2019.

⁵⁰ Essa opção (de escolher o tempo do vídeo) é comum em vídeos em Libras devido as tecnologias atuais.

⁵¹ Disponível em: www.signaedu.com. Acesso em: 25 jan. 2019.

⁵² De acordo com as informações do site: “Os cursos são produzidos pela própria comunidade surda, pessoas com fluência em Libras, que possuem um conhecimento e que tem o desejo de compartilhar com outros surdos. É a comunidade ensinando a própria comunidade. Dessa forma também geramos renda extra diretamente para a rede de geradores de conteúdo, os professores”. Disponível em: <https://www.signaedu.com/quem-somos.html>. Acesso em: 25 jan. 2019.

ilustrativos relativos ao *material didático* em Libras videossinalizada referente ao curso de *Photoshop* oferecido pela empresa para Surdos:

Figura 26: Material didático em Libras videossinalizada da empresa Signa.



Fonte: imagens extraídas do vídeo disponível na internet⁵³.

Conforme a figura acima se percebe que como o vídeo é elaborado didaticamente para que seja compreensível visualmente pelo aluno Surdo do curso usar as ferramentas do programa. É possível observar que a sinalizante encontra-se a frente da imagem do programa e o fundo se movimenta dinamicamente e paralelamente à explicação da sinalizante. Ela emprega estratégias de apontamento para a imagem que varia de tamanho, alterando o *zoom* quando a sinalizante aponta precisamente para o ponteiro  conforme é possível visualizar na terceira figura da imagem acima.

Embora os materiais didáticos em Libras videossinalizada pareçam ser tímidos para determinados assuntos e temas, é importante mencionar que as produções desse gênero em especial desde muito tempo existem para diferentes funções e a partir de diferentes temáticas. Nesses exemplos trazidos aqui foi possível observar alguns *materiais didáticos* que são entendidos aqui como gêneros da esfera acadêmica e que vem circulando de forma significativa nas comunidades Surdas.

Seguindo a classificação de Marcuschi (2008) para o levantamento de gêneros emergentes em Libras videossinalizada da esfera acadêmica, apresenta-se abaixo, na próxima subseção, exemplos de *teses e dissertações* realizadas em Libras videossinalizada que merecem ser aqui mencionadas.

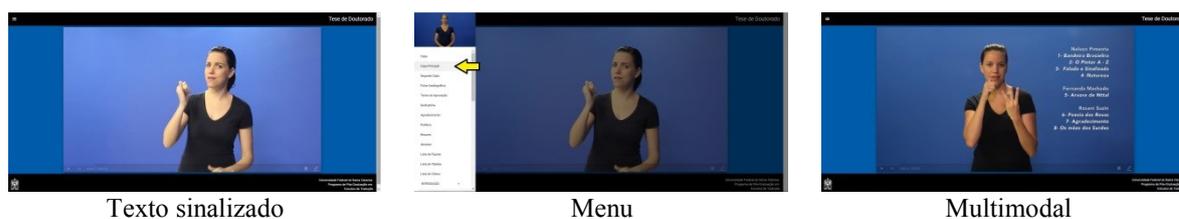
⁵³ Vídeo-Aula sobre “Como Salvar um Arquivo” disponível em: <http://www.signaedu.com/curso-detalhes.html?idCurso=52>. Acesso em: 25 jan. 2019.

3.4.3. Teses e dissertações

No Brasil, é provável reconhecer a dissertação de Nelson Pimenta de Castro (2012), acadêmico Surdo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) como a primeira a ser publicada em Libras videossinalizada em nível de mestrado. O acadêmico publicou sua dissertação em dois formatos, em Libras em vídeo (DVD anexo ao texto) e em língua portuguesa escrita (impressa em papel, também disponível em formato digital na biblioteca universitária).

Além da dissertação de Nelson Pimenta de Castro (2012), vale mencionar também a dissertação da então acadêmica de mestrado Fernanda de Araújo Machado (2013) que também publicou sua tese de doutorado em Libras (2017). Fernanda de Araújo Machado, acadêmica Surda egressa do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução (PGET) da UFSC produziu tanto sua dissertação de mestrado como sua tese de doutorado em Libras videossinalizada e, assim como Nelson Pimenta de Castro, publicou sua dissertação de mestrado no formato bilíngue, ou seja, em videossinalizado e impresso em língua portuguesa. Porém, sua tese de doutorado foi publicada apenas em vídeo, sendo possível acessá-la pelas pessoas que não sabem Libras por meio de áudio, uma vez que a tese da referida pesquisadora foi publicada com áudio (dublagem) para língua portuguesa. Abaixo, segue alguns recortes ilustrativos da tese de doutorado em Libras videossinalizada de Fernanda Machado.

Figura 27: Tese de doutorado em Libras videossinalizada.



Fonte: Machado, F. (2016).

Sobre a publicação de dissertações e teses em Libras, é possível refletir sobre a seguinte questão: para que mais teses e dissertações sejam publicadas diretamente em Libras videossinalizada, é necessário fortalecer as políticas linguísticas relacionadas ao direito dos Surdos produzirem conhecimento diretamente em sua primeira língua (L1) e registrar seu pensamento original em seu idioma natural. Políticas linguísticas nesse sentido poderiam passar a ser criadas e implementadas, por exemplo, na dimensão dos programas de pós-

graduação das universidades brasileiras, sobretudo aquelas cuja participação de Surdos é expressiva, como é o caso da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) que já vem demonstrando essas políticas gradativas em seus cursos de pós-graduação. A viabilidade de publicações de dissertações e teses poderia passar a ser garantida nos regimentos dos cursos. Outras iniciativas e políticas linguísticas a serem previstas podem estar também associadas à criação de padronização de normas técnicas de formatação e organização estrutural de trabalhos acadêmicos em Libras videossinalizada; como no caso, não apenas de *teses e dissertações*, mas também *monografias*, *artigos científicos* e *resumos* acadêmicos, como descritos nas subseções a seguir.

3.4.4. Monografias

De acordo com Costa, S. (2014) e Oliveira, Jorge (2012), a *monografia* se caracteriza como um trabalho final de graduação ou de pós-graduação em nível de Especialização. Entende-se que esse gênero é solicitado com frequência pelos professores na etapa final dos cursos de graduação ou pós-graduação *Lato Sensu*, bem como para trabalho de conclusão de curso.

Percebe-se que a estrutura básica de uma *monografia* segue o mesmo padrão organizacional de dissertações de mestrado e teses de doutorado de pós-graduações *Stricto Sensu*. É por isso que é possível entender o padrão universal, construído pelas práticas sociais das universidades, sobre a estrutura de trabalhos acadêmicos, principalmente na etapa final do curso, tanto graduação, como de pós-graduações *Lato Sensu* e *Stricto Sensu*.

É importante destacar a existência do gênero *monografia* da esfera acadêmica publicado em Libras videossinalizada. Por hora, percebe-se que talvez a única instituição que disponibilize esse gênero em Libras videossinalizada em domínio público virtual seja o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Segundo Taveira *et al.* (2015) e Taveira e Rosado (2018), os alunos do curso de graduação em Pedagogia Bilíngue, do Departamento de Ensino Superior do INES desenvolvem suas *monografias* em Libras e as publicam na plataforma *YouTube*. O canal na plataforma tem caráter institucional e é vinculado à instituição. Durante o levantamento de gêneros emergentes da esfera acadêmica considerando a Libras videossinalizada, em termos de *monografia*, foi possível identificar algumas monografias publicadas em 2016 que são exemplificadas abaixo por meio dos seguintes recortes ilustrativos:

Figura 28: Monografias em Libras videossinalizada vinculadas ao INES.



É importante destacar a existência também de orientações técnicas sobre a produção de *monografias* em Libras videossinalizada vinculadas ao INES. De acordo com Taveira *et al.* (2015) a criação de um manual didático sobre a produção de *monografias* em Libras videossinalizada foi importante e envolveu muitas discussões e reuniões com os professores da instituição. Conforme os autores relatam sobre o histórico e o processo de criação desse manual de orientação:

As lideranças surdas no DESU-INES, capitaneada por professores e alunos surdos, lutaram pela implantação de regras específicas para a confecção de *monografia* [grifo meu] em Libras. Primeiramente, começaram a construir as ideias através de sugestões debatidas em reuniões de professores, porém sem uma redação normativa. Em um crescente de ações, no ano de 2014, com a entrada de um número próximo a trinta doutores recém-concursados, o departamento ganha fôlego para redigir e validar algumas regras e normas que obtém votação em Colegiado do DESU-INES para a normalização do trabalho monográfico na modalidade Libras, aprovada no segundo semestre de 2014 (TAVEIRA *et al.*, 2015, p. 176).

Foi a partir de muitas discussões que o INES passou a disponibilizar o *Manual para Normalização de Trabalhos Monográficos em Libras e Língua Portuguesa do DESU / INES* para que os alunos dos cursos do Departamento de Ensino Superior do INES, de modo que os estudantes e demais interessados possam acessar as informações e normas sobre a produção de *monografias* em Libras.

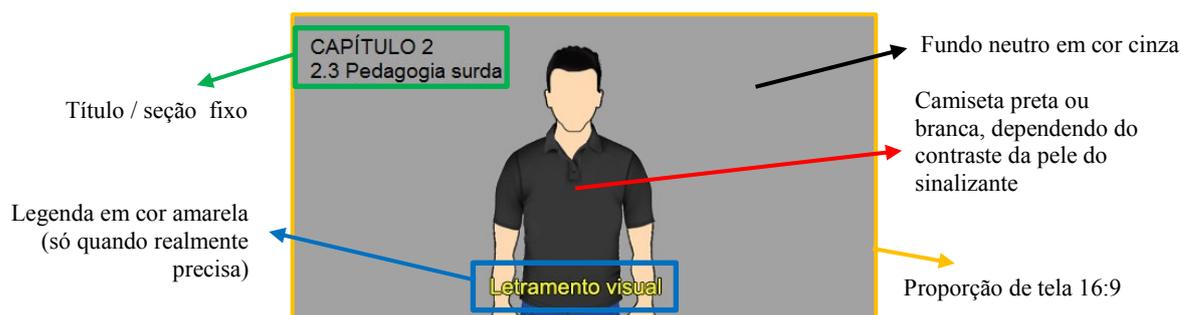
Com base no referido manual, abaixo apresento uma figura ilustrativa que pode servir de modelo e visualização geral sobre as principais normas trazidas no manual. Na figura um compilado dos recursos semiológicos principais empregados em *monografias*. Observa-se, por exemplo, o emprego de elementos estilísticos e recursos semiológicos definidos especificamente para a produção desse gênero da esfera acadêmica em específico.

⁵⁴ Disponível em: <https://youtu.be/XH4BnmuOQUE>. Acesso em: 10 mar. 2019.

⁵⁵ Disponível em: <https://youtu.be/CzfB54x5Ir4>. Acesso em: 10 mar. 2019.

⁵⁶ Disponível em: <https://youtu.be/GV0wYRe7WF8>. Acesso em: 10 mar. 2019.

Figura 29: Compilado de Normas Técnicas para Monografias (INES).



Fonte: elaborado pelo autor com base nas normas do Manual (DESU / INES, 2015).

Para fins de detalhamento no que se refere às citações, cabe destacar que, de acordo com o manual mencionado, para casos de citação direta, emprega-se uma tela secundária (menor) com fundo vermelho sobre a principal tela pausada; e para o caso de citações indiretas emprega uma tela secundária (também menor) com fundo amarelo sobre a principal tela pausada. Ilustrações elaboradas por mim exemplificam essas normas exigidas no manual do INES:

Figura 30: Normas técnicas para citações conforme Manual INES.



Fonte: elaborado pelo autor com base nas normas do Manual (DESU/INES, 2015).

3.4.5. Artigos científicos

Segundo Cortes (2009, p. 55), o gênero *artigo científico* é considerado um dos principais veículos de socialização do conhecimento, além de exercer a função de inserir os novos pesquisadores nas respectivas comunidades científicas. Seguindo as palavras da autora:

No Brasil, as regras e convenções formais para a escrita do artigo científico (e dos demais gêneros acadêmicos) são reguladas pela Associação Brasileira de Normas

Técnicas (ABNT). A NBR 6022 assim conceitua o AC: “Artigo científico é parte de uma publicação, com autoria declarada, que apresenta e discute ideias, métodos, técnicas, processos e resultados nas diversas áreas do conhecimento” (ABNT, 2003, p. 2). Essas normas, entretanto, nem sempre são seguidas de maneira rigorosa, pois cada revista ou periódico científico adota suas próprias normas editoriais, o que vai corroborar o pensamento de Kostelnick, (2003), quando afirma que são os membros dos grupos de uma comunidade que criam, definem, implementam, interpretam e sustentam as convenções, na interação. São, portanto, as comunidades científicas que definem normas, estilos e todo um conjunto de convenções linguístico-discursivas — que também tipificam os gêneros — e vão direcionar, principalmente, os aspectos formais das publicações. (CORTES, 2009, p. 58)

O *artigo científico* é um gênero destinado à publicação com a declaração de autoria, que é produzido especialmente por alunos e professores de graduação e de pós-graduação. De acordo com ABNT/NBR 6022 (2003, p. 02), considera-se o *artigo científico* como “parte de uma publicação com autoria declarada, que apresenta e discute ideias, métodos, técnicas, processos e resultados nas diversas áreas do conhecimento”.

O *artigo científico* é um dos inúmeros gêneros da esfera acadêmica na comunidade científica. Carvalho, Fernandes e Filho (2017, p. 153) destacam que “a comunidade científica também desenvolveu modos de divulgação dos resultados de tais pesquisas, na forma de gêneros discursivos como: relatórios, teses, dissertações, seminários, comunicações, *papers* etc. O gênero que mais ganhou visibilidade para cumprir a função de divulgar resultados de pesquisa e teorias foi o artigo científico”. Ainda conforme os autores “o artigo científico é altamente padronizado e demanda do pesquisador, além da criatividade para escrever seu conteúdo, um esforço para enquadrá-lo em várias orientações normativas” (CARVALHO, FERNANDES e FILHO, 2017, p. 163).

No Brasil, é interessante relatar que a Editora Arara Azul⁵⁷ – editora especializada em publicações de temática voltadas a Libras e ao universo Surdo – publicou em seu site alguns artigos em Libras. Esses artigos originaram-se de um projeto realizado em 2010, por uma equipe de coordenadores, tutores e alunos do então curso à distância de Letras-Libras, referente às turmas do polo de São Paulo – da Universidade de São Paulo (USP). Os artigos surgiram do encontro de alunos do curso de licenciatura do polo, cujo evento contou com apresentações de trabalhos em Libras para o público em geral e para especialistas da área dos Estudos Linguísticos da Língua de Sinais e dos Estudos Surdos.

Conforme Leland McCleary e Evani Viotti, o fato de esses trabalhos terem sido publicados em forma digital é condizente com a natureza da língua de sinais (de modalidade gestual-visual). Esses trabalhos, de acordo com os estudiosos, contribuem para o começo de

⁵⁷ Disponível em: www.editora-arara-azul.com.br. Acesso em: 19 nov. 2017.

um acervo de trabalhos educacionais e acadêmicos produzidos em Libras. O comentário de McCleary e Viotti pode ser observado nos textos apresentados no site da Editora Arara Azul que contextualizam o projeto. No site, são apresentados e publicados oito (08) artigos científicos em Libras na sua materialidade videossinalizada; artigos esses produzidos pelos alunos do curso de Letras-Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), polo Universidade de São Paulo (USP). Abaixo, alguns recortes ilustrativos de exemplos aqui trazidos desses artigos científicos mencionados.

Figura 31: Artigos científicos em Libras publicados pela Editora Arara Azul.



Cena – Introdução

Cena – Metodologia

Cena – Referências

Fonte: Nagura *et al.* (2013).

Além do exposto, é importante destacar sobre a Revista Brasileira de Vídeo-Registro em Libras. Criada com base nas discussões do Grupo de Pesquisa sobre Vídeo-Registro em Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a Revista foi concebida no ano de 2011, e teve como idealizador o professor Rodrigo Rosso Marques que, juntamente comigo e com o professor Alexandre Bet da Rosa Cardoso – professores da UFSC – foi pioneira no trabalho de elaboração de normas, publicação e disponibilização de *artigos científicos* em Libras, sem exigir a complementação do texto em português.

É comum notar que inúmeros são os periódicos e revistas que exigem a produção de textos em língua portuguesa, sendo rara a permissão de submissão em Libras. Algumas revistas e periódicos permitem o envio de artigos científicos em Libras, mas desde que acompanhados com o texto em português. Vale mencionar que a Revista Brasileira de Vídeo-Registros em Libras já tem número de ISSN⁵⁸ e, de acordo com a avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), referente aos anos 2013-2016, a Revista é qualificada como *Qualis B5*, contando atualmente com uma equipe de profissionais

⁵⁸ ISSN: 2358-7911.

especialistas na área na comissão científica de avaliação dos artigos submetidos. Abaixo, um recorte ilustrativo do layout da revista disponível para acesso via internet de domínio público:

Figura 32: Revista Brasileira de Vídeo-Registro em Libras⁵⁹.



De acordo com Marques e Oliveira (2012, p. 1), os pesquisadores do Grupo de Pesquisa sobre Vídeo-Registro que discutiram sobre as normas de formatação dos artigos que embasaram as regras publicadas pela Revista “buscam legitimar essa forma de registro mostrando que é possível padronizar a produção do gênero acadêmico em Libras”. Os autores entendem que “há necessidade de sistematização e organização para evitar que ela [língua – adendo meu] caia no informalismo” (MARQUES e OLIVEIRA, 2012, p. 6). Abaixo, dois exemplos de artigos científicos em Libras publicados pela Revista em 2016 e em 2017, cujos autores seguiram as normas estabelecidas pela Revista para submissão de seus trabalhos.

Figura 33: Artigos publicados na Revista Brasileira de Vídeo-Registro em Libras.



⁵⁹ Disponível em: <http://revistabrasileiravrlibras.paginas.ufsc.br/>. Acesso em: 19 nov. 2017.



Artigo Científico de Segala (2017).

SEGALA, Rimar Ramalho. **As estratégias de tradução: português escrito para Libras.** In: Revista Brasileira de Vídeo Registros em Libras. Edição nº 003/2017. [artigo em Libras publicado em vídeo, 30m12s]. Florianópolis: UFSC, 2017. Disponível em: em: <<http://revistabrasileiravrlibras.paginas.ufsc.br>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

Conforme é possível observar nas informações apresentadas na figura acima, a forma de apresentar as *referências bibliográficas* que é sugerida e proposta pela Revista leva em consideração as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), de modo a facilitar a identificação de dados, bem como afirma Azevedo, I. (2012, p. 123) quando diz que “a documentação deve ser apresentada segundo regras normativas universais e coerentes que permitem com facilidade e previsão a identificação dessas fontes. Esse rigor é um dever ético indiscutível e uma condição indispensável para a verificabilidade dos dados”. É importante observar que na ABNT ainda não tem uma referência a ser seguida de exemplo específico para *artigos científicos* publicado em Libras videossinalizada.

É importante considerar que os *artigos científicos* em Libras publicados na Revista são estabilizados e influenciados por trabalhos publicados em língua portuguesa, por exemplo, tradicionalmente circulados na esfera acadêmica. Com relação à isso, destaca-se que a principal diferença é a língua empregada.

É possível perceber a estruturação do *artigo científico*, claramente padronizada (CARVALHO, FERNANDES e FILHO, 2017) e imposta pela tradição de pesquisas científicas, segundo Trask (2008, p. 123-124):

O artigo científico está sujeito a regras de forma rígida: a ordem de apresentação precisa ser: panorama / metodologia / resultados / interpretação / conclusões; o artigo precisa ser escrito em terceira pessoa impessoal; e todos os erros, acidentes e prazos que se acumularam durante o trabalho precisam ser silenciados e omitidos. Um químico que tivesse a ideia de dizer em seu artigo “Nesse momento eu deixei cair a proveta no chão e tive que começar tudo de novo” não teria seu trabalho aceito para publicação.

A tradição acadêmica considera que “a profusão de cores e imagens que constitui a página em análise foge ao padrão do “aceitável” para simbolizar a seriedade acadêmica. Então, menor ocorrência de elementos visuais e arranjos implica maior credibilidade científica?” (DIONISIO, 2011, p. 145). Essa é uma questão que merece ser explorada futuramente. De qualquer forma, é importante refletir sobre a relação entre o que é entendido como “problema” e o que percebe ser convencionado e circulado na cultura Surda.

Na cultura Surda os elementos visuais são valorizados e necessários nas produções acadêmicas devido à influência dos aspectos dessa cultura, como bem pontuam Perlin (2003), Perlin e Miranda (2003), Miranda (2007), Campello (2008), Marques (2008), Strobel (2008; 2013) quando observam que os Surdos têm construído suas experiências visuais de forma intensificada. Nessa perspectiva, Quadros (2003, p. 86) observa que a cultura Surda:

[...] é multifacetada, mas apresenta características que são específicas, ela é visual, ela traduz-se de forma visual. As formas de organizar o pensamento e a linguagem transcendem as formas ouvintes. Elas são de outra ordem, uma ordem com base visual e por isso têm características que podem ser ininteligíveis aos ouvintes. Ela se manifesta mediante a coletividade que se constitui a partir dos próprios surdos.

Isso implica entender que os elementos visuais são talvez mais aceitáveis nos gêneros da esfera acadêmica em Libras videossinalizada, considerando a cultura Surda e as características visuais das línguas de sinais. Em razão da própria natureza da Libras e do seu suporte de registro – o vídeo – torna-se compreensível o emprego de elementos estilísticos e recursos semiológicos que estejam diretamente vinculados à aspectos visuais.

Sobre os *artigos científicos* em Libras enquanto gênero da esfera acadêmica, é importante pensar que são também meios de se fortalecer as políticas linguísticas tão necessárias para a área. Sobre isso, Silva, R. (2017, p. 116) observa que:

A partir da Lei nº 10.436/2002 e do Decreto nº 5.626/20059 os direitos linguísticos dos surdos brasileiros passaram a ser reconhecidos e valorizados, sobretudo na área de educação e nas políticas de acesso à comunicação e ao conhecimento. Outra lei que vale destacar, importante atualmente para a consolidação das novas políticas linguísticas das comunidades surdas, publicada em 2015, é a Lei Brasileira de Inclusão, nº 13.146, que incentiva a produção de artigos científicos acessíveis, incluindo o uso da Libras em sua construção e publicação. De acordo com o artigo 68, § 3º da Lei: “O poder público deve estimular e apoiar a adaptação e a produção de artigos científicos em formato acessível, inclusive em Libras”. Esse fato é um passo fundamental nas políticas linguísticas da Libras no Brasil. Diante da legislação que apresenta uma política linguística favorável à língua de sinais, várias ações estão sendo desencadeadas em relação à esta língua.

Nesse contexto, por fim, Calvet (2007, p. 75) considera que “as políticas linguísticas são geralmente repressoras e precisam, por essa razão, da lei para se impor”, uma vez que conforme o autor, “não existe planejamento linguístico sem suporte jurídico”. Para fechar essa subseção, cabe compartilhar a citação de Gerard Piel, citado por Azevedo, I. (2012, p. 94) que diz que: “*sem publicação, a ciência é morta*”.

3.4.6. Resumos

De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas, ABNT/NBR 6028 (2003), o *resumo* se caracteriza como “[...] apresentação concisa dos pontos relevantes de um texto, fornecendo uma visão rápida e clara do conteúdo e das conclusões do trabalho”. As vantagens do *resumo* consideradas por Oliveira, Jorge (2012, p. 108) são: reduz o texto sem implicar no conteúdo essencial; possibilita a participação ativa na aprendizagem; e economiza o tempo de pesquisa. Assim, é evidente que o *resumo* seja talvez um dos gêneros da esfera acadêmica mais solicitados no universo acadêmico relacionado à língua portuguesa.

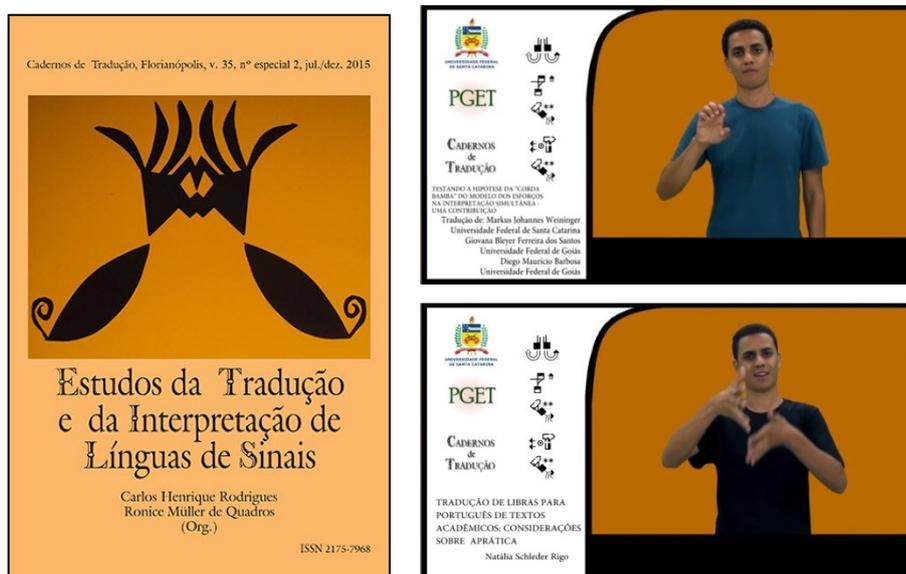
Durante o levantamento realizado, foi possível identificar alguns *resumos* disponíveis em plataformas de domínio público. Esses resumos identificados foram aqui trazidos como exemplos, a saber: resumos da *Revista Cadernos de Tradução*, do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) da UFSC; resumos dos capítulos que compõe o livro *Letras-Libras: ontem, hoje e amanhã*; e, por fim, *resumos* em Libras que compõem a *Revista Fórum INES*.

- Resumos da Revista Cadernos de Tradução

Os *resumos* referentes aos artigos científicos da *Revista Cadernos de Tradução* foram disponibilizados para o público por meio do canal institucional criado na plataforma *YouTube* vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Os *resumos* identificados no levantamento correspondem aos artigos publicados na Edição Especial⁶⁰ “Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais” publicados em 2015.

⁶⁰ Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/issue/view/2296>. Acesso em: 10 abr. 2019.

Figura 34: Resumos em Libras videossinalizada da Revista Cadernos de Tradução.



Fonte: imagens extraídas da internet⁶¹.

- Resumos dos capítulos do livro “*Letras-Libras: ontem, hoje e amanhã*”.

Os resumos dos capítulos do livro intitulado: “*Letras-Libras: ontem, hoje e amanhã*”, foram traduzidos e disponibilizados em DVD em anexo a versão impressa do livro. O livro foi publicado em 2014 pela Editora UFSC. O livro foi organizado pela Prof.^a Dra. Ronice Müller de Quadros, com 12 capítulos, sobre a constituição do Curso de Letras Libras da UFSC.

Figura 35: Resumos em Libras videossinalizada de capítulos de Livro.



Fonte: imagens extraídas da internet⁶².

⁶¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCP2MbnZZHjh2Zb4DUadTXkA>. Acesso em: 10 abr. 2019.

- Resumos da Revista Fórum INES

O Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) promove diferentes periódicos, um deles é a Revista Fórum que disponibiliza, desde 2015, *resumos* referentes a artigos científicos publicados. Observam-se as imagens a seguir:

Figura 36: Resumos em Libras videossinalizada da Revista Fórum INES.



Fonte: imagens extraídas da internet⁶³.

Além dos *resumos* publicados pela Revista Cadernos de Tradução, os *resumos* dos capítulos do livro *Letras-Libras: ontem, hoje e amanhã* e os *resumos* em Libras videossinalizada da Revista Fórum INES, durante o levantamento realizado, por hora, não foram identificados mais exemplos disponíveis em plataformas na internet de domínio público.

3.4.7. Provas

Durante o levantamento realizado na primeira etapa da investigação, um dos gêneros observados com maior expressividade de quantidade e continuidade de publicação e difusão na esfera acadêmica, disponível em domínio público na internet, e de grande circulação na comunidade Surda é o gênero *prova*. Por essa razão, esse gênero da esfera acadêmica foi, portanto, escolhido para que uma análise aprofundada fosse realizada na segunda etapa da

⁶² Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/132498>. Acesso em: 10 abr. 2019.

⁶³ Disponível em: <http://www.ines.gov.br/seer/index.php/forum-bilingue/issue/view/3/showToc>. Acesso em: 10 abr. 2019.

pesquisa. Essa análise – como será melhor descrita nos capítulos que seguem – foi realizada com base nos elementos discursivos da abordagem bakhtiniana. Embora esse gênero venha a ser aprofundado e detalhado, por hora, cabe detalhar nessa subseção final a *prova* enquanto um dos gêneros da esfera acadêmica identificado no levantamento realizado.

De acordo com Costa, S. (2014), *prova* se caracteriza como teste ou exame. Esse gênero em especial pode ser composto de perguntas abertas ou fechadas, questões e indagações de várias naturezas (objetivas, dissertativas, etc.). De forma geral, pode-se entender que o objetivo desse gênero é avaliar conhecimentos, habilidades e competências diversas.

É possível entender a *prova em Libras videossinalizada* como talvez um dos primeiros gêneros da esfera acadêmica produzido por instituições de ensino superior no Brasil. Para respaldar essa informação, vale lembrar que no ano de 2006, houve a elaboração e aplicação de dois tipos de provas produzidas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A prova de exame de proficiência linguística, conhecida como Prolibras e as provas de exame de seleção para ingresso no primeiro curso de graduação em Letras-Libras oferecido na modalidade à distância pela UFSC. Ambas as provas citadas desde quando publicadas, estão disponíveis na internet para acesso livre em domínio público.

Além do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), como já mencionado como uma importante instituição que realizou inúmeras produções videossinalizadas, com recursos multimodais, em Libras voltadas à esfera artística e demais esferas, podemos também citar novamente a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) como uma instituição responsável por muitas produções em Libras de gêneros da esfera acadêmica de 2006 até os dias atuais.

Nas imagens abaixo, trago para ilustrar dois recortes das provas mencionadas acima produzidas pela referida instituição. Na esquerda um recorte da prova de vestibular do curso de Letras-Libras realizado em 2006 na modalidade à distância e na esquerda um recorte do exame de proficiência linguística, Prolibras, também realizado em 2006.

Figura 37: Provas em Libras videossinalizada produzidas pela UFSC.



Vestibular Letras-Libras 2006⁶⁴



Prolibras 2006⁶⁵

É interessante destacar que, nos dias de hoje, os direitos linguísticos e os direitos de acessibilidade dos Surdos brasileiros implicam o aumento da elaboração e aplicação de provas em Libras videossinalizada, de modo a ser possível promover a igualdade de acesso às informações. A prova em Libras videossinalizada é entendida como uma possibilidade de acesso dos Surdos ao conteúdo em sua primeira língua (L1), assim como tradicionalmente as provas são elaboradas e aplicadas para as pessoas ouvintes em língua portuguesa, isto é, na sua primeira língua (L1) também. No caso das provas de vestibular – especificamente no contexto da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), há exceção quando no caso de questões voltadas à língua estrangeira e questões de português como segunda língua (L2), geralmente, destinada aos candidatos Surdos.

Diante desse cenário, é importante não esquecer o fato de que, por muito tempo, os Surdos sempre estiveram excluídos dos processos seletivos e exames de várias ordem, não apenas por não ter sua primeira língua considerada nesses contextos, mas também pela ausência de políticas públicas, políticas linguísticas e políticas de inclusão que fizessem com que suas realidades fossem diferentes.

Felizmente, após inúmeros avanços, sobretudo por razões legais – exigências trazidas na legislação brasileira – essa realidade de exclusão passou a mudar e a traçar novos rumos mais inclusivos, de modo que os Surdos passaram a ter, gradativamente, seus direitos linguísticos respeitados. Uma evidência disso é as inúmeras provas produzidas por inúmeras instituições diversas espalhadas por várias regiões do Brasil, conforme é possível observar nos quadros mais a frente que apresentam alguns exemplos de provas encontradas durante o levantamento dessa primeira etapa da investigação.

Muito se discute sobre as políticas linguísticas e os direitos linguísticos dos Surdos. Em uma palestra realizada pela Prof.^a Ronice Müller de Quadros, em 2017 na UFSC, em um

⁶⁴ Disponível em: <http://antiga.coperve.ufsc.br/ead2006/libras/provasegabaritos.html>. Acesso em: 20 mar. 2019

⁶⁵ Disponível em: <http://dados.coperve.ufsc.br/Prolibras/2006/provasegabaritos.html>. Acesso em: 20 mar. 2019.

curso de capacitação de Currículo de Libras – Formação Pedagógica, voltado para professores e demais profissionais da área da UFSC, muito foi discutido sobre essa questão e sobre a “justiça linguística” das pessoas Surdas. Entende-se que muito ainda precisa ser melhorado e avançado na área, porém não se pode desconsiderar tudo aquilo que as comunidades Surdas conquistaram desde então no Brasil.

O histórico de segregação, exclusão e discriminação social, cultural e linguística por muitos anos – quando os Surdos ficavam à margem da sociedade sem poder sequer participar de concursos públicos, processos seletivos em geral, tampouco realizar seus exames de habilitação para condução de veículos (CNH) – ainda é uma dívida social que demorará a ser paga, uma vez que seus prejuízos ainda são sentidos pelos Surdos nos dias atuais. Os movimentos Surdos e suas pautas existem vêm se fortalecendo ao longo dos anos, à medida que a Libras passa a ser reconhecida.

Assim como Quadros e Stumpf (2018) discutem em seu trabalho intitulado *“Reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais: legislação da língua de sinais e seus desdobramentos”*, que as produções em Libras videossinalizada realizadas pelos Surdos brasileiros são importantes ferramentas de fortalecimento desse reconhecimento linguístico, uma vez que além de projetarem a Libras para diferentes esferas, também são formas de contribuir com as lutas dos movimentos Surdos pela exigência de seus direitos previstos na legislação sejam respeitados devidamente.

Provas e exames, de maneira geral, quando passam a ser ofertados em Libras, considerando a primeira língua (L1) dos Surdos brasileiros, não apenas dão visibilidade para os Surdos e sua língua, mas também contribuem para transformações sociais e educacionais, uma vez que são importantes pontes de acesso ao universo do conhecimento e, conseqüentemente, ao empoderamento das pessoas Surdas.

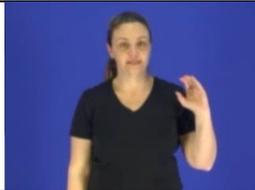
No levantamento realizado, foi possível identificar diferentes perfis de provas disponibilizadas em Libras videossinalizada. Foram observadas, por exemplo, provas referentes a processos seletivos, vestibulares, exames de proficiência linguística e exame de qualidade do ensino médio, como já mencionado. Por ordem cronológica, apresento nos quadros abaixo exemplos de provas disponibilizadas de forma permanente e contínua em plataformas virtuais disponíveis para domínio público na internet. Essas plataformas pesquisadas – fonte de coleta dos exemplos para compor o levantamento – compreenderam sites, páginas, portais, etc. de diferentes instituições. Foram consultadas várias plataformas, sobretudo, vinculadas a instituições de ensino superior, uma vez compreendendo esse gênero

como presente mais expressivamente na esfera universitária e acadêmica de nível superior de ensino.

No quadro abaixo, em especial, compartilho primeiramente o levantamento de provas de exame de seleção para ingresso universitário e, também, provas de exame de proficiência linguística (Prolibras) elaboradas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), uma vez que se trata de uma instituição com produções permanentes e contínuas desse gênero em especial, com vídeos compartilhados e disponibilizados na internet para acesso de domínio público.

Quadro 11: Provas em Libras videossinalizada produzidas pela UFSC.

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC				
Ano	Contexto		Recorte Ilustrativo da Prova	
2006	Vestibular Letras-Libras EAD UFSC			
2006	Prolibras 2006 UFSC			
2007	Prolibras 2007 UFSC			
2008	Vestibular Letras-Libras EAD UFSC			
2008	Prolibras 2008 UFSC			
2009	Vestibular Letras-Libras UFSC			

2009	Prolibras 2009 UFSC		
2010	Vestibular Letras-Libras UFSC		
2010	Prolibras 2010 UFSC		
2012	Vestibular Letras-Libras UFSC		
2012 2013	Prolibras 2012/2013 INES/UFSC ⁶⁶		
2013	Vestibular Letras-Libras UFSC		
2014	Vestibular Letras-Libras UFSC		
2014	Vestibular Letras-Libras EAD UFSC		
2015	Vestibular Letras-Libras UFSC		

⁶⁶ O exame de proficiência linguística Prolibras referente aos anos de 2012/2013 e de 2015 foi realizado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em parceria com o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

2015	Prolibras 2015 INES/UFSC		
2016	Vestibular Letras-Libras EAD UFSC		
2016	Vestibular Letras-Libras UFSC		
2017	Vestibular Letras-Libras UFSC		
2018	Vestibular Letras-Libras UFSC		
2019	Vestibular Letras-Libras UFSC		

Fontes dos demais vídeos registradas na seção 7.2. desta tese.

Além da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) enquanto instituição referência – como já mencionado – com expressivo número de produções de provas em Libras videossinalizada, durante o levantamento também foi possível identificar esse mesmo gênero publicado de forma permanente vinculado a outras instituições de ensino superior. Por exemplo, provas de vestibular de ingresso ao curso de Letras-Libras de várias universidades, tais como: Universidade Federal de Sergipe (UFS), Universidade Federal do Tocantins (UFT), Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Além de provas vinculadas ao exame de seleção via vestibular ao curso de Letras-Libras das instituições acima mencionadas, também foram identificadas em plataformas de domínio público provas referentes ao Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), de

responsabilidade do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

Esse exemplo aqui trazido também no levantamento não foi escolhido para apresentação em razão de sua publicação contínua, mesmo porque a disponibilidade de provas do ENEM em Libras videossinalizada é algo recente, apenas duas edições até então foram realizadas. A terceira edição do ENEM em Libras está em fase de realização no presente ano, 2019. As provas do ENEM em Libras foram aqui mencionadas – também enquanto gênero da esfera acadêmica – no sentido de demonstrar as produções recentes em Libras que vem sendo realizadas e que tem grande importância educacional e impacto social para os Surdos brasileiros. Também no sentido de demonstrar que o ENEM em Libras é um resultado nítido das lutas e militância dos movimentos Surdos.

É interessante mencionar que a primeira edição do ENEM em Libras aconteceu no ano de 2017 e que, nesse mesmo ano, o tema da redação do exame foi: “Desafios para Formação Educacional de Surdos no Brasil”. Embora esse tema tenha ganhado uma expressiva repercussão – negativa por parte de estudantes e educadores ouvintes (desconhecedores das questões relacionadas à Educação de Surdos) – foi inegável sua importância para as comunidades Surdas e as diferentes esferas sociais.

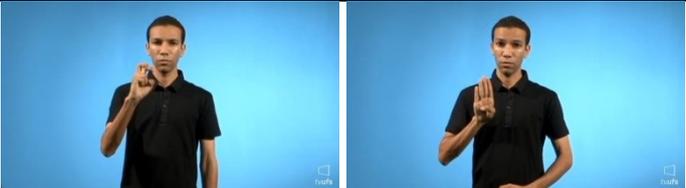
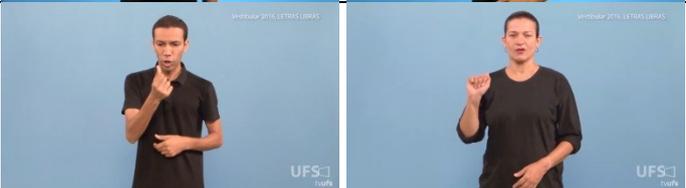
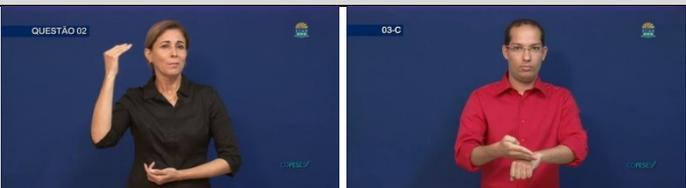
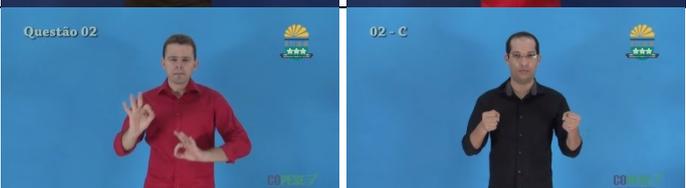
As provas em Libras realizadas para o ENEM pelo INEP foram denominadas como: *videoprova em Libras*. Entende-se nesta pesquisa que essa denominação é sinônima de *prova em Libras videossinalizada*. Para fins de contextualização apenas, é oportuno mencionar que o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) consultou a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) para dar início à realização das Libras em Libras (informação verbal)⁶⁷.

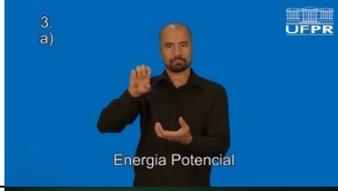
Abaixo segue o segundo quadro de exemplos identificados no levantamento realizado, com recortes ilustrativos de provas de exame de seleção para ingresso universitário em universidades federais – em especial para ingresso em cursos de Letras-Libras – e, também, recortes referentes às duas primeiras edições do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Destaca-se que as fontes consultadas aqui também compreenderam a plataforma *YouTube*, uma vez que em razão de ser uma plataforma multifuncional, é empregada por várias instituições para compartilhamento de vídeos institucionais. No *YouTube* é possível criar

⁶⁷ A informação relatada pela Prof.^a Ronice Müller de Quadros, na sua palestra intitulada: “Lei de Libras e Movimentos Sociais: o papel da Feneis”, proferida por ela mesma, no Encontro Acadêmico de Comemoração pelos 17 anos de reconhecimento da Lei nº 10.436 de 2002, realizado no dia 24 de abril de 2019, na UFSC.

contas com perfis de pessoa física ou pessoa jurídica (empresas, instituições, órgãos e entidades em geral) em geral, e vincular vídeos diversos permitindo seu fácil acesso.

Quadro 12: Provas em Libras videossinalizada produzidas por várias instituições.

Universidade Federal de Sergipe – UFS		
Ano	Contexto	Recorte Ilustrativo da Prova
2015	Vestibular Letras-Libras UFS	
2016	Vestibular Letras-Libras UFS	
2017	Vestibular Letras-Libras UFS	
2018	Vestibular Letras-Libras UFS	
2019	Vestibular Letras-Libras UFS	
Universidade Federal do Tocantins – UFT		
Ano	Contexto	Vídeo
2015	Processo Seletivo Letras-Libras UFT	
2016	Processo Seletivo Letras-Libras UFT	

2018	Processo Seletivo Letras-Libras UFT		
Universidade Federal do Paraná – UFPR			
Ano	Contexto	Vídeo	
2016	Processo Seletivo Letras-Libras UFPR		
2017	Processo Seletivo Letras-Libras UFPR		
2018	Processo Seletivo Letras-Libras UFPR		
2019	Processo Seletivo Letras-Libras UFPR		
Universidade Federal do Amazonas – UFAM			
Ano	Contexto	Vídeo	
2018	Processo Seletivo Letras-Libras UFAM		
2019	Processo Seletivo Letras-Libras UFAM		
Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM			
Ano	Contexto	Vídeo	
2017	Exame Nacional do Ensino Médio ENEM		

2018	Exame Nacional do Ensino Médio ENEM		
------	--	--	---

Fontes dos demais vídeos registradas na seção 7.2. desta tese.

Observa-se que os exemplos de provas identificadas no levantamento em edições publicadas de forma contínua e permanente referem-se a universidades federais e, todos os exemplos tem relação com exames de seleção (processo seletivo ou vestibular) para ingresso no curso de Letras-Libras. É interessante considerar diante disso, que se trata de produções vinculadas diretamente ao universo das comunidades Surdas, ou seja, aos cursos de Letras-Libras que compreendem a formação de professores de Libras ou de tradutores e intérpretes de Libras/Português. Entende-se diante disso que essas provas são gêneros que passam surgir de acordo com a demanda situacional da esfera, dos interlocutores em questão – os Surdos e os profissionais desse campo do saber – influenciados por um atual momento histórico de expressiva ascensão e consolidação da Libras na esfera acadêmica e da inclusão dos Surdos no ensino superior.

No levantamento realizado, naturalmente, não foi possível identificar precisamente todas as provas existentes em Libras disponibilizadas na internet, mesmo porque esse não era o objetivo do levantamento. Como mencionado, o levantamento realizado teve um caráter mais exploratório, de sondagem inicial de diferentes gêneros – sobretudo os da esfera acadêmica – que mais circulam pelas comunidades Surdas e de mais fácil acesso via internet. Nesse sentido, foram trazidos aqui para apresentação apenas alguns exemplos de provas de algumas instituições, assim como os demais gêneros antes mencionados nas subseções desse capítulo.

É fundamental pontuar, porém, que exceto as instituições que produziram as provas mencionadas nos quadros acima, editais de demais instituições, embora mencionem sobre a oferta de provas em Libras, essas provas não foram disponibilizadas na internet. As provas disponibilizadas pelas demais instituições foram disponibilizadas apenas na versão em português escrito (em formato de arquivo Word ou PDF).

Com relação a isso, entendo ser importante refletir sobre a possibilidade de os candidatos ouvintes terem livre acesso às provas em língua portuguesa para consulta (tendo em vista o uso dessas provas para estudos de exames futuros ou como embasamento para processos de recursos, etc.), ao contrário dos candidatos Surdos que não possuem essa

alternativa, caso necessitem. Diante desse cenário, nesses casos, entende-se que os Surdos não estão sendo atendidos quanto aos seus direitos previstos nos editais, que deveriam ser respeitados em igualdade aos demais candidatos ouvintes.

Sobre as provas em Libras, também é importante mencionar sobre as pesquisas e estudos que vêm sendo realizadas na área e que trazem esse gênero como objeto de análise. Cito aqui alguns trabalhos, como o de Quadros, Stumpf e Oliveira (2011), por exemplo, que pesquisaram sobre a avaliação de Surdos na universidade, incluindo as discussões e reflexões sobre a tradução de provas para Libras. Também a pesquisa de Quadros, Souza e Vargas (2012) apresentada na edição de 2012 do Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa, em que abordam sobre a tradução das provas de vestibular da UFSC com foco na edição do processo seletivo de 2012.

Nessa mesma perspectiva, de investigação do processo de tradução de provas para Libras num foco metodológico, também vale citar a pesquisa de Silva e Silva (2012) apresentada no mesmo ano do evento acima citado. Já Oliveira e Silva (2014) também compartilham suas experiências com relação aos trabalhos com gêneros em Libras da esfera acadêmica produzidos pela equipe de tradução do curso de Letras-Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Por fim, vale mencionar ainda, em termos de pesquisas mais aprofundadas e sistemáticas, a dissertação de mestrado de Valsechi (2015) que traz uma discussão sobre a prosódia na sinalização de provas do vestibular da UFSC e, também a tese de doutorado de Reichert (2015), que problematiza os processos de tradução de provas de vestibular da língua portuguesa escrita para Libras.

É interessante observar também que o gênero prova principalmente de vestibular em Libras videossinalizada, geralmente, enfrenta discussões e preocupações ligadas a questões terminológicas e tradutórias, uma vez que o contexto em questão pode ter implicações jurídicas, considerando possíveis processos ou recursos de candidatos com relação a escolhas de tradução dos sinalizantes da prova (por exemplo, o emprego ou não de estratégias de expansão, explicitação, explicação, etc.) ou com relação ao emprego de variantes da Libras. Esse tipo de preocupação e discussão, eu compartilho aqui considerando minha própria experiência enquanto tradutor de provas de vestibular na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Para realização desse tipo de trabalho a universidade sempre conta com uma equipe de profissionais que, durante o processo de tradução das provas, muito discute sobre essas questões.

Nessa dimensão tradutória e terminológica, vale citar alguns estudos e pesquisas que trazem essa temática ou temas relacionados, como: Farias-do-Nascimento (2009), Avelar (2010), Souza (2010), Silva, R. (2013); e os já antes citados: Quadros, Sousa e Vargas (2012), Oliveira e Silva (2014), Valsechi (2015) e Reichert (2015).

No gênero *prova* os trabalhos de tradução de português escrito para Libras videossinalizada são considerados complexos, como bem observa Reichert (2015, p. 112):

[...] a tradução para a Libras vai expor um jogo de relações entre um material escrito e um material sinalizado, entre uma forma consolidada de expressão e de registro que determina diferentes *leituras* de um texto, diferentes gêneros, diferentes formas discursivas que possuem suas próprias convenções no material escrito e diferentes estratégias de uso da tecnologia de registro (o material impresso). [...] de outra parte, temos uma tradução em Libras que muitas vezes suprime, readapta, convencionada de outra maneira as referências ao conteúdo e cria diferentes estratégias de uso da tecnologia de registro disponível (no caso, o vídeo).

De acordo com a pesquisa de Reichert (2015), é possível notar convenções de um determinado grupo, por exemplo, nas provas de vestibulares da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), há a orientação de uso específico de cores de vestimenta (camisa/camiseta) para destacar a diferenciação entre a sinalização de enunciados de pergunta e a sinalização das proposições das alternativas de resposta, conforme é possível observar nos recortes ilustrativos abaixo, com base no autor:

Figura 38: Prova em Libras videossinalizada da UFSM.



Fonte: imagens extraídas de Reichert (2015, p. 88).

Conforme o autor (2015, p. 88), “pelo fato de a sinalização ser realizada na frente do peito do sinalizador, é importante que a roupa seja lisa e de cor neutra, para a clareza da sinalização”. Mais considerações a respeito da vestimenta serão trazidas nos capítulos seguintes de procedimentos metodológicos e análise dos dados e discussão dos resultados,

uma vez entendendo a vestimenta e suas cores como um recurso semiológico de construção composicional do gênero prova.

3.5. Considerações gerais sobre gêneros em Libras

Com base no que foi exposto nesse capítulo, vem como nos exemplos apresentados identificados no levantamento realizado que evidenciam os gêneros emergentes em Libras videossinalizada, em especial, os gêneros emergentes da esfera acadêmica, cabe considerar que existe um aumento significativo da questão dos gêneros em Libras. Embora ainda existam poucas discussões teóricas a respeito dos gêneros da esfera acadêmica, é importante valorizar aquelas que já existem voltadas às outras esferas. Assim, destaco aqui, por exemplo, as pesquisas de Albres (2015), Nascimento (2016; 2017) e Medeiros (2018).

Considerando a dimensão discursiva instrucional classificada assim por Marcuschi (2008) é importante reconhecer os gêneros ligados ao âmbito acadêmico, científico e educacional. E, diante disso, reconhecer a quantidade de pesquisas em geral sobre os gêneros discursivos voltados para a língua portuguesa que é muito mais expressivo que os gêneros discursivos em língua de sinais.

Vale destacar a pesquisa de Costa, F. (2018) sobre *autobiografia surda*. O autor observa que nesse gênero há uma característica em destaque: os sinais especialmente marcados pelo sujeito Surdo, ou seja, pelo autor Surdo do texto. Por consequência, o idioleto é considerado um dos elementos mais frequentes no gênero *autobiografia*. É possível perceber que nos gêneros secundários o idioleto é monitorado, ao contrário dos gêneros primários, assim como o exemplo apresentado por Costa, F. (2018).

Albres e Saruta (2012) elaboraram o livro intitulado: “*Programa Curricular de Língua Brasileira de Sinais para Surdos*”, apresentando discussões e reflexões sobre como elaborar o currículo de Libras para os alunos Surdos nas escolas e/ou nas disciplinas de Libras; com conteúdos fundamentais para seu desenvolvimento linguístico e cognitivo. Vale destacar que nesse livro há uma discussão atenciosa à questão de ensino de gêneros. Como observam Albres e Saruta (2012, p. 15) “uma língua não se aprende por intuição: os gêneros mais formais, como o seminário, palestra, orientação, entrevista entre outras devem ser trabalhados com as crianças surdas desde as séries iniciais”.

Os profissionais da Educação de Surdos, como professores, instrutores, coordenadores pedagógicos, pesquisadores, tradutores e intérpretes educacionais, devem buscar cumprir o papel de contribuir para a transformação dos alunos Surdos em sujeitos com maior

conhecimento das variedades de gêneros e as habilidades para poderem escolher um gênero específico ou adequar-se à situação comunicativa. Nesse prisma, observam Dolz, Schneuwly e Haller (2004, p. 147) que “o papel da escola é levar os alunos a ultrapassar as formas de produção oral cotidianas para os confrontar com outras formas mais institucionais, mediadas, parcialmente reguladas por restrições exteriores”.

Especificamente no que diz respeito aos profissionais intérpretes que atuam na Educação de Surdos, Quadros (2004, p. 81) considera a importância do conhecimento desses profissionais de Libras sobre os tipos de discurso com os quais trabalham:

Os intérpretes devem criar expectativas em relação aos tipos de discurso que alguém irá usar em determinados contextos. Aos poucos se aprende que algumas expressões estão associadas a um tipo específico de discurso, por exemplo, “por que” e “razão” são frequentemente usados em um discurso persuasivo; “como” e “passos” indicam um discurso procedural; “versus”, “ou” e “comparação” são palavras típicas de discursos argumentativos; “estória” e “conto” são frequentemente associados com um discurso narrativo; “descrição” sugere um discurso explicativo. Assim, o intérprete tem condições de identificar os elementos possíveis que serão apresentados de acordo com o tipo de discurso preparando-se de antemão e dispondo de tais elementos de forma mais pronta e imediata durante a sua atuação (QUADROS, 2004, p. 81).

Com base nos documentos coletados aqui e no levantamento exploratório de gêneros emergentes em Libras videossinalizada, é possível observar que a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) é uma forte produtora de gêneros da esfera acadêmica e da esfera jurídica, como visto nos exemplos identificados no levantamento que se referem aos *editais* e as *provas*, enquanto que o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) é, da mesma forma, um forte produtor de outros tantos diversos gêneros em Libras ligados a outras esferas humanas.

Na realidade brasileira, é possível observar que a tradicional política de editoriais, revistas e publicações científicas ainda não reconhece de forma efetiva a Libras como uma língua legítima, linguisticamente complexa. Defende-se que quanto mais existirem gêneros materializados em Libras, em diferentes esferas, mais será possível enriquecer e retroalimentar a Libras, bem como contribuir para que seus interlocutores entendam suas características funcionais e como elas implicam nos gêneros discursivos. Como afirma Bakhtin (2011 [1979], p. 316) “a compreensão de uma obra em uma língua bem conhecida (ainda que seja a materna) sempre enriquece a nossa compreensão de tal língua como sistema”. O autor (2011 [1979], p. 293) afirma também que “as palavras podem entrar no

nosso discurso a partir de enunciações individuais alheias, mantendo em menor ou maior grau os tons e ecos dessas enunciações individuais”.

Galli (2010, p. 148) pontua a respeito do avanço da tecnologia que “permitiu a ampliação e a padronização do léxico, em área de especialidade, de forma a atender as necessidades em situação de uso – uma questão social e histórica”. A internet pode ser acessada por qualquer pessoa no mundo desde que a conexão está disponibilizada, segundo Galli (2010, p. 148) “nesse universo, a internet tem se tornado um dos meios de difusão de mensagens mais acessíveis e, desse modo, sua linguagem também se propagou e se tornou globalizada”. Faraco (2008) lembra sobre as normas sociais serem a base de qualquer comunicação:

[...] apesar de haver diferenças entre os falantes [sinalizantes – adendo meu] quanto ao domínio das muitas normas sociais, não há falantes que falem sem o domínio de alguma norma. Diferentes grupos sociais, por terem histórias e experiências culturais diversas, usam sim normas diferenciadas (e até discordantes). Mas não há grupo social que não tenha sua norma (FARACO, 2008, p. 37).

Com base na observação de Faraco (2008), vale pensar que um exemplo disso é a minoritária comunidade de pessoas surdocegas que está presente dentro da “majoritária” comunidade Surda brasileira, que conforme visto, recomenda determinadas orientações de uso para gêneros em Libras videossinalizada, gerando determinadas normas e convenções sociais que incluem esses interlocutores em especial.

Tanto as regras como normas são uma questão política por parte de instituições, autoridades e grupos sociais (BAGNO, 2015; FARACO, 2008). Esses grupos são importantes e responsáveis pelo apoio ao desenvolvimento e à produção de gêneros. Destaca-se aqui Fischer (2007, p. 42) que pontua que “os letramentos acadêmicos são formas de marcação de poder na sociedade e precisam ser também dominados por alunos ingressos no Ensino Superior para melhor participarem deste contexto social”.

IV. CAPÍTULO – Procedimentos metodológicos

4.1. Escolha do *corpus* e fonte de coleta dos dados

As *provas* em Libras identificadas no levantamento de gêneros emergentes da esfera acadêmica foram escolhidas aqui como objeto de análise da segunda etapa da investigação. Como já apontado no capítulo anterior, foram identificados três tipos de provas no levantamento realizado, a saber: provas de exame de proficiência linguística (Prolibras), provas do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e *provas de vestibular* de várias instituições de ensino superior. As provas de vestibular foram identificadas em um número expressivo de vídeos disponíveis na internet em diferentes plataformas. Além de o levantamento demonstrar esse número expressivo, também evidenciou a publicação anual e contínua de provas por parte de algumas instituições, como a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Para que fosse possível realizar uma análise sistemática e aprofundada desse gênero do discurso – a luz da perspectiva bakhtiniana – considerando possíveis elementos e tipos relativamente estáveis, as *provas de vestibular da UFSC* foram então escolhidas como recorte investigativo. Assim, a página⁶⁸ da internet da Comissão Permanente de Vestibular (Coperve) da UFSC foi usada como fonte de coleta dos dados que constituíram o *corpus* de análise. Na página da referida Comissão estão disponibilizados os vídeos referentes à praticamente todas as edições dos vestibulares da UFSC que ofereceram provas em Libras. Considerando o rico material disponível, foi então selecionada uma mostra para análise de provas referentes a duas edições em especial, o que permitiu traçar um comparativo de evolução do gênero e seus respectivos elementos constitutivos.

Com relação à fonte de coleta de dados de uma investigação, Gil (2010, p. 52) aponta que em razão da ampla difusão de materiais em formato eletrônico, as pesquisas passaram a empregar meios e sistemas de busca associadas às novas tecnologias. Sites, páginas da internet, plataformas virtuais, etc. passaram a ser enxergados nas últimas décadas como fonte de significativo acervo de material para pesquisa acadêmica e científica.

⁶⁸ Disponível em: <http://coperve.ufsc.br/>. Acesso em: 15 fev. 2019.

4.2. Descrição e delimitação do *corpus*

Uma vez tendo definido a escolha do *corpus* e a fonte de coleta dos dados, é preciso apresentar a descrição detalhada e a delimitação do *corpus* de análise. Entendo ser importante pontuar que a mostra inicial selecionada para análise compreendia provas referentes às edições de 2009 e 2019 do vestibular da UFSC. A edição de 2009 foi escolhida, em um primeiro momento, em razão de ter sido o primeiro ano em que a universidade ofertou provas em Libras, especificamente para o ingresso de alunos no curso presencial de Letras-Libras. Porém, ao fazer uma análise inicial das provas de 2009, pude observar uma diferença significativa (no formato e nos conteúdos) com relação às provas da última edição de 2019.

As provas do vestibular do ano de 2009 foram direcionadas ao curso de Letras-Libras e seus candidatos, portanto, envolveram um formato de produção e aplicação diferente das demais provas do mesmo ano elaboradas em língua portuguesa para os candidatos concorrentes aos demais cursos. Foi a partir de 2012 que as provas – comuns a todos os cursos e candidatos – passaram a ser traduzidas da língua portuguesa para Libras e disponibilizadas em formato videossinalizado. A opção de realizar a prova em Libras passou a ser oferecida desde então, não apenas para os candidatos Surdos ou candidatos concorrentes ao curso de Letras-Libras, mas para todos os candidatos inscritos no vestibular, independente do curso escolhido. Vale lembrar que Quadros, Sousa e Vargas (2012) relatam em seu trabalho com mais detalhe como essas provas aconteceram, como foram organizadas e como se deu o processo de tradução do vestibular.

Em razão de as provas de 2009 e 2019 serem diferentes, portanto, foi preciso definir uma nova amostra de análise. Essa nova mostra foi definida compreendendo dessa vez as provas de vestibular referentes ao ano de 2012 e as provas de vestibular referentes ao ano de 2019, ou seja, a primeira e última prova ofertadas em Libras a todos os candidatos e cursos da instituição.

Para fins não apenas de elucidação das diferenças entre as provas de 2009 e 2019 consideradas na primeira mostra escolhida para análise (posteriormente descartada), bem como para detalhamento de informações relativas às provas de 2012 e 2019 da UFSC, essas sim consideradas na mostra definida para análise, segue abaixo um quadro com detalhamentos relativos à: *medida de enquadramento dos vídeos, número de quadros por segundo, aspecto, quantidade de vídeos disponibilizados, duração e tamanho total da prova.*

Na primeira linha do quadro apresento o detalhamento referente às provas direcionadas ofertadas em Libras para ingresso dos candidatos ao curso presencial de Letras-

Libras, cujo formato e organização se difere consideravelmente das demais provas que passaram a ser oferecidas pela instituição nos anos posteriores. Na segunda e na terceira linha do quadro apresento o detalhamento referente às provas em Libras das edições do vestibular de 2012 e 2019 respectivamente.

Quadro 13: Detalhamento das *provas* de Vestibular UFSC 2009, 2012 e 2019.

Detalhamento	Recorte Ilustrativo das Provas
<p>Vestibular UFSC 2009 ⁽⁶⁹⁾</p> <p>Medida de enquadramento: 320x240 Quadros por segundo: 30fps Aspecto: 4:3 Quantidade de vídeos: 20 Duração total: 29m54s Tamanho total: 76,3 Megabytes (MB)</p>	
<p>Vestibular UFSC 2012 ⁽⁷⁰⁾</p> <p>Medida de enquadramento: 360x240 Quadros por segundo: 30fps Aspecto Ratio: 16:9 (enquadramento dinâmico) Quantidade de vídeos: 09 Duração total: 05h01m39s Tamanho total: 826 Megabytes (MB)</p>	
<p>Vestibular UFSC 2019 ⁽⁷¹⁾</p> <p>Medida de enquadramento: 1280x720 Quadros por segundo: 29fps Aspecto ratio: 16:9 Quantidade de vídeos: 09 Duração total: 04h42m09s Tamanho total: 1000,4 Megabyte (MB)</p>	

Considerando a necessidade de uma denominação mais objetiva e padronizada para se referir as provas (e seus respectivos anos), passarei a empregar a partir de agora a seguinte designação para os dados que compõe a mostra de análise definitiva: *Vestibular UFSC 2012* e *Vestibular UFSC 2019*.

As provas do Vestibular UFSC 2012 e do Vestibular UFSC 2019 não foram ofertadas partindo de uma organização igualmente padronizada. Por exemplo, a prova do Vestibular UFSC 2012 contou com a organização das questões em oito (08) áreas do conhecimento diferentes (mais a redação com questões discursivas), a saber: *Biologia, Física, Geografia, Libras como L2, Matemática, Português e Química*. Já a prova do Vestibular UFSC 2019 teve

⁶⁹ Disponível em: <http://www.vestibular2009libras.ufsc.br/index.php?s=provas>. Acesso em: 11 mar. 2019.

⁷⁰ Disponível em: <http://www.vestibular2012.ufsc.br/index.php?s=provas>. Acesso em: 11 mar. 2019.

⁷¹ Disponível em: <http://vestibular2019.ufsc.br/provas-e-gabaritos-definitivos/>. Acesso em: 11 mar. 2019.

suas questões organizadas em sete (07) áreas do conhecimento: *Biologia, Física, Ciências Humanas e Sociais, Libras como L1, Libras como L2, Matemática e Química* (mais a redação com questões discursivas). A prova de Vestibular UFSC 2019 combinou num mesmo bloco as questões relativas às áreas de *História e Geografia* e denominou como uma área única: *Ciências Humanas e Sociais*.

Essas e outras diferenças podem ser observadas no quadro de detalhamento da organização das provas abaixo. Na primeira coluna da tabela (da esquerda para a direita) são identificados os anos das provas; na segunda coluna são apresentadas as áreas do conhecimento contempladas nas provas, nas quais as perguntas foram concentradas em blocos; e na última coluna à direita é possível observar a duração de cada um dos vídeos em Libras que compreende as perguntas das provas conforme as áreas de conhecimento.

Tabela 1: Detalhamento da organização das *provas* de Vestibular UFSC 2012 e 2019.

Ano do Vestibular	Áreas do Conhecimento	Duração dos Vídeos
2012	Biologia	00h30m39s
	Física	00h44m52s
	Geografia	00h49m55s
	História	00h59m36s
	Libras como L2	00h11m59s
	Matemática	00h29m00s
	Português*	00h17m09s
	Química	00h43m29s
	Redação e Questões Discursivas*	00h15m00s
2019	Biologia	00h47m23s
	Física	00h34m12s
	Ciências Humanas e Sociais*	01h24m06s
	Libras como L1*	00h13m31s
	Libras como L2	00h10m08s
	Matemática	00h26m39s
	Química	00h48m23s
	Redação	00h06m34s
	Questões Discursivas	00h11m08s

É importante destacar que a prova de *Português* não foi ofertada em Libras na edição do Vestibular UFSC 2019, assim como a prova de *Libras como L1* também não foi no Vestibular UFSC 2012. Essas duas áreas do conhecimento, portanto foram retiradas do *corpus* de análise.

Outra diferença que cabe destacar é que no Vestibular UFSC 2012 praticamente todas as áreas do conhecimento e suas respectivas questões foram disponibilizadas em vídeos

separados. A *Redação* e as *Questões Discursivas*, porém, foram disponibilizadas num mesmo vídeo com duração total de 00h15m00ss, sendo que a parte da *Redação* teve duração de 5m03s e a parte das *Questões Discursivas* 09m57s. Essa combinação num único vídeo não aconteceu na edição do Vestibular UFSC 2019, onde a *Redação* e as *Questões Discursivas* foram disponibilizadas em vídeos separados, como é possível observar no quadro de detalhamento acima.

A combinação de áreas do conhecimento no Vestibular UFSC 2019 aconteceu, porém, com *Geografia* e *História*, cujo bloco de perguntas foi denominado de *Ciências Humanas e Sociais*, como já antes mencionado. O vídeo com as questões relativas a essa área do conhecimento combinada teve duração total de 01h24m06s, sendo que as perguntas identificadas como questões relativas à área de *Geografia* totalizaram 41m51s e as perguntas relativas à área de *História* 42m15s. A forma como cada uma das áreas foi identificada no vídeo será explicitada mais a frente. Cabe mencionar que a separação das áreas em vídeos diferentes para a análise foi realizada por meio do *software* EUDICO *Language Annotator*, doravante ELAN, que também será, mais a frente, detalhado.

Considerando que cada vídeo analisado possui variações relativas ao tempo de duração, foi preciso propor uma transformação desses tempos de duração em valores fixos, de modo obter uma padronização nos resultados relativos aos cálculos quantitativos e porcentagens geradas pelos dados. Estipulou-se assim, *Valores de Referência* (VR) para intervalos de tempo. Esses intervalos de tempo e seus respectivos valores de referência são usados ao longo de todas as análises e podem ser verificados detalhadamente na tabela abaixo:

Tabela 2: Intervalo de tempo e Valores de Referência (VR).

Tempo	Valores de Referência (VR)
1 a 10 segundos	1,7
11 a 20 segundos	3,4
21 a 30 segundos	5
31 a 40 segundos	6,7
41 a 50 segundos	8,4
51 segundos a 1 minuto	10
5 minutos	50
10 minutos	100
20 minutos	200

Com base na proposta dos VR correspondente aos intervalos de tempo estipulados apresentados na tabela acima, tem-se uma nova tabela de detalhamento com os VR relativos a cada vídeo das provas do Vestibular UFSC 2012 e Vestibular UFSC 2019. Esses valores serão aplicados nas análises comparativas referentes à quantificação de ocorrências dos aspectos de Soletração Manual (SM) e alguns aspectos relacionados a recursos visuais, como bem será apresentado no capítulo de análise dos dados e discussão dos resultados.

Tabela 3: Valores de Referência (VR) dos vídeos do Vestibular UFSC 2012 e 2019.

Ano do Vestibular	Áreas do Conhecimento	Duração dos Vídeos	Valores de Referência	
2012	Biologia	00h30m39s	306,7	
	Física	00h44m52s	450	
	Geografia	00h49m55s	500	
	História	00h59m36s	596,7	
	Libras como L2	00h11m59s	120	
	Matemática	00h29m00s	290	
	Química	00h43m29s	435	
	Redação* (5m03s)	00h15m00s	51,7	
	Questões Discursivas* (09m57s)		100	
2019	Biologia	00h47m23s	475	
	Física	00h34m12s	343,4	
	Ciências Humanas e Sociais*	Geografia (41m51s)	01h24m06s	Geografia: 420
		História (42m15s)		História: 423,4
	Libras como L2	00h10m08s	101,7	
	Matemática	00h26m39s	266,7	
	Química	00h48m23s	485	
	Redação	00h06m34s	66,7	
	Questões discursivas	00h11m08s	111,7	

Ainda para fins de descrição e delimitação do *corpus*, cabe ainda apresentar nessa seção algumas informações a respeito dos sinalizantes dos vídeos em Libras das provas analisadas, considerando as respectivas áreas do conhecimento com as quais se responsabilizaram nas edições do Vestibular UFSC 2012 e Vestibular UFSC 2019. Assim como mencionado anteriormente, as provas do Vestibular UFSC 2012 – com exceção da área de *Português* que não contou com as questões em Libras – compreenderam oito (08) áreas do conhecimento, sendo organizadas em nove (09) vídeos.

Para a sinalização das provas, a edição contou com a participação de três (03) sinalizantes, sendo um homem e duas mulheres. As provas de *Biologia*, *Física*, *Matemática* e *Química* ficaram sob a responsabilidade do sinalizante homem, que aqui denominaremos de Tradutor-Ator A, ou seja, *TA-2012-A*. Já as provas de *Geografia* e *História* do Vestibular UFSC 2012 ficaram sob a responsabilidade de uma das sinalizantes mulher que aqui será

referida como Tradutora-Atriz B, ou seja, *TA-2012-B*. Por fim, as perguntas do vestibular relativas a *Libras como L2*, *Redação* e *Questões Discursivas* ficaram sob a responsabilidade da segunda sinalizante mulher que será identificada como Tradutora-Atriz C, isto é, *TA-2012-C*. As imagens dos sinalizantes participantes das provas em Libras do Vestibular UFSC 2012 são apresentadas na coluna da esquerda do quadro abaixo, para fins elucidativos.

Já na edição do Vestibular UFSC 2019 foi possível observar a participação de dois homens sinalizantes e apenas uma mulher. As provas das áreas de *Biologia*, *Matemática* e *Química* ficaram sob a responsabilidade do Tradutor-Ator A, denominado como *TA-2019-A*. Já as provas das áreas de *Física* e *Ciências Humanas e Sociais* (que compreendeu as áreas de *Geografia* e *História* cominadas) ficaram sob a responsabilidade do Tradutor-Ator B, aqui referido como *TA-2019-B*. Por fim, as áreas do conhecimento relativas a *Libras como L2*, *Redação* e *Questões Discursivas* ficaram sob a responsabilidade da sinalizante mulher que participou das provas do Vestibular UFSC 2019. A referida sinalizante será aqui denominada de Tradutora-Atriz C, doravante *TA-2019-C*. As imagens dos responsáveis pela sinalização das provas em Libras do Vestibular UFSC 2019 são apresentadas na coluna da direita do quadro abaixo, seguindo a mesma intenção de elucidação antes mencionada:

Quadro 14: Sinalizantes das Provas de Vestibular UFSC 2012 e 2019.

2012	2019
 <p>TA-2012-A</p> <ul style="list-style-type: none"> - Biologia - Física - Matemática - Química 	 <p>TA-2019-A</p> <ul style="list-style-type: none"> - Biologia - Matemática - Química
 <p>TA-2012-B</p> <ul style="list-style-type: none"> - Geografia - História 	 <p>TA-2019-B</p> <ul style="list-style-type: none"> - Física - Ciências humanas e sócias (história e geografia)
 <p>TA-2012-C</p> <ul style="list-style-type: none"> - Libras como L2 - Redação - Questões discursivas 	 <p>TA-2019-C</p> <ul style="list-style-type: none"> - Libras como L2 - Redação - Questões discursivas

Uma vez tendo apresentado os detalhes referentes às provas que compõem o corpus de análise, é importante ainda mencionar brevemente sobre as ferramentas de suporte

da pesquisa. Na seção a seguir apresento informações mais detalhadas sobre EUDICO *Language Annotator*, mais comumente conhecido como ELAN.

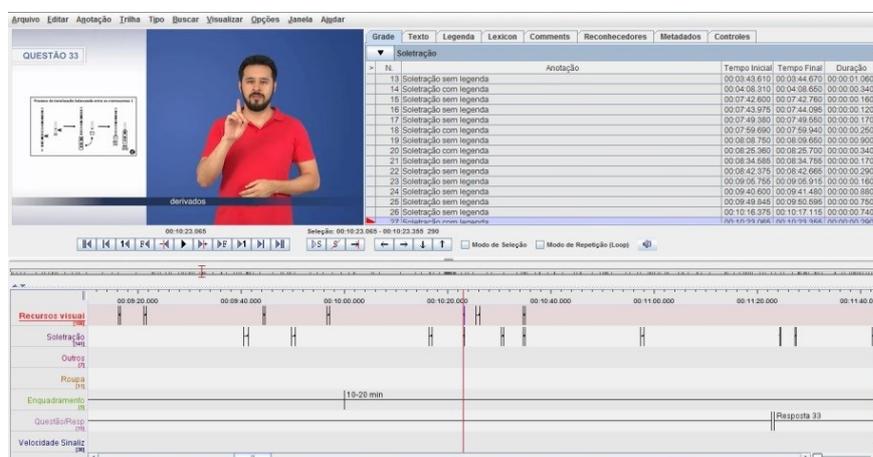
4.3. Ferramentas de suporte de pesquisa

Para extração, tratamento, registro e análise dos dados foi entendida como ferramenta mais eficaz e funcional a ser empregada o *software* EUDICO *Language Annotator*. O uso do ELAN permitiu a realização de observações sistemáticas das provas do Vestibular UFSC 2012 e 2019 e viabilizou não apenas um tratamento preciso dos dados, mas também seu registro para realização das análises.

O *software* ELAN, já bastante conhecido entre os pesquisadores na área das línguas de sinais, é uma importante ferramenta de suporte em pesquisas científicas que se inscrevem na área da Linguística e em demais áreas do conhecimento. Esse *software* foi desenvolvido pelo Instituto Max Planck de Psicolinguística – *Max Planck Institute for Psycholinguistics*. De acordo com McCleary, Viotti e Leite (2010, p. 276) as características e vantagens de utilização dessa ferramenta são: ser um *software* especificamente desenvolvido para descrição e análise linguísticas multimodais; ser uma ferramenta amplamente utilizada por pesquisadores de línguas de sinais; estar disponível gratuitamente para uso; ser compatível com microcomputadores de quaisquer marca; e, por fim, possibilitar o uso de arquivos de vídeo e áudio ao mesmo tempo, o que é importante para transcrição e análise de interação bimodal, bem como para os estudos da gestualidade das línguas.

Para fins ilustrativos, apresento abaixo uma figura que apresenta o layout da ferramenta:

Figura 39: ELAN como ferramenta de suporte da pesquisa.



Fonte: imagem, salva através de *Print Screen*, do programa ELAN.

Entendo que o ELAN é um recurso bastante funcional para facilitar o processo investigativo considerando a extração, tratamento, registro e apresentação de dados de pesquisas de diferentes temas e abordagens metodológicas. O ELAN se mostrou ao longo desta pesquisa um suporte essencial, sobretudo no tratamento de dados de materialidade videossinalizada. O *software*, a partir de seus recursos e opções, permite trabalhar com transcrições, por exemplo. McCleary, Viotti e Leite (2010, p. 266) apontam que “a transcrição exige do pesquisador uma observação minuciosa e contínua dos dados ‘crus’, disciplinando o trabalho de análise de tal maneira que o pesquisador passa progressivamente a enxergar aspectos linguísticos que até então lhe passavam despercebidos”.

Através de seus inúmeros recursos e opções de uso, esse *software* se mostrou desde o início da pesquisa até seu período final, como uma ferramenta adequada para e essencial no trabalho com os dados deste estudo, uma vez que possibilitou, por exemplo, registrar o número de ocorrências de determinados elementos presente nos dados analisados, bem como identificar tempos e durações de vídeos de forma precisa, o que contribuiu significativamente com a precisão das análises e anotações.

Além do ELAN, é importante mencionar que outras ferramentas de edição de imagem e vídeo foram também empregadas nesta pesquisa, a saber: o programa *Adobe Photoshop C6* e o programa *Adobe Premiere C6*. Esses dois programas foram empregados mais na fase final da pesquisa, sobretudo na etapa de elaboração do registro escrito da pesquisa, ou seja, na elaboração da presente tese. Optei por usar esses programas de edição de imagem e vídeo para trabalhar com a apresentação dos dados de forma elucidativa e didática, uma vez que são ferramentas eficazes para a elaboração de exemplos ilustrativos de apresentação dos dados.

4.4. Análise do *corpus*

Considerando o objetivo traçado para a segunda etapa – de analisar, a partir da abordagem bakhtiniana, os elementos que caracterizam a *prova* como gênero do discurso da esfera acadêmica – é apresentado nessa seção um detalhamento sobre cada um dos elementos compreendidos na análise das provas do Vestibular UFSC 2012 e do Vestibular UFSC 2019, a saber: *conteúdo temático*, *estilo* e *construção composicional*. No detalhamento de cada elemento foram considerados alguns aspectos e recursos escolhidos para análise. Com relação ao *conteúdo temático*, primeiramente, foram apresentados aspectos mais gerais, no que diz respeito a forma de apresentação desse elemento em vídeos com produções realizadas em Libras videossinalizada. Sobre o *estilo*, foram considerados aqui para detalhamento e

posterior aplicação nas análises das provas os seguintes aspectos linguísticos: espaço de sinalização, velocidade de sinalização, soletração manual e pausa estilística. Esses aspectos foram escolhidos para serem aqui analisados e relacionados ao elemento em questão considerando a pesquisa de Silva, R. (2013) a respeito do nível de formalidade presente em gêneros da esfera jurídica que podem ser aqui dialogados com os gêneros da esfera acadêmica.

Já sobre o elemento de *construção composicional*, foram definidos os seguintes aspectos, aqui denominados de recursos semiológicos, para análise: enquadramento, planos de fundo, camadas, figuras e ilustrações, legendas, efeitos e transições e vestimentas. Definiu-se por esses recursos semiológicos de análise em especial considerando que foram recursos expressivamente presentes e apresentados de formas diversificadas nos vídeos observados no período de levantamento de gêneros em Libras videossinalizada.

Os aspectos mencionados acima e seus respectivos elementos são detalhados nas subseções abaixo a partir de definições, descrições e exemplificações ilustradas, no intuito de elucidar metodologicamente o emprego desses aspectos e recursos nas análises comparativas das provas do Vestibular UFSC 2012 e do Vestibular UFSC 2019. Os aspectos e recursos semiológicos analisados contribuíram para melhor compreender os referidos elementos que caracterizam a *prova* em Libras videossinalizada como gênero da esfera acadêmica.

4.4.1. Detalhamento do conteúdo temático

Como já visto no segundo capítulo de fundamentação teórica, o *conteúdo temático* também chamado de *tema* é o “tópico do discurso como um todo”, uma vez que se relaciona ao “todo orgânico do enunciado” como bem pontua Sobral (2013). Trazendo novamente Alves Filho e Santos (2013, p. 80) vale lembrar que, pela teoria bakhtiniana, o tema não está diretamente limitado ao *assunto*, uma vez que esse se reduz aquilo que se fala ou se apresenta. O tema, como já pontuado nessa perspectiva, compreende o conteúdo do qual fazem parte tanto o material verbal (a língua, as palavras, os sinais, os vocábulos) quanto o material não verbal.

Nesse sentido, é possível entender, mesmo de forma sucinta, que o conteúdo temático não é aquele evidenciado explicitamente em uma manchete de jornal, por exemplo, ou aquele apresentado no título ou na descrição de um vídeo. Na perspectiva de Bakhtin e de seus autores filiados, isso seria entendido como o *assunto*. O conteúdo temático é, na verdade, aquilo que a manchete traz, significa para os interlocutores ou representa dentro daquele

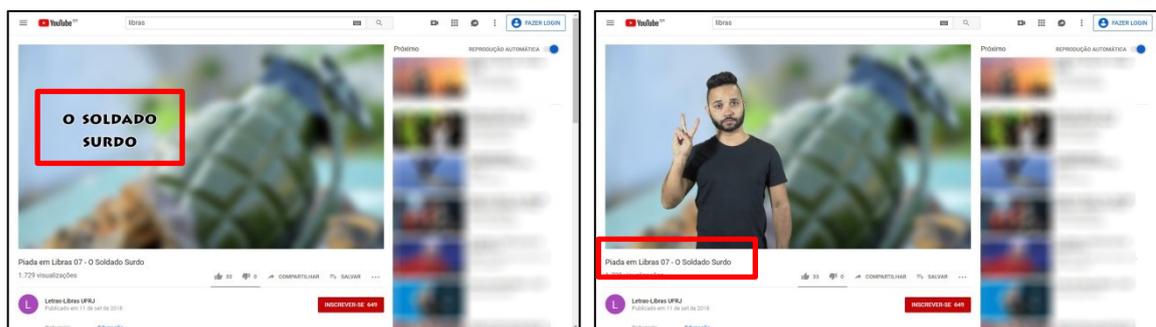
veículo e de seu entorno social, histórico e discursivo. No caso de vídeos em Libras, ao se ter conhecimento somente do título do vídeo, por exemplo, ou mesmo do que é apresentado em língua de sinais pelo sinalizante, ainda assim não é possível se conhecer precisamente o conteúdo temático envolvido. Esse, só será conhecido a partir da compreensão do vídeo dentro de um todo situacional, isto é, do contexto de sua produção e compartilhamento, bem como da intenção do interlocutor sinalizante e do que o vídeo (e seu conteúdo, formato de apresentação, etc.) significa para os interlocutores dentro de um recorte social e histórico.

Para fins de distinção entre *conteúdo temático* e *assunto* abro um breve parêntese para descrever algumas formas possíveis de apresentação de um determinado assunto em vídeo. É possível observar, de maneira geral, que inúmeras são as formas de apresentação dos assuntos em vídeos produzidos em Libras. Ao considerar algumas mídias de veiculação audiovisual um determinado assunto pode ser exibido tanto dentro do vídeo (em texto ou na sinalização do enunciador) como fora do vídeo (em campos destinados à inserção de texto).

Na plataforma *YouTube*, por exemplo, os vídeos são dispostos em um layout que compreende campos para inserção de texto (seja o assunto do vídeo ou informações adicionais diversas). Formatos de layout semelhantes – onde texto acompanha vídeo – são empregados também em algumas redes sociais como é o caso do *Facebook* e *Instagram*, que também possibilitam armazenar e compartilhar vídeos. Uma última ferramenta de veiculação de vídeos que merece aqui ser mencionada é o *WhatsApp*, um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas para *smartphones* em que os usuários podem enviar e receber mensagens de texto, vídeos, imagens, documentos e realizar ligações.

Menciono em especial essas ferramentas acima em razão de todas serem meios de comunicação altamente funcionais e eficazes para os Surdos, uma vez que possibilitam o compartilhamento e a difusão de vídeos em Libras. Em relação, porém, a apresentação dos vídeos, em especial a apresentação do *assunto* dos vídeos, cabe apresentar alguns exemplos de recursos possíveis. Nas figuras abaixo é possível observar que o *assunto* do vídeo é trazido em português e indicado como título tanto no campo de inserção para título disponível no layout da plataforma *YouTube*, como também dentro do próprio texto, inserido pela pessoa que editou o vídeo.

Figura 40: Exibição do assunto do vídeo em Libras videossinalizada.



Fonte: imagens extraídas do vídeo disponível na internet⁷².

Marcuschi (2010a, p. 21) afirma que os gêneros sempre se adaptam às condições tecnológicas de comunicação social. Para o autor a “tecnologia favorece o surgimento de formas inovadoras, mas não absolutamente novas”.

Uma vez tendo diferenciado aqui o *assunto* do *conteúdo temático*, bem como tendo exemplificado como um assunto pode ser exibido para elucidação do interlocutor no layout da plataforma *YouTube*, é importante considerar que, por hora, não foi encontrado ou pensado em um procedimento metodológico específico para o tratamento e análise dos dados relativos ao conteúdo temático das provas do Vestibular UFSC 2012 e Vestibular UFSC 2019.

No capítulo de análises e discussões dos resultados, porém, pretende-se apresentar algumas considerações sobre as provas analisadas considerando esse elemento discursivo em especial.

4.4.2. Detalhamento do *estilo*

Conforme já visto anteriormente, o *estilo* está relacionado, entre outros aspectos, ao registro do texto e seu grau de formalidade ou informalidade, ou ainda à sua situacionalidade. O *estilo* compreende os recursos linguísticos e extralinguísticos escolhidos pelo sinalizante para produção do texto. Segundo Marcuschi (2010b, p. 39), o estilo tem a ver com a linguagem, como ela se apresenta, ou seja, os fatores linguísticos e extralinguísticos que compõem a linguagem como um todo.

A proposta de análise do estilo do gênero *prova* em Libras referente às produções das edições do Vestibular UFSC 2012 e 2019 contou com um recorte de aspectos linguísticos relativos à análise realizada por Silva, R. (2013). Esta pesquisa tomou algumas das categorias

⁷² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4G7C3HfXli4>. Acesso em: 10 mai. 2019.

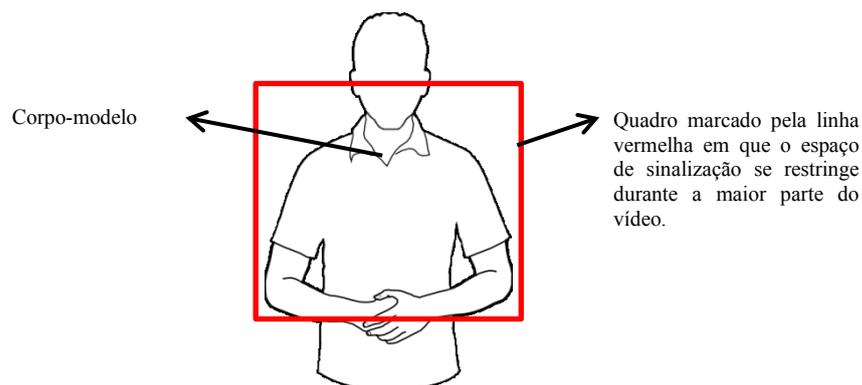
de análise sobre o registro de formalidade do uso de Libras propostas pelo autor. Silva, R (2013) propõe dez categorias de análise para verificar o grau de formalidade da língua de sinais em sinalizações do gênero *editais* da esfera jurídica: *espaço de sinalização* (no nível formal a língua de sinais costuma usar um espaço de sinalização menor do que no nível informal, mas em algumas situações pode acontecer o contrário); *mãos e dedos fora do enquadramento* (no nível formal, no caso da Libras videossinalizada, há uma tendência de manter as mãos e dedos dentro do enquadramento e evitar o movimento dos mesmos para fora); *velocidade de sinalização* (no nível formal a Libras costuma usar uma velocidade menor de sinalização manual comparada ao uso da língua no registro informal); *soletrações manuais* (no nível formal o número de soletrações manuais geralmente é maior do que no nível informal); *velocidade da soletração manual* (apresenta uma situação parecida com a de *velocidade de sinalização*); *sinais com omissão de mão não-dominante* (no nível formal a língua de sinais tem uma tendência maior de manter ambas as mãos juntas); *expressões faciais* (no nível informal as expressões faciais costumam ser mais produtivas do que no nível formal); *movimento corporal e classificadores* (ambos apresentam a situação parecida com a de *expressões faciais*) e *parâmetros totalmente articulados* (no nível formal a Libras costuma ser produzida adequadamente e mais organizada gramaticalmente).

Para análise das provas nessa segunda etapa da pesquisa, foram escolhidos os seguintes aspectos linguísticos de análise estilística:

- *Espaço de Sinalização*

Conforme Silva, R. (2013) o *Espaço de Sinalização* (ES) pode ser ordenado em duas partes: i) parte para identificar o tamanho do corpo do sinalizante exposto no vídeo (corpo-modelo) e ii) parte para visualizar o ES mais usado por parte dos sinalizantes, sendo que a estratégia empregada para essa quantificação é pautada na marcação do quadro vermelho (espaço superior, inferior e lateralidade), conforme a figura adaptada de Silva, R. (2013, p. 82).

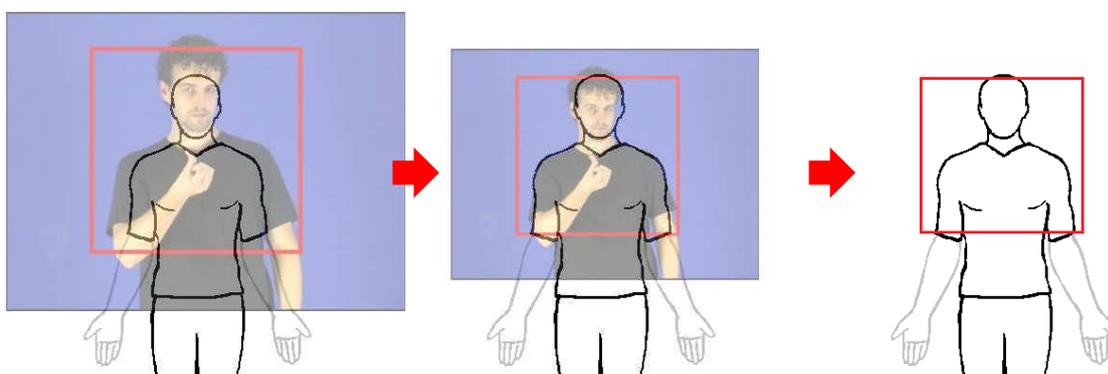
Figura 41: Quadro referente ao Espaço de Sinalização (ES) adaptado de Silva, R. (2013).



Fonte: elaborado pelo autor com base em Silva, R. (2013).

A identificação do Espaço de Sinalização (ES) empregada pelos sinalizantes dos vídeos dos gêneros acadêmicos aqui analisados seguirá a metodologia proposta pelo autor conforme sua estratégia de observação e extração de dados (SILVA, R., 2013). Silva, R. (2013) em sua pesquisa observou que os corpos dos sinalizantes dos vídeos analisados variavam quanto ao tamanho, assim identificou primeiramente o quadro do ES numa imagem capturada e, em seguida, aplicou essa imagem em sobreposição ao quadro vermelho (corpo-modelo) buscando manter a equivalência de tamanho e correspondência de mesma posição de ombros dos corpos. Seguindo a proposta do autor, o mesmo quadro de ilustração do ES foi copiado e colado na outra imagem. Segundo Silva, R. (2013, p. 82) essa estratégia metodológica foi desenvolvida visando uma padronização de extração dos dados referentes ao aspecto de ES. Observa-se o exemplo a seguir:

Figura 42: Aplicação do ES ao *Corpo-Modelo* com base em Silva, R. (2013).



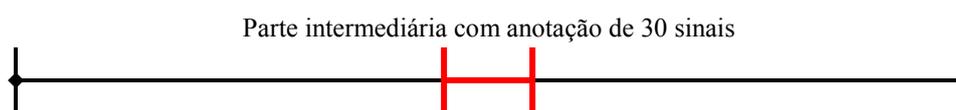
Fonte: figura extraída de Silva, R. (2013, p. 103).

O programa *Adobe Premiere CS6* foi útil para transformar a velocidade normal do vídeo em alta velocidade para agilizar a visualização sobre o ES usado com frequência por cada sinalizante.

- *Velocidade de Sinalização*

Na tese, adotou-se a metodologia de análise da *Velocidade de Sinalização (VS)* com adaptação e base na pesquisa de Silva, R. (2013). A análise segue a metodologia de observar os 30 sinais de uma única parte, intermediária, do vídeo de cada área do conhecimento. Observa-se o exemplo do recorte considerado a seguir:

Quadro 15: Recorte de análise de Velocidade de Sinalização (VS).



Fonte: elaborado pelo autor.

A velocidade calculada não inclui transições com efeito preto (*fade-in* ou *fade-out*), soletrações manuais (referentes às palavras, letras e aos números) nem sinal soletrado⁷³. Nas análises também se excluiu o sinal cuja duração é muito curta, mais rápida do que o usual, e também o sinal de longa duração que se apresenta em desequilíbrio em relação ao sinal anterior e o sinal posterior. Isso porque é possível ocorrer o mesmo sinal de curta duração em um momento e em outro momento o mesmo sinal que tem maior duração, isso depende muito, porém, da estratégia de sinalização, por exemplo, quando o sinalizante produz um sinal de forma muito lenta no momento em que o cérebro ainda está processando a informação e procurando construir a próxima construção sintática.

Esse dado foi encontrado, por exemplo, no caso da sinalização da prova de *Geografia* do Vestibular UFSC 2012. Foi encontrado o mesmo sinal empregado duas vezes pela sinalizante. Na primeira vez fez, ela empregou o sinal com duração usual, já na segunda vez ela repetiu o mesmo sinal, mas com duração mais lenta. Notou-se com isso a ocorrência interessante relativa à variação de uso do sinal, uma vez que determinado sinal pode parecer ser empregado de forma usual em algumas vezes, mas pode também ser empregado de uma

⁷³ Sinal soletrado costuma ser realizado de forma um pouco mais rápida ritmada (ver QUADROS e KARNOPP, 2004; FELIPE e MONTEIRO, 2006; FERREIRA, L., 2010; SILVA, R., 2013).

forma não convencional – seja pela razão que for – em outros momentos. O exemplo mencionado é ilustrado nas imagens abaixo.

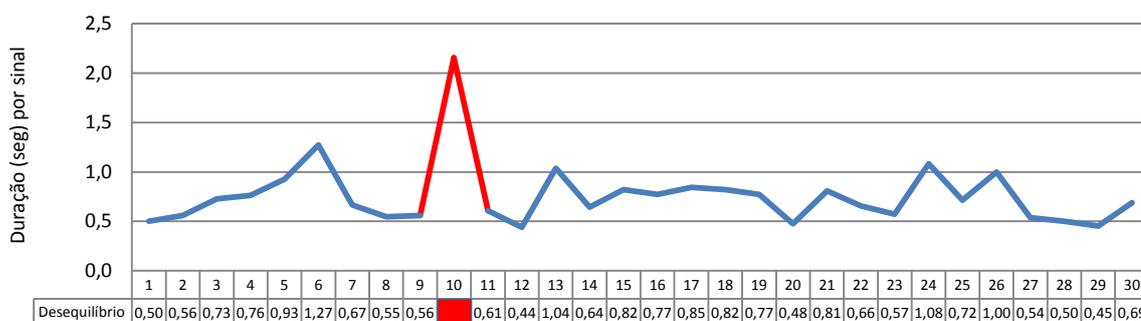
Figura 43: Emprego do mesmo sinal com variação de duração.



Fonte: imagens extraídas da prova de *Geografia* do Vestibular UFSC 2012.

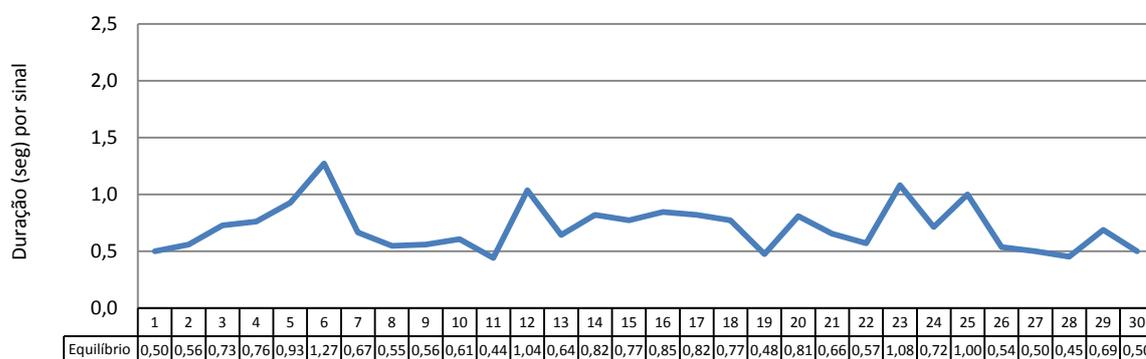
Para exemplificar essas variações de duração dos sinais, na análise dos dados relativos a esse aspecto em especial, foram usados gráficos (conforme o modelo abaixo) para demonstrar o equilíbrio e o desequilíbrio de durações entre os sinais de uma mesma sinalização.

Gráfico 1: Desequilíbrio de duração entre os sinais.



Conforme é possível exemplificar por meio do gráfico acima, um intervalo da prova de *Geografia* do Vestibular UFSC 2012 foi recortado. No gráfico acima é possível verificar em vermelho o momento e a duração do sinal usado de forma mais demorada do que usualmente acontece, o que implica considerar que isso gera certo desequilíbrio na sinalização e na relação dos sinais entre si. No gráfico abaixo, observa-se o gráfico cuja ocorrência do sinal empregado com longa duração foi removida, por entender ser uma exceção gerada por alguma razão que só seria possível de ser identificada em entrevista com a sinalizante.

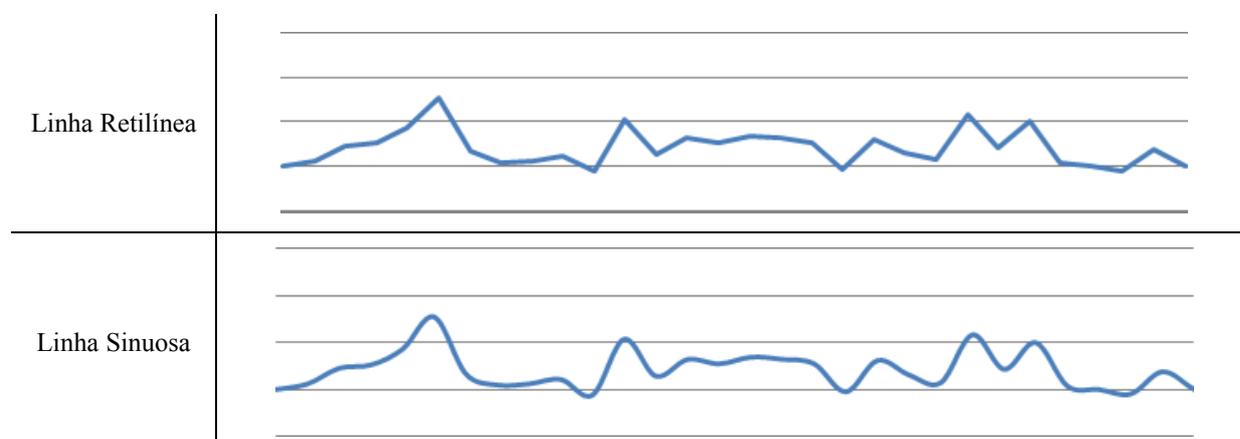
Gráfico 2: Equilíbrio da duração entre os sinais.



Pretende-se aqui esclarecer que não se trata de forma alguma de criticar a forma de sinalização da pessoa, uma vez que isso pode naturalmente acontecer com qualquer sinalizante, a depender das suas estratégias de produção e construção linguística por meio da Libras. Apresento esse critério de análise da VS para que seja evitado o desequilíbrio das durações entre os sinais, de modo que os resultados sejam o mais estável possível.

Também é interessante relatar que em vários momentos o sinal EU tem a duração muito curta, ou seja, movimento muito mais rápido do que comparado à duração ou movimento usual. Nesses casos, as ocorrências foram também desconsideradas. Assim, para fins de ilustração foram usados gráficos seguindo os modelos abaixo. Esses gráficos foram gerados por meio das ferramentas disponíveis no programa de edição de textos Word. O gráfico de VS pode ser apresentado num formato cuja linha é retilínea ou sinuosa.

Quadro 16: Apresentação dos dados por meio de gráficos.



Fonte: elaborado pelo autor.

Para visualizar a diferença entre o menor tempo usado e o maior tempo de duração dos sinais por vídeo, se propôs aqui a seguinte fórmula para cálculo de porcentagem de distância entre a duração mínima do sinal e a duração máxima do sinal. Observa-se a fórmula abaixo:

$$DMiMa = \left(\frac{Mínimo}{Máximo} - 1 \right) \times (-100)$$

Legenda:

DMiMa = porcentagem de distância entre duração mínima e duração máxima

Mínimo = duração mínima do sinal

Máximo = duração máxima do sinal

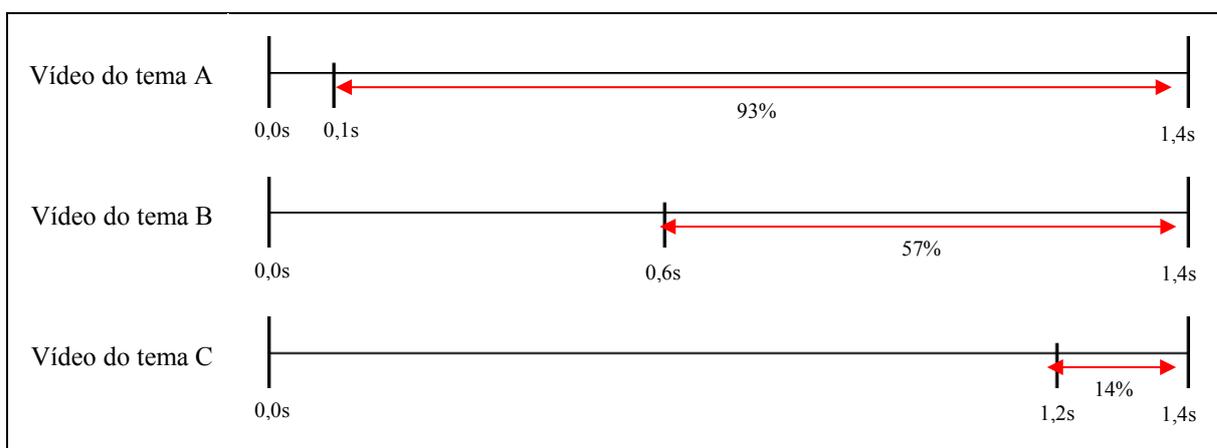
A seguir, são apresentados exemplos do cálculo de DMiMa:

Tabela 4: Exemplos do cálculo de DMiMa.

	Vídeo do tema A	Vídeo do tema B	Vídeo do tema C
Duração mínima (seg) do sinal por parte analisada	0,10	0,60	1,20
Duração máxima (seg) do sinal por parte analisada	1,40	1,40	1,40
DMiMa	93%	57%	14%

Para elucidar a DMiMa, apresento no quadro abaixo uma forma de representação gráfica visual. Assim, tem-se:

Quadro 17: Representação gráfica de DMiMa.



Fonte: elaborado pelo autor.

Em razão de o cálculo de DMiMa ser trabalhoso a ser feito, foi usado o programa Excel para agilizar o resultado a partir da seguinte fórmula:
$$=(B1/B2-1)*(-1)$$
⁷⁴, depois foi aplicado o *Estilo de Porcentagem* na ferramenta do referido programa –  – para apresentação do valor em %.

- *Soletração Manual*

Outro aspecto a ser observado na análise do estilo dos exemplos selecionados das provas é a *Soletração Manual* (SM). Para identificar esse aspecto, nesta pesquisa a proposta de Silva, R. (2013) será também empregada. A SM é calculada a partir da quantidade de uso de soletrações durante todo o tempo de cada vídeo. A soletração de números não foi considerada, apenas a soletração de termos em língua portuguesa.

Só identificou-se a quantidade de soletrações manuais e não de sinais soletrados⁷⁵. Por exemplo, não foram considerados: “S-C”⁷⁶, “M-A-I-O”, “A-R”, “V-O-U”, “V-I”⁷⁷, “G-A-S”, “S-A-L”.

Também não foi registrada a quantidade de números em alfabetos manuais e soletrações “abreviadas” específicas na área exata, por exemplo: KM, CM, KG, ML, etc., pois também podem ser considerados como sinais soletrados. É possível notar que na sinalização de conteúdos voltados a áreas exatas, a taxa de soletrações manuais referentes ao emprego de números pelo alfabeto manual é mais expressiva em comparação a outras áreas, é por isso que não foi adotado esse critério de análise, para que não haja o desequilíbrio nos dados sobre a soletração. Não foram registradas as ocorrências de soletrações manuais referentes às palavras de preposição (DE, DO, DA, DOS, DAS, POR, EM, NO) e às letras de artigos (A, O, AS, OS).

Considerou-se uma única ocorrência para soletração de uma frase inteira (duas ou mais palavras) sem intervenção do sinal. Foi criado um recurso de apresentação da quantificação de uso e suas localizações no espaço de sinalização das soletrações manuais empregada com mais expressividade pelos sinalizantes com base em Silva, R. (2013).

⁷⁴ “B1” – B é letra na linha horizontal e 1 é número na linha vertical onde se encontra o dado de duração mínima (seg) do sinal; “B2” – B é letra na linha horizontal e 2 é número na linha vertical onde se encontra o dado de duração máxima (seg) do sinal.

⁷⁵ Ver Quadros e Karnopp (2004); Felipe e Monteiro (2006); Ferreira, L. (2010); Silva, R. (2013).

⁷⁶ Referente ao estado de Santa Catarina.

⁷⁷ Referente ao termo *VAI*.

- *Pausa estilística*

As pausas estilísticas são consideradas aqui como um dos aspectos importantes, principalmente, nos gêneros mais formais em Libras. Esta pesquisa apresenta nas análises os tipos de pausas estilísticas empregados por cada sinalizante das provas do Vestibular UFSC 2012 e Vestibular UFSC 2019, considerando figuras ilustrativas para elucidar esses dados. Para entender melhor sobre esse aspecto em especial, é importante apresentar um detalhamento do que é entendida como pausa estilística nesta tese.

Padden e Humphries (2005, p. 64) observam que a palestra de Veditz (1913) é original e cautelosa, “enquanto outros sinalizantes ficam rígidos na presença da câmera, Veditz se apresenta confiante e animado ao sinalizar e fazer sua poderosa conclusão” (tradução nossa). Interessa notar um dos aspectos estilísticos no vídeo de Veditz sobre a pausa ou o intervalo de sinalização. Conforme as figuras ilustrativas apresentadas logo abaixo, é possível notar como o sinalizante emprega as pausas estilísticas.

Figura 44: Pausas estilísticas usadas por Veditz.



Fonte: imagens extraídas do vídeo disponível na internet⁷⁸.

As figuras abaixo, por sua vez, ilustram, segundo Silva, R. (2013, p. 146) a postura dos sinalizantes que demonstra o valor do discurso. Para o autor “a postura pode ser responsável por demonstrar o valor do discurso. Caso não haja postura, o discurso poderia se tornar irrelevante e ser prejudicado” nos contextos mais formais e institucionais, por exemplo.

⁷⁸ Disponível em: <https://www.loc.gov/item/mbrs01815816> Acesso em: 19 fev. 2019.

Figura 45: Estilo considerado formal e institucional com pausa estilística definida⁷⁹.



Figura 46: Estilo considerado informal de *Youtuber* descontraído⁸⁰.



Conforme as figuras apresentadas acima, é possível evidenciar que o estilo da primeira sinalizante é usado com mais frequência nos contextos formais e institucionais, uma vez que a postura também remete a algo controlado e “monitorado”. Por outro lado, a segunda figura demonstra um contexto mais informal e descontraído, apresentando um ambiente familiar ou contexto de *Youtuber*. O *estilo* é um dos três elementos que podem influenciar a especificação e a função de gêneros do discurso, bem como observa Bakhtin (2011 [1979]) e outros autores.

Nas imagens abaixo, são apresentados mais exemplos que guiarão as análises sobre o gênero prova. Observam-se as posturas dos sinalizantes nos contextos mais formais e institucionais:

Figura 47: Pausas estilísticas consideradas formais.



Fontes dos demais vídeos registradas na seção 7.2. desta tese.

⁷⁹ Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/179287>. Acesso em: 15 jun. 2018.

⁸⁰ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=3&v=D9tlkxclpy8. Acesso em: 15 jun. 2018.

Conforme as figuras apresentadas acima, é possível observar que as pausas estilísticas também são caracterizadas pelo estilo. Em Libras, os sinalizantes de gêneros da esfera acadêmica usam diferentes tipos de pausas estilísticas. Essas variações são apresentadas abaixo para fins de embasamento metodológico das análises desse elemento em relação ao gênero *prova*.

Quadro 18: Tipos de pausas estilísticas em Libras.



Fonte: proposto e elaborado pelo autor.

É importante observar que a escolha do tipo de pausa estilística varia de sinalizante para sinalizante e conforme cada grupo social, assim como lembra Faraco (2008). Defende-se aqui como o mais importante ser a escolha do sinalizante por uma ou outra pausa estilística, de modo que sua opção seguirá aquilo que lhe deixa mais confortável. Não se deve prescrever o que é “correto” ou “errado” ou ainda mais adequado ou não, mas identificar as possibilidades e variações desse elemento nas sinalizações de textos da esfera acadêmica. Embora os sinalizantes tenham a liberdade de fazer uso de um ou outro tipo de pausas

estilísticas, cabe lembrar que quanto ao enquadramento, a sinalização precisa estar enquadrada num ângulo em que as mãos ou braços do sinalizante não se movimentem para fora dos limites do enquadramento definido (ver SILVA, R., 2013).

4.4.3. Metodologia de análise da *construção composicional*

A *construção composicional* é o terceiro elemento na abordagem bakhtiniana que apresenta as partes que formam a estrutura do gênero do discurso. Essas partes podem ser inúmeras e capazes de mudar o sentido do texto, bem como observam Rojo e Barbosa (2015, p. 112) quando dizem que “[...] na leitura, produção e análise de enunciados/textos contemporâneos, tanto em termos de tema, como de forma composicional e de estilos – pois há também formas de composição e estilos de imagem, musicais etc. –, precisamos levar em conta as características multimodais ou multisemióticas desses para a construção dos sentidos (temas)”.

Como a construção composicional é ampla, nesta pesquisa propõe-se analisar recursos semiológicos mais empregados nos gêneros em Libras da esfera acadêmica. Os recursos semiológicos escolhidos para análise são: *enquadramentos, planos de fundo, camadas de vídeo, figuras e ilustrações, legendas, efeitos e transcrições, vestimentas, etc.*

- Enquadramento

Será analisado como os enquadramentos são empregados nas provas de Vestibular UFSC 2012 e Vestibular UFSC 2019. Para tanto, é preciso compreender como esses enquadramentos são entendidos neste estudo.

A questão do enquadramento é talvez a mais lembrada na hora de realizar trabalhos em Libras; também por essa questão é imprescindível compreender como a sinalização é organizada e composta na totalidade da tela de um vídeo. De acordo com a linguagem cinematográfica, o enquadramento conta com diferentes tipos de planos. Com base em Rodrigues, Chris. (2007, p. 29-30), observa-se o quadro de alguns dos planos a seguir:

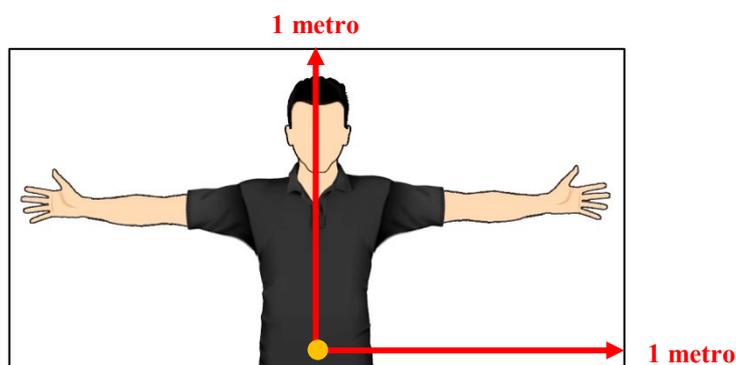
Quadro 19: Enquadramentos com base em Rodrigues, Chris (2007).

	Close (CL) ou Primeiríssimo Plano (PPP) : mostra o rosto inteiro do personagem ou do ombro para cima.
	Plano Próximo ou Primeiro Plano (PP) : o personagem é enquadrado do busto para cima.
	Plano Médio (PM) : o personagem é enquadrado da cintura para cima.
	Plano Americano (PA) : o personagem é enquadrado do joelho para cima. É interessante destacar que o PA se originou “nos <i>westerns</i> americanos, com a função de mostrar a cartucheira do revólver na cintura” (RODRIGUES, Chris, 2007, p. 29).
	Plano Inteiro (PI) : o personagem é enquadrado da cabeça aos pés, deixando um pequeno espaço acima da cabeça e abaixo dos pés.

Fonte: elaborado pelo autor.

Segundo Rodrigues, Chris. (2007, p. 29), o PM é “muito usado para mostrar o movimento das mãos do personagem”. Barnwell (2013, p. 70) observa que o PA mostra “mais informações físicas do que o PM, mas menos detalhes próximos”. É por isso que o PM é mais usado nos diversos gêneros (acadêmicos ou não) em Libras videossinalizada e outras línguas de sinais (ver LEBEDEFF *et al.*, 2018) para que, tanto as mãos quanto expressões corporais e faciais, possam ser facilmente perceptíveis, assim como Ferreira, L. (2010, p. 72) observa que “os sinais da Libras são realizados em um espaço que vai da cintura até um ponto logo acima da cabeça”. Ferreira, L. (2010, p. 73) observa que os sinais das línguas espaço-visuais são geralmente realizados num determinado espaço, ilustrado a seguir:

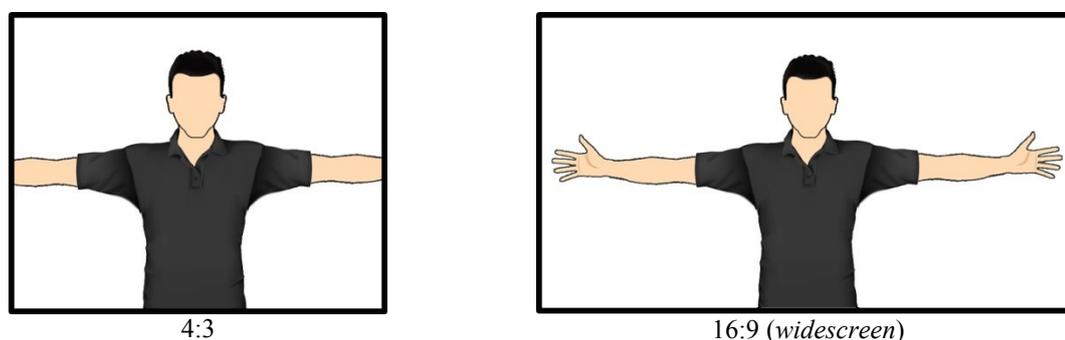
Figura 48: Espaço de sinalização nas línguas de sinais.



Fonte: elaborado pelo autor com base em Ferreira, L. (2010, p. 73).

Com base na figura apresentada e elaborada com base em Ferreira, L. (2010) a partir de proporções de tela (*Aspect Ratio*⁸¹ – AR), foi possível construir um quadro graficamente visual para ter uma ideia sobre a combinação entre o espaço de sinalização e a proporção de tela a seguir:

Figura 49: Espaço de sinalização e a proporção de tela.



Fonte: elaborado pelo autor.

De acordo com Alecrim (2014) e Rozzo (2015), a proporção de tela no formato SD (*Standard Definition* – definição padrão) de 4:3 foi o padrão de vídeos no passado e já está em desuso, enquanto que o formato HD (*High Definition* – alta definição) de 16:9, caracterizado por *widescreen*, vem sendo adotado como padrão em vídeos da atualidade. É possível perceber essa diferença (4:3 e 16:9) em várias figuras dos vídeos em Libras que constituíram o *corpus* de análise.

É interessante refletir que no caso de uma sinalização que precise se valer de muitos movimentos e expressões corporais, bem como do uso de vários pontos de referência no

⁸¹ De acordo com Rozzo (2015), na tradução correta o *Aspect Ratio* (termo em inglês) se refere à *proporção de tela* (termo em português).

espaço de sinalização e emprego intensificado de classificadores em Libras, o formato *widescreen*, ou seja, o formato panorâmico de 16:9 é muito recomendável para a produção de vídeos com esse tipo de sinalização, devido ao fato de que o espaço no enquadramento é suficiente para que toda a sinalização possa ser “lida” e percebida de forma mais completa.

No caso de vídeos no formato de 4:3 a sinalização parece ser mais restrita, isto é, os movimentos e expressões corporais, bem como o uso de pontos de referência e classificadores são necessariamente mais controlados, devido ao limite do enquadramento ou, sem controle desses componentes, os sinais podem ser cortados pelo enquadramento limitado, assim como ilustra a figura acima que demonstra um exemplo de 4:3.

Alecrim (2014) e Rozzo (2015) afirmam que o formato de 4:3 já está em extinção, enquanto o formato de 16:9 está sendo o padrão para a produção de vídeos na atualidade. Por consequência disso, a prática de sinalização nos diversos gêneros em Libras videossinalizada pode ser facilitada.

Castro (2012) e Vieira (2016) realizaram suas pesquisas sobre a linguagem cinematográfica em vídeos em Libras de gêneros da esfera literária. Eles observaram que a língua de sinais pode ela mesma, em sua potencialidade linguística representar os tipos de planos de enquadramento, sem necessitar de num tipo de suporte ou ferramenta para isso.

Observa-se de forma geral, que as produções ligadas à esfera literária são expressivas no cenário brasileiro com relação ao emprego da Libras. Diversos gêneros da esfera literária são também, assim como os gêneros da esfera acadêmica, disponíveis para domínio público na internet. Além de diferentes planos e enquadramento serem empregados na própria língua de sinais – e isso é muito comum no uso performático da língua – as produções literárias também empregam os diferentes planos de enquadramento a partir do suporte videossinalizada. Nas imagens abaixo, é possível observar um exemplo de como os planos foram usados no vídeo *Seis Fábulas de Esopo em LSB* de Pimenta (2002).

Figura 50: Enquadramentos em gêneros em Libras videossinalizada da esfera literária.



CL (ou PPP)



PP



PM

Fonte: DVD de Pimenta (2002).

Além do exemplo acima referente ao trabalho de Pimenta (2002), também vale mencionar produções videossinalizadas que empregam esses enquadramentos numa estética bastante artística, como é o caso do vídeo do *Hino Nacional Brasileiro em Libras*⁸² realizado pelo INES e produzido por Roquette Pinto Comunicação Educativa (2016) cuja sinalização é realizada pelo ator Surdo Bruno Ramos. Na sequência de imagens abaixo, nota-se os diferentes enquadramentos usados para composição sequencial do vídeo. Entende-se, de forma geral, essa produção como um gênero da esfera artística e literária.

Figura 51: Enquadramentos em gêneros em Libras videossinalizada da esfera artística.



Fonte: Hino Nacional do Brasil (2016).

Na sequência de imagens referente ao vídeo de Pimenta (2002) observa-se, por exemplo, o enquadramento de Primeiríssimo Plano (PPP) apresentando o rosto do sinalizante com expressão facial de assustado. É importante destacar que em Libras videossinalizada esse plano pode ser bastante útil quando as mãos do sinalizante não são necessárias, mas apenas as expressões não manuais precisam estar em destaque para demonstrar intenções, emoções, sentimentos dramáticos, etc. Já com relação à primeira imagem da sequência de figuras acima, referentes ao *Hino Nacional Brasileiro* (2016), nota-se o emprego do Plano Próximo (PP), cujo enquadramento já permite identificar as mãos do sinalizante e seus movimentos, uma vez que o recorte se dá no peito e compreende um espaço maior em tela.

Talvez o enquadramento mais comum seja o Plano Médio (PM) em produções em Libras, em gêneros da esfera acadêmica, uma vez que esse plano permite enquadrar a totalidade do espaço de sinalização da língua de sinais, como antes mencionado a partir do estudo de Ferreira, L. (2010).

Além do elemento de enquadramento pra o uso em produções videossinalizadas, é interessante mencionar também os *cortes*. Ao analisar traduções de música em Libras, Rigo

⁸² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=STrLJip118Q>. Acesso em 18 jan. 2018

⁸³ De acordo com Rodrigues, Chris. (2007, p. 33), o plano *contraplongée* é quando a câmera é posicionada para captar imagens de baixo para cima.

(2013) entende os cortes como um recurso de tradução audiovisual para trocas de enquadramento e tomadas, para uso de efeitos e acréscimos de informações. Esse recurso é entendido como uma ferramenta de cortes no vídeo para trocas de enquadramento e tomadas, para uso de efeitos e acréscimos de informações.

- Planos de fundo

O plano de fundo foi outro aspecto relativo ao elemento de construção composicional escolhido para análise das provas de Vestibular UFSC 2012 e provas de Vestibular UFSC 2019 nesta pesquisa. Rigo (2013, p. 136) entende o plano de fundo como um elemento cênico que faz parte da composição estética dos vídeos. Esse entendimento da autora refere-se às traduções de músicas em Libras. Nas palavras da autora, os planos de fundo “resumem-se em uma superfície lisa empregada com a finalidade de destacar o sinalizante no vídeo e/ou reduzir possíveis ruídos visuais” (Ibid., p. 136).

Na primeira etapa do estudo, durante o levantamento realizado, observou-se que grande parte das produções do gênero da esfera acadêmica demonstrou ter uma preocupação com o emprego de um plano de fundo. Em razão da própria materialidade, é inerente que se tenha um plano de fundo, seja ele qual for. Como metodologia de análise dos planos de fundo das provas, foram apresentados os planos empregados nos vídeos referentes à edição do Vestibular UFSC 2012 e do Vestibular UFSC 2019.

Para que esse aspecto seja compreendido, é importante apresentar um detalhamento nessa seção com algumas considerações embasadas em exemplos. Entende-se que o plano de fundo algo importante, talvez um dos elementos mais importantes de qualquer gênero em Libras videossinalizada, uma vez que pode ser determinante para a função de cada vídeo, bem como ser responsável por tornar a percepção do espectador mais confortável em algumas situações. Nota-se, contudo, que as cores dos planos de fundo variam bastante nas produções em Libras videossinalizada e dependem de convenções por parte de cada instituição ou grupo.

Conforme Krusser (2017, p. 68) observou em sua pesquisa, a escolha das *cores* é importante na composição de um vídeo em Libras, uma vez que influenciará na legibilidade do espectador. As cores, para autora, podem contribuir na organização das informações, favorecendo uma compreensão visual da ideia geral do que se pretende passar. Para Krusser (2017, p. 68) “as cores podem influenciar a leitura, intelectualmente e emocionalmente, promover maior concentração ou provocar cansaço e desinteresse”.

No relato de Quadros, Sousa e Vargas (2012, p. 5) sobre o processo de tradução das provas de vestibular da UFSC “foi escolhida a cor azul para o fundo por ser uma cor que contrasta com todas as cores de pele, e por ser uma cor pertencente à identidade visual da UFSC”. A Revista Brasileira de Vídeo-Registro em Libras da UFSC – já mencionada – por outro lado, recomenda o uso da cor branca no plano de fundo para todos os artigos científicos em Libras videossinalizada que forem submetidos à revista.

Retomando o que Dionisio (2007) menciona sobre as possibilidades de reconhecimento de um gênero através de convenções visuais é algo que se aplica no caso das produções em Libras videossinalizada das comunidades Surdas brasileiras circuladas por diferentes esferas, sobretudo a esfera acadêmica aqui em questão. Abaixo, apresento alguns exemplos que demonstram uma recorrência de uso de planos de fundo lisos na cor azul.

Na figura abaixo, é ilustrada um recorte do material didático da disciplina de Literatura Surda disponível aos alunos em formato de DVD no curso à distância de Letras-Libras.

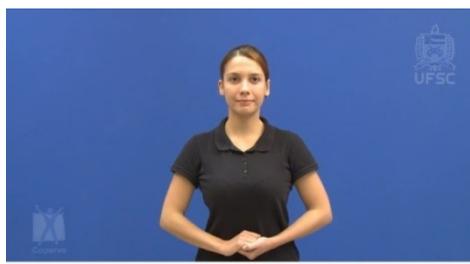
Figura 52: Material didático do Curso de Letras-Libras da UFSC.



Fonte: imagem extraída do vídeo disponível na internet⁸⁴.

Da mesma instituição, observa-se o mesmo emprego padrão de cor azul e plano de fundo liso em produções de editais de vestibular e provas de exame de proficiência linguística (Prolibras). Observam-se as figuras ilustrativas abaixo.

Figura 53: Edital Vestibular UFSC 2018.



Fonte: imagem extraída do vídeo disponível na internet⁸⁵.

⁸⁴ Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/104217>. Acesso em: 14 mar. 2018.

Figura 54: Prova de Exame de Proficiência (7º Prolibras) da UFSC/INES.



Fonte: imagem extraída do vídeo disponível na internet⁸⁶.

De acordo com as figuras apresentadas acima é possível notar uma estética comum entre os gêneros aqui exemplificados. Entende-se o plano de fundo azul como um elemento convencional para gêneros formais do discurso ligados à esfera jurídica e acadêmica. Considerando apenas as imagens, tal como foram aqui apresentadas, porém não é possível identificar, por exemplo, o conteúdo temático de cada gênero, isto é sobre o quê cada um se trata exatamente, sobretudo nas duas primeiras figuras.

Nas duas últimas duas figuras, porém, em razão da inserção de textos multimodais, infere-se que se trata do gênero prova, em razão de apresentarem elementos informativos relativos ao número e letra da questão. Os recortes aqui escolhidos para exemplificação demonstram o uso de dois modos de representação comunicativa: as expressões em língua portuguesa “Questão 01” e “Questão 01 a)”, fixas ao lado esquerdo do enquadramento acima do sinalizante.

As quatro imagens aqui trazidas referem-se, como antes citado, a vídeos produzidos em Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Enquanto não apenas professor da instituição – atuante nas disciplinas relacionadas a Libras na esfera acadêmica – também atuo há 10 anos como tradutor, tanto de materiais didáticos do curso de Letras-Libras, como também de editais e provas de vestibular. Por estar próximo a esse contexto, tenho observado o quanto o emprego do plano de fundo liso na cor azul tem se evidenciado e se convencionalizado fortemente dentro da universidade.

Para além da UFSC, observo também a produção de inúmeras produções em Libras disponíveis em plataformas virtuais de armazenamento e compartilhamento de vídeo que também adotam o plano de fundo liso na cor azul como referência, de forma frequente em especial para produções de sinalizações mais formais, como divulgação de eventos, avisos e comunicados institucionais, notas técnicas, etc.; produções variadas oriundas de diferentes

⁸⁵ Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/179287>. Acesso em: 14 mar. 2018.

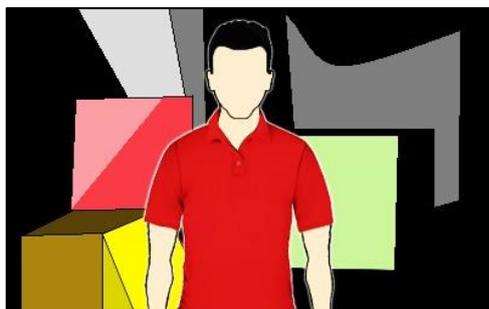
⁸⁶ Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/135237>. Acesso em: 14 mar. 2018.

instituições e entidades. Azevedo, Santos e Oliveira (2000, p. 7) mencionam que a cor azul serve para passar a sensação de formalidade.

Por outro lado, é importante destacar – conforme foi possível observar no levantamento realizado na primeira etapa da pesquisa – não só a cor azul está presente nos planos de fundo dos vídeos em Libras referentes à esfera acadêmica. Há também, em alguns casos, a presença de outras cores usadas em planos de fundo lisos e, também, o uso de planos com “estampa”, ou seja, planos de fundo com desenhos, imagens, figuras, textos, etc. combinados entre si ou não.

Com relação a isso, apresento algumas ilustrações representativas de vídeos, e também recortes de vídeos originais, de materiais didáticos produzidos pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) para o curso à distância de Letras-Libras. Os materiais produzidos inicialmente para as primeiras turmas do curso – com ingresso em 2006 – contavam com planos de fundo coloridos e “estampados”. Abaixo uma figura que ilustra um exemplo desse plano de fundo ainda não padronizado dentro da instituição.

Figura 55: Plano de fundo colorido e estampado.



Fonte: elaborado pelo autor com base em Baldessar, Jesus e Andrade (2014, p. 124).

Na pesquisa de Baldessar, Jesus e Andrade (2014, p. 124) os autores apontaram o uso do cenário colorido e alegre que foi usado pelo curso de Letras-Libras durante um tempo. As pesquisas realizadas com alunos do curso demonstraram não ser eficaz o emprego do plano de fundo nesse formato. Conforme os autores “muitos alunos afirmaram que o excesso de cores distraía e prejudicava a compreensão do conteúdo” (Ibid., p. 124). Diante disso, é interessante observar as mudanças da estética dos vídeos e as alterações dos elementos visuais empregados ao longo das ofertas de algumas disciplinas, tais como: *Língua Brasileira de Sinais I* e *Língua Brasileira de Sinais VI*.

No quadro abaixo trago para fins de detalhamento algumas figuras ilustrativas que demonstram a alteração do plano de fundo empregado ao longo de alguns anos pela

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em algumas de suas produções de materiais didáticos.

Quadro 20: Planos de fundo dos materiais didáticos do curso de Letras-Libras da UFSC.

Fase de Oferta	Disciplina	Material Didático
2ª fase	<i>Língua Brasileira de Sinais I</i>	
3ª fase	<i>Língua Brasileira de Sinais II</i>	
4ª fase	<i>Língua Brasileira de Sinais III</i>	
5ª fase	<i>Língua Brasileira de Sinais IV</i>	
6ª fase	<i>Língua Brasileira de Sinais V</i>	
7ª fase	<i>Língua Brasileira de Sinais VI</i>	

Fonte: Materiais didáticos do Curso de Letras-Libras da UFSC⁸⁷.

Segundo a pesquisa realizada por Baldessar, Jesus e Andrade (2014, p. 124) foi identificado que “a melhor opção para o aprendizado dos alunos Surdos era o fundo limpo e o

⁸⁷Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/104071>. Acesso em 10 abr. 2019.

apresentador com roupas básicas de cores neutras”. Tem-se, portanto, o seguinte modelo ilustrado:

Figura 56: Plano de fundo liso em azul.



Fonte: elaborado pelo autor com base em Baldessar, Jesus e Andrade (2014).

Baldessar, Jesus e Andrade (2014, p. 125) percebem que, após sua pesquisa realizada de experimentação, “o ideal é utilizar fundos nas cores azul, verde ou, se você estiver gravando seu vídeo em casa, um fundo na cor branca é uma boa opção.” Observam-se os exemplos a seguir:

Figura 57: Planos de fundo em cores mais usuais.



Fonte: elaborado pelo autor.

É importante lembrar que existe uma variedade de recomendações sobre a cor do plano de fundo. Por exemplo, a Revista Brasileira de Vídeo-Registros em Libras orienta a cor branca no fundo, já a Classificação Indicativa na Língua Brasileira de Sinais (BRASIL, 2009) orienta a cor azul clara e, ainda o Manual de DESU/INES (2015) orienta a cor cinza no fundo. A Classificação (BRASIL, 2009, p. 23) sugere que não usem as cores amarelo, vermelho, laranja e preto no fundo.

É importante destacar que existem inúmeras críticas e discussões sobre a cor branca usada no plano de fundo, devido ao forte brilho, especialmente, quando materializada no formato digital. A escolha da cor do plano de fundo precisa ser cuidada e estudada em algumas situações comunicativas.

É importante destacar também a respeito dos espectadores de vídeos gravados em Libras, seja qual for o tema, estilo ou esfera, que são surdocegos. A surdocegueira é uma deficiência bastante particular que apresenta perdas auditivas e visuais concomitantemente. Há casos de indivíduos totalmente surdocegos e casos de indivíduos que possuem perdas de diferentes níveis, tanto auditivas como visuais.

Rosani Suzin e Carlos Eduardo Vilela, líderes militantes da comunidade de surdocegos no Brasil, usam suas próprias redes sociais para fins de recomendar preferencialmente o uso da cor preta nos planos de fundo, bem como na vestimenta dos sinalizantes, de modo a facilitar a visualização de pessoas surdocegas que possuem baixa visão. É possível entender essas recomendações como orientações⁸⁸ que passam aos poucos serem convencionadas culturalmente e politicamente dentro das comunidades Surdas e de surdocegos.

Para fins de contextualização e melhor elucidação do leitor, apresento abaixo exemplos de planos de fundo e vestimenta na cor preta, empregados por surdocegos.

Figura 58: Plano de fundo na cor preta para pessoas surdocegas.



Rosani Suzin



Carlos Eduardo Vilela

Fonte: imagens extraídas dos vídeos disponíveis na internet⁸⁹.

Pretende-se destacar que a *cor preta* recomendada para uso nos planos de fundo e também nas vestimentas em vídeos em Libras videossinalizada destinados para surdocegos pode ser entendida como uma característica dos gêneros discursivos. Característica essa construída pelas práticas sociais e culturais do grupo de surdocegos brasileiros, bem como lembra Marcuschi (2010a, p. 34) sobre essa questão, quando afirma que os “gêneros são [...] o reflexo de estruturas sociais recorrentes e típicas de cada cultura. Por isso, em princípio, a variação cultural deve trazer consequências significativas para a variação de gêneros”.

“Considerando que os gêneros independem de decisões individuais e não são facilmente manipuláveis, eles operam como geradores de expectativas de compreensão

⁸⁸ Essas orientações também são feitas em: https://deafblindvp.me/lesson_2/. Acesso em 04 mar. 2019

⁸⁹ Disponíveis em: <https://youtu.be/j7BkMPatILs> e <https://youtu.be/3uMoFh8rDh>. Acesso em 04 mar. 2019

mútua”, afirma Marcuschi (2010a, p. 37). Os gêneros, para o autor, são frutos de invenções individuais, mas formas socialmente maturadas em práticas comunicativas. Isso significa considerar que o emprego, por exemplo, de planos de fundo em uma ou outra cor, não são invenções aleatórias dos Surdos e das comunidades surdas – ou no caso das pessoas surdocegas também – mas, trata-se de convenções socialmente definidas entre muitos interlocutores em comum e suas práticas comunicativas e necessidades.

Isso também pode ser refletido a partir do entendimento dos *tipos relativamente estáveis de enunciados* que menciona Bakhtin (2011 [1979], p. 262). Nesse sentido, essa questão leva ao pensamento sobre os possíveis lugares e esferas onde os gêneros circulam e pode circular, bem como a interação de interlocutores com esses gêneros. Para, além disso, também é possível pensar sobre as especificidades e particularidades de cada situação, ou gênero ou ainda as particularidades dos interlocutores.

Por exemplo, trazendo novamente aqui o exemplo das pessoas surdocegas, no caso de gêneros discursivos cujos interlocutores sejam surdocegos, essas recomendações de cor específica para o uso dos planos de fundo e das vestimentas são feitas de forma direcionada ao contexto, às necessidades e particularidades dos interlocutores e, à medida que essas iniciativas começam a ser aceitas pelas comunidades e empregadas por mais pessoas, elas passam a ser estáveis e caracterizar determinado gênero.

Outro elemento que pode ser mencionado além do uso do plano de fundo e da vestimenta na cor preta nesse contexto das pessoas surdocegas é a cor de pele; essa também discutida e entendida como um elemento importante a ser considerado, por exemplo, em produções videossinalizadas que envolvem o vídeo como forma de registro da Libras, no caso da Libras videossinalizada.

A análise do plano de fundo empregada nas provas do Vestibular UFSC 2012 e Vestibular UFSC 2019 foi feita com base na observação da cor e “estampa” empregada. Diante desses dois elementos observados nas provas, foi possível tecer algumas considerações que complementam as considerações apresentadas aqui.

- *Camadas de vídeo*

Para poder se produzir um vídeo onde apareça no mesmo plano a imagem do sinalizante combinada com recursos visuais (figuras, imagens, textos), durante o processo de edição, é possível o uso de *camadas*. O emprego ou não de camadas pode ser determinante na

construção dos elementos que compõem o vídeo, bem como implicar na qualidade do resultado final do vídeo.

Em alguns casos, é possível observar pela estética final apresentada no vídeo se durante sua edição foram empregadas camadas ou não, sem necessitar consultar o profissional editor responsável pelo vídeo. Isso foi feito durante as análises desse aspecto em especial. Abaixo apresento dois exemplos, por meio de uma figura ilustrativa, que ajudam a elucidar esse aspecto e como a ordem das camadas também influi no resultado da construção composicional.

Figura 59: Exemplo 1 de ordem de camadas do vídeo.

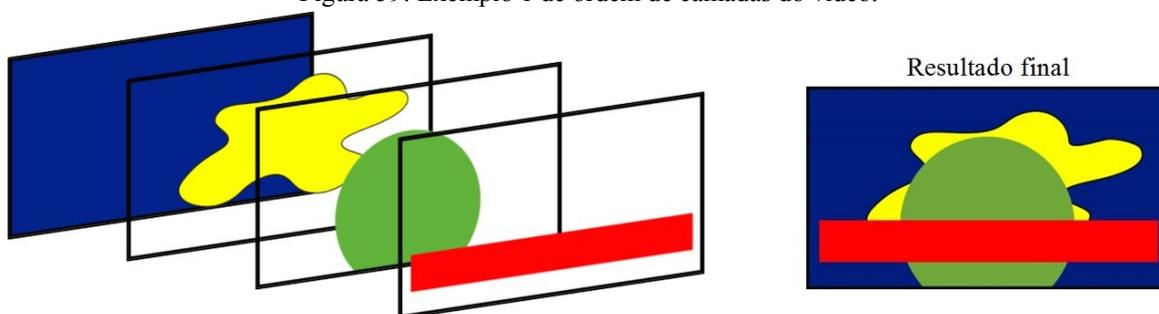
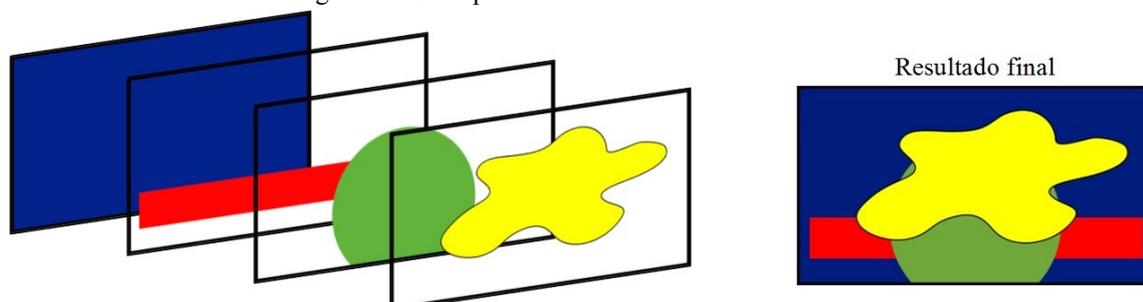


Figura 60: Exemplo 2 de ordem de camadas do vídeo.



Fonte: elaborado pelo autor.

Entende-se que as camadas do vídeo são importantes aspectos de análise das provas como gênero em Libras videossinalizada, pois a ordem de camadas usada na edição do vídeo implica na visibilidade, tanto dos recursos visuais usados, como da imagem do sinalizante. No exemplo, a camada com a forma amarela se destaca, ou seja, está mais visível na Figura 60 em comparação com Figura 59.

- Figuras e ilustrações

Nesta pesquisa, as figuras e ilustrações foram entendidas como aspectos que fazem parte da construção composicional das provas analisadas. O emprego deste recurso nas provas

do Vestibular UFSC 2012 e Vestibular UFSC 2019 foi quantificado em termos de número de ocorrências. Para tanto, vale apresentar o que foi considerado como *figuras e ilustrações* e o que não foi considerado como tal.

Figura 61: Figuras e ilustrações consideradas na análise.

Figuras e Ilustrações Consideradas na Análise	Não considerados como Figuras e Ilustrações

Fonte: provas do Vestibular UFSC 2012 e Vestibular UFSC 2019.

Nesta pesquisa, não houve a preocupação em analisar detalhamentos das figuras e ilustrações usadas, bem como o conteúdo por elas apresentados. A análise foi feita apenas no sentido de uso desses recursos ou não, isto é, se as provas do Vestibular UFSC 2012 e do Vestibular UFSC 2019 empregaram ou não figuras e ilustrações na construção composicional e, se empregaram, quantas vezes elas aparecem conforme cada área do conhecimento.

- Legendas

Da mesma forma que o aspecto considerado acima, as *legendas* foram analisadas sem a preocupação do tipo de conteúdo trazido. Esse aspecto também foi analisado nos dados em termos de quantidade, ou seja, quantas vezes as legendas foram usadas nas provas do Vestibular UFSC 2012 e quantas vezes foram usadas nas provas do Vestibular UFSC 2019. No quadro abaixo, para fins de explicitação desse recurso, apresento dois exemplos de uso da legenda nas provas dos respectivos vestibulares analisadas.

Quadro 21: Legendas empregadas nas provas do Vestibular UFSC 2012 e 2019.

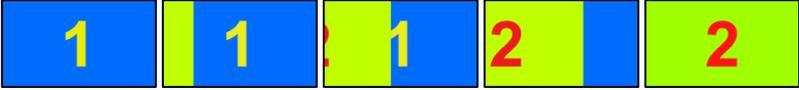
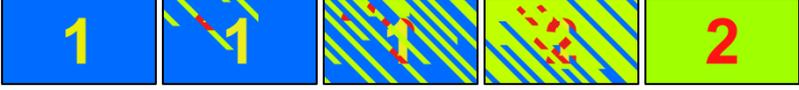
Legendas padronizadas com acompanhamento das soletrações manuais	
 <p>Vestibular UFSC 2012, a legenda é branca sem fundo específico.</p>	 <p>Vestibular UFSC 2019, a legenda é branca com fundo específico azul escuro.</p>

Fonte: provas do Vestibular UFSC 2012 e Vestibular UFSC 2019

- Efeitos e transições

Os *efeitos* e as *transições* foram aqui trazidos também para análise como recursos semiológicos que fazem parte da construção composicional do gênero *prova*. Para elucidar o que é entendido aqui como efeito e transição, segue o quadro ilustrativo abaixo.

Figura 62: Efeitos e transições.

Efeitos (alteração dentro da própria cena)	Transições (alteração de uma cena para outra)
	
	
	
	

Fonte: elaborado pelo autor.

A escolha desse aspecto para análise se deve ao fato *efeitos* e *transições* são bastante usados em vídeos em Libras. Rigo (2013), por exemplo, também considerou esse aspecto em sua pesquisa e o classificou como *Recurso Audiovisual*. A autora observou o uso expressivo

desse elemento em traduções de música em Libras da esfera artística. Dessa forma, é possível entender que se trata de um aspecto que pode ser empregado de diferentes formas nos vídeos em Libras, a depender do gênero e esfera relacionada.

- Vestimentas

As vestimentas também são trazidas para análise enquanto aspecto que compõe o elemento de construção composicional, isso porque são recursos que vem sendo usados em vídeos de diferentes formas e com distintas funções e intenções. Por exemplo, no caso do gênero artigo científico em Libras videossinalizada, a Revista Brasileira de Vídeo Registro em Libras da UFSC e as recomendações da Classificação Indicativa na Língua Brasileira de Sinais (BRASIL, 2009) orientam o uso de uma vestimenta que seja composta por uma cor de camiseta (ou camisa) que contraste com a cor de pele do sinalizante e com o plano de fundo. Observam-se as imagens ilustrativas abaixo:

Figura 63: Contraste entre cor de camisa e cor de pele.



Sinalizante branco com camisa escura⁹⁰



Sinalizante negro com camisa clara⁹¹

Durante a primeira etapa da pesquisa, no momento do levantamento dos gêneros emergentes em Libras videossinalizada foi possível observar o uso de camisas de diferentes modelos e cores. Porém, observou-se um emprego maior de camisas de modelo *polo shirt*, lisas, com golas e botões. Observou-se também, sobretudo nos vídeos com produções acadêmicas em Libras o uso de cores recorrentes, a saber: preta, azul, cinza, rosa e vermelha. Essa combinação de modelo e cores é observada nas figuras ilustrativas abaixo:

⁹⁰ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=YzmAd4qOOIw>. Acesso em: 20 mai. 2019.

⁹¹ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=BI13CTbnuyE>. Acesso em: 20 mai. 2019.

Figura 64: Modelo e cores de camisas usadas em gêneros acadêmicos em Libras videossinalizada.



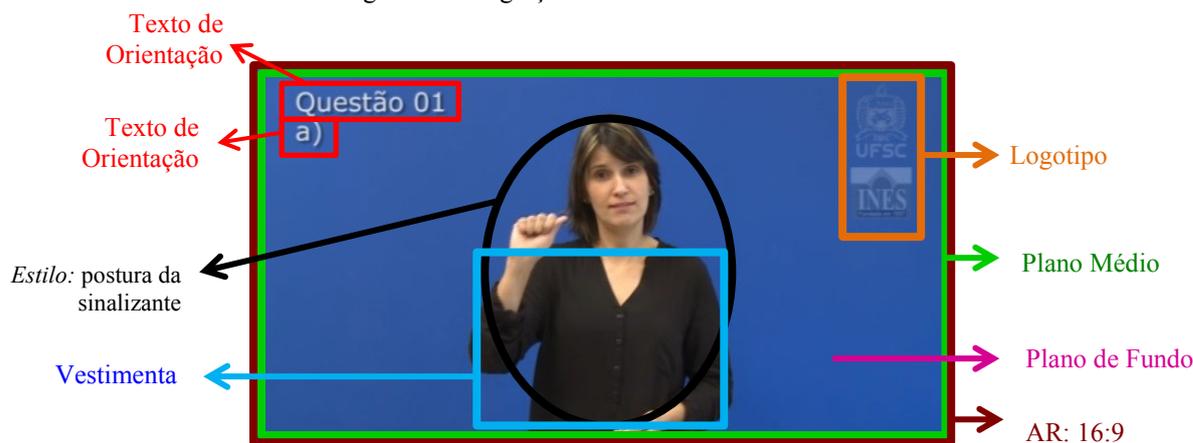
Fonte: autor [de figuras das camisas] desconhecido.

4.5. Integração dos elementos discursivos: aspectos linguísticos e recursos semiológicos

Nas novas tecnologias disponibilizadas atualmente é possível encontrar inúmeras ferramentas que podem permitir com que os textos e os gêneros se tornem multimodais. Nesse sentido, cabe retomar o que Marcuschi (2010b, p. 39) fala sobre os gêneros em ambientes virtuais. Para o autor uma das características centrais desses gêneros é a “alta interatividade, em muitos casos síncronos, embora escritos. Isso lhes dá um caráter inovador no contexto das relações entre fala-escrita”. Para o autor, “tendo em vista a possibilidade cada vez mais comum de inserção de elementos visuais no texto (imagens, fotos) e sons (músicas, vozes) pode-se chegar a uma interação de imagem, voz, música e linguagem escrita em uma integração de recursos semiológicos” (Ibid., p. 39).

Apresentamos, diante disso, um exemplo com os elementos discursivos quanto aos aspectos estilísticos linguísticos e os recursos semiológicos trazidos aqui para análise das provas do Vestibular UFSC 2012 e do Vestibular UFSC 2019. Na imagem abaixo, o recorte se refere ao gênero prova de exame de proficiência linguística (Prolibras) da esfera acadêmica.

Figura 65: Integração dos elementos discursivos.



Fonte: Prova do 7º Prolibras⁹².

4.6. Proposta de quadro de circunstâncias dos gêneros

Nessa última seção do capítulo de procedimentos metodológicos, proponho um quadro – com parte baseada em Baltar (2003, p. 32) – considerando algumas categorias para melhor compreensão das circunstâncias e aspectos relacionados aos gêneros que podem ser identificadas e levantadas para realizar uma análise. Antes de apresentar o quadro, é preciso entender algumas definições, a saber:

Língua/Usos: refere-se à língua e seu uso empregado nas atividades comunicativas, por exemplo: *português escrito, português oral, Libras escrita, Libras videossinalizada*, etc;

Esfera/Campo: esfera ou também campo de atividade humana, é entendida aqui com base na abordagem bakhtiniana e refere-se ao grupo social de comunicação, por exemplo: *esfera jurídica; esfera jornalística; esfera literária; esfera escolar; esfera acadêmica; esfera científica; esfera política; esfera familiar*, etc.

Tipologia: com base em Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), refere-se aos aspectos tipológicos, por exemplo: *narrar, relatar, argumentar, expor e/ou descrever ações*.

Ano de Produção: refere-se ao tempo da origem da produção.

⁹² Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/135237>. Acesso em: 14 mar. 2018.

Enunciador: refere-se ao enunciador ou ao produtor do gênero, por exemplo: *autor, professor, aluno, pesquisador científico, autoridade institucional, advogado, jornalista, secretário, etc.*

Gênero: com base bakhtiniana, refere-se ao gênero com suas características específicas e determinadas pela esfera de comunicação, por exemplo: *artigo científico, livro didático, e-mail, relato de viagem, conversa familiar, instrução de jogo, palestra, carta de reclamação, conto de fadas, entre outros.*

Suporte Textual: ou seja, a materialidade. Adotei aqui a concepção baseada em Baltar (2003, p. 32); refere-se aos espaços físicos e materiais físicos onde os gêneros são produzidos, por exemplo: *wikipédia, livro escrito impresso, livro digital (e-book, v-book), jornal escrito, jornal digital, folder, rádio, correio tradicional (carta escrita) correio eletrônico (e-mail), mensagem via aplicativo (ex.: WhatsApp), vídeo físico (VHS, DVD, Blu-Ray, etc.), vídeo virtual (YouTube, Facebook, Vimeo, etc.), entre outras diversas ferramentas existentes considerando os avanços tecnológicos.*

Localização: refere-se ao lugar onde o gênero se encontra, por exemplo: *blog, página na internet, sítio eletrônico (pessoal, institucional ou empresarial), banco de dados (institucional ou empresarial), YouTube, Facebook, bibliotecas, midiatecas, acervos físicos, etc.*

Interlocutor: refere-se a quem lê, assiste ou ouve os gêneros, ou seja, quem recebe a informação. Deve-se considerar que não existem impedimentos ao interlocutor, pois qualquer pessoa pode receber (ler, ouvir, assistir) os gêneros, desde que estejam para ela disponíveis/acessíveis. Diferente de situações específicas, como no caso de reuniões particulares, acesso autorizado ou controlado de informação, etc. Neste caso, propõe-se nesse quadro um exemplo de um interlocutor mais recorrente do gênero: *edital*, por exemplo, uma vez que *candidatos* são os interlocutores que mais acessam um edital de vestibular ou concurso, por exemplo.

Uma vez entendido esses conceitos, apresento baixo um exemplo de uso do quadro para o levantamento de circunstâncias e aspectos gerais relativos a determinado gênero que podem auxiliar no entendimento geral para fins de análise.

Quadro 22: Proposta de quadro de levantamento de circunstâncias.

	Exemplo 01	Exemplo 02	Exemplo 03	Exemplo 04
Língua	Libras videossinalizada	Libras videossinalizada	Libras videossinalizada	Libras escrita
Esfera/Campo	Jurídica/Administrativa	Acadêmico	Literário	Científico
Tipologia	Descrever Ações	Expor	Narrar	Expor
Ano de Produção	2018	2016	2018	2010
Enunciador	UFSC	Áulio Ribeiro da Nóbrega	Fernanda de Araújo Machado	Marianne Rossi Stumpf e Ronice Müller de Quadros
Gênero	Edital	Monografia	Poesia	Artigo Científico
Suporte Textual	Vídeo (virtual)	Vídeo (virtual)	Vídeo (virtual)	PDF (virtual)
Localização	Repositório da UFSC ⁹³	<i>YouTube</i> institucional ⁹⁴	<i>YouTube</i> pessoal ⁹⁵	Periódico Cadernos de Tradução <i>on-line</i> ⁹⁶
Interlocutor	Candidatos	Professores, estudantes, pesquisadores, profissionais da área e qualquer leitor/espectador interessado.	Professores, estudantes, pesquisadores, profissionais da área e qualquer leitor/espectador interessado.	Professores, estudantes, pesquisadores, profissionais da área e qualquer leitor/espectador interessado.

A proposta desse quadro de circunstâncias dos gêneros é trazida aqui no intuito de servir como um modelo de levantamento de elementos e informações ligadas a determinado gênero que podem influenciar diferentes gêneros do discurso. Por exemplo, ao pensar em determinado gênero classificado nesse quadro referente ao ano de produção de 1950 algumas especificações seriam características desse gênero que seriam apresentadas nesse quadro, que se diferenciariam nitidamente se pensar em outro gênero nesse mesmo quadro classificado cujo ano de produção, porém, data de 2050, por exemplo. Esse quadro facilita verificar, de modo geral, algumas características atreladas ao gênero considerando algumas especificidades ligadas à circunstância de sua produção. Essas características, é importante lembrar, quando variam, também implicam numa variação do conteúdo temático – considerando à cultura de uma sociedade e uma situação histórica e social vivenciada – na variação do estilo e estrutura composicional. Por isso, entendo ser importante conhecer também as circunstâncias dos gêneros ao se trabalhar e discutir sobre eles em uma análise mais detalhada e sistemática,

⁹³ Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/190171>. Acesso em: 10 fev. 2019.

⁹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XH4BnmuOQUE>. Acesso em: 10 fev. 2019.

⁹⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eiH0CqYNe6s>. Acesso em: 10 fev. 2019.

⁹⁶ Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2010v2n26p165/14228>. Acesso em: 10 fev. 2019.

como as análises apresentadas das provas de Vestibular UFSC 2012 e Vestibular UFSC 2019 no próximo capítulo.

V. CAPÍTULO – Análise e discussão de resultados

Antes de iniciar as análises do gênero *prova* especificamente às provas de Vestibular UFSC 2012 e Vestibular UFSC 2019, é importante tomar conhecimento das circunstâncias desse gênero escolhido, considerando o quadro proposto no capítulo anterior de procedimentos metodológicos. Assim, tem-se:

Quadro 23: Circunstâncias do gênero *prova* de Vestibular UFSC 2012 e 2019.

	Vestibular UFSC 2012	Vestibular UFSC 2019
Língua/Us	Libras videossinalizada	Libras videossinalizada
Esfera/Campo	Acadêmico	Acadêmico
Tipologia	Argumentar, expor e descrever ações.	Argumentar, expor e descrever ações.
Ano de Produção	2012	2019
Enunciador	UFSC	UFSC
Gênero	<i>Prova</i> de vestibular	<i>Prova</i> de vestibular
Suporte Textual	Vídeo	Vídeo
Localização	Site do Vestibular UFSC 2012 ⁹⁷	Site do Vestibular UFSC 2019 ⁹⁸
Interlocutor	Candidatos	Candidatos

De acordo com o quadro acima, percebe-se que as *provas* podem apresentar uma tipologia múltipla, assim como comenta Marcuschi (2008) quando considera que os gêneros podem envolver e combinar várias tipologias. Sendo assim, entende-se que o gênero escolhido *prova* tem presente mais de um aspecto tipológico. É possível observar diante das análises que são três os aspectos envolvidos: *argumentar*, *expor* e *descrever ações*. Nesse sentido, as *provas* do Vestibular UFSC 2012 e 2019 possuem o que Marcuschi (2008) denomina de *heterogeneidade tipológica*.

Nas seções a seguir, apresento as análises referentes aos elementos bakhtinianos que caracterizam o gênero *prova*, a saber: *conteúdo temático*, *estilo* e *construção composicional*. Os aspectos de cada um desses elementos também são trazidos aqui com algumas considerações sobre cada um apresentadas.

5.1. Análise do *conteúdo temático*

Considerando a questão apresentada na seção anterior sobre a heterogeneidade tipológica, como mencionado, foi possível observar que o gênero *prova* de Vestibular UFSC

⁹⁷ Disponível em: <http://www.vestibular2012.ufsc.br/index.php?s=provas>. Acesso em: 11 mar. 2019.

⁹⁸ Disponível em: <http://vestibular2019.ufsc.br/provas-e-gabaritos-definitivos/>. Acesso em: 11 mar. 2019.

2012 e 2019 possui três aspectos tipológicos: *argumentar*, *expor* e *descrever ações*. Com relação ao aspecto tipológico *argumentar* as *provas* de Vestibular UFSC 2012 e 2019 possui esse aspecto devido ao fato de compreenderem necessariamente respostas baseadas na compreensão e na defesa de ideias por parte dos candidatos, principalmente na área que demanda a resposta em sua forma dissertativa, ou seja, nas áreas de *Redação* e *Questões Discursivas*.

As *provas* de Vestibular UFSC 2012 e 2019 incluem ainda o aspecto tipológico *expor* uma vez que várias das áreas apresentam citações e histórias de acontecimentos em geral, bem como formas de transmitir o conhecimento. Esse gênero compreende ainda o aspecto tipológico *descrever ações*, pois é comum em qualquer *prova* a descrição de ações presentes em uma resposta.

De forma geral, entendo que esses aspectos tipológicos também estão relacionados ao *conteúdo temático*, uma vez que são características que ajudam a compreender e definir o gênero *prova*. Em análise dos dados, identificaram-se três principais elementos que evidenciam não apenas o *conteúdo temático* dentro de seu contexto geral, mas também especificam o tema e o assunto tratado. Nas análises realizadas nessa segunda etapa de investigação, foi possível identificar que em todos os vídeos das *provas* de Vestibular UFSC 2012 e 2019, especificamente na imagem inicial, o tema e o assunto de cada prova se mostraram sempre evidenciados, conforme é possível visualizar nas figuras ilustrativas abaixo:

Figura 66: Tema/assunto das *provas* de Vestibular UFSC 2012 e 2019.

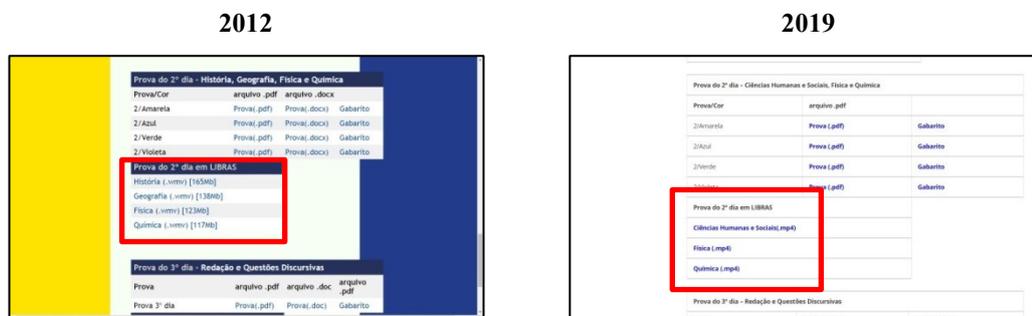


Fonte: Vestibular UFSC 2012.

A figura demonstra que o tema/assunto da *prova* de Vestibular UFSC 2012 é identificado. No caso, porém, da *prova* de Vestibular UFSC 2019 esse elemento não é evidenciado da mesma forma. Outra forma de conhecer e acessar o tema/assunto das *provas* de Vestibular UFSC 2012 e 2019 é por meio do site desses vestibulares. Ao clicar em cada nome específico – para baixar o arquivo em vídeo em Libras das respectivas provas – já é

possível saber antecipadamente o tema/assunto relacionado, conforme figuras ilustrativas abaixo:

Figura 67: Tema/assunto das prova de Vestibular UFSC 2012 e 2019 conforme site.



Fonte: Vestibulares UFSC 2012 e 2019.

Foi possível observar também nas análises uma diferença e separação das áreas do conhecimento de *História* e *Geografia* relativas às *provas* de Vestibular UFSC 2019, uma vez que ambas as áreas do conhecimento foram incluídas em um único vídeo sem apresentação do tema/assunto de cada uma das áreas. O arquivo denominado *Ciências Humanas e Sociais* é assim identificado e disponibilizado no site. Para separá-los por área foi necessário observar os conteúdos apresentados dentro de cada vídeo. Assim, foi possível observar que na primeira parte (de 00m00s até 42m15s) desse arquivo mencionado são apresentadas as questões relativas à área do conhecimento de *História*. Isso foi possível de ser identificado por conta da apresentação frequente de sinais como “ANO...” e “DATA”, ou seja, sinais que tem relação com o *conteúdo temático* da área de *História*. Já a segunda parte (de 42m15s até 1h24m06s) do mesmo arquivo é possível observar que esse recorte está relacionado com a área do conhecimento de *Geografia*, em razão do uso frequente de sinais como: “LUGAR”, “PAÍS”, “CIDADE” e “ESTADO” que, da mesma forma, são sinais recorrentes da área que remetem ao *conteúdo temático* de *Geografia*.

É também interessante notar que todos os vídeos das *provas* de Vestibular UFSC 2012 e 2019 possuem temas/assuntos visualmente fixos no canto superior esquerdo da tela, conforme é possível observar nas figuras ilustrativas abaixo:

Quadro 24: Tema/assunto visualmente fixos nas *provas* de Vestibular UFSC 2012 e 2019.

Tema/Assunto Visualmente Fixos	
<p>2012</p>  <p>Tema/assunto fixo no canto superior e esquerdo, sem fundo específico.</p>	<p>2019</p>  <p>Tema/assunto fixo no canto superior e esquerdo, com fundo específico BRANCO.</p>

Fonte: Vestibulares UFSC 2012 e 2019.

Conforme as figuras apresentam no quadro acima, o emprego desses textos dispostos na tela do vídeo são recursos fundamentais para identificar os temas, assuntos e conteúdos dos vídeos, bem como ajudar a elucidar ao candidato partes da prova onde ele se encontra de modo a facilitar também na busca de um determinado conteúdo desejado.

As análises aqui trazidas com relação ao *conteúdo temático* acabaram focando-se na questão do tema e assunto e como eles são apresentados dentro do gênero. Entende-se que é complexa a dimensão do *conteúdo temático* considerando a abordagem bakhtiniana, uma vez que exige uma reflexão sobre o todo que compreende esse elemento. De qualquer forma, pode-se entender esse elemento dentro das circunstâncias onde está situado.

Conforme compartilhado anteriormente no quadro de circunstâncias do gênero, no início desse capítulo, as provas analisadas, embora tenham vários elementos correspondentes, elas se diferem em alguns aspectos em razão do ano de produção dos vídeos. Por exemplo, as provas produzidas em 2012, foram provas elaboradas dentro de um dado contexto histórico e social da área, assim como as provas produzidas em 2019 que foram elaboradas já em outro contexto histórico e social da área.

O ano de 2012 foi um ano em que a UFSC passou a oferecer pela primeira vez as provas gerais do seu vestibular em Libras – e não mais um vestibular direcionado para o curso de Letras-Libras – conforme já contextualizado. Assim, entende-se que em razão disso, muitas questões estiveram imbricadas na produção dos primeiros vídeos que implicam na compreensão da prova e seu *conteúdo temático* dentro de um contexto geral. No ano de 2019, por sua vez, a UFSC já havia passado por uma experiência prática de sete anos de elaboração de provas e produção desse mesmo gênero, portanto, durante esse tempo foi possível estabilizar formas de organização, estruturação e materialização da prova que, atualmente,

pode ser compreendida em seu *conteúdo temático* dentro de um contexto histórico e social diferente.

Embora a língua seja a mesma empregada nas duas edições, bem como o suporte textual, a localização, o interlocutor, a esfera, e o enunciador, o fato de as provas do Vestibular UFSC 2012 e do Vestibular UFSC 2019 terem anos de produção diferentes implica considerar algumas variáveis que também tem a ver não apenas com o *conteúdo temático*, mas também demais questões que eu apresentarei nas seções que seguem nesse capítulo no que se refere aos elementos bakhtinianos de identificação e caracterização do gênero: *estilo* e *construção composicional*.

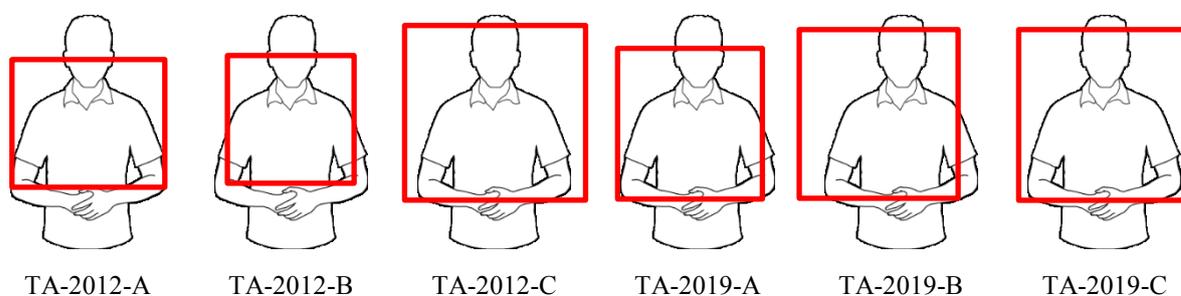
5.2. Análises do *estilo*

Pretende-se relembrar aqui a frase de Bakhtin (2011 [1979], p. 268) que diz: “onde há estilo há gênero”. Com isso, entende-se que não existe o gênero sem estilo. Como os aspectos estilísticos são inúmeros, neste trabalho alguns deles foram selecionados para análise, a saber: *Espaço de Sinalização (ES)*, *Velocidade de Sinalização (VS)*, *Soletrações Manuais (SM)* e *Pausas Estilísticas (PE)*. Esses aspectos serão apresentados nas próximas subseções.

5.2.1. Considerações sobre o espaço de sinalização

Nas análises, foi possível identificar o emprego do ES com maior frequência pelos sinalizantes tradutores-atores, conforme as figuras ilustrativas abaixo:

Figura 68: Espaço de Sinalização empregado nas *provas* de Vestibular UFSC 2012 e 2019.



Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados desta pesquisa.

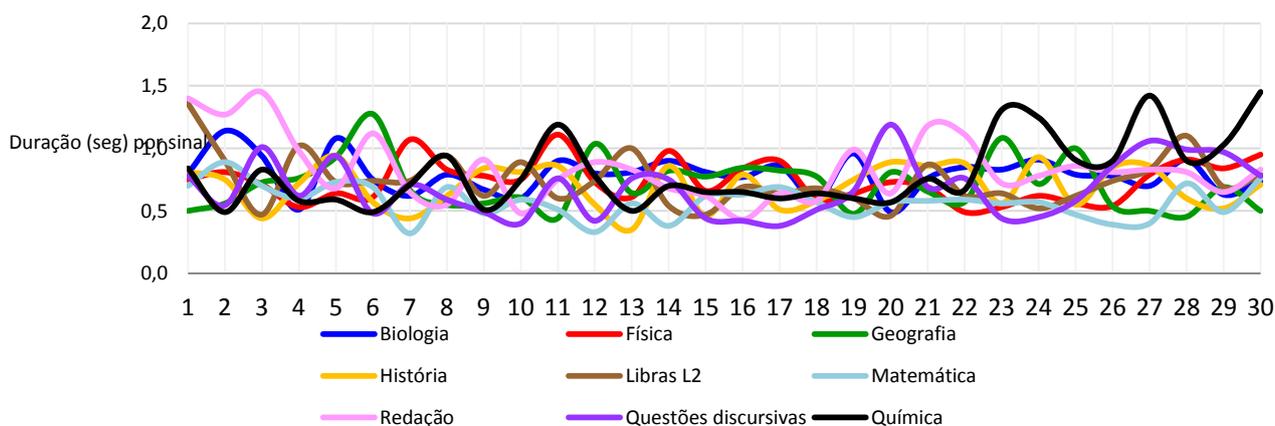
Observa-se que o ES dominado, com maior frequência, pelos tradutores-atores parece ser mais restrito no gênero *prova* e também influenciado pelas características desse gênero não literário, ou seja, do gênero menos produtivo, uma vez entendendo que “as condições mais produtivas se encontram na esfera literária, onde um estilo individual faz parte dos propósitos, da finalidade do gênero, pois é uma das funções da comunicação artística. Os gêneros menos produtivos são aqueles mais padronizados, como a instrução de trabalho, a ordem militar, muitos documentos oficiais” (RODRIGUES, R., 2005, p. 168). Em geral, na sinalização mais formal, o ES é mais controlado e monitorado pelos limites do enquadramento em Libras videossinalizada (SILVA, R., 2013) ou pode ser influenciado pelos conteúdos das histórias que não exigem o emprego do ES.

Como a proposta deste trabalho só abordou sobre o ES usado num único gênero escolhido, vale pensar em pesquisas futuras mais aprofundadas sobre o ES empregado em gêneros mais produtivos, ou seja, em gêneros literários, para que seja possível identificar a diferença ou semelhança.

5.2.2. Considerações sobre a velocidade de sinalização

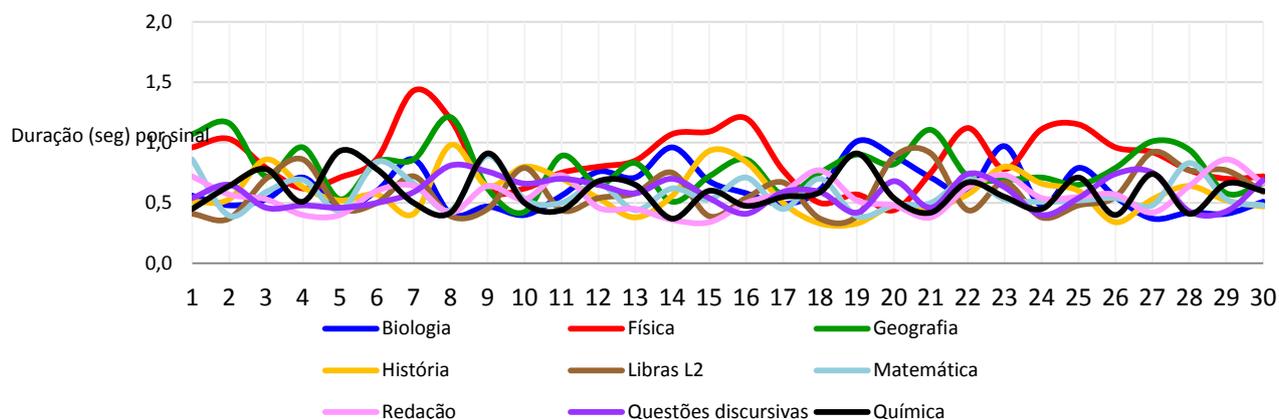
Na análise, foram coletados os dados sobre a VS com a metodologia adaptada e baseada na proposta de Silva, R. (2013). Observa-se o gráfico do Vestibular UFSC 2012 a seguir:

Gráfico 3: Velocidade de Sinalização nas *provas* do Vestibular UFSC 2012⁹⁹.



Observa-se o gráfico referente ao Vestibular UFSC 2019 a seguir:

⁹⁹ Para ver a tabela com maiores detalhes acessar os Anexos desta tese.

Gráfico 4: Velocidade de Sinalização nas *provas* do Vestibular UFSC 2019.

Observa-se que a VS não apresentou significativas variações entre as provas de Vestibular UFSC 2012 e as provas de Vestibular UFSC 2019.

Apresento a tabela a seguir com os números de duração média dos sinais, duração mínima e duração máxima dos sinais e DMiMa por área do conhecimento:

Tabela 5: Duração média, duração mínima, duração máxima e DMiMa por área.

		Biologia	Física	Geografia	História	Libras L2	Matemática	Redação	Questões Discursivas	Química
2012	Duração média (seg) do sinal	0,79	0,74	0,71	0,70	0,74	0,57	0,84	0,68	0,81
	Duração mínima	0,49	0,49	0,44	0,35	0,46	0,32	0,43	0,38	0,49
	Duração máxima	1,14	1,11	1,27	0,94	1,36	0,89	1,45	1,19	1,45
	DMiMa	57%	56%	65%	63%	66%	64%	70%	68%	66%
2019	Duração média (seg) do sinal	0,62	0,86	0,79	0,59	0,59	0,58	0,55	0,59	0,59
	Duração mínima	0,37	0,44	0,43	0,33	0,37	0,39	0,34	0,40	0,37
	Duração máxima	1,01	1,43	1,21	0,98	0,92	0,89	0,86	0,81	0,93
	DMiMa	63%	69%	64%	66%	60%	56%	60%	51%	60%

Conforme a tabela acima, entende-se que a maior percentagem de DMiMa significa a maior diferença (ou seja, distância) entre a duração mínima e a duração máxima dos sinais, portanto, a velocidade de sinais varia mais (ou seja, desequilibra mais). Na análise, é possível notar que a maioria das áreas das *provas* do Vestibular UFSC 2019 mostra as menores percentagens de DMiMa em comparação com as *provas* do Vestibular UFSC 2012, portanto, embora as diferenças são consideradas pequenas, os sinalizantes do Vestibular UFSC 2019

parecem ser mais controlados na velocidade de sinais, mais aproximando a duração mínima da duração máxima dos sinais.

Com base na tabela acima, apresento a tabela sobre a duração média do sinal dominada pelos tradutores-atores a seguir:

Tabela 6: Duração média do sinal dominada pelos tradutores-atores.

TA-2012-A	TA-2012-B	TA-2012-C	TA-2019-A	TA-2019-B	TA-2019-C
0,73	0,70	0,75	0,60	0,75	0,58

Conforme a tabela acima, os TA-2019-A e TA-2019-C são os que apresentam a duração média menor do sinal, ou seja, apresenta a maior velocidade de sinalização em comparação aos demais sinalizantes. É interessante observar um dado na pesquisa de Silva, R. (2013) que revela a duração média de sinais dominada pelos tradutores-atores do gênero do discurso *edital* é 0,76s¹⁰⁰ que se aproxima aos resultados dos TA-2012-A, TA-2012-B, TA-2012-C e TA-2019-B. Com isso, entende-se que a velocidade de sinalização média “padrão” nos gêneros do discurso acadêmicos, bem como *prova* e *edital*, é entre 0,70s e 0,75s por sinal.

É importante refletir sobre uma observação: a velocidade de sinalização pode depender da área, por exemplo, a área de *Biologia* pode tornar a sinalização mais lenta devido a determinados conteúdos e terminologias mais complexas e extensas em comparação com a área de *Libras LI*, uma vez que Libras é uma área mais familiar, com vocabulário mais convencionado e familiarizado, do que a área de *Biologia* para qualquer sinalizante; ou o perfil pode influenciar a característica da própria sinalização. Contudo, durante o trabalho desta tese não foi possível responder a essa observação hipotética por conta de ausência de entrevistas com os envolvidos. Uma análise nesse sentido é interessante para pesquisas futuras, considerando a velocidade de sinalização observada e analisada com base também nos dados coletados por meio de entrevistas realizadas com os sinalizantes, de modo a identificar os motivos que tornam a velocidade mais rápida ou lenta.

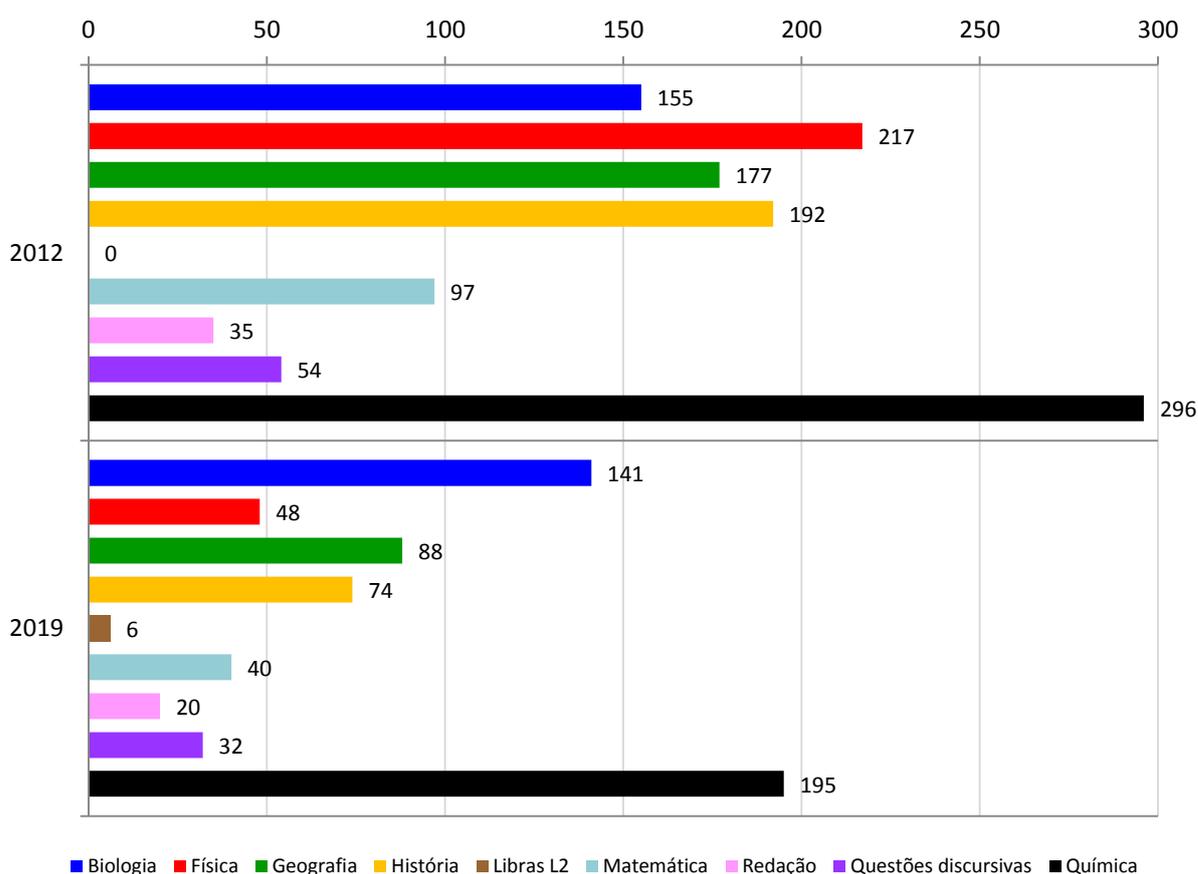
Pretende-se esclarecer que esses dados não servem somente para o conhecimento sobre as velocidades de sinalização dominadas pelos sinalizantes das *provas* dos Vestibulares UFSC 2012 e 2019, mas também podem ser aproveitados para o uso comparativo com dados de outras pesquisas voltadas a outros gêneros (gênero literário em Libras videossinalizada, por exemplo), de modo a mostrar variações de velocidades de sinalização.

¹⁰⁰ Ver Silva, R. (2013, p. 124).

5.2.3. Considerações sobre as soletrações manuais

Antes de começar discutir sobre os dados das SM, é importante tomar conhecimento de que os sinalizantes de Libras “soletram palavras do português em uma variedade de contexto, para introduzir uma palavra técnica que não tem sinal equivalente” (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 88). Segundo Silva, R. (2013, p. 75) observa que a soletração manual “também pode ser uma estratégia linguística utilizada para o interlocutor evitar uma possível ambiguidade do sinal enunciado, ou ainda para reforçar alguma afirmação do sentido desse sinal”. Assim, apresento o gráfico abaixo sobre a quantidade de soletrações manuais por cada área do conhecimento das *provas* de Vestibular UFSC 2012 e 2019 a seguir:

Gráfico 5: Soletração Manual por área nas *provas* de Vestibular UFSC 2012 e 2019.

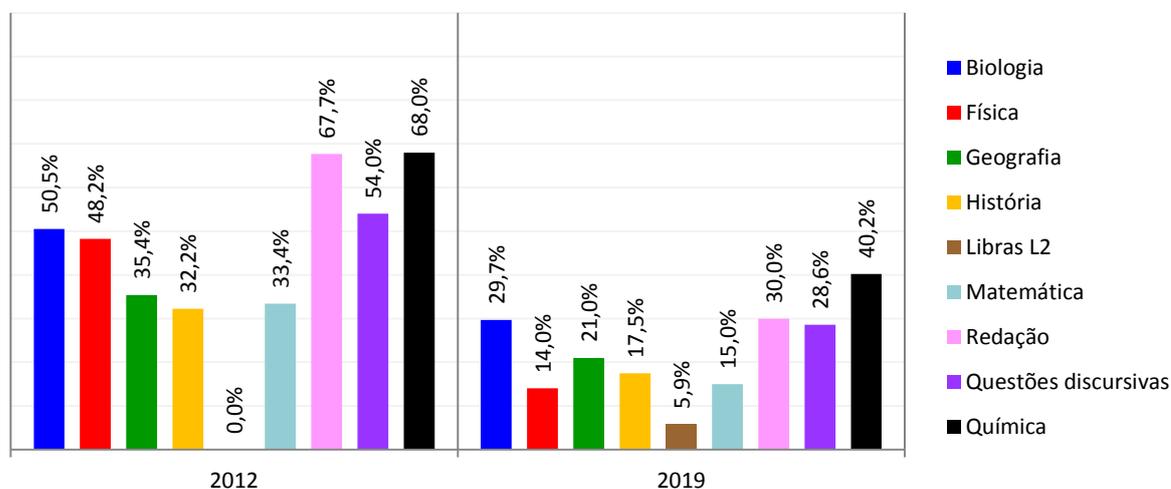


Conforme o gráfico acima é interessante notar que o gênero *prova* de Vestibular UFSC 2012 e 2019 nas áreas de *Biologia*, *Física*, *Matemática*, *Física* e principalmente *Química* mostram uma quantidade significativa de soletrações manuais.

Como o avanço da área de Libras e da própria língua nas últimas décadas, considera-se que ainda não é expressivo o número de profissionais fluentes em Libras (tanto Surdos como ouvintes) especializados em cada área do conhecimento. Com isso, é possível refletir sobre quanto mais o número de profissionais, fluentes em Libras, de determinada área aumenta, maior são as oportunidades de desenvolver o vocabulário específico da área em Libras. A área da *Linguística* é um bom exemplo com relação ao avanço de vocabulário e sinais técnicos, em razão também ao pioneiro Glossário Letras-Libras da UFSC. Os avanços no vocabulário de Libras referente às áreas de produção acadêmica e termos técnicos usados nas universidades também se deve ao Manuário do INES, conforme visto no levantamento da investigação; além a outros recursos, ferramentas, vídeos, etc. produzidos por outras instituições e demais gêneros dessa e outras esferas já criados emergentes em Libras que circulam pelas comunidades Surdas.

Apresento o gráfico abaixo sobre a relação entre os números de ocorrências de soletrações manuais e valores de referência:

Gráfico 6: Porcentagem de ocorrências de soletrações manuais por VR.

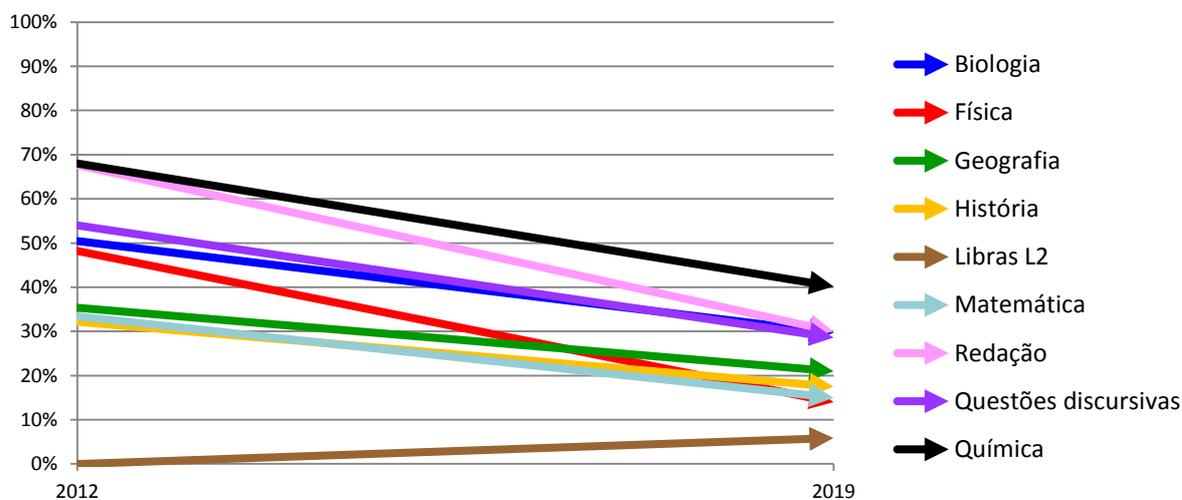


Conforme o gráfico acima é possível notar que as provas de *História* e *Geografia*, mostram uma taxa baixa de soletrações em comparação com as áreas de *Biologia* e *Química*. Embora as áreas de *História* e *Geografia* tenham muitos termos técnicos e incomuns, entende-se que existem muitos sinais correspondentes para muitos termos usados nessas áreas, uma vez que já algum tempo Surdos estão fazendo parte dessas esferas de certa forma, se inserindo em discussões, sobretudo na área da *História*; ao longo dos anos as comunidades Surdas passaram a registrar, relatar e pensar sobre sua própria história. As porcentagens de

uso de soletrações manuais nas provas de *Redação* e *Questões Discursivas*, apresentadas no gráfico são igualmente altas, mas não podem ser levadas em consideração aqui, pois incluem temas de diferentes áreas.

Com base no anterior, apresento abaixo um novo gráfico que ilustra a evolução de uso das soletrações manuais pelos sinalizantes referente às provas do Vestibular UFSC 2012 em comparação as provas do Vestibular UFSC 2019:

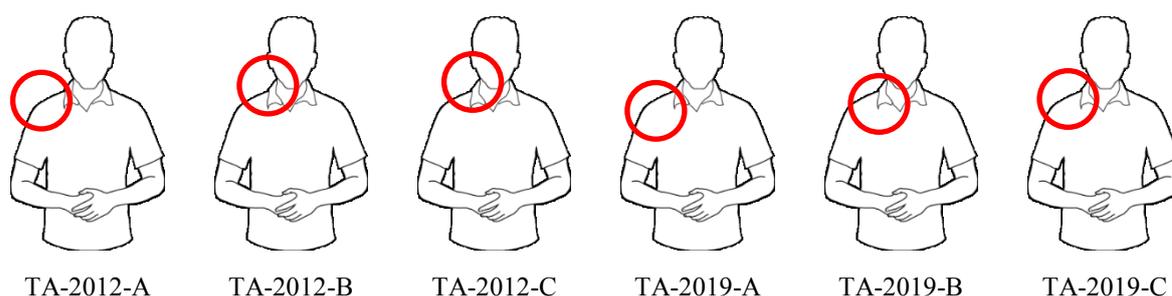
Gráfico 7: Evolução de uso de soletrações manuais de 2012 para 2019.



Conforme o gráfico acima é interessante notar, de forma geral, que o número de soletrações caiu de 2012 para 2019. Seria muito interessante registrar esses dados de 2012-2019 para serem utilizados para a nova comparação referente ao ano de 2029, por exemplo, ou mais a diante. Seria possível, descobrir o quanto o número de vocabulários e sinais técnicos avança nas respectivas áreas e, portanto, o número de soletrações manuais diminui, assim como foi observado de 2012 para 2019 (num período de sete anos). Outra perspectiva interessante é observar o emprego desse elemento por parte de sinalizantes Surdos e sinalizantes ouvintes.

A localização de soletrações manuais é considerada importante na estratégia de enunciação clara. Durante as análises, foi possível observar e registrar os pontos de localização das soletrações manuais usados com a maior frequência pelos tradutores-atores. Nas figuras ilustrativas abaixo, é possível verificar esse ponto de localização de soletração manual de maior frequência e recorrência por cada um dos sinalizantes.

Figura 69: Localização da soletração usada com maior frequência por TA.

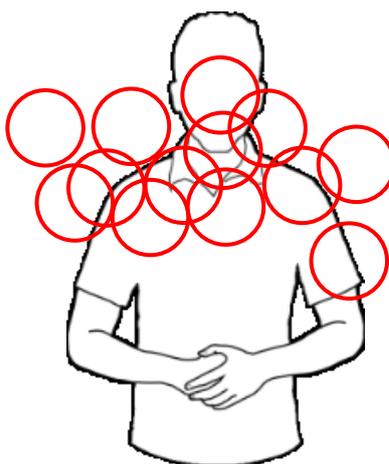


Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados desta pesquisa.

De acordo com a análise, foi possível encontrar um ponto da localização de soletração usado com frequência significativa¹⁰¹ por cada sinalizante, especialmente no lado direito por conta de que todos os tradutores-atores têm a mão direita dominante, conforme a figura abaixo ilustra, é interessante destacar que a localização de soletração frequentada pelos sinalizantes das provas analisadas é semelhante com a localização de soletração usada pelos sinalizantes nos editais em Libras videossinalizada, analisados pela pesquisa de Silva, R. (2013).

Pretende-se destacar que existe a variedade de localizações de soletração dominadas pela mão direita dos tradutores-atores, observa-se a imagem a seguir:

Figura 70: Variação de localização de soletração.



Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados desta pesquisa.

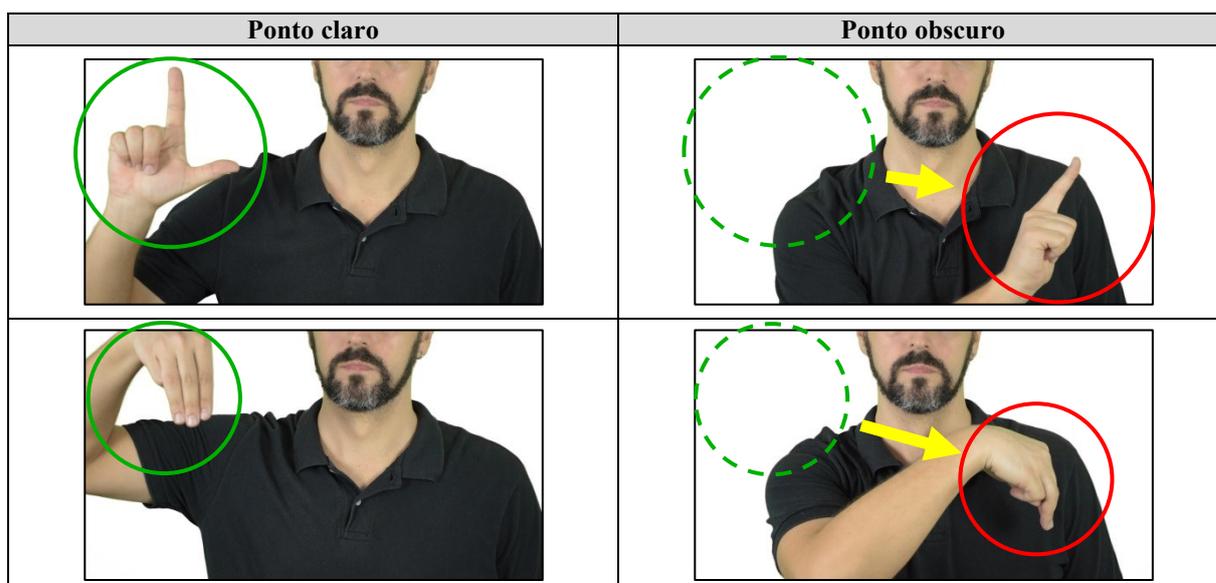
¹⁰¹ Não mostro aqui a porcentagem, uma vez que só foi possível registrar o ponto de soletração conforme as observações realizadas via ELAN sobre a localização mais recorrente.

Conforme a figura acima, os pontos de localização de soletração variam e dependem da influência dos pontos de articulação (locação) dos sinais. Contudo, a quantidade de ocorrências é considerada insignificativa em comparação com a figura anteriormente apresentada.

É interessante destacar que o ponto de localização de soletração bem na frente do rosto é considerado um problema discutido pela comunidade de professores Surdos de Libras que costumam recomendar que os sinalizantes (aprendizes ou não) evitem a localização de soletração na frente do rosto para que tanto a expressão facial quanto a própria soletração possam ser visualizadas de forma melhor.

De acordo com a análise, há outro ponto de localização que se considera um risco de tornar a soletração mais obscura, observa-se as imagens a seguir:

Figura 71: Comparativo entre localizações de soletrações.



Fonte: simulação elaborada pelo autor.

Foi possível encontrar algumas ocorrências em que alguns dos tradutores-atores dos Vestibulares UFSC 2012 e 2019 usaram as soletrações manuais no ponto obscuro, bem como apresentadas as imagens da figura acima. E, muitas vezes, o ponto claro e direito foi usado pelos tradutores-atores com a mão direita, portanto, essa localização torna a soletração mais clara e confortável devido ao direcionamento da palma da mão direita para frente.

É possível observar que o ponto obscuro de soletrações usado por alguns dos tradutores-atores não é comum, pois esse ponto foi influenciado ou ‘segurado’ pelo ponto de um sinal que foi apresentado anteriormente; mas esse ponto pode ter um risco de tornar a

soletração menos perceptível ou mais difícil de serem percebidas, devido ao direcionamento da palma da mão direita para lado contrário. As configurações de mão acabam sendo menos visíveis, assim como o exemplo “*Ponto obscuro*” apresentado na Figura 71.

Por isso entendo ser importante discutir sobre usar a mão direita para soletrar, bem como procurar usar mais os pontos de referência dos sinais no espaço direito para que facilite a aproximação dos pontos de soletrações. Em alguns momentos, porém, pode haver pontos de localização distantes do ponto acostumado, dependendo da influência dos pontos de sinais/sinalização, algo comum para qualquer língua de sinais. A organização de pontos de referências depende das habilidades de soletração e/ou sinalização praticada pelo sinalizante; o mais relevante é ter o cuidado na organização para que o ponto da soletração não se torne difícil de ser lido e percebido.

5.2.4. Considerações sobre as pausas estilísticas

A Pausa estilística é uma questão destacada nos últimos anos, principalmente nos gêneros do discurso mais formais. É possível perceber que variam os tipos de pausas estilísticas dependendo de cada sinalizante tradutor-ator. Apresento a quadro sobre os dados desse aspecto em questão, realizado com frequência pelos tradutores-atores dos Vestibulares UFSC 2012 e 2019 a seguir:

Quadro 25: Pausas estilísticas empregadas nas provas de Vestibular UFSC 2012 e 2019.

2012	2019
<p>TA-2012-A</p>  <p>Pausa estilística do tipo <i>dominado</i></p>	<p>TA-2019-A</p>  <p>Pausa estilística do tipo <i>dominado</i></p>
<p>TA-2012-B</p>  <p>Pausa estilística do tipo <i>saudado</i> (aproximadamente)</p>	<p>TA-2019-B</p>  <p>Pausa estilística do tipo <i>casado</i></p>
<p>TA-2012-C</p>  <p>Pausa estilística do tipo <i>saudado</i></p>	<p>TA-2019-C</p>  <p>Pausa estilística do tipo <i>contido</i></p>

Fonte: simulação elaborada pelo autor.

É possível observar que a pausa estilística é uma estratégia importante para intercalar entre as frases ou partes sinalizadas. É interessante lembrar que a Revista Brasileira de Vídeo-Registros em Libras também tem valorizado o uso de pausa estilística¹⁰².

Entende-se ser bastante importante pensar sobre a prática da pausa estilística, pois às vezes pode acontecer que a pausa estilística seja “forçada”, isto é, exigida para o sinalizante e este não se sinta confortável de empregá-la. Como a pausa estilística é uma questão de padronização, principalmente nos gêneros mais formais, o sinalizante irá procurar adotar uma pausa estilística que seja confortável para ele.

Na análise desta tese, é possível observar que os tradutores-atores do Vestibular UFSC 2019 mostram a prática de pausa estilística mais padronizada do que os tradutores-atores do Vestibular UFSC 2012.

5.2.5. Consideração adicional sobre seleção lexical e aspecto gramatical

Ainda com relação ao elemento *estilo*, além de Bakhtin (2011 [1979]), Costa Val (2003), Rojo e Barbosa (2015) e Assis e Mareco (2013) lembram que o *estilo* também é relacionado com a seleção lexical e aspecto gramatical.

Na pesquisa, um dado relevante foi identificado nas análises das *provas* de Vestibular UFSC 2012 e 2019. Esse dado tem relação com o uso frequente em ambas as *provas* de uma sentença indispensável, característica do gênero, presente em praticamente todas as *provas* – com exceção das *provas* relativas à *Redação* e *Questões Discursivas* – a saber, a frase em Libras: VER REPOSTAS, ESCOLHER CORRETA, SOMAR-NÚMEROS REGISTRAR-NÚMERO.

Essa frase recorrente em todas as *provas* de Vestibular UFSC 2012 e 2019 analisadas é apresentada por meio das figuras abaixo:

¹⁰² Observar a norma *Posição e Filmagem* definida pela Revista Brasileira de Vídeo-Registros em Libras, disponível em: <http://revistabrasileiravrlibras.paginas.ufsc.br/normas-de-publicacao/vii-posicao-e-filmagem/>. Acesso em: 01 mar. 2018.

Quadro 26: Frase recorrente nas *provas* de Vestibular UFSC 2012 e 2019.

	2012	2019
VER		
RESPOSTA (várias)	-	
ESCOLHER (respostas)		
CORRETA		
SOMAR (números das respostas)		
REGISTRAR (número somado)		

Fonte: Vestibulares UFSC 2012 e 2019.

Nota-se que a ordem sintática e os elementos lexicais são padronizados em todas as *provas* do Vestibular UFSC 2019, assim como apresentado no quadro acima, independente dos sinalizantes envolvidos, em comparação as *prova* de Vestibular UFSC 2012 que apresenta variação – em suas formas frasais ou lexicais – dependendo de cada sinalizante envolvido. A frase, exemplificada aqui pode ser considerada uma das principais características do gênero *prova* de vestibular referente à instituição UFSC.

Para se pensar no *estilo* e como esse elemento pode ser entendido nas duas edições das *provas* aqui analisadas, é possível observar que no uso da frase em Libras há uma padronização na sinalização da frase mantida por todos os sinalizantes, como já mencionado, diferentemente da edição do Vestibular UFSC 2012. Essa padronização na forma da sinalização nas *provas* de 2019 implica considerar que há uma prática recorrente e uma estrutura já estável de organização do conteúdo desse gênero e a forma de apresentação, uma

vez que esse gênero já vem sendo produzido há sete anos, ou seja, de 2012 até 2019; tempo relativamente suficiente para aperfeiçoamento e padronização.

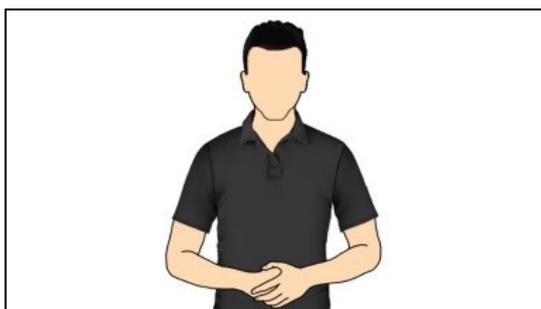
5.3. Análise da *construção composicional*

A *construção composicional*, na abordagem bakhtiniana, é o terceiro elemento essencial para analisar e discutir quais as partes que foram compostas em cada gênero do discurso. A composição constituída por vários aspectos também é responsável pela enunciação de conteúdos e informações. Como o número desses aspectos é amplo, selecionamos alguns propostos pela metodologia desta tese: *enquadramento, plano de fundo, camadas do vídeo, figuras e ilustrações, legendas, efeitos e transições e vestimentas*. Considerações sobre cada um desses aspectos são apresentadas nas subseções seguintes.

5.3.1. Considerações sobre enquadramentos

Na análise, identificamos que um único plano padronizado por todos os vídeos dos Vestibulares UFSC 2012 e 2019 é Plano Médio (PM)¹⁰³, apresento a imagem simulada desse plano a seguir:

Figura 72: Plano padronizado nos vídeos dos Vestibulares UFSC 2012 e 2019.



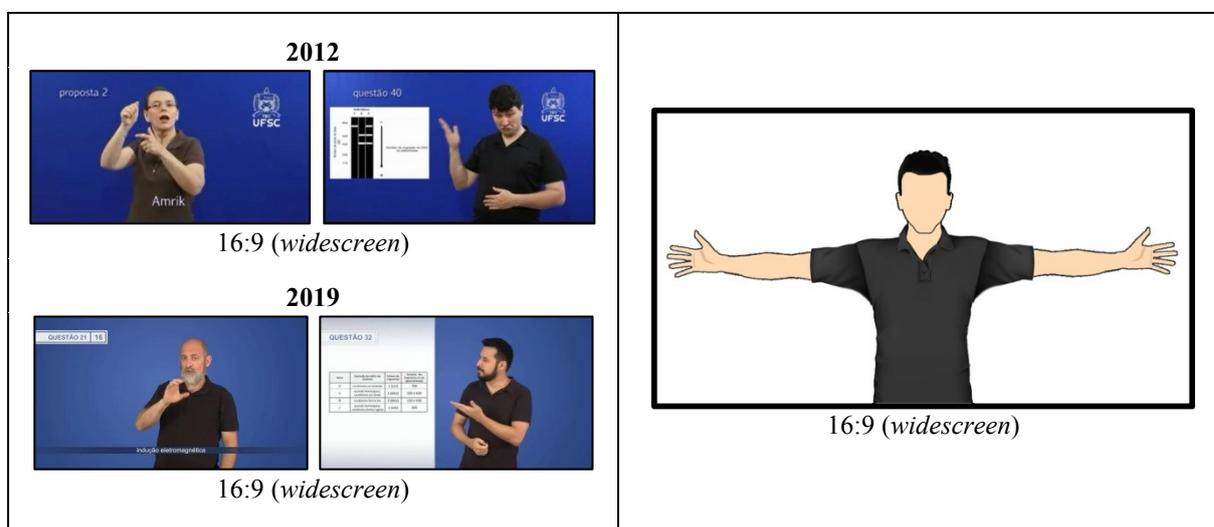
Fonte: elaborado pelo autor.

É interessante perceber que os vídeos dos Vestibulares UFSC 2012 e 2019 são caracterizados pelo formato *widescreen*, de 16:9, que esse espaço é considerado suficiente para que o sinalizante e os recursos visuais semiológicos (*figuras e ilustrações, legendas, efeitos*, por exemplo) possam ser incluídos sem atrapalhar a visualização sobre um em relação ao outro; ao contrário do que acontece no formato de 4:3 que não parece ter espaço suficiente.

¹⁰³ O sinalizante/tradutor-ator é enquadrado da cintura para cima.

Este formato, porém, não foi identificado nos vídeos analisados. Apresento as imagens a seguir:

Figura 73: Enquadramento nas *provas* de Vestibular UFSC 2012 e 2019.

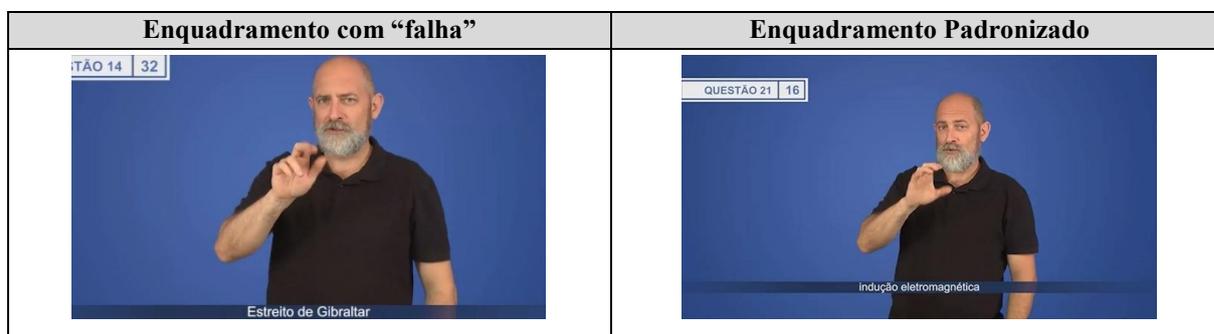


Fonte: Vestibulares UFSC 2012 e 2019.

Conforme a figura acima, o enquadramento em 16:9 (*widescreen*) é ideal para inserção de recursos visuais semiológicos diversos por ser considerado um espaço suficiente para compor esses elementos junto com o corpo do sinalizante.

Na análise, foi identificado um erro na medida do enquadramento – talvez uma falha ao enviar o vídeo ao site. Observa-se a imagem do enquadramento com essa falha encontrado no vídeo *Ciências Humanas e Sociais* do Vestibular UFSC 2019 a seguir:

Figura 74: Vídeo de *Ciências Humanas e Sociais* do Vestibular UFSC 2019.



Fonte: Vestibular UFSC 2019.

Apesar aparentar ter uma “falha” no enquadramento, isso não atrapalha a análise das soletrações manuais, dos recursos visuais semiológicos, entre outros. Entende-se, porém, que essa “falha” afeta o trabalho de análise precisa sobre o aspecto de Espaço de Sinalização (ES).

Por fim, cabe considerar que a questão da qualidade do vídeo é importante, pois pode afetar o trabalho na análise. Assim, apresento a diferença entre as qualidades dos vídeos dos Vestibulares UFSC 2012 e 2019 a seguir:

Quadro 27: Detalhamento do enquadramento das *provas* de Vestibular UFSC 2012 e 2019.

	Enquadramento original	CM* cortada
2012	 <p>360x240</p>	
2019	 <p>1280x720</p>	

*Configuração de Mão

Fonte: Vestibulares 2012 e 2019.

O tamanho de todos os vídeos do Vestibular UFSC 2019 possui 1280 pixels na linha horizontal e 720 pixels na linha vertical, portanto, tornam-se mais perceptíveis os detalhes no vídeo em comparação com o tamanho de vídeos do Vestibular UFSC 2012 que possui 360 pixels na linha horizontal e 240 pixels na linha vertical, como é possível observar a interessante diferença nas imagens apresentadas no quadro acima. Pode-se dizer que nenhum dos casos implicou no trabalho de análise com os critérios propostos desta tese, mas é importante reconhecer que o vídeo em resolução de 1280x720 (ou mais) seria o ideal para análises mais minuciosas, considerando detalhes de expressões faciais no rosto e de movimentos na mão e nos dedos, por exemplo.

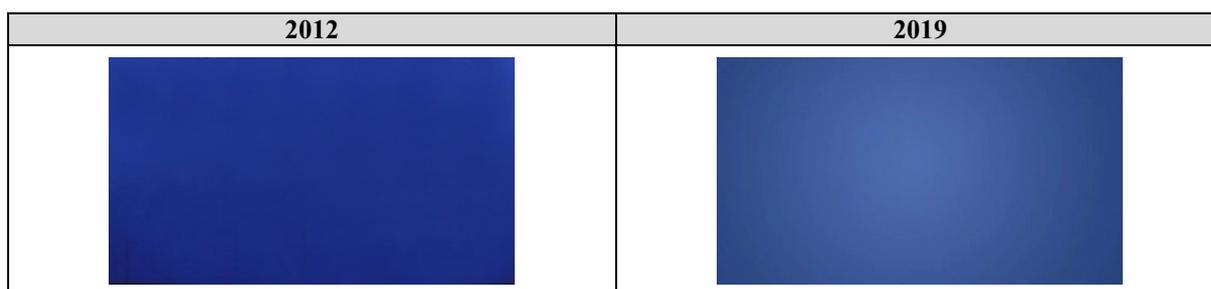
Pretende-se relatar que durante o trabalho de análises desta segunda parte da investigação, a qualidade dos vídeos do Vestibular UFSC 2019 foi mais confortável para

visualização e menos cansativa em comparação aos vídeos com a qualidade menor apresentado nas provas do Vestibular UFSC 2012.

5.3.2. Considerações sobre o plano de fundo

Em qualquer gênero do discurso acadêmico em Libras videossinalizada, o plano de fundo é um dos recursos visuais semiológicos fundamentais. A maioria dos gêneros acadêmicos em Libras videossinalizada, mencionado nos capítulos anteriores, inclui o plano de fundo azul. Esta cor, portanto, pode ser considerada comum nos gêneros mais formais ou acadêmicos. Na análise desta tese, também foi possível encontrar a cor azul no plano de fundo das provas. Observam-se as imagens dos planos de fundo usados pelos Vestibulares UFSC 2012 e 2019 a seguir:

Figura 75: Planos de fundo nas *provas* de Vestibular UFSC 2012 e 2019.

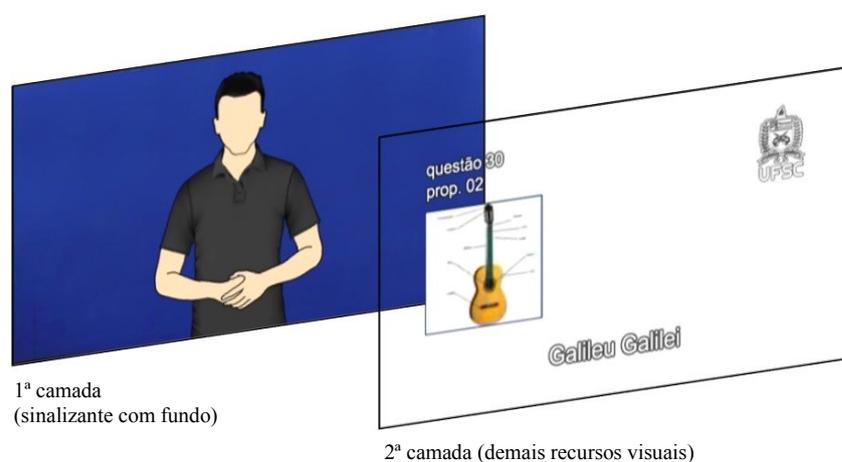


Conforme a figura acima é possível perceber uma diferença entre os planos de fundo das duas provas analisadas. Essa diferença é estética, uma vez que o plano de fundo do Vestibular UFSC 2012 é azul totalmente sólido (sem variação de tonalidades), já o plano de fundo do Vestibular UFSC 2019 também é azul e sólido, mas o ponto central é um pouco mais claro, ou seja, é uma variação de tonalidade – como um foco de luz ao centro da tela. Vale lembrar que, segundo Fonseca (2004), as cores frias como azul e verde são consideradas calmantes e suaves, cores de relaxamento do estado emocional humano. Como essas cores surtem esse tipo de sensação calmante, entende-se que não causam cansaço à vista e, portanto, são cores que podem ser consideradas funcionais para vídeos de longa duração.

5.3.3. Considerações sobre as camadas do vídeo

Apresento abaixo as ordens de camadas dos vídeos adotadas pelos Vestibulares UFSC 2012 e 2019:

Figura 76: Sequência de camadas do vídeo da *prova* de Vestibular UFSC 2012.



Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados coletados.

Conforme a figura ilustrativa acima, os demais recursos visuais semiológicos ficam na segunda camada enquanto o sinalizante está na primeira camada. Nos resultados das análises, percebe-se que os recursos visuais semiológicos *figuras e ilustrações* cortam as mãos e os braços do sinalizante e *logotipo* (da UFSC) distraindo a visualização do rosto e das mãos do tradutor-ator, observa-se a seguir:

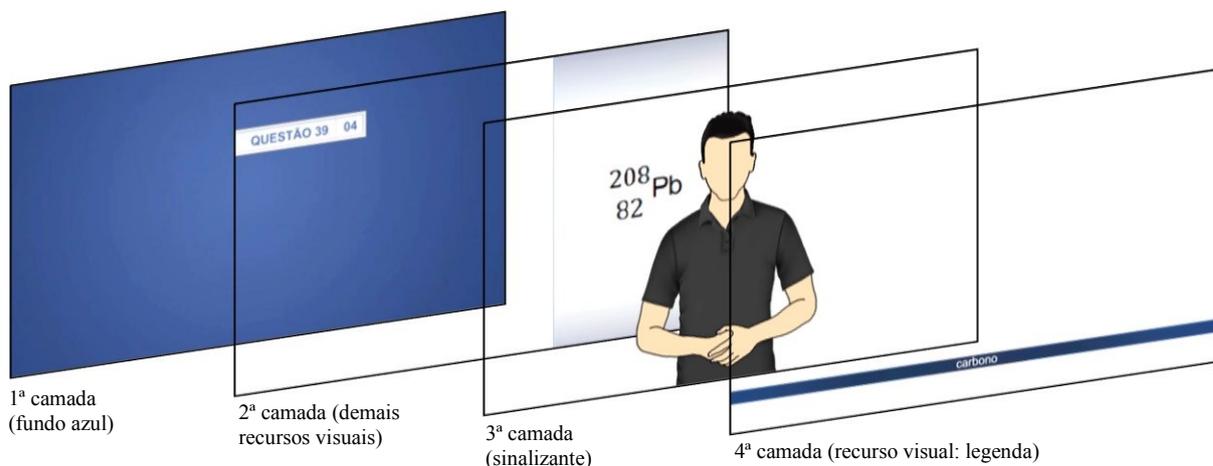
Figura 77: Camadas do vídeo da *prova* de Vestibular UFSC 2012.



Fonte: Vestibular UFSC 2012.

Nas provas referentes ao Vestibular UFSC 2019, não foi possível encontrar a repetição dessa organização de camadas dos vídeos usada nas provas de Vestibular UFSC 2012, ou seja, o último vestibular apresenta uma diferença na organização das camadas. Para melhor compreensão dessa reflexão, as camadas são ilustradas abaixo:

Figura 78: Sequência de camadas do vídeo da *prova* de Vestibular UFSC 2019.



Fonte: elaborado pelo autor com base nos dados coletados.

É possível observar que a organização das camadas é uma técnica interessante especialmente para que a sinalização (na 3ª camada) seja mais destacada e melhor visualizada, sem sobreposições de demais recursos visuais semiológicos (inseridos na 2ª camada); exceto a sobreposição do único recurso visual semiológico *legenda* que costuma ser colocado na última camada e localizado na região entre umbigo e cintura do sinalizante.

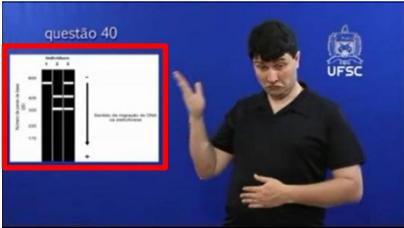
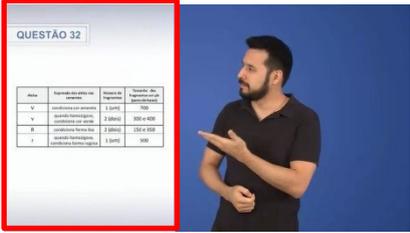
Diante dos resultados, percebe-se que tanto as mãos quanto os braços do sinalizante estão sobre os demais recursos visuais semiológicos, exceto a *legenda* que não atrapalha significativamente a sinalização. Observam-se as imagens extraídas a seguir:

Figura 79: Camadas do vídeo da *prova* de Vestibular UFSC 2019.



Fonte: Vestibular UFSC 2019.

Conforme as figuras ilustrativas acima apresentam, considera-se a técnica de sobrepor o sinalizante na terceira camada e os recursos visuais semiológicos na segunda camada como uma estratégia eficaz e efetiva para melhorar visualização da sinalização e das expressões das mãos e rosto, sem distração dos recursos visuais semiológicos sobre elas. O recurso visual *legenda* que é normalmente colocado na quarta camada (na última camada em qualquer

Figura Paralela ao TA	 <p>Figura ao lado do TA sem fundo específico.</p>	 <p>Figura ao lado do TA com fundo específico BRANCO.</p>
Legenda	 <p>Legenda sem fundo específico.</p>	 <p>Legenda com fundo específico AZUL escuro.</p>
Logotipo	 <p>Logotipo fixo no canto superior e direito.</p>	<p>Não possui.</p>
Tema Fixo	 <p>Tema fixo no canto superior e esquerdo, sem fundo específico.</p>	 <p>Tema fixo no canto superior e esquerdo, com fundo específico BRANCO.</p>
Vídeo*	<p>Não foi encontrado.</p>	 <p>Vídeo no enquadramento inteiro.</p>

*Recurso visual semiológico *video* não foi selecionado para análise e discussão desta pesquisa.

Fonte: Vestibulares UFSC 2012 e 2019.

Conforme o quadro acima, os recursos multimodais semiológicos estão sendo valorizados cada vez mais na cultura atual de informações, assim como Barros e Costa (2012,

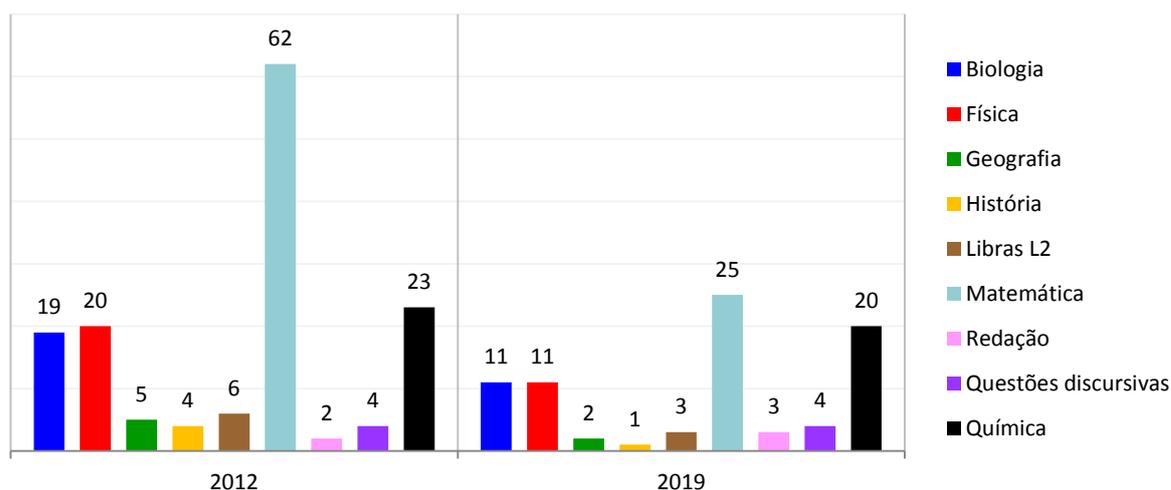
p. 45) consideram “[...] o texto multimodal como um enunciado concreto, cujo projeto discursivo articula, com o mesmo grau de importância, as materialidades verbal e visual”.

Segundo Nascimento e Fernandes (2017, p. 107-108), os gêneros multimodais “revelam as relações da sociedade, representando as mudanças nas formas de interação, em que há a influência dos avanços tecnológicos”, bem como Baldessar, Jesus e Andrade (2014, p. 114) observam que “[...] as figuras e ilustrações vão ocupando cada vez mais espaço na mídia impressa, nos livros, nas revistas, nos jornais e nos meios digitais”.

Como estão valorizando e inserindo cada vez mais os recursos visuais semiológicos em gêneros da esfera acadêmica, no caso dos gêneros da esfera acadêmica em Libras videossinalizada, é importante atentar-se a um detalhe fundamental, alertando que “as cores podem influenciar a leitura, intelectualmente e emocionalmente, promover maior concentração ou provocar cansaço e desinteresse” (KRUSSER, 2017, p. 68). Entende-se ser fundamental ter cautela no uso de cores e na quantidade diferente de cores na tela do vídeo, pois isso pode implicar na necessidade de esforço da vista do leitor/espectador para adaptação a nova cor, gerando um cansaço visual, como alerta Fonseca (2004, p. 71).

Apresento o gráfico sobre o número de imagens referentes às ocorrências (tanto das imagens inteiras quanto das imagens ao lado do TA) a seguir:

Gráfico 8: Figuras e ilustrações nas *provas* de Vestibular UFSC 2012 e 2019.



Conforme o gráfico acima é possível notar que as provas de *Matemática* e *Química*, dos Vestibulares 2012 e 2019, apresentam a maior presença de figuras e ilustrações, também ao lado do TA. Essas figuras e ilustrações são imagens referentes às fórmulas de cálculo, o que é comum nas ciências exatas, observa-se as imagens a seguir:

Quadro 29: Figuras e ilustrações nas *provas* de Química e Matemática do Vestibular UFSC.

	2012	2019
Química	<div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> questão 33 </div> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> questão 34 prop.01 </div> </div> <div style="display: flex; justify-content: space-around; margin-top: 10px;"> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> questão 38 </div> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> questão 35 </div> </div>	<div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> QUESTÃO 40 </div> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> QUESTÃO 38 </div> </div> <div style="display: flex; justify-content: space-around; margin-top: 10px;"> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> QUESTÃO 37 </div> </div>
Matemática	<div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> questão 30 prop.16 </div> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> questão 30 prop.04 </div> </div> <div style="display: flex; justify-content: space-around; margin-top: 10px;"> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> questão 29 prop.08 </div> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> questão 28 prop.16 </div> </div>	<div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> QUESTÃO 22 04 </div> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> QUESTÃO 21 16 </div> </div> <div style="display: flex; justify-content: space-around; margin-top: 10px;"> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> QUESTÃO 25 08 </div> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> QUESTÃO 26 03 </div> </div>

Fonte: Vestibulares UFSC 2012 e 2019.

As provas de *Física* e *Biologia*, por sua vez, apresentam maior presença de figuras e imagens (também ao lado do TA) referentes à imagens de diferentes tipos visuais de acordo com as suas áreas e conteúdo, observa-se as imagens a seguir:

Quadro 30: Figuras e ilustrações nas *provas* de Biologia e Física do Vestibular UFSC.

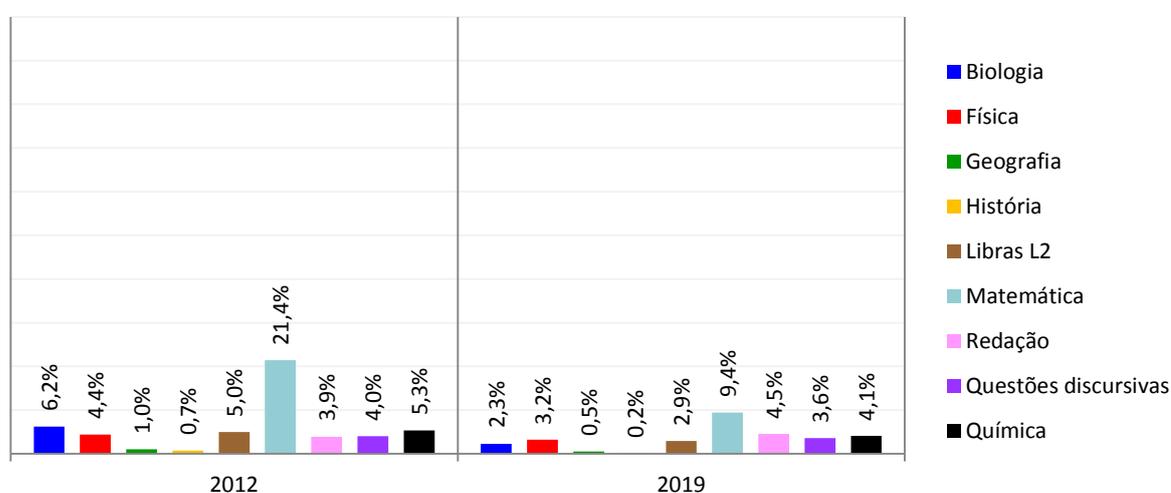
	2012	2019
Biologia	<div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> questão 33 </div> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> </div> </div> <div style="display: flex; justify-content: space-around; margin-top: 10px;"> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> questão 40 </div> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> questão 38 </div> </div>	<div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> QUESTÃO 33 </div> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> </div> </div> <div style="display: flex; justify-content: space-around; margin-top: 10px;"> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> QUESTÃO 32 </div> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> </div> </div>
Física	<div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> questão 22 </div> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> questão 22 prop.64 </div> </div> <div style="display: flex; justify-content: space-around; margin-top: 10px;"> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> questão 24 </div> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> questão 25 </div> </div>	<div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> </div> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> </div> </div> <div style="display: flex; justify-content: space-around; margin-top: 10px;"> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> </div> <div style="border: 1px solid black; padding: 5px;"> </div> </div>

Fonte: Vestibulares UFSC 2012 e 2019.

Conforme a quadro acima é possível perceber que as figuras usadas na prova de *Física* representam tanto os objetos mecânicos quanto fórmulas, enquanto as usadas na prova de *Biologia* representam elementos e órgãos da biologia e tabelas de números. Considera-se que essas imagens são fundamentais para complementar as informações de forma mais eficaz e para facilitar a compreensão textual.

Apresento o gráfico abaixo sobre a relação entre os números de ocorrências de imagens e valores de referência (VR) a seguir:

Gráfico 9: Porcentagem de ocorrências de figuras e ilustrações por VR.



Considera-se que a prova de *Matemática* mostra a alta porcentagem de emprego de figuras e ilustrações devido ao fato de apresentar fórmulas complexas que são muito complexas para serem sinalizadas – assim como são complexas de serem descritas em língua portuguesa – e, portanto, muitas vezes, precisam ser lidas e compreendidas através de meio semiótico. Nesse sentido, Motta-Roth e Hendges (2010, p. 44) observam que os recursos visuais (tais como: índices, tabelas, gráficos, etc.), geralmente ajudam os leitores a capturar a informação de forma mais rápida e eficaz.

É interessante notar que todas as provas do Vestibular UFSC 2012 apresentam a imagem do *logotipo* institucional fixo no canto superior e direito, enquanto que isso não aparece nas provas do Vestibular UFSC 2019, observa-se a imagem seguir:

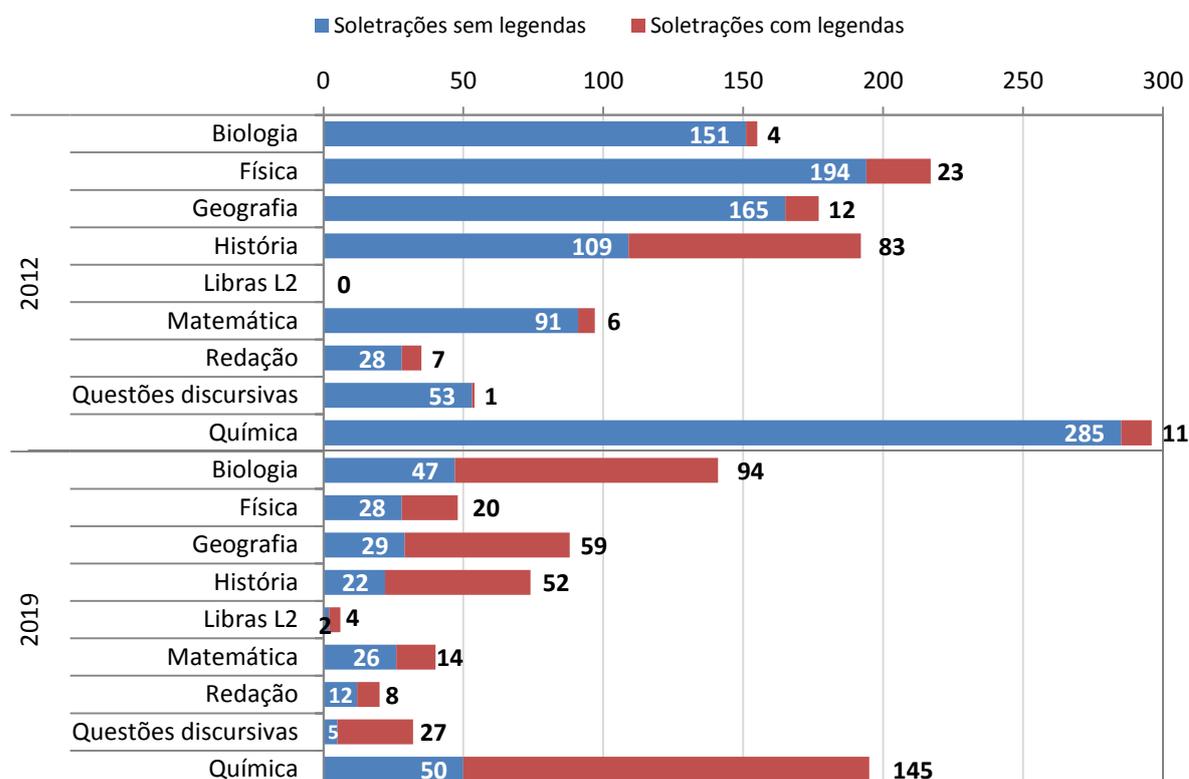
Figura 81: Logotipo fixo nas *provas* do Vestibular UFSC 2012.

Logotipo fixo no canto superior e direito.

O *logotipo* é usado para preservar a identidade de qualquer instituição, porém seu uso deve ser avaliado para não atrapalhar a visibilidade do sinalizante.

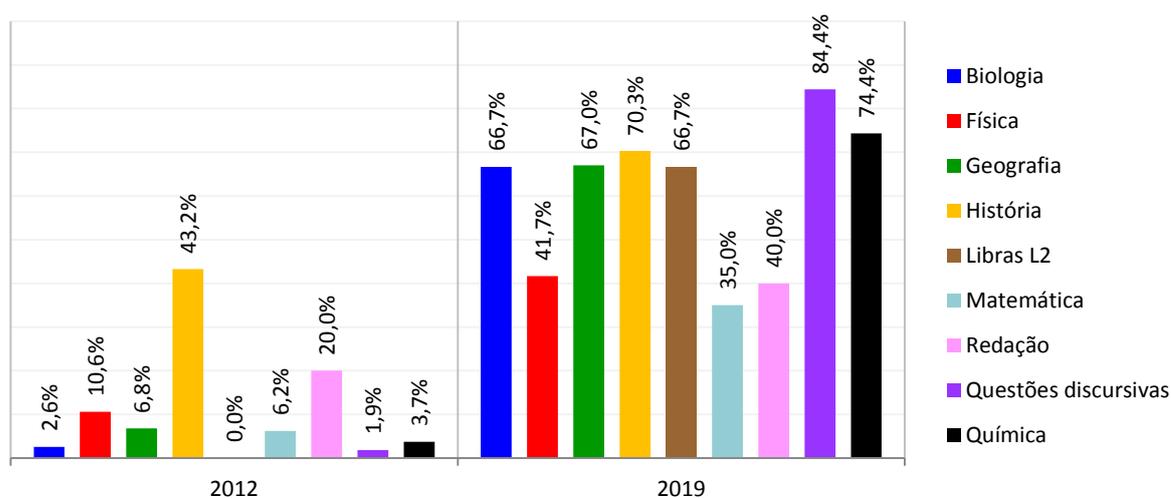
5.3.5. Considerações sobre as legendas

A *legenda* é um dos recursos visuais semiológicos importantes no gênero prova, o mais comum é para representar as complexas soletrações manuais, bem como garantir as informações claras. Apresento a seguir o gráfico sobre a quantidade de legendas empregadas, com acompanhamento das soletrações manuais, presentes nos Vestibulares UFSC 2012 e 2019:

Gráfico 10: Legendas empregadas nas *provas* de Vestibular UFSC 2012 e 2019.

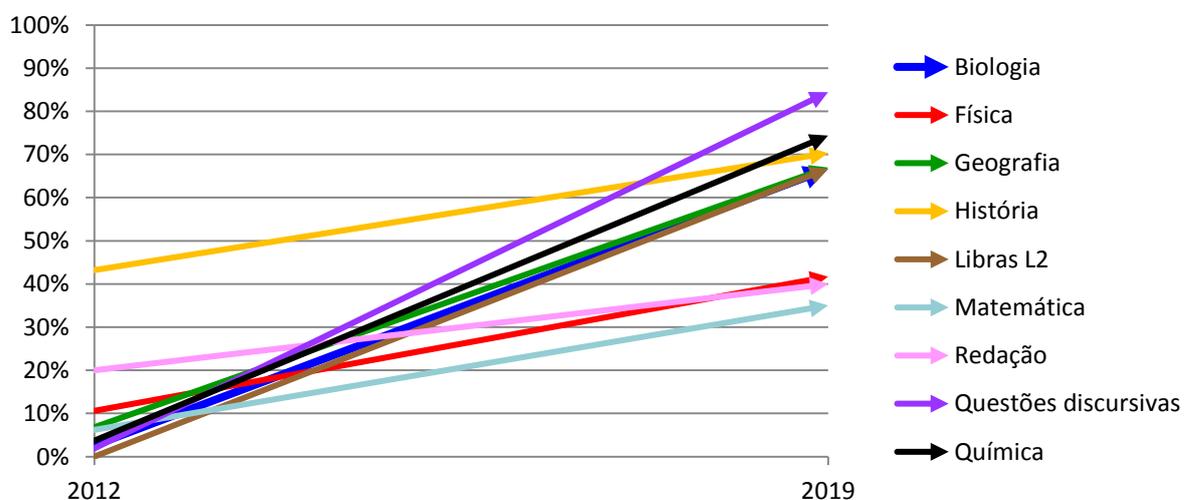
As provas do Vestibular 2012 mostram a maior taxa de legendas sem acompanhamento das soletrações manuais sobre a taxa de legendas com soletrações manuais, enquanto as provas do Vestibular 2019 mostram a maior taxa de legendas com acompanhamento das soletrações sobre a taxa de legendas sem acompanhamento das soletrações.

Gráfico 11: Porcentagem de legendas com acompanhamento das soletrações por área.



Com base no gráfico acima, apresento o novo gráfico sobre a evolução de uso de legendas de 2012 para 2019 a seguir:

Gráfico 12: Evolução de uso de legendas nas *provas* de Vestibular UFSC 2012 e 2019.



É interessante notar que o uso de legendas com acompanhamento das soletrações manuais subiu significativamente de 2012 para 2019. Com isso, considera-se que as soletrações manuais para termos muito técnicos facilitam a percepção e compreensão quando acompanham as legendas, economizando o tempo de ler e assistir a sinalização mais de uma vez.

Apresento as imagens de legendas com acompanhamento das soletrações manuais (algumas áreas para rápida visualização) a seguir:

Quadro 31: Legendas com acompanhamento das soletrações manuais.

	Vestibular UFSC 2012	Vestibular UFSC 2019
Biologia		
Física		
Questões discursivas		

Fonte: Vestibulares UFSC 2012 e 2019.

Conforme as imagens no quadro acima, as legendas em todas as provas do Vestibular UFSC 2012 mostram as letras brancas, de maior tamanho, sem fundo específico e na região do umbigo do TA, enquanto as legendas em todas as provas do Vestibular UFSC 2019 incluem as letras brancas, de menor tamanho, com fundo específico azul escuro e na mesma região. Considera-se que nenhum dos ambos apresentou algum problema técnico, ou seja, todas as legendas são bem feitas e legíveis.

5.3.6. Considerações sobre os efeitos de transição

Na análise, é possível observar que a transição com efeito **preto** entre as cenas significa o fim de um recorte do vídeo e o início de outro novo recorte, por exemplo, o fim do

recorte da *questão* e o começo do recorte da *múltipla escolha*. Observam-se as figuras ilustrativas a seguir:

Figura 82: Transição com efeito nas *provas* do Vestibular UFSC 2012.



Fonte: Vestibulares UFSC 2012.

Figura 83: Transição com efeito nas *provas* do Vestibular UFSC 2019.



Fonte: Vestibulares UFSC 2019.

Vale destacar que o emprego dos efeitos de transição usados nas *provas* do Vestibular UFSC 2012 e 2019 com efeito **preto** corresponde às normas da Revista VR-Libras que recomenda que para mudanças de recortes do vídeo, é preciso colocar a transição com efeito **preto** (*fade-in* e *fade-out*) para que torne a separação de partes mais clara possível.

Nota-se que nas *provas* do Vestibular UFSC 2019 a transição com efeito **preto** é mais organizada e padronizada para toda a prova em comparação às *provas* do Vestibular UFSC 2012. Esta última demonstra um uso não padronizado, com ou sem transição em **preto**.

Percebe-se na análise que um tipo de transição sem efeito (neutro) entre as cenas também é usado e parece representar a continuação do conteúdo, e não a separação. Não possível encontrar, de forma significativa, nenhum tipo de efeito ou transição para além do efeito **preto** (*fade-in* e *fade-out*) e um tipo de transição sem efeito (neutro).

5.3.7. Considerações sobre as vestimentas

Abaixo, apresento um quadro que ilustra os tipos e cores de vestimenta utilizadas nas *provas* do Vestibular UFSC 2012 e 2019 a seguir:

Quadro 32: Vestimentas usadas nas *provas* do Vestibular UFSC 2012 e 2019.

2012	2019
 <p data-bbox="560 360 810 573">Tipo de camisa <i>polo shirt</i>. Cor preta única usada pelo TA-2012-A para sinalizar todas as questões e proporções, inclusive os textos citados.</p>	 <p data-bbox="1161 360 1433 573">Tipo de camisa <i>polo shirt</i>. Cor preta usada na sinalização dos textos. Esta cor de vestimenta foi usada por todos tradutores-atores do Vestibular UFSC 2019.</p>
 <p data-bbox="560 674 810 887">Tipo de camisa <i>polo shirt</i>. Cor rosa claro única usada pela TA-2012-B para sinalizar todas as questões e proporções, inclusive os textos citados.</p>	 <p data-bbox="1161 674 1433 887">Tipo de camisa <i>polo shirt</i>. Cor vermelha usada na sinalização das citações (textos citados). Esta cor de vestimenta foi usada por todos tradutores-atores do Vestibular UFSC 2019.</p>
 <p data-bbox="560 987 810 1200">Tipo de camisa <i>polo shirt</i>. Esta cor marrom escura¹⁰⁵ é única e usada pela TA-2012-C para sinalizar todas as questões e proporções, inclusive os textos citados.</p>	

Nota-se que as convenções de cores sobre as vestimentas não foram esclarecidas no Vestibular UFSC 2012, é por isso que cada sinalizante vestiu uma camisa diferente. É interessante relatar a TA-2012-B vestiu uma camisa mais clara, em comparação ao seu tom de pele, bem como consideram Baldessar, Jesus e Andrade (2014, p. 126) que “a cor da pele [...] deve apresentar contraste com a vestimenta, recomendando-se que pessoas de pele escura utilizem vestimenta numa cor mais clara e pessoas claras utilize, vestimentas mais escuras”. Contudo, nesta tese, não será discutido sobre questões de etnia e, portanto, cor de pele. Os dados aqui analisados foram disponibilizados em domínio público.

No Vestibular UFSC 2019, evidencia-se a função da cor **preta** da vestimenta servindo como destaque para sinalizar os textos comuns e a cor **vermelha** para sinalizar os textos citados (as citações). Essas cores (mesmo que em diferentes tonalidades) foram empregadas por todos os sinalizantes das provas do Vestibular UFSC 2019. Observam-se as imagens extraídas a seguir:

¹⁰⁵ É importante esclarecer que essa cor marrom se aproxima da cor apresentada nos vídeos com TA-2012-C, lembra-se que a determinação da cor pode depender da qualidade do vídeo.

Figura 84: Vestimentas das *provas* do Vestibular UFSC 2012 e 2019.

Fonte: Vestibulares UFSC 2012 e 2019.

É interessante destacar que a camisa *polo shirt* em cor **vermelha**, conforme a figura acima apresentada – conforme os sinalizantes das provas do Vestibular 2019 – referente o ao texto citado segue a mesma orientação das normas da Revista de Vídeo-Registro em Libras.

De acordo com ABNT NBR 15290 (2005, p. 9), nos trabalhos com uso de Libras, “[...] a vestimenta, a pele e o cabelo do intérprete devem ser contrastantes entre si e entre o fundo. Deve ser evitado fundo e vestimenta em tons próximos ao tom da pele do intérprete”. Mas vale lembrar que não é possível aplicar automaticamente essa norma recomendável nos trabalhos específicos para as pessoas surdocegas, como bem mencionado anteriormente considerando as recomendações dos líderes surdocegos da comunidade Rosani Suzin e Carlos Eduardo Vilela.

Segundo Krusser (2017, p. 68) considera que “a seleção de cores além de ser importante para a legibilidade pode contribuir para a organização das informações e para o projeto conceitual, interpretando visualmente a ideia geral que o conteúdo pretende transmitir”, outro trabalho como Rigo (2018), focado na tradução de textos acadêmicos, também discute a respeito dessa questão.

É interessante refletir que Marcuschi (2003, p. 30) defende que “[...] uma camiseta [...] parece ser um suporte de gêneros”, pois seguindo as palavras do autor:

“[...] se considera-se a /camiseta de clube de futebol/ temos aqui uma estrutura fixa com o nome do jogador nas costas, o emblema do time na frente e opcionalmente uma publicidade. Parece que a *camiseta de time de futebol* se tornou um gênero. Já

uma *camiseta de jogador da seleção nacional* não tem publicidade e vem padronizada. Estes dois tipos de camisetas são gêneros e não suportes” (MARCUSCHI, 2003, p. 30)

A observação do Marcuschi (2003) serve para a reflexão sobre qualquer tipo de estrutura repetitiva e padronizada que pode se tornar um gênero.

Para terminar, é importante relatar que no Vestibular UFSC 2019 não houve nenhum sinalizante negro, pardo ou com cor de pele em tom relacionado. Nesse sentido, é possível indagar, por hora: se fosse um sinalizante negro, a vestimenta preta seria substituída por uma vestimenta branca ou de cor mais clara? Essa questão merece ser mais bem explorada em trabalhos futuros, considerando as tonalidades de pele dos sinalizantes.

5.4. Panorama dos resultados

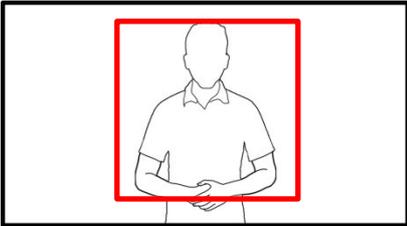
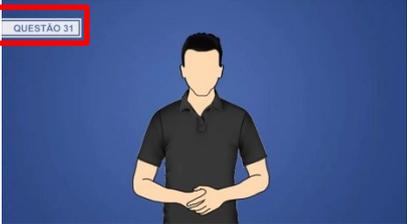
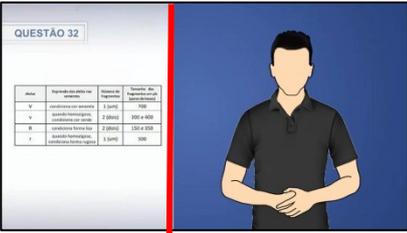
O trabalho desta tese analisou a estabilidade do gênero *prova* do Vestibular UFSC em Libras videossinalizada, é possível perceber algumas mudanças durante a estabilidade de provas do Vestibular UFSC 2012 para 2019, bem como afirma Marcuschi (2011, p. 19):

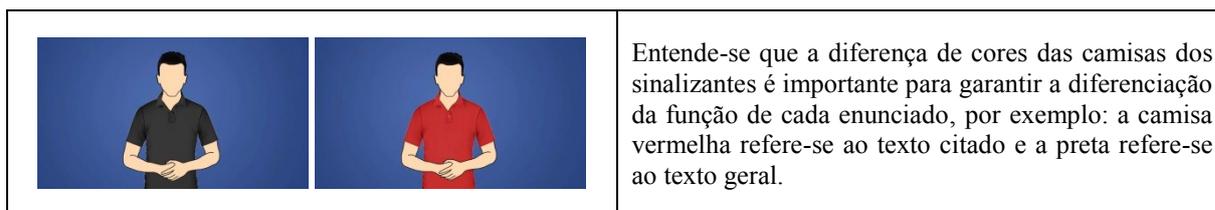
[...] o gênero é essencialmente flexível e variável, tal como seu componente crucial, a linguagem. Pois, assim como a língua varia, também os gêneros variam, adaptam-se, renovam-se e multiplicam-se. Em suma, hoje, a tendência é observar os gêneros pelo seu lado dinâmico, processual, social, interativo, cognitivo, evitando a classificação e a postura estruturais.

Da mesma forma, como considera Bakhtin (2011 [1979], p. 267) “as mudanças históricas dos estilos de linguagem estão indissolúvelmente ligadas às mudanças dos gêneros do discurso”. Um dos objetivos da pesquisa é apresentar um panorama sobre o gênero *prova* em Libras do Vestibular de uma Universidade, com base nos principais resultados obtidos pela pesquisa desta tese. Apresento o quadro com imagens e discussões sobre o gênero *prova* a seguir:

Quadro 33: Panorama sobre gênero *prova* com base nos principais resultados obtidos.

Imagem	Detalhes/discussões
	<p>Na tecnologia atual, é comum gravar vídeos em formato <i>widescreen</i> (16:9), esse tamanho parece ser ideal para a produção de gêneros em Libras videossinalizada por ter o espaço suficiente para movimentos manuais e corporais e para inserção de recursos visuais.</p>

	<p>Além da cor azul, o plano de fundo usado pelos vídeos do Vestibular UFSC 2019 parece ser mais estético: toda cor azul com um ponto central mais claro.</p>																				
	<p>O espaço de sinalização depende do plano do enquadramento. Se o enquadramento se caracteriza pelo formato <i>widescreen</i> (16:9), não é preciso restringir demais o espaço de sinalização para ambos os lados, quer dizer, pode movimentar as mãos até 10 cm depois dos ombros, o topo da cabeça e a região do “umbigo”. Vale lembrar que o espaço de sinalização pode ser influenciado por certos gêneros, por exemplo, em geral os gêneros literários são mais produtivos, portanto, talvez possa ampliar mais o espaço de sinalização.</p>																				
	<p>O ponto de localização de soletração manual parece ser recomendável na região do ombro ou um pouco mais para cima do mesmo. É muito importante prestar atenção a um detalhe: para soletrar, deve evitar a localização da mão direita no lado esquerdo, senão as CMs poderão se tornar menos legíveis.</p>																				
	<p>O recurso visual <i>tema/assunto</i> fixo no canto superior e esquerdo é importante para garantir a identificação da cena, essa é uma das funções da especificação do assunto do <i>conteúdo temático</i>.</p>																				
	<p>Como a ordem de camadas do vídeo é responsável por tornar a informação mais destacada ou distraída. Considera-se a ordem de camadas dos vídeos do Vestibular UFSC 2019 como recomendável, pois todos os recursos visuais devem ser inseridos atrás do TA, exceto a legenda que deve ser colocada na frente do mesmo e na região do umbigo.</p>																				
 <table border="1" data-bbox="338 1720 491 1787"> <thead> <tr> <th>Atividade</th> <th>Quantidade de questões</th> <th>Valor de cada questão</th> <th>Valor total</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>V</td> <td>10</td> <td>1,000</td> <td>10,000</td> </tr> <tr> <td>V</td> <td>10</td> <td>1,000</td> <td>10,000</td> </tr> <tr> <td>R</td> <td>10</td> <td>1,000</td> <td>10,000</td> </tr> <tr> <td>F</td> <td>10</td> <td>1,000</td> <td>10,000</td> </tr> </tbody> </table>	Atividade	Quantidade de questões	Valor de cada questão	Valor total	V	10	1,000	10,000	V	10	1,000	10,000	R	10	1,000	10,000	F	10	1,000	10,000	<p>Para inserir o recurso visual <i>imagem</i> e TA num único espaço, devem dividir em duas partes: uma para imagem e outra para TA. O plano de enquadramento em formato <i>widescreen</i> (16:9) é considerado ideal para esses componentes juntos paralelamente.</p>
Atividade	Quantidade de questões	Valor de cada questão	Valor total																		
V	10	1,000	10,000																		
V	10	1,000	10,000																		
R	10	1,000	10,000																		
F	10	1,000	10,000																		



Fonte: elaborado pelo autor.

Conforme o quadro acima com imagens exemplificadas, considera-se o gênero *prova* altamente formal desenvolvido pela UFSC, pois as características desse gênero são marcadas pelas normas institucionais, bem como Dolz, Schneuwly e Haller (2004, p. 146) observam que “[...] grau de formalidade é fortemente dependente do lugar social de comunicação, isto é, das exigências das instituições nas quais os gêneros se realizam (rádio, televisão, igreja, administração, universidade, escola etc.)”. Percebe-se que a questão dos recursos multimodais também merece ser valorizada no gênero *prova* para garantir a inteligibilidade de informações de forma mais eficaz possível, assim como Mulik (2016, p. 270) valoriza que “através do uso de imagens é possível desenvolver o letramento visual que se caracteriza como a capacidade de compreender e interpretar as informações visuais e relacioná-las com o texto verbal”.

Esses elementos aqui apresentados e analisados demonstram como o gênero *prova* é caracterizado no contexto de Vestibular da UFSC, especificamente referente às edições dos anos de 2012 e 2019. Conforme foi possível observar, inúmeros aspectos empregados nas provas do Vestibular UFSC 2012 passaram a ser empregados de forma diferente nas provas do Vestibular UFSC 2019. Isso demonstra como um mesmo gênero evolui, modifica-se, é passível de transformações e pode sofrer influências diversas, sobretudo, relacionadas ao contexto histórico e social que está vinculada.

Os dados observados referentes aos resultados das provas do Vestibular UFSC 2019 demonstraram uma maior estabilidade e padronização nos aspectos estilísticos dos sinalizantes, bem como no emprego e disposição dos recursos visuais semiológicos. Essa estabilidade é refletida pelo contexto situacional de produção da prova, uma vez que desde sua primeira elaboração (em 2012) passaram-se sete anos de aperfeiçoamento e aprimoramento da produção das provas.

É possível compreender essa estabilidade na sinalização dos sinalizantes também como um tempo relativo para aperfeiçoamento prático dos profissionais envolvidos na tradução das provas de vestibular da UFSC, bem como na convenção de usos de frases, organização de estrutura das provas, etc. e, possivelmente, um trabalho mais afinado em decorrência dos anos de prática e experiência adquirida. Essa prática e experiência também

podem ser entendidas não apenas aos sinalizantes responsáveis pela tradução das provas, mas também por parte de todos os profissionais técnicos envolvidos na elaboração e produção desses vídeos. Os dados apresentados demonstraram através dos elementos discursivos os tipos relativamente estáveis presentes em vários aspectos analisados que caracterizam a *prova* do Vestibular UFSC como um gênero da esfera acadêmica.

Para terminar, é importante tomar consciência de que nesta pesquisa os dados sobre o gênero *prova* são relativos ao Vestibular da UFSC e não de outras Universidades. Seria interessante usar esses dados para o uso comparativo com os resultados referentes às outras instituições. No próximo capítulo, mais considerações serão apresentadas com relação aos resultados obtidos em diálogo com o tema central da pesquisa; também, o fechamento do estudo é apresentado a seguir de modo a retomar os objetivos traçados.

VI. CAPÍTULO – Considerações finais

Esta pesquisa trouxe como tema central os gêneros da esfera acadêmica materializados em Libras e teve como foco a análise do gênero *prova* aqui investigado à luz da perspectiva bakhtiniana. Os objetivos desta investigação foram: *identificar quais os gêneros emergentes da esfera acadêmica materializados em Libras videossinalizada disponíveis em plataformas de domínio público*; e uma vez identificados: *analisar os elementos que caracterizam a ‘prova’ como gênero do discurso da esfera acadêmica*.

Considera-se que ambos os objetivos traçados foram alcançados, uma vez que para identificar os gêneros emergentes da esfera acadêmica foi realizado um levantamento que compreendeu uma sondagem inicial constituída por uma pesquisa documental realizada em plataformas de domínio público. Os gêneros emergentes identificados nesse levantamento foram apresentados no terceiro capítulo e dentre os identificados foi possível destacar: *dicionários e glossários, materiais didáticos, teses e dissertações, monografias, artigos científicos, resumos e provas*. Todos esses gêneros emergentes identificados inscrevem-se na esfera acadêmica e foram selecionados para serem aqui apresentados como gêneros emergentes dessa esfera acadêmica considerando sua dimensão discursiva, denominada como instrucional, conforme a classificação de Marcuschi (2008) vista na seção sobre *Gêneros Emergentes em Libras Videossinalizada da Esfera Acadêmica* apresentada no terceiro capítulo.

No levantamento realizado, observou-se que a Libras – quando compreendida em sua especificidade de modalidade e uso – pode ter seu registro e documentação de algumas formas, dentre elas sua forma sinalizada por meio de recursos que veiculam e preservam a modalidade sinalizada. Um exemplo desses recursos é o vídeo. Por meio do vídeo como registro da Libras foi possível evidenciar que a Libras pode ser caracterizada como videossinalizada, assim foi proposto aqui a denominação: *Libras videossinalizada*, considerando a Libras empregada em sua forma sinalizada por meio de recursos multimodais, como é o caso dos gêneros emergentes identificados no levantamento realizado.

Os gêneros da esfera acadêmica identificados na primeira etapa da pesquisa (*dicionários e glossários, materiais didáticos, teses e dissertações, monografias, artigos científicos, resumos e provas*) são gêneros materializados em Libras videossinalizada. Assim, ao apresentar cada um desses gêneros foi possível tecer algumas considerações a respeito de

como esses gêneros se apresentam em sua materialidade, quais as circunstâncias em alguns casos de produção, instituições referências responsáveis pela produção desses gêneros, bem como pela sua disseminação e circulação dentro das comunidades Surdas. Também, entender como eles se situam dentro do contexto social e dentro da própria esfera acadêmica. Foi possível também demonstrar no levantamento como alguns desses gêneros vêm se apresentando com o passar dos anos, vem se transformando e, ainda, como se comportam alguns aspectos que os caracterizam como gêneros da esfera acadêmica, de forma bastante geral e introdutória.

Esse levantamento, como uma primeira etapa da pesquisa ajudou a identificar o gênero *prova* como um gênero bastante presente na esfera acadêmica. Um gênero que possui um número expressivo de produções disponíveis em domínio público que permitem uma análise mais aprofundada e sistematizada. Assim, uma vez o gênero *prova* identificado como um dos gêneros emergentes em Libras videossinalizada da esfera acadêmica foi possível realizar a segunda etapa da investigação na busca por alcançar o segundo objetivo aqui traçado, o de analisar os elementos que caracterizam a *prova* como gênero do discurso da esfera acadêmica.

A análise desse gênero em especial foi feita tendo por base a perspectiva bakhtiniana de caracterização dos gêneros do discurso a partir dos três elementos principais que são: *conteúdo temático, estilo e construção composicional*. O recorte investigativo dessa segunda etapa se deu em provas produzidas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), instituição pioneira na produção de provas de vestibular em Libras. Assim, optou-se para compor o *corpus* de análise a primeira prova realizada pela instituição em 2012, referente à edição do Vestibular UFSC 2012 e, para fins comparativos e de verificação da evolução desse gênero do discurso, também foi selecionada a última prova realizada pela mesma instituição em 2019, referente à edição do Vestibular UFSC 2019. Nesse sentido, foi possível estabelecer um recorte de análise correspondente a gêneros oriundos de um mesmo contexto institucional acadêmico, porém produzidos em um recorte de tempo de sete anos de diferença entre uma publicação e outra. Esse recorte de sete anos, como mencionado, também contribuiu para identificar a evolução das provas de Vestibular UFSC de 2012 até 2019.

Para as análises foram considerados alguns aspectos relativos aos elementos discursivos. Com relação ao *estilo*, foram considerados aspectos relativos à materialidade linguística, como: *espaço de sinalização, velocidade de sinalização, soletração manual e pausa estilística*. No que concerne ao elemento de construção composicional, foram considerados aspectos relativos aos recursos visuais semiológicos relativos à materialidade

videossinalizada, tais como: *enquadramentos, planos de fundo, camas do vídeo, figuras e ilustrações, legendas, efeitos e transições e vestimentas*.

Com relação à escolha em especial do gênero *prova* para essa análise mais aprofundada que foi constituída na segunda etapa da pesquisa, cabe mencionar o que Bakhtin (2011[1979]) comenta sobre não ser possível construir uma rígida classificação de gêneros do discurso de forma suficiente, a ponto de criar a possibilidade de aprender a produzir gêneros com base neles mesmos, uma vez que é preciso sempre enfrentar os desafios do surgimento de novos gêneros. Os gêneros são produzidos naturalmente de forma inovadora e variável, dependendo de cada campo e esfera da atividade humana, bem como dependendo das implicações tecnológicas presentes em dado momento social e histórico em que se vive. Bakhtin (2011[1979]) lembra que, todos os gêneros do discurso sempre são sustentados e influenciados pelos *tipos relativamente estáveis* elaborados por cada grupo social ou conjunto de grupos sociais. Assim, ao analisar as características e condições das quais pertence à esfera acadêmica de atividade humana, foi possível identificar a *prova* como gênero do discurso presente nesse campo e construído culturalmente e historicamente pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

De forma bastante objetiva, cabe retomar as três perguntas de pesquisa levantadas para que sejam respondidas. Assim, tem-se: *quais são os gêneros emergentes da esfera acadêmica em Libras videossinalizada disponíveis em plataformas de domínio público?* Como acima mencionado, durante o levantamento realizado foi possível identificar os seguintes gêneros emergentes: *dicionários e glossários, materiais didáticos, teses e dissertações, monografias, artigos científicos, resumos e provas*. Nessa perspectiva, é importante considerar as palavras do Bakhtin (2011 [1979], p. 283) quando afirma que se os gêneros do discurso não existissem, e se as pessoas não os dominassem, ou seja, se todos tivessem que criar os gêneros do discurso pela primeira vez no processo discursivo, ao construí-los livremente pela primeira vez cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase que impossível de ser estabelecida. Diante disso, é importante que se destaque que a UFSC e o INES são instituições referências e que mais se destacaram enquanto responsáveis pela produção de gêneros da esfera acadêmica. Essas produções materializadas em vídeo foram fundamentais para elucidação nesta pesquisa e, também, são fundamentais para outras inúmeras necessidades das esferas humanas como, por exemplo, para serem empregadas como modelo e referência na Educação de Surdos (seja em qual nível de ensino), sobretudo, no ensino superior ao se trabalhar com acadêmicos Surdos sobre *gêneros do discurso*.

Retomando nesse ponto a segunda pergunta de pesquisa, tem-se: *como se apresenta a prova enquanto gênero da esfera acadêmica caracterizada pelos elementos de conteúdo temático, estilo e construção composicional?* Para poder responder essa pergunta de pesquisa foi preciso realizar as análises considerando alguns aspectos. Dentre eles, os já supracitados: *espaço de sinalização, velocidade de sinalização, soletração manual e pausa estilística* relacionados à caracterização estilística do emprego da Libras em sua materialidade linguística e, também: *enquadramentos, planos de fundo, camadas do vídeo, figuras e ilustrações, legendas, efeitos e transições e vestimentas*, relativos à composição da construção do gênero *prova* considerando a Libras em sua materialidade videossinalizada. A forma de apresentação das *provas* de Vestibular UFSC 2012 e 2019 foram detalhadas e apresentadas no capítulo anterior de análises.

De forma geral, considera-se que a *prova* é sustentada e influenciada por *tipos relativamente estáveis* implicados pelo contexto social da UFSC. As *provas* de Vestibular UFSC 2012 apresentaram ser influenciadas por características e condições culturais, sociais e tecnológicas relativas ao dado momento histórico referente ao ano de 2012, ou seja, quando a instituição lançava pela primeira vez, de forma pioneira no Brasil, a elaboração de provas de vestibular em Libras para promoção da inclusão de pessoas Surdas no ensino superior. Em 2012, muitos recursos tecnológicos ainda não existiam, diferentemente do que existem hoje. Bem como, possivelmente a equipe técnica de tradutores e profissionais audiovisuais ainda não havia adquirido competências e habilidades especializadas com a produção desse tipo de gênero em específico considerando a complexidade e extensão de todas as áreas do conhecimento e a forma de estruturação das provas em língua portuguesa imbricadas nas provas gerais dos vestibulares da UFSC.

Esses *tipos relativamente estáveis* foram evidenciados nas análises das provas de Vestibular UFSC 2019 que estava inserida num contexto social de sete anos após o contexto das provas de 2012 analisadas. Da mesma forma, ao analisar as características e condições das quais as *provas* de 2019 pertencem à esfera acadêmica, foi possível observar não apenas a estabilidade de alguns elementos, isto é, a continuidade do emprego de determinados recursos mantidos de 2012 até 2019, – o que reforça a característica da *prova* como gênero da esfera acadêmica – mas, foi possível observar também elementos que hoje se comportam de forma mais padronizada, organizada e estável. O contexto da edição do Vestibular UFSC 2019 é, naturalmente, diferente do contexto de 2012, uma vez que isso também é refletido nas análises realizadas, sobretudo, no emprego de recursos tecnológicos e no amadurecimento

prático do trabalho realizado pelos tradutores-atores e pelos demais profissionais especializados responsáveis pela produção videossinalizada.

É nesse contexto que é possível responder a terceira e última pergunta de pesquisa lançada aqui: *como as provas de vestibular elaboradas em Libras videossinalizada pela Universidade Federal de Santa Catarina evoluíram ao longo de sete anos na esfera acadêmica?* Também respondendo essa última questão, as análises apresentadas no capítulo anterior demonstram os elementos que refletem essa evolução, tais como os aspectos estilísticos da Libras empregados pelos sinalizantes e os aspectos relativos aos recursos visuais semiológicos usados nas *provas* de Vestibular UFSC 2019. Evidencia-se de forma objetiva, diante das análises realizadas, que a principal diferença entre as provas analisadas do Vestibular UFSC 2019 e do Vestibular UFSC 2019 em sua evolução de sete anos corresponde ao avanço tecnológico que influencia a qualidade dos vídeos de forma significativa, bem como a amadurecimento da área de Libras com relação à esfera acadêmica e as produções videossinalizadas.

Durante esta pesquisa foi possível observar que o *conteúdo temático* é influenciado significativamente pelas atividades humanas através de comunicação social, histórica e cultural. Também que a *construção composicional* é desenvolvida devido às condições e possibilidades tecnológicas e técnicas permitidas, enquanto que o *estilo* pode ser influenciado por ambos os aspectos.

Por fim, é fundamental apontar que os aspectos analisados no âmbito desta tese, que caracterizam o gênero *prova* como gênero do discurso da esfera acadêmica desenvolvido pela UFSC, parecer estar servindo de referência para o desenvolvimento e para a produção de outras *provas* realizadas por outras instituições. Um exemplo disso é a *prova* do Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), mencionado no terceiro capítulo. Afirmar isso, porém, implica realizar uma análise que compreenda todas as demais *provas* que vem sendo produzidas no país, o que não foi possível realizar diante do recorte investigativo aqui proposto.

6.1. Perspectivas sobre o futuro da Libras videossinalizada na esfera acadêmica

Diante das considerações finais expostas nesse capítulo, cabe compartilhar ainda algumas perspectivas sobre o futuro da Libras videossinalizada com relação à esfera acadêmica em especial. Diante disso, com relação ao crescimento das comunidades acadêmicas Surdas no Brasil nesse âmbito, cabe compartilhar o que Silva, R. (2017, p. 108)

menciona: “as comunidades acadêmicas Surdas no Brasil passaram a ser destacadas nos últimos anos e, ainda, continuam crescendo”. Um reflexo disso são os diversos gêneros dessa esfera emergentes identificados no levantamento da pesquisa.

Conforme Silva, R. (2017, p. 108) é possível perceber que as comunidades Surdas, porém, acabam enfrentando algumas dificuldades para organizar e produzir gêneros do discurso. E essa dificuldade, está “ligada à carência de materiais didáticos específicos em Libras”. Enquanto essa carência ainda não é superada em termos de materiais didáticos que sirvam de suporte para alunos produzirem seus textos acadêmicos em Libras – ao contrário dos gêneros e produções na língua majoritária portuguesa, por exemplo – é válido que modelos e referências, mesmo que de outras línguas, sejam empregadas. Os textos acadêmicos produzidos em língua portuguesa no Brasil, por exemplo, podem influenciar e/ou contribuir de algumas formas com as produções acadêmicas em Libras videossinalizada, por exemplo, nos elementos estruturais, elementos textuais e elementos terminológicos registrados por meio da formalidade, uma vez que são textos acadêmicos que já existem e vem sendo empregados na orientação de produção de textos acadêmicos.

Silva, R. (2013, p. 48) observa que nos contextos mais formais, é possível perceber que a relação entre Libras e português pode ser rica e significativa. “Um professor Surdo, por exemplo, fluente em Libras como primeira língua (L1) e em português como segunda língua (L2), pode proferir uma palestra usando uma apresentação em *Power Point* com textos escritos em português e a Libras como língua de seu discurso”. Para o autor, nesse caso, pode acontecer que a Libras sofra influência do português considerando esse uso em seu registro formal.

Nessa perspectiva, porém, cabe mencionar que a Libras não é a única que sofre influência de português, uma vez que outras línguas de sinais também se apresentam numa situação semelhante, bem como Silva, R. (2013, p. 49) observa:

[...] aspectos da Libras em contextos mais formais são semelhantes a aspectos das línguas de sinais de outros países, como BSL (língua de sinais britânica), ASL e LSE (língua de sinais espanhola). Sobre o uso da BSL, de acordo com Sutton-Spence e Woll (1998, p. 201), a sinalização é influenciada pela língua inglesa usada como língua oral majoritária na Inglaterra e é vista com frequência em contextos mais formais. Já com relação à ASL, segundo Ross e Berkowitz (2008), o emprego da língua em contexto acadêmico fornece o ‘andaime’ para a alfabetização em ASL e a escrita do inglês, bem como a compreensão e ‘construção’ do conteúdo e conhecimento acadêmico (2008, p. 194). Acerca da LSE é possível considerar o que Baixauli (2001, p. 162) aponta entendendo que em contextos mais formais a sinalização sofre mais a influência do espanhol falado.

Contudo, não se pode deixar de considerar que qualquer língua sempre procura o padrão social de produção textual, naturalmente. Por exemplo, as normas de produção de um artigo científico são universais para várias línguas. Nesse contexto, “não se deve considerar, contudo, que as línguas de sinais precisem necessariamente das línguas faladas para que possam obter seu grau de formalidade” (SILVA, R. 2013, p. 49). De acordo com o autor, “é preciso que as línguas de sinais busquem conhecer e adotar o universo do sistema linguístico, acadêmico, cultural e social para que possam desenvolver o *status* do seu próprio fenômeno linguístico”. (SILVA, R., 2013, p. 49).

Bakhtin (2011 [1979], p. 282) afirma que “a língua materna – sua composição vocabular e sua estrutura gramatical – não chega ao nosso conhecimento a partir de dicionários e gramáticas, mas de enunciações concretas que nós mesmos ouvimos e nós mesmos reproduzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam”. O falante, sinalizante ou escritor precisa lidar com sua capacidade de produzir os textos a partir de “ler” os discursos alheios em cada campo de atividade humana como diz Bakhtin (2011 [1979]). Segundo as palavras do autor:

A vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na *escolha de um certo gênero de discurso*. Essa escolha é determinada pela especificidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetos (temáticas), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes, etc. A intenção discursiva do falante, com toda a sua individualidade e subjetividade, é em seguida aplicada e adaptada ao gênero escolhido, constitui-se e desenvolve-se em uma determinada forma de gênero (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 282).

Silva, R. (2017) entende que a existência de diversos eventos comunicativos nas comunidades Surdas é fundamental para os Surdos e sinalizantes de Libras se desenvolvam e amadureçam suas habilidades de produzir e reproduzir textos a partir de conhecimento dos gêneros existentes em circulação. “Quanto maior for o número de produções textuais materializadas e disponibilizadas ao público, mais os usuários da língua terão oportunidade de acessar, perceber e aprender a língua; sua estrutura, as particularidades linguísticas de cada gênero textual, etc.” (SILVA, R., 2017, p. 119). Bem como, “terão mais acesso à informação e ao conhecimento. Isso contribui com uma circulação da língua significativamente fortalecida, bem como de suas produções a partir dela gerada” (SILVA, R., 2017, p. 119).

Segundo Motta-Roth (2008, p. 172) observa que “a publicação de livros didáticos sobre a redação acadêmica em contextos disciplinares [...] exemplifica esforços no sentido de explicitar as convenções de gêneros acadêmicos”. Além de conhecer os gêneros discursivos

existentes, as habilidades do falante, sinalizante ou escritor (tanto de português quanto de sinais) para reconhecê-los e produzi-los ficam maiores, bem como afirma Bakhtin (2011 [1979], p. 283):

Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, adivinhamos um determinado (isto é, uma extensão aproximada do conjunto do discurso), uma determinada construção composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso que em seguida apenas se diferencia no processo da fala.

É importante refletir sobre a suposição, a meu ver equivocada, de que a Libras sofreria necessariamente a influência da “poderosa” língua portuguesa na produção de gêneros do discurso acadêmicos em razão de ser ela, a Libras, uma língua “não autossuficiente”. Entendo que é necessário compreender que os sinalizantes de Libras precisam estar abertos para o entendimento do fenômeno natural de aculturação acadêmico-científica construída e convencionada pela tradição universitária, pelo contexto acadêmico-científico, uma vez que esse contexto é o que viabiliza o ensino da produção de textos acadêmicos por usuários da língua portuguesa, língua inglesa ou qualquer outra língua. Como Bakhtin (2011 [1979], p. 293) afirma “o gênero do discurso não é uma forma da língua mas uma forma típica do enunciado”, portanto, a forma típica do enunciado é construída pelas convenções de cada grupo social, ou seja, de cada esfera de atividade humana.

O lugar onde é possível aprender a produzir gêneros acadêmicos em Libras é justamente nessa fronteira mediada pela aculturação acadêmico-científica, e não na língua portuguesa. Naturalmente que, a esfera de atividade humana também incentiva o ensino e a produção de gêneros acadêmicos em Libras e que deve envolver experiência e adotar políticas linguísticas de Libras. Isso, portanto, irá amadurecer conforme o desenvolvimento e a consolidação dos próprios gêneros do discurso que, por sua vez, implicarão no enriquecimento tanto da circulação da Libras, como também na aprendizagem da produção de gêneros por parte dos sinalizantes.

Posto isso, enquanto professor universitário (atuante nessa temática), enquanto pesquisador e também sinalizante militante de produções acadêmicas em Libras, compreendo que meu compromisso frente a isso também político. Isto é, de procurar apoiar a construção tanto de planejamentos linguísticos e políticas linguísticas – de modo a apoiar a criação de suportes jurídicos, por exemplo, para que seja possível conquistar um apoio no desenvolvimento e na produção de orientações didáticas e padronizadas de incentivo à

produção de gêneros acadêmicos (*monografias, dissertações e teses*) e científicos (*artigos, capítulos de livro, etc.*) em Libras videossinalizada – como, também, auxiliar na construção produção de manuais didáticos que deem suporte à produção acadêmica, como bem pontua Cortes (2009, p. 56) quando valoriza que um dos instrumentos de que dispõem os alunos – sobretudo os de graduação – para a escrita dos gêneros acadêmicos são justamente os manuais de apoio para produção acadêmica.

Além disso, é preciso que todos, junto às autoridades, construam e elaborem orientações pedagógicas para a produção de gêneros acadêmicos e científicos em Libras videossinalizada, de forma a incentivar uma produção maior. Quanto maior o número de gêneros existentes na esfera, melhor será para os sinalizantes produzirem mais e outros gêneros, tendo como base os já existentes anteriormente, uma vez que “os gêneros do discurso são modelos tipológicos de construção da totalidade discursiva” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 334).

Entendo que quanto mais se produzir gêneros do discurso em Libras videossinalizada, mais forte brilhará a luz e evidenciará os *tipos relativamente estáveis* desses próprios gêneros, assim como observa Bakhtin (2011 [1979]). Assim como Lima (2009; 2014), entende-se que a estabilidade é como um tipo de repetição. Quanto mais ferramentas de suporte existir, mais facilitará essa repetição, ou seja, mais se fortalecerá a existência de modelos de gêneros em Libras videossinalizada facilitando a produção de outros gêneros do discurso na mesma língua.

Por fim, esta tese inaugura as análises que envolvem os gêneros do discurso em Libras da esfera acadêmica, a partir de dados pontuais que podem servir de referência para estudos de gêneros do discurso em Libras envolvendo outros tipos de textos. Além disso, este trabalho pode indicar caminhos metodológicos possíveis e efetivos para proceder com análises de outros gêneros do discurso. Nesse sentido, entende-se que este estudo representa uma contribuição para as pesquisas da área e que tenham a Libras, seu uso e possíveis desdobramentos como foco investigativo.

No caminho investigativo foi encontrada uma lâmpada de 15 *watt* que me permitiu clarear e iluminar alguns pontos sobre esse assunto. À medida que me proponho a trilhar mais caminhos de investigação, pretendo encontrar pelo trajeto mais lâmpadas que possibilitam iluminar com nitidez pontos ainda escuros que não foram possíveis de clarificar até aqui. Acredito que, quanto mais esse assunto foi clareado, mais os campos de atividade humana da esfera acadêmica passarão a enxergar com nitidez os gêneros em Libras e o potencial da própria língua de sinais.

7. REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DO CINEMA. **Glossário de termos técnicos do cinema e do audiovisual, utilizados pela ANCINE.** Versão 1.32. ANCINE, 2008. *E-book* disponível em:

https://www.ancine.gov.br/media/Termos_Tecnicos_Cinema_Audiovisual_28032008.pdf.

Acesso em: 01 mar. 2019.

ALBRES, Neiva de Aquino. **Tradução intersemiótica de literatura infanto-juvenil: vivências em sala de aula.** Cadernos de Tradução, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 387-426, jul./dez., 2015.

_____, Neiva de Aquino; SARUTA, Moryse Vanessa. **Programa curricular de Língua Brasileira de Sinais para surdos.** São Paulo: IST, 2012. *E-book* disponível em:

<https://libras.ufsc.br/wp-content/uploads/2017/03/2012-11-ALBRES-e-SARUTA-Curriculo-LS-IST.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2019.

ALVES FILHO, Francisco; SANTOS, Eliane Pereira dos. **O tema da enunciação e o tema do gênero no comentário online.** Revista Fórum Linguístico, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 78-90, abr./jun. 2013.

AMPESSAN, João Paulo. **A escrita de expressões não manuais gramaticais em sentenças da Libras pelo sistema SignWriting.** 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

_____, João Paulo; GUIMARÃES, Juliana Sousa Pereira; LUCHI, Marcos (orgs). **Intérpretes educacionais de Libras: orientações para a prática profissional.** Secretaria de Estado da Educação; Fundação Catarinense de Educação Especial. Florianópolis: DIOESC, 2013. *E-book* disponível em:

http://www.fcee.sc.gov.br/images/stories/Publica%20fcee/manual_intprete_web.pdf.

Acesso em: 05 fev. 2019.

ARAÚJO, Antonia Dilamar. **Análise de gênero: uma abordagem alternativa para o ensino da redação acadêmica.** In: FORTKAMP, Mailce Borges Mota; TOMITCH, Lêda Maria Braga (orgs). **Aspectos da linguística aplicada: estudos em homenagem ao professor Hilário Inácio Bohn.** 2ª ed. Florianópolis: Insular, 2008.

ARAÚJO, Hélio Fonseca de; PEREIRA, Regiane Cunha; JÚNIOR, Carlos Alberto Santana. **Comunicação háptica complementando a informação através do toque.** In: CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISAS EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA, 4., 2014. **Anais [...].** Florianópolis: UFSC, 2014. Disponível em: <http://www.congressotils.com.br/anais/2014/2936.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2019.

- ASSIS, André William Alves de; MARECO, Raquel Tiemi Masuda. **A construção dialógica do gênero discursivo propaganda**. Entrepalavras, Fortaleza, ano 3, v. 3, n. 2, p. 168-182, ago./dez. 2013.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6022/2003: Informação e documentação; Artigo em publicação periódica científica impressa**. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.
- _____. **NBR 6023/2018: Informação e documentação; Referências; Elaboração**. Rio de Janeiro: ABNT, 2018.
- _____. **NBR 6028/2003: Informação e documentação; Resumo**. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.
- _____. **NBR 10520/2002: Informação e documentação; Citações em documentos; Apresentação**. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.
- _____. **NBR 15290/2005: Acessibilidade em comunicação na televisão**. Rio de Janeiro: ABNT, 2005.
- AVELAR, Thaís Fleury. **A questão da padronização linguística de sinais nos atores-tradutores surdos do Curso de Letras-Libras da UFSC: estudo descritivo e lexicográfico do sinal “cultura”**. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.
- AZEVEDO, Israel Belo de. **O prazer da produção científica: passos práticos para a produção de trabalhos acadêmicos**. 13ª ed. São Paulo: Editora Hagnos, 2012.
- AZEVEDO, Maria de Fátima Mendes de; SANTOS, Michelle Steiner dos; OLIVEIRA, Rúbia de. **O uso da cor no ambiente de trabalho: uma ergonomia da percepção**. Ensaio de Ergonomia: Revista Virtual de Ergonomia. Florianópolis: UFSC, jun. 2000. Disponível em: <http://www.gastronomiabh.com.br/arquivos/AV1-cores.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2019.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. 56ª ed. [rev. e ampl.]. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. [1979; introdução e tradução de Paulo Bezerra]. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BALDESSAR, Maria José; JESUS, Lucas Müller de; ANDRADE, Tânia Machado de. **A produção de videoaulas na Língua Brasileira de Sinais: a linguagem do telejornalismo e do design a serviço da educação a distância em Libras**. In: QUADROS, Ronice Müller de (org). **Letras LIBRAS: ontem, hoje e amanhã**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.
- BALTAR, Marcos Antonio Rocha. **A competência discursiva através dos gêneros textuais: uma experiência com o jornal de sala de aula**. 2003. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

- BARNWELL, Jane. **Fundamentos de produção cinematográfica**. [tradução de Janisa S. Antoniazzi; revisão de Sérgio Nesteriuk]. Porto Alegre: Bookman, 2013.
- BARROS, Cláudia Graziano Paes de; COSTA, Elizangela Patrícia Moreira da. **Os gêneros multimodais em livros didáticos: formação para o letramento visual?** Revista Bakhtiniana, São Paulo, v. 7, n. 2, p.38-56, jul./dez. 2012.
- BEZERRA, Benedito Gomes. **Gêneros no contexto brasileiro: questões (meta)teóricas e conceituais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- BIASI-RODRIGUES, Bernardete. **A diversidade de gêneros textuais no ensino: um novo modismo?** Perspectiva, Florianópolis, v.20, n.01, p.49-64, jan./jun. 2002.
- BRAIT, Beth. **Interação, gênero e estilo**. In: PRETO, Dino (org.). **Interação na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.
- BRASIL. **A Classificação Indicativa na Língua Brasileira de Sinais**. Organização: Secretaria Nacional de Justiça. Brasília: SNJ, 2009. *E-book* Disponível em: <http://www.justica.gov.br/seus-direitos/classificacao/classificacaolinguasinais.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2018.
- _____. **Manual de redação da Presidência da República**. Casa Civil, Subchefia de Assuntos Jurídicos; coordenação de Gilmar Ferreira Mendes, Nestor José Forster Júnior *et al.* 3ª ed., rev., atual. e ampl. Brasília: Presidência da República, 2018. *E-book* disponível em: <http://www4.planalto.gov.br/centrodeestudos/assuntos/manual-de-redacao-da-presidencia-da-republica/manual-de-redacao.pdf>. Acesso em: 08 fev. 2019.
- BRASILEIRO, Ada Magaly Matias. **Manual de produção de textos acadêmicos e científicos**. São Paulo: Atlas, 2013.
- CALVET, Louis-Jean. **As políticas linguísticas**. [tradução de Isabel de Oliveira Duarte, Jonas Tenfen, Marcos Bagno] São Paulo: Parábola Editorial: IPOL, 2007.
- CAMPELLO, Ana Regina e Souza. **A constituição histórica da língua de sinais brasileira: século XVIII a XXI**. Revista Mundo & Letras, José Bonifácio/SP, v. 2, p. 8-25, jul. 2011.
- _____, Ana Regina e Souza. **Aspectos da visualidade na educação de surdos**. 2008. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- _____, Ana Regina e Souza. **Existir para existir**. Revista da FENEIS, Rio de Janeiro, ano VII, n. 34, out./dez. 2007.
- _____, Ana Regina e Souza. **Pedagogia visual / sinal na educação dos Surdos**. In: QUADROS, Ronice Müller de; PERLIN, Gladis (orgs.). **Estudos Surdos II**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.
- CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue: Língua de Sinais Brasileira, Volume I: Sinais de A a L**.

- [ilustrações de Silvana Marques]. 3ª ed. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- CARDOSO, Alexandre Bet da Rosa. **Vídeo registro em Libras: uma proposta de acesso ao pensamento original aos surdos**. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.
- CARVALHO, Guido de Oliveira; FERNANDES, Eliane Marquez da Fonseca; FILHO, Sinval Martins de Sousa. **O gênero artigo científico: constâncias e mudanças diante das novas tecnologias**. In: FERNANDES, Eliane Marquez da Fonseca (org.). **Gêneros do discurso: dialogando com Bakhtin**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.
- CAS/FADERS. **Mini dicionário de Libras**. 2ª ed. Porto Alegre: MEC/SEESP/SE/FADERS, 2008. *E-book* disponível em: http://www.faberj.edu.br/cfb-2015/downloads/biblioteca/libras/Mini_Dicionario_de_LIBRAS.pdf. Acesso em: 15 fev. 2019.
- CASTRO, Nelson Pimenta de. **A tradução de fábulas seguindo aspectos imagéticos da linguagem cinematográfica e da língua de sinais**. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.
- CELANI, Maria Antonieta Alba. **A relevância da linguística aplicada na formulação de uma política educacional brasileira**. In: FORTKAMP, Mailce Borges Mota; TOMITCH, Lêda Maria Braga (orgs). **Aspectos da linguística aplicada: estudos em homenagem ao professor Hilário Inácio Bohn**. 2ª ed. Florianópolis: Insular, 2008.
- CHALHUB, Samira. **Funções da linguagem**. 12ª ed. São Paulo: Ática, 2006.
- CORDEIRO, Raniere Alislan Almeida. **Libras: a economia fonológica**. [artigo em Libras publicado em vídeo, 29m19s]. Revista Brasileira de Vídeo Registros em Libras. Edição nº 001/2013. Florianópolis: UFSC, 2013. Disponível em: <http://revistabrasileiravrlibras.paginas.ufsc.br/edicoes-antteriores/edicao-0012013/>. Acesso em: 10 out. 2018.
- CORTES, Gerenice Ribeiro de Oliveira. **O gênero artigo científico e os manuais didáticos acadêmicos: um olhar sobre as propostas de ensino**. Uniletras, Ponta Grossa, v. 31, n. 2, p. 55-74, jul./dez. 2009.
- COSTA, Francinei Rocha. **Variação linguística na Língua Brasileira de Sinais – Um estudo a partir de narrativas autobiográficas surdas**. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.
- COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 3ª ed. [rev. ampl.; 1. reimpr.]. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- COSTA VAL, Maria da Graça. **Atividades de produção de textos escritos em livros didáticos de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental**. In: ROJO, Roxane; BATISTA,

- Antônio Augusto Gomes (orgs). **Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.
- CRUZ, Dulce Márcia. **Linguagem audiovisual: livro didático**. [design instrucional de Carolina Hoeller da Silva Boeing, Daniela Erani Monteiro Will, Flavia Lumi Matuzawa]. 3ª ed. rev. Palhoça: UnisulVirtual, 2010.
- DESU/INES. **Manual para normalização de trabalhos monográficos em Libras e língua portuguesa do DESU/INES**. Rio de Janeiro: DESU/INES, 2015. *E-book* disponível em: <http://www.ines.gov.br/images/desu/Manual-de-Monografia-em-Libras-e-LP-2015.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2019.
- DINIZ, Heloise Gripp. **A história da língua de sinais dos surdos brasileiros: um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais da Libras**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2011.
- DIONISIO, Angela Paiva. **Gêneros textuais e multimodalidade**. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher. (orgs). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 4ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- _____, Angela Paiva. **Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita**. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONISIO, Angela Paiva (orgs.). **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. *E-book* disponível em: <http://www.serdigital.com.br/gerenciador/clientes/ceel/arquivos/29.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2019.
- DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. **Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento**. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim; colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. [tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro]. Campinas: Mercado das Letras, 2004.
- _____, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard; HALLER, Sylvie. **O oral como texto: como construir um objeto de ensino**. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim; colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola**. [tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro]. Campinas: Mercado das Letras, 2004.
- FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- FARIA-DO-NASCIMENTO, Sandra Patrícia de. **Representações lexicais da língua de sinais brasileira: uma proposta lexicográfica**. 2009. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- FELIPE, Tanya Amara; MONTEIRO, Myrna Salerno. **Libras em Contexto: Curso Básico: Livro do Professor**. 6ª ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006.

- _____, Tanya Amara. **De Flausino ao Grupo de Pesquisa da FENEIS – RJ. In: SEMINÁRIO NACIONAL DO INES: DESAFIOS PARA O PRÓXIMO MILÊNIO, 5.**, 2000, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: INES, 2000, p. 87- 89.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Eletrônico Aurélio**. 5ª ed. Curitiba: Positivo Informática, 2010. Versão 7.0. 1 CD-ROM.
- FERREIRA, Isaac. **Sobre esfera social, gênero textual e tipologia textual: conceitos e ponderações para a prática pedagógica. In: HEINIG, Otilia Lizete de Oliveira Martins; FRONZA, Cátia de Azevedo (orgs.). Diálogo entre linguística e educação, II: a linguagem em foco: a interlocução continua!** Blumenau: Edifurb, 2011.
- FERREIRA, Lucinda. **Por uma gramática de línguas de sinais**. [reimpr.]. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.
- FISCHER, Adriana. **A construção de letramentos na esfera acadêmica**. 2007. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.
- FONSECA, Juliane Figueiredo. **A contribuição da ergonomia ambiental na composição cromática dos ambientes construídos de locais de trabalho de escritório**. 2004. Dissertação (Mestrado em Design). Programa de Pós-Graduação em Design, Departamento de Artes & Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- GALLI, Fernanda Correa Silveira. **Linguagem da internet: um meio de comunicação global**. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- GAMA, Flausino José da. **Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos**. [1875]. Vol. 1. Rio de Janeiro: INES, 2011. *E-book* atualizado e disponível em: <http://repositorio.ines.gov.br/ilustra/bitstream/123456789/114/1/Iconographia%20%281%29.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2019.
- GESSER, Audrei. **“Um olho no professor surdo e outro na caneta”:** ouvintes aprendendo a língua brasileira de sinais. 2006. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.
- _____, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- _____, Antonio Carlos. **Didática do ensino superior**. 1ª ed. [7 reimpr.]. São Paulo: Atlas, 2012.
- INES/DESU. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Pedagogia**. Rio de Janeiro: INES/DESU, 2015. Disponível em:

https://neoines.com.br/pluginfile.php/9228/mod_resource/content/1/Projeto%20pol%C3%ADtico%20pedag%C3%B3gico.pdf. Acesso em: 20 mar. 2019.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. [1967; tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes]. 22ª ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Aquisição fonológica na língua brasileira de sinais: estudo longitudinal de uma criança surda**. 1999. Tese (Doutorado em Letras). Curso de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

KÖCHE, Vanilda Salton; BOFF, Odete Maria Benetti; MARINELLO, Adiane Fogali. **Leitura e produção textual: gêneros textuais do argumentar e expor**. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

KRUSSER, Renata da Silva. **Design editorial na tradução de português para libras**. 2017. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

LADD, Paddy. **Understanding Deaf Culture: in search of Deafhood**. Clevedon: Multilingual Matters, 2003.

LEBEDEFF, Tatiana Bolivar *et al.* Produção de vídeos para o ensino de Libras: Projeto Obalibras. In: VIEIRA-MACHADO, Lucyenne Matos da Costa; BARBOZA, Felipe Venâncio; MARTINS, Vanessa Regina de Oliveira (orgs). **Pesquisas em educação de surdos, tradução, interpretação e linguística de línguas de sinais: tecendo redes de amizade e problematizando as questões do nosso tempo**. Campos dos Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural, 2018. E-book disponível em: <http://www.brasilmulticultural.com.br/imagens/ebook%20Pesquisas%20Educacao%20Surdos-tecendo%20redes.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2019.

LEITE, Tarcísio de Arantes. **A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): um estudo lingüístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos**. 2008. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

_____, Tarcísio de Arantes. **O futuro dos estudos das línguas (de sinais)**. In: QUADROS; Ronice Müller de; STUMPF, Marianne Rossi; LEITE, Tarcísio de Arantes (orgs.). **Estudos da língua brasileira de sinais**. Vol. I. Florianópolis: Editora Insultar, 2013.

LIBRAS em contexto: curso básico; livro do estudante. Direção: Eduardo Castro Neves. Direção de LIBRAS: Nelson Pimenta de Castro. Produção: Rafaella Moraes e Eduardo Castro Neves. Roteiro: Equipe de pesquisas da FENEIS. Rio de Janeiro: FENEIS, 2008 [1997]. 1 DVD (63 min). color. Produzido por Quality Artes. ISBN: 85-99091-02-6.

LIMA, Anselmo Pereira de. **O processo de elaboração e domínio de gêneros de discurso via atividade reguladora**. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS, 5., 2009, Caixas do Sul, RS. **Anais [...]**. Caxias do Sul, RS: Universidade de Caixas do Sul, 2009. Disponível em:

http://www.ucs.br/ucs/tplSiget/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/textos_auto/arquivos/o_processo_de_elaboracao_e_dominio_de_generos_do_discurso.pdf. Acesso em: 20 jan. 2019.

_____, Anselmo Pereira de. **Procedimentos teórico-metodológicos de estudo de gêneros do discurso: atividade e oralidade em foco**. In: BRAIT, Beth; MAGALHÃES, Anderson. Salvaterra (orgs.). **Dialogismo: teoria e(m) prática**. São Paulo: Terracota Editora, 2014.

MACHADO, Anna Rachel. **Revisitando o conceito de resumos**. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MACHADO, Fernanda de Araújo. **Antologia da Poética em Língua de Sinais Brasileira**. 2017. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. *V-book* disponível em: <https://libras.ufsc.br/arquivos/vbooks/antologia-poetica/>. Acesso em: 10 abr. 2019.

MANDELBLATT, Janete; FAVORITO, Wilma. **Aspectos da trajetória histórica da dicionarização da língua brasileira de sinais: da Iconografia de Sinais a um Manuário Acadêmico**. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO (COLUMBHE), 11., 2016. **Atas [...]**. Porto/Portugal: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), 2016. Disponível em: <http://web3.letras.up.pt/columbhe/actas/eixo1.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2019.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **A questão do suporte dos gêneros textuais**. Revista DLCV, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 9-40, out. 2003.

_____, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação**. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher. (orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 4ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

_____, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010a.

_____, Luiz Antônio. **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital**. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos (orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2010b.

_____, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARQUES, Rodrigo Rosso. **A experiência de ser surdo: uma descrição fenomenológica**. 2008. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

_____, Rodrigo Rosso; OLIVEIRA, Janine Soares de. **A normatização de artigos acadêmicos em Libras e sua relevância como instrumento de constituição de corpus de referência para tradutores.** *In:* CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISAS EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA, 3., 2012. **Anais [...].** Florianópolis: UFSC, 2012. ISSN: 2316-2198. Disponível em: http://www.congressotils.com.br/anais/anais/tils2012_metodologias_traducao_marquesoliveira.pdf. Acesso em: 15 out. 2018.

MASUTTI, Mara Lúcia. **Tradução cultural: desconstruções logofonocêntricas em zonas de contato entre surdos e ouvintes.** 2007. Tese (Doutorado em Literatura), Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

McCLEARY, Leland; VIOTTI, Evani. **Transcrição de dados de uma língua sinalizada: um estudo piloto da transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB).** *In:* LIMA-SALLES, Heloisa Maria Moreira (org.). **Bilinguismo dos surdos: questões linguísticas e educacionais.** Goiânia, GO: Cãnone Editorial, 2007.

_____, Leland; VIOTTI, Evani; LEITE, Tarcísio de Arantes. **Descrição das línguas sinalizadas: a questão da transcrição dos dados.** Alfa, São Paulo, v. 54, n. 1, p. 265-289, 2010.

MEDEIROS, Jonatas Rodrigues. **Tradução e letramento acadêmico: uma proposta metodológica do processo tradutório do par linguístico língua portuguesa/Libras.** Revista Espaço, Rio de Janeiro, n. 50, p. 133-158, jul./dez. 2018.

MEURER, José Luiz. **O conhecimento de gêneros textuais e a formação do profissional da linguagem.** *In:* FORTKAMP, Mailce Borges Mota; TOMITCH, Lêda Maria Braga (orgs). **Aspectos da linguística aplicada: estudos em homenagem ao professor Hilário Inácio Bohn.** 2ª ed. Florianópolis: Insular, 2008.

MILLER, Carolyn R. **Gênero textual, agência e tecnologia: estudos.** [organização de Angela Paiva Dionisio e Judith Chambliss Hoffnagel; tradução de Judith Chambliss Hoffnagel]. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MIRANDA, Wilson de Oliveira. **A experiência e a pedagogia que nós surdos queremos.** 2007. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

MOTTA-ROTH, Désirée. **Gêneros discursivos no ensino de línguas para fins acadêmicos.** *In:* FORTKAMP, Mailce Borges Mota; TOMITCH, Lêda Maria Braga (orgs). **Aspectos da linguística aplicada: estudos em homenagem ao professor Hilário Inácio Bohn.** 2ª ed. Florianópolis: Insular, 2008.

_____, Désirée; HENDGES, Graciela Rabuske. **Produção textual na universidade.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MULIK, Kátia Bruginski. **Multimodalidade e multiletramentos nas aulas de língua inglesa: práticas e reflexões.** *In:* SOUZA, Sweder; SOBRAL, Adail (orgs). **Gêneros,**

entre o texto e o discurso: questões conceituais e metodológicas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2016.

NAGURA, Claudia Akemi *et al.* **Elementos de coesão na LIBRAS.** *In:* ENCONTRO DOS ALUNOS DE LICENCIATURA EM LETRAS-LIBRAS DO POLO-USP, 2010, São Paulo. **Atas [...].** Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2013. Disponível em: <https://editora-arara-azul.com.br/site/livrodigital/detalhes/38>. Acesso em: 07 fev. 2019.

NASCIMENTO, Iscarley Matias do; FERNANDES, Eliane Marquez da Fonseca. **Os gêneros multimodais nos livros didáticos de português: análise e reflexão linguística.** *In:* FERNANDES, Eliane Marquez da Fonseca (org.). **Gêneros do discurso: dialogando com Bakhtin.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

NASCIMENTO, Marcus Vinícius Batista. **Formação de intérpretes de libras e língua portuguesa: encontros de sujeitos, discursos e saberes.** 2016. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

_____, Vinícius. **Janelas de Libras e gêneros do discurso: apontamentos para a formação e atuação de tradutores de língua de sinais.** *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 56, n. 2, p. 461-492, mai./ago. 2017.

NOBRE, Rundesth Saboia. **Processo de grafia da língua de sinais: uma análise fonomorfológica da escrita em SignWriting.** 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

OLIVEIRA, Janine Soares de. **Análise descritiva da estrutura querológica de unidades terminológicas do glossário Letras-Libras.** 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

_____, Janine Soares de; SILVA, Rodrigo Custódio da. **Equipe de tradução do curso de Letras Libras.** *In:* QUADROS, Ronice Müller de (org.). **Letras LIBRAS: ontem, hoje e amanhã.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

OLIVEIRA, Jorge Leite de. **Texto acadêmico: técnicas de redação e de pesquisa científica.** 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

ORTEGA, Leliane Regina; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. **Reflexões sobre o conteúdo temático no gênero regras de jogo.** *Gláuks: Revista de Letras e Artes*, Viçosa, v. 17, n. 1, p. 14-33, jan./jun. 2017.

PADDEN, Carol; HUMPHRIES, Tom. **Inside Deaf Culture.** Cambridge: Harvard University Press, 2005.

PERLIN, Gladis T. T. **Identidades Surdas.** *In:* SKILAR, Carlos (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** 3ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.

- _____, Gladis T. T. **O ser e o estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade.** Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- _____, Gladis Teresinha Taschetto; MIRANDA, Wilson. **Surdos: o narrar e a política.** Ponto de Vista, Florianópolis, n. 05, p. 217-226, 2003.
- PIMENTA, Nelson. **Seis Fábulas de Esopo em LSB.** Vol. 1. Direção: Luiz Carlos Freitas. Produção: LSB Vídeo. Rio de Janeiro: Editora LSB Vídeo, 2002. 1 DVD (35 min). color. Produzido por LSB Vídeo. ISBN: 978-85-60221-11-0.
- PINHEIRO, Carlos. **Dicionário do ebook.** Ler Ebooks, 2011. *E-book* disponível em: <https://lerebooks.files.wordpress.com/2011/12/diccionc3a1rio-do-ebook.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2019.
- QUADROS, Ronice Müller de. **Phrase Structure of Brazilian Sign Language.** 1999a. Tese (Doutorado em Letras). Curso de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999a.
- _____, Ronice Müller de. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa.** Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: MEC / SEESP, 2004. *E-book* disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/tradutorlibras.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2019.
- _____, Ronice Müller de. **Situando as diferenças implicadas na educação de surdos: inclusão/exclusão.** Ponto de Vista, Florianópolis, n. 05, p. 81-111, 2003.
- _____, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira: estudos lingüísticos.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.
- _____, Ronice Müller de. OLIVEIRA, Janine Soares de; MIRANDA, Ramon Dutra. **ID-Sinais para organização e busca de dados em corpus de Libras.** In: STUMPF, Marianne Rossi; QUADROS; Ronice Müller de; LEITE, Tarcísio de Arantes (orgs.). **Estudos da língua brasileira de sinais.** Vol. II. Florianópolis: Editora Insultar, 2014.
- _____, Ronice Müller de; SOUSA, Aline Nunes de; VARGAS, Roberto Dutra. **Tradução do vestibular UFSC/2012 para a Libras.** In: CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISAS EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA, 3., 2012. **Anais [...].** Florianópolis: UFSC, 2012. ISSN: 2316-2198. Disponível em: http://www.congressotils.com.br/anais/anais/tils2012_metodologias_traducao_quadrossousa.pdf. Acesso em: 15 out. 2018.
- _____, Ronice Müller de; SOUZA, Saulo Xavier. **Aspectos da tradução/encenação na Língua de Sinais Brasileira para um ambiente virtual de ensino: práticas tradutórias do curso de Letras Libras.** In: QUADROS, Ronice Müller de (org.). **Estudos Surdos III.** Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2008.

- _____, Ronice Müller de; STUMPF, Marianne Rossi. **O primeiro curso de graduação em letras língua brasileira de sinais: educação a distância.** ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v. 10, n. 2, p.169-185, jun. 2009.
- _____, Ronice Müller de; STUMPF, Marianne Rossi. **Letras Libras EaD.** In: QUADROS, Ronice Müller de (org.). **Letras LIBRAS: ontem, hoje e amanhã.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.
- _____, Ronice Müller de; STUMPF, Marianne Rossi. **Reconhecimento da língua brasileira de sinais: legislação da língua de sinais e seus desdobramentos.** In: QUADROS, Ronice Müller de; STUMPF, Marianne Rossi (orgs.). **Estudos da língua brasileira de sinais.** Vol. IV. Florianópolis: Editora Insular, 2018.
- _____, Ronice Müller de; STUMPF, Marianne Rossi; OLIVEIRA, Janine Soares de. **Avaliação de surdos na universidade.** In: HEINIG, Otilia Lizete de Oliveira Martins; FRONZA, Cátia de Azevedo (orgs.). **Diálogo entre linguística e educação, II: a linguagem em foco: a interlocução continua!** Blumenau: Edifurb, 2011.
- _____, Ronice Müller de *et al.* **Exame Prolibras.** Florianópolis: UFSC, 2009.
- REICHERT, André Ribeiro. **Da língua portuguesa escrita à Libras: problematizando processos de tradução de provas de vestibular.** Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015.
- REIS, Juliani Menezes dos. **E-books, bibliotecas e editoras: um diálogo necessário.** 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Biblioteconomia). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- _____, Juliani Menezes dos; ROZADOS, Helen Beatriz Frota. **O livro digital: histórico, definições, vantagens e desvantagens.** In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 19., 2016. **Anais [...].** Manaus: UFAM, 2016. ISSN: 2359-6058. Disponível em: <http://www.periodicos.ufam.edu.br/anaisnbn/article/view/3248/2891>. Acesso em: 10 jan. 2019.
- RIGO, Natália Schleder. **Tradução de canções de LP para LSB: identificando e comparando recursos tradutórios empregados por sinalizantes surdos e ouvintes.** 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- _____, Natália Schleder. **Tradução de textos acadêmicos de português para língua brasileira de sinais: o emprego de elementos do design editorial como soluções tradutórias.** TRANSLATIO, Porto Alegre, n. 15, p. 173-196, jun. 2018.
- ROCHA, Solange Maria da. **Antíteses, díades, dicotomias no jogo entre memória e apagamento presentes nas narrativas da história da educação de surdos um olhar para o Instituto Nacional de Educação de Surdos (1856/1961).** 2009. Tese (Doutorado

em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

RODRIGUES, Carlos Henrique. **Competência em tradução e línguas de sinais: a modalidade gestual-visual e suas implicações para uma possível competência tradutória intermodal**. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 57, n. 1, p. 287-318, jan./abr. 2018.

RODRIGUES, Chris. **O cinema e a produção**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. **A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo**. 2001. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Programa de Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____, Rosângela Hammes. **Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin**. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (orgs). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ROJO, Roxane. **Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas**. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (orgs). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____, Roxane Helena Rodrigues; BARBOSA, Jacqueline P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ROSA, Andréa da Silva. **Entre a visibilidade da tradução da língua de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

ROSA, Fabiano Souto. **Literatura surda: o que sinalizam professores surdos sobre livros digitais em Língua Brasileira de Sinais - Libras**. 2011. Dissertação (mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011.

SILVA, Claudney Maria de Oliveira; SILVA, Sofia Oliveira Pereira dos Anjos Coimbra da. **Tradução de provas para libras: uma proposta metodológica**. In: CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISAS EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA, 3., 2012. **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC, 2012. ISSN: 2316-2198. Disponível em: http://www.congressotils.com.br/anais/anais/tils2012_metodologias_traducao_silvasilva.pdf. Acesso em: 10 nov. 2018.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. **Gênero discursivo e tipo textual**. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 87-106, 1º sem. 1999.

- SILVA, Luiz Antonio Santana; MADIO, Telma Campanha Carvalho. **Linguagem cinematográfica e documentos audiovisuais: compreendendo seus elementos.** *In:* SEMINÁRIO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 2016, Londrina, PR. **Anais [...]**. Londrina, PR: Universidade Estadual de Londrina, 2016.
- SILVA, Paulo Eduardo Mendes da; MORI-DE-ANGELIS, Cristiane Cagnoto. **Livros didáticos de língua portuguesa (5ª a 8ª séries): perspectivas sobre o ensino da linguagem oral.** *In:* ROJO, Roxane; BATISTA, Antônio Augusto Gomes (orgs). **Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.
- SILVA, Rodrigo Custódio da. **Indicadores de formalidade no gênero monológico em Libras.** 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- _____, Rodrigo Custódio da. **Produções acadêmicas em Libras como ferramentas de política linguística das comunidades surdas brasileiras.** Revista Leitura, Maceió, v. 1, n. 58, p. 107-123, jan./jun., 2017.
- SILVA, Vilmar. **A política da diferença: educadores intelectuais surdos em perspectivas.** Florianópolis: Publicações do IF-SC, 2011.
- SILVEIRA, Ana Beatriz T. **Educação linguística.** [ed. rev.]. Curitiba, PR: IESDE BRASIL, 2012.
- SOBRAL, Adail. **Estética da criação verbal.** *In:* BRAIT, Beth (org). **Bakhtin: dialogismo e polifonia.** São Paulo: contexto, 2013.
- _____, Adail. **Um diálogo bakhtiniano com L. A. Marcuschi.** *In:* SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS, 4., 2007, Tubarão, SC. **Anais [...]**. Tubarão, SC: Universidade do Sul de Santa Catarina, 2007. Disponível em: <http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/cd/Port/144.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2019.
- SOUSA, Saulo Machado Mello de. **Sinais lexicais dos termos cinematográficos: a perspectiva da língua de sinais no cinema.** 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- SOUZA, Saulo Xavier de. **Performances de tradução para a língua brasileira de sinais observadas no curso de Letras-Libras.** 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.
- STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** 3ª ed. [rev.]. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.
- _____, Karin Lilian. **História dos surdos: representações “mascaradas” das identidades surdas.** *In:* QUADROS, Ronice Müller de; PERLIN, Gladis (orgs.). **Estudos Surdos II.** Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

- _____, Karin Lilian. **Surdos: vestígios culturais não registrados na história**. 2008. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- STUMPF, Marianne Rossi. **Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema SignWriting: línguas de sinais no papel e no computador**. 2005. Tese (Doutorado em Informação na Educação). Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- _____, Marianne Rossi; QUADROS, Ronice Müller de. **Tradução e interpretação da Língua Brasileira de Sinais: Formação e Pesquisa**. Cadernos de Tradução, Florianópolis, v. 2, n. 26, p. 165-205, out. 2010. ISSN: 2175-7968. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2010v2n26p165/14228>. Acesso em: 02 fev. 2019.
- _____, Marianne Rossi; OLIVEIRA, Janine Soares de; MIRANDA, Ramon Dutra. **O glossário Letras-Libras como instrumento para estudo de unidades terminológicas em Libras**. In: STUMPF, Marianne Rossi; QUADROS; Ronice Müller de; LEITE, Tarcísio de Arantes (orgs.). **Estudos da língua brasileira de sinais**. Vol. II. Florianópolis: Editora Insultar, 2014.
- SUTTON-SPENCE, Rachel *et al.* **Artistas surdos contam suas histórias: quais foram suas influências?** [artigo em Libras publicado em vídeo, 22m14s]. Revista Brasileira de Vídeo Registros em Libras. Edição nº 003/2017. Florianópolis: UFSC, 2017. Disponível em: <http://revistabrasileiravrlibras.paginas.ufsc.br/publicacoes/edicao-no-0032017/>. Acesso em: 12 fev. 2019.
- _____, Rachel; QUADROS, Ronice Müller de. **Poesia em língua de sinais: traços da identidade surda**. In: QUADROS, Ronice Müller de (org.). **Estudos Surdos I**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006.
- SWALES, John Malcolm **Genre Analysis: English in Academic and Research Settings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- TATEISHI, Bruno; SANTOS, Irinete; JINHUI, Zhang. **A inclusão de portadores de surdocegueira**. Revista Pandora Brasil, n. 24, nov. 2010. Disponível em: http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/inclusao/inclusao_portadores.pdf. Acesso em: 14 fev. 2019.
- TAVEIRA, Cristiane Correia *et al.* **Novas tecnologias na produção de monografias em Libras com alunos do INES: língua de sinais, performance surda e o uso do vídeo digital**. In: ROSADO, Luiz Alexandre da Silva; FERREIRA, Giselle Martins dos Santos. **Educação e tecnologia: parcerias**. Vol. 4 [livro eletrônico]. Rio de Janeiro: Editora Universidade Estácio de Sá, 2015. *E-book* disponível em: <https://ticpe.files.wordpress.com/2015/11/e-book-eduacac3a7c3a3o-e-tecnologia-parcerias-vol-4-2015-versc3a3o-final.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2019.
- TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. [tradução de Rodolfo Ilari; revisão técnica de Ingedore Villaça Koch, Thaís Cristófaró Silva]. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

- VALSECHI, Geisielen Santana. **Vestibular, estudo de caso: prosódia na tradução para Libras**. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- VAN CLEVE, John Vickrey; CROUCH, Barry A. **A Place of Their Own: Creating the Deaf Community in America**. Washington, D.C.: Gallaudet University Press, 1989.
- VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica**. [tradução de Marina Appenzeller]. 3ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2005.
- VIEIRA, Saulo Zulmar. **A produção narrativa em Libras: uma análise dos vídeos em língua brasileira de sinais e da sua tradução intersemiótica a partir da linguagem cinematográfica**. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.
- WANDERLEY, Débora Campos. **Aspectos da leitura e escrita de sinais: estudos de caso com alunos surdos de educação básica e de universitários surdos e ouvintes**. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.
- WILCOX, Sherman; WILCOX, Phyllis Perrin. **Aprender a ver: o ensino da língua de sinais americana como segunda língua**. [tradução de Tarcísio de Arantes Leite]. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2005.

7.1. Sites consultados

- ALECRIM, Emerson. **Resoluções HD, Full HD, 4K, 8K e outras**. InfoWester, publicado em 2014. Disponível em: <https://www.infowester.com/resolucoes.php>. Acesso em: 10 mar. 2019.
- AMARAL, Heloisa. **Escolhendo gêneros textuais para ensinar na escola**. Publicado em: 08 mar. 2007. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/artigos/artigo/1229/escolhendo-generos-textuais-para-ensinar-na-escola>. Acesso em: 15 nov. 2017.
- BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, República Federativa do Brasil, Atos do Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 2005. nº 246, ano CXLII, Seção 1, p. 28-30. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 26 abr. 2018.

_____. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União, República Federativa do Brasil,

Atos do Poder Legislativo, Brasília, DF, 25 abr. 2002. nº 79, ano CXXXIX, Seção 1, p. 23. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm. Acesso em: 26 abr. 2018.

_____. **Lei n. 13.146, de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em: 26 abr. 2018.

CONCEITUANDO a surdocegueira. Instituto Benjamin Constant, publicado em 2017. Disponível em: <http://www.ibc.gov.br/paas/308-conceituando-a-surdocegueira>. Acesso em: 04 mar. 2019.

DICIONÁRIO Digital da Língua Brasileira de Sinais. Versão 3.0. Rio de Janeiro: Acessibilidade Brasil, 2011. Disponível em: http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/. Acesso em: 15 fev. 2019.

HINO Nacional Brasileiro em Libras. 2016. 1 vídeo (3m48s). Publicado pelo canal Roquette Pinto. Disponível em: <https://youtu.be/STrLJipI18Q>. Acesso em: 10 abr. 2019.

QUADROS, Ronice Müller de. **Chapter 9: um capítulo da história do SignWriting.** [1999b]. Disponível em: <http://www.signwriting.org/library/history/hist010.html>. Acesso em: 29 jan. 2019.

ROZZO, Fernando. “**Aspect Ratio**” – a proporção de tela no cinema e na fotografia. Blog eMania, publicado em 2015. Disponível em: <https://blog.emania.com.br/aspect-ratio/>. Acesso em: 15 mar. 2019.

SIGNIFICADOS. Disponível em: www.significados.com.br. Acesso em: 10 nov. 2018.

VILELA, Carlos Eduardo. **GRUPOS CADA REGRAS PARA SURDOCEGOS.** 2017a. 1 vídeo (8m56s). Publicado pelo canal Carlos Eduardo Vilela. Disponível em: <https://youtu.be/5W-G9vso4-k>. Acesso em: 04 mar. 2019.

_____, Carlos Eduardo. **SLibras Política para surdocegos.** 2017b. 1 vídeo (12m03s). Publicado pelo canal Carlos Eduardo Vilela. Disponível em: <https://youtu.be/ZTtylI3a1Fo>. Acesso em: 04 mar. 2019.

7.2. Várias imagens dentro de Figuras e Quadros

Figura 12

Prolibras 2007 – UFSC, disponível em:

http://dados.coperve.ufsc.br/prolibras/2007/edital/edital_libras_1.wmv. Acesso em: 15 fev. 2019.

Vestibular para curso de Letras-Libras 2009 – UFSC, disponível em:

<http://www.vestibular2009libras.ufsc.br/edital/libras/0Introducao.flv>. Acesso em: 15 fev. 2019.

Concurso público 2013 – IFSC Bilíngue, disponível em: <https://youtu.be/kSKddvgiVyE>.

Acesso em: 15 fev. 2019.

Vestibular para curso de Letras-Libras 2016 – UFSC, disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/163393>. Acesso em: 15 fev. 2019.

Processo seletivo para curso de Especialização 2017 – IFSC Bilíngue, disponível em:

https://youtu.be/HbA_1-d4X04. Acesso em: 15 fev. 2019.

ENEM 2018 – INEP, disponível em: https://youtu.be/_pk8BrTpmE. Acesso em: 15 fev.

2019. OBS.: este link foi indicado pelo site oficial de ENEM 2018.

Processo seletivo para curso de Letras-Libras 2018 – UFPR, disponível em:

<https://youtu.be/5mbGvyX9GMI>. Acesso em: 15 fev. 2019.

Processo seletivo para curso de Pedagogia 2018 – INES, disponível em:

<http://www.ines.gov.br/vestibular-ines/425-vestibular-ines-2018>. Acesso em: 15 fev. 2019.

Vestibular 2019 – UFSC, disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/190171>. Acesso em: 15 fev. 2019.

Edital Vestibular 2016 – UFRGS, disponível em: <http://www.ufrgs.br/coperse/concurso-vestibular/anteriores/2016/edital-cv-2016-libras>. Acesso em: 15 fev. 2019.

Edital Vestibular 2016 para surdos LL – UFG, disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=tX19BZaH5lc>. Acesso em: 15 fev. 2019.

Quadro 11

2006 – Vestibular Letras-Libras EaD UFSC, disponível em:

<http://antiga.coperve.ufsc.br/ead2006/libras/provas/libras1.wmv>. Acesso em: 15 mar. 2019.

2006 – PROLIBRAS 2006 UFSC, disponível em:

http://dados.coperve.ufsc.br/prolibras/2006/provas/provaobjetiva_01.avi. Acesso em: 15 mar. 2019.

2007 – PROLIBRAS 2007 UFSC, disponível em:

<http://dados.coperve.ufsc.br/prolibras/2007/provas/12.wmv>. Acesso em: 15 mar. 2019.

2008 – Vestibular Letras-Libras EaD UFSC, disponível em:

http://antiga.coperve.ufsc.br/ead2008/libras/provas/prova_libras.wmv. Acesso em: 15 mar. 2019.

2008 – PROLIBRAS 2008 UFSC, disponível em:

<http://dados.coperve.ufsc.br/prolibras/2008/prova/1.avi>. Acesso em: 15 mar. 2019.

2009 – Vestibular Letras-Libras UFSC, disponível em:

http://www.vestibular2009libras.ufsc.br/prova/prova_1.wmv. Acesso em: 15 mar. 2019.

2009 – PROLIBRAS 2009 UFSC, disponível em:

<http://dados.coperve.ufsc.br/prolibras/2009/prova/1.wmv>. Acesso em: 15 mar. 2019.

2010 – Vestibular Letras-Libras UFSC, disponível em:

http://www.vestibular2010.ufsc.br/libras/prova/prova_1.flv. Acesso em: 15 mar. 2019.

2010 – PROLIBRAS 2010 UFSC, disponível em:

<http://dados.coperve.ufsc.br/prolibras/2010/prova/1.avi>. Acesso em: 15 mar. 2019.

2012 – Vestibular Letras-Libras UFSC, disponível em:

http://www.coperve.ufsc.br/provas_ant/libras/2012-libras.wmv. Acesso em: 15 mar. 2019.

2012/2013 – PROLIBRAS 2012/2013 INES/UFSC, disponível em:

<http://dados.coperve.ufsc.br/prolibras/6/prova/1.wmv>. Acesso em: 15 mar. 2019.

- 2013 – Vestibular Letras-Libras UFSC, disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/133417/2013-laranja.wmv?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em: 15 mar. 2019.
- 2014 – Vestibular Letras-Libras UFSC, disponível em: http://www.coperve.ufsc.br/provas_ant/libras/2014-laranja.wmv. Acesso em: 15 mar. 2019.
- 2014 – Vestibular Letras-Libras EaD UFSC, disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/117006/q1.wmv>. Acesso em: 15 mar. 2019.
- 2015 – Vestibular Letras-Libras UFSC, disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/159152>. Acesso em: 15 mar. 2019.
- 2015 – PROLIBRAS 2015 INES/UFSC, disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/135237>. Acesso em: 15 mar. 2019.
- 2016 – Vestibular Letras-Libras EaD UFSC, disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/165190>. Acesso em: 15 mar. 2019.
- 2016 – Vestibular Letras-Libras UFSC, disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/157152>. Acesso em: 15 mar. 2019.
- 2017 – Vestibular Letras-Libras UFSC, disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/171426>. Acesso em: 15 mar. 2019.
- 2018 – Vestibular Letras-Libras UFSC, disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/182053>. Acesso em: 15 mar. 2019.
- 2019 – Vestibular Letras-Libras UFSC, disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/192286>. Acesso em: 15 mar. 2019.

Quadro 12

- 2015 – Vestibular Letras-Libras UFS, disponível em: <https://youtu.be/iwlkJ4SiEgA>. Acesso em: 15 mar. 2019.
- 2016 – Vestibular Letras-Libras UFS, disponível em: <https://youtu.be/vEZDSoz-lnA>. Acesso em: 15 mar. 2019.
- 2017 – Vestibular Letras-Libras UFS, disponível em: <https://youtu.be/FwHvhAudWfo>. Acesso em: 15 mar. 2019.
- 2018 – Vestibular Letras-Libras UFS, disponível em: <https://youtu.be/LZb0icY5qak>. Acesso em: 15 mar. 2019.
- 2019 – Vestibular Letras-Libras UFS, disponível em: https://youtu.be/-tOrE2Ro_II. Acesso em: 15 mar. 2019.
- 2015 – Processo Seletivo Letras-Libras UFT, disponível em: <https://youtu.be/QQ9HgkWLz4M>. Acesso em: 15 mar. 2019.
- 2016 – Processo Seletivo Letras-Libras UFT, disponível em: <https://youtu.be/2JJUWgVg7o>. Acesso em: 15 mar. 2019.
- 2018 – Processo Seletivo Letras-Libras UFT, disponível em: <https://youtu.be/2gWfEX1hdyc>. Acesso em: 15 mar. 2019.
- 2016 – Processo Seletivo Letras-Libras UFPR, disponível em: <https://youtu.be/g0xv7FIsEXY>. Acesso em: 15 mar. 2019.
- 2017 – Processo Seletivo Letras-Libras UFPR, disponível em: <https://youtu.be/6Ac9HswYvNw>. Acesso em: 15 mar. 2019.

- 2018 – Processo Seletivo Letras-Libras UFPR, disponível em: <https://youtu.be/hbBJACrKAgw>. Acesso em: 15 mar. 2019.
- 2019 – Processo Seletivo Letras-Libras UFPR, disponível em: <https://youtu.be/sOEjVzeBI24>. Acesso em: 15 mar. 2019.
- 2018 – Processo Seletivo Letras-Libras UFAM, disponível em: <https://youtu.be/LIBK84ZUbsE>. Acesso em: 15 mar. 2019.
- 2019 – Processo Seletivo Letras-Libras UFAM, disponível em: <https://youtu.be/ulN-ZNfWrDs>. Acesso em: 15 mar. 2019.
- 2017 – ENEM, disponível em: <https://youtu.be/DuoJFyLVvPA>. Acesso em: 15 mar. 2019.
- 2018 – ENEM, disponível em: <https://youtu.be/nc9wFXjFbBY>. Acesso em: 15 mar. 2019.

Figura 47

Exemplo I – vídeo disponibilizado no PROLIBRAS. Disponível em:

<http://www.prolibras.ufsc.br/>. Acesso em: 10 nov. 2014.

Exemplo II – vídeo da divulgação do Congresso no INES 2014. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=GuW9Kz0NXDg#t=15>. Acesso em: 10 nov. 2014.

Exemplo III – vídeo do artigo por Raniere. Disponível em:

<http://revistabrasileiravrlibras.paginas.ufsc.br/>. Acesso em: 10 nov. 2014.

Exemplo IV – vídeo do edital do concurso público na UFSC. Disponível em:

<http://123ddp2014.paginas.ufsc.br/>. Acesso em: 10 nov. 2014.

8. GLOSSÁRIO

LIBRAS

LIBRAS VIDEOSSINALIZADA

LIBRAS ESCRITA

LIBRAS AVATAR

LIBRAS TÁTIL

FALANTE

SINALIZANTE

GÊNERO

DISCURSO

GÊNERO DO DISCURSO

TEXTO

GÊNERO TEXTUAL

GÊNERO PRIMÁRIO

GÊNERO SECUNDÁRIO

CONTEÚDO TEMÁTICO

ESTILO

CONSTRUÇÃO COMPOSICIONAL

HETEROGENEIDADE TIPOLOGICA

INTERGENERICIDADE

TIPOS RELATIVAMENTE ESTÁVEIS

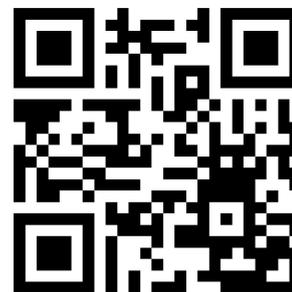
ASPECTOS TIPOLOGICOS (com base em Dolz, Noverraz e Schneuwly, 2004)

METALINGUAGEM / METALINGUÍSTICA

MATERIALIDADE LINGUÍSTICA

BAKHTIN, Mikhail M.

MARCUSCHI, Luiz Antônio



Para assistir ao vídeo “*Glossário da minha tese de doutorado*” em Libras videossinalizada, acesse este QR Code ou clique [AQUI](#).

9. ANEXOS

Tabelas com maiores detalhes.

Tabela vinculada ao Gráfico 3 (Velocidade de Sinalização nas *provas* do Vestibular UFSC 2012):

Nº do sinal	Biologia	Física	Geografia	História	Libras L2	Matemática	Redação	Questões discursivas	Química
1	0,80	0,75	0,50	0,81	1,36	0,70	1,40	0,78	0,84
2	1,14	0,81	0,56	0,75	0,90	0,89	1,27	0,55	0,49
3	0,94	0,71	0,73	0,44	0,47	0,70	1,45	1,01	0,83
4	0,51	0,53	0,76	0,72	1,02	0,60	0,98	0,62	0,58
5	1,08	0,64	0,93	0,94	0,73	0,73	0,68	0,94	0,59
6	0,75	0,61	1,27	0,57	0,74	0,69	1,12	0,48	0,49
7	0,62	1,07	0,67	0,44	0,74	0,32	0,65	0,71	0,71
8	0,79	0,83	0,55	0,62	0,94	0,69	0,55	0,59	0,94
9	0,67	0,78	0,56	0,84	0,62	0,48	0,91	0,49	0,51
10	0,60	0,75	0,61	0,81	0,89	0,59	0,48	0,40	0,75
11	0,90	1,11	0,44	0,86	0,60	0,51	0,75	0,76	1,19
12	0,80	0,73	1,04	0,55	0,74	0,33	0,89	0,42	0,78
13	0,81	0,61	0,64	0,35	1,00	0,56	0,83	0,76	0,50
14	0,90	0,98	0,82	0,86	0,54	0,38	0,68	0,75	0,70
15	0,81	0,66	0,77	0,46	0,47	0,62	0,62	0,44	0,65
16	0,77	0,84	0,85	0,79	0,69	0,63	0,43	0,42	0,65
17	0,86	0,90	0,82	0,51	0,64	0,69	0,64	0,38	0,60
18	0,59	0,59	0,77	0,58	0,68	0,57	0,58	0,51	0,64
19	0,96	0,64	0,48	0,75	0,60	0,45	0,99	0,66	0,60
20	0,49	0,73	0,81	0,89	0,46	0,57	0,64	1,19	0,57
21	0,76	0,69	0,66	0,86	0,87	0,58	1,18	0,69	0,76
22	0,85	0,49	0,57	0,88	0,62	0,59	1,11	0,76	0,67
23	0,83	0,53	1,08	0,56	0,64	0,56	0,72	0,44	1,31
24	0,91	0,62	0,72	0,93	0,52	0,57	0,78	0,45	1,25
25	0,79	0,56	1,00	0,55	0,62	0,47	0,86	0,58	0,91
26	0,78	0,54	0,54	0,85	0,74	0,39	0,81	0,86	0,90
27	0,70	0,79	0,50	0,86	0,83	0,40	0,83	1,06	1,42
28	0,91	0,91	0,45	0,60	1,10	0,72	0,81	0,99	0,90
29	0,63	0,84	0,69	0,52	0,69	0,49	0,65	0,97	1,03
30	0,74	0,95	0,50	0,71	0,79	0,76	0,83	0,78	1,45
Média	0,79	0,74	0,71	0,70	0,74	0,57	0,84	0,68	0,81
Mínimo	0,49	0,49	0,44	0,35	0,46	0,32	0,43	0,38	0,49
Máximo	1,14	1,11	1,27	0,94	1,36	0,89	1,45	1,19	1,45

Tabela vinculada ao Gráfico 4 (Velocidade de Sinalização nas *provas* do Vestibular UFSC 2019):

Nº do sinal	Biologia	Física	Geografia	História	Libras L2	Matemática	Redação	Questões discursivas	Química
1	0,56	0,96	1,07	0,51	0,41	0,86	0,72	0,54	0,45
2	0,48	1,03	1,16	0,53	0,37	0,40	0,57	0,65	0,64
3	0,53	0,79	0,72	0,86	0,70	0,59	0,53	0,46	0,78
4	0,71	0,62	0,96	0,63	0,86	0,69	0,40	0,48	0,51
5	0,45	0,71	0,53	0,52	0,46	0,44	0,40	0,46	0,93
6	0,60	0,87	0,84	0,57	0,50	0,84	0,60	0,50	0,78
7	0,86	1,43	0,86	0,41	0,72	0,66	0,64	0,59	0,50
8	0,41	1,19	1,21	0,98	0,39	0,44	0,42	0,81	0,42
9	0,47	0,62	0,62	0,64	0,45	0,89	0,64	0,76	0,91
10	0,40	0,62	0,43	0,80	0,79	0,53	0,53	0,66	0,50
11	0,56	0,75	0,89	0,70	0,44	0,50	0,73	0,70	0,44
12	0,76	0,80	0,65	0,54	0,54	0,66	0,46	0,65	0,68
13	0,71	0,85	0,83	0,38	0,58	0,44	0,45	0,58	0,65
14	0,96	1,07	0,51	0,56	0,75	0,62	0,36	0,70	0,37
15	0,68	1,09	0,72	0,93	0,39	0,53	0,34	0,54	0,60
16	0,58	1,20	0,86	0,84	0,54	0,71	0,50	0,41	0,48
17	0,49	0,77	0,57	0,50	0,67	0,45	0,59	0,59	0,55
18	0,61	0,50	0,75	0,33	0,37	0,70	0,77	0,59	0,59
19	1,01	0,57	0,90	0,33	0,39	0,39	0,52	0,42	0,91
20	0,89	0,44	0,82	0,48	0,88	0,48	0,48	0,68	0,54
21	0,71	0,75	1,11	0,46	0,91	0,50	0,38	0,46	0,42
22	0,59	1,12	0,72	0,57	0,44	0,70	0,63	0,74	0,67
23	0,97	0,78	0,69	0,80	0,67	0,53	0,73	0,63	0,55
24	0,48	1,11	0,71	0,66	0,38	0,51	0,54	0,40	0,45
25	0,79	1,15	0,65	0,60	0,48	0,52	0,55	0,54	0,71
26	0,55	0,96	0,79	0,34	0,55	0,54	0,57	0,74	0,40
27	0,37	0,92	1,01	0,53	0,92	0,48	0,42	0,75	0,74
28	0,42	0,77	0,94	0,64	0,77	0,83	0,64	0,43	0,41
29	0,41	0,70	0,58	0,52	0,77	0,53	0,86	0,43	0,66
30	0,51	0,72	0,66	0,47	0,59	0,48	0,66	0,69	0,60
Média	0,62	0,86	0,79	0,59	0,59	0,58	0,55	0,59	0,59
Mínimo	0,37	0,44	0,43	0,33	0,37	0,39	0,34	0,40	0,37
Máximo	1,01	1,43	1,21	0,98	0,92	0,89	0,86	0,81	0,93

Tabela vinculada ao Gráfico 5 (Soletração Manual por área nas *provas* de Vestibular UFSC 2012 e 2019) e ao Gráfico 10 (Legendas empregadas nas *provas* de Vestibular UFSC 2012 e 2019):

	Matéria da prova	Soletrações sem legendas	Soletrações com legendas	Total de soletrações
2012	Biologia	151	4	155
	Física	194	23	217
	Geografia	165	12	177
	História	109	83	192
	Libras L2	0	0	0
	Matemática	91	6	97
	Redação	28	7	35
	Questões discursivas	53	1	54
	Química	285	11	296
2019	Biologia	47	94	141
	Física	28	20	48
	Geografia	29	59	88
	História	22	52	74
	Libras L2	2	4	6
	Matemática	26	14	40
	Redação	12	8	20
	Questões discursivas	5	27	32
	Química	50	145	195

Tabela vinculada ao Gráfico 6 (Porcentagem de ocorrências de soletrações manuais por VR):

	Matéria da prova	Total de soletrações	VR	% de soletrações por VR
2012	Biologia	155	306,7	50,5%
	Física	217	450	48,2%
	Geografia	177	500	35,4%
	História	192	596,7	32,2%
	Libras L2	0	120	0,0%
	Matemática	97	290	33,4%
	Redação	35	51,7	67,7%
	Questões discursivas	54	100	54,0%
	Química	296	435	68,0%
2019	Biologia	141	475	29,7%
	Física	48	343,4	14,0%
	Geografia	88	420	21,0%
	História	74	423,4	17,5%
	Libras L2	6	101,7	5,9%
	Matemática	40	266,7	15,0%
	Redação	20	66,7	30,0%
	Questões discursivas	32	111,7	28,6%
	Química	195	485	40,2%

Tabela vinculada ao Gráfico 11 (Porcentagem de legendas com acompanhamento das soletrações por área):

	Matéria da prova	Soletrações com legendas	Total de soletrações	% de soletrações com legendas
2012	Biologia	4	155	2,6%
	Física	23	217	10,6%
	Geografia	12	177	6,8%
	História	83	192	43,2%
	Libras L2	0	0	0,0%
	Matemática	6	97	6,2%
	Redação	7	35	20,0%
	Questões discursivas	1	54	1,9%
	Química	11	296	3,7%
2019	Biologia	94	141	66,7%
	Física	20	48	41,7%
	Geografia	59	88	67,0%
	História	52	74	70,3%
	Libras L2	4	6	66,7%
	Matemática	14	40	35,0%
	Redação	8	20	40,0%
	Questões discursivas	27	32	84,4%
	Química	145	195	74,4%

Tabela vinculada ao Gráfico 8 (Figuras e ilustrações nas *provas* de Vestibular UFSC 2012 e 2019):

Matéria da prova	2012	2019
Biologia	19	11
Física	20	11
Geografia	5	2
História	4	1
Libras L2	6	3
Matemática	62	25
Redação	2	3
Questões discursivas	4	4
Química	23	20

Tabela vinculada ao Gráfico 9 (Porcentagem de ocorrências de figuras e ilustrações por VR):

	Matéria da prova	Total de recursos visuais	VR	% de recursos visuais por VR
2012	Biologia	19	306,7	6,2%
	Física	20	450	4,4%
	Geografia	5	500	1,0%
	História	4	596,7	0,7%
	Libras L2	6	120	5,0%
	Matemática	62	290	21,4%
	Redação	2	51,7	3,9%
	Questões discursivas	4	100	4,0%
	Química	23	435	5,3%
2019	Biologia	11	475	2,3%
	Física	11	343,4	3,2%
	Geografia	2	420	0,5%
	História	1	423,4	0,2%
	Libras L2	3	101,7	2,9%
	Matemática	25	266,7	9,4%
	Redação	3	66,7	4,5%
	Questões discursivas	4	111,7	3,6%
	Química	20	485	4,1%